

Pode um novo
amor apagar uma
grande paixão?

DOROTHY
KOOMSON

o outro amor
da vida dele

Da autora do *bestseller*
a filha da minha melhor amiga



Apaixonada desde sempre pela palavra escrita, Dorothy Koomson escreveu o seu primeiro romance aos 13 anos.

A Filha da Minha Melhor Amiga foi o seu primeiro livro editado em Portugal. A história comovente de duas amigas separadas pela mentira e unidas por uma criança encantou os leitores portugueses. *Pedaços de Ternura, Bons Sonhos, Meu Amor, O Amor Está no Ar, Um Erro Inocente e Amor e Chocolate* foram igualmente bem-sucedidos, consagrando a autora como uma das grandes referências para os leitores.

Descubra mais sobre a autora em:

www.dorothykoomson.co.uk

DOROTHY KOOMSON

o outro amor da vida dele

Pode um novo amor
apagar uma grande paixão?

Tradução de Irene Ramalho

O outro amor da vida dele

Dorothy Koomson

Publicado em Portugal por
Porto Editora, Lda.
Divisão Editorial Literária – Porto
E-mail: delporto@portoeditora.pt

Título original:
The Woman He Loved Before
Copyright © Dorothy Koomson, 2011
www.dorothykoomson.co.uk

Fotografia da capa: © Colin Thomas

1.ª edição em papel: abril de 2012

Reservados todos os direitos. Esta publicação não pode ser reproduzida, nem transmitida, no todo ou em parte, por qualquer processo eletrónico, mecânico, fotocópia, gravação, sistema de armazenamento e disponibilização de informação ou outros, sem prévia autorização escrita da Editora.



Este livro respeita as regras do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Porto Editora
Rua da Restauração, 365
4099-025 Porto | Portugal
www.portoeditora.pt
ISBN 978-972-0-68227-7



A cópia ilegal viola os direitos dos autores.
Os prejudicados somos todos nós.

Agradeço...

À minha maravilhosa família (incluindo os fabulosos parentes do meu marido). Amo-vos a todos. Não mudem nunca.

Aos meus agentes, Ant e James. É cada vez mais difícil dizer algo diferente sobre como vocês são espantosos. Mas são espantosos. Vocês sabem que sim.

À minha editora, a Sphere. A Jo, Jenny, David, Kirsteen, Caroline e a todos os que tanto me têm apoiado ao longo dos anos, outro ENORME obrigada por tudo o que têm feito.

Aos meus amigos. Podia fazer aqui um discurso emocionante sobre como vocês são incríveis, mas vou conter-me até nos vermos pessoalmente.

À Sally Windsor, pelas pesquisas adicionais, e à **Dra. Sarah Marshall,** pelos conhecimentos médicos (com os quais tomei as inevitáveis liberdades criativas).

Ao Matthew. Uma vez mais, nada disto seria possível sem ti. Amo-te.

A si, leitor. Como sempre, obrigada por abrir este livro. Espero que seja do seu agrado.

E ainda a G & B-B: Obrigada por serem quem são.

prólogo

És tu? És a mulher com quem ele está agora? Foi por isso que vieste à minha procura?

Se não estás a ler esta carta daqui a cinquenta ou sessenta anos, o mais provável é que eu já esteja morta. Provavelmente fui assassinada.

Por favor não deixes que isso te perturbe, provavelmente não foi uma surpresa assim tão grande para mim. Não com a vida que vivi. Mas se estás na posse destes diários porque vieste à minha procura, e se foste inteligente o suficiente para pensar como eu e os encontrares, ou mesmo se deste com eles por acaso, posso pedir-te um grande favor? Podes queimá-los sem os ler? Por favor?

Não quero que mais ninguém saiba estas coisas. Escrevi-as para mim própria. Sei que provavelmente devia queimar os diários, mas seria como cometer suicídio, como matar uma parte de mim própria. E, apesar de tudo o que fiz e de tudo aquilo por que passei, nunca seria capaz de me suicidar, por isso não posso destruir estes diários. Talvez tu possas.

Digo “talvez” porque se estás com o Jack deves querer saber mais sobre ele, deves querer saber se realmente é perigoso e se foi ele quem me assassinou, por isso, embora não queira que o faças, não te posso culpar por continuares a ler.

Não tenho muito mais a acrescentar, salvo que espero que não tenhas pena de mim. Vivi uma vida e embora tenha conhecido muita dor, também conheci muito amor. Algumas pessoas podem viver muito, muito tempo sem nunca chegar a viver essa experiência. Tenho muita sorte.

Desejo-te felicidades, quem quer que sejas.

Com amor,

Eve.

capítulo um

libby

Quando penso no Jack, tento lembrar-me de caminhar com as pernas bamboleantes depois de sair aos tropeções da minimontanha-russa ao fundo do Brighton Pier. Tento recordar-me de estar deitada em cima de uma manta velha numa praia de seixos a comer tufos do algodão-doce coladiço que ele me leva à boca. Tento lembrar-me de sentir enfiarem-me mãos-cheias de pipocas por dentro da camisa na fila da frente do cinema. Tento lembrar-me de rir às gargalhadas até ficar sem fôlego e tolhida de dor, com as lágrimas a escorrerem-me pelo rosto.

– Libby, Libby, vá lá, acorde. Não adormeça ainda.

A voz é meiga, insistente e ligeiramente implorante. Ao abrir os olhos só vejo uma forma indistinta. Vejo o homem da voz suave e suplicante um pouco desfocado, e pestanejar parece não me aclarar a visão. Tenho o rosto molhado e sinto-me zozza, e tenho tanto frio. E dói-me tudo ao mesmo tempo.

– Linda menina – diz ele. – Tente manter os olhos abertos, está bem? Tente manter-se acordada. Sabe quem eu sou? Lembra-se de mim?

– *Sam* – digo eu, embora não me pareça estar a emitir sons com as minhas palavras. – *É bombeiro, por isso chama-se Sam.*

Agora já o vejo com mais nitidez. A névoa está a diminuir e já consigo distinguir-lhe as feições, por isso vejo o sorriso dele a romper-lhe as sombras do rosto.

– Também serve – diz ele.

– *Vou morrer?* – pergunto-lhe. Mais uma vez, não tenho a certeza de estar a emitir palavras com som, mas Sam, o Bombeiro parece entender-me.

– No que depender de mim, não – diz ele, e volta a sorrir. Se não fosse tão parecido com o meu irmão, se não tivesse os contornos suaves do rosto dele, a sua pele castanho-escura e os seus olhos brilhantes, quase negros, até poderia vir a sentir um fraquinho por ele. Mas é o que tende a acontecer com os heróis, não é? Estamos destinados a apaixonar-nos por eles.

– *O carro vai explodir?* – pergunto eu, mais por interesse que por receio.

– Não. Isso só acontece nos filmes.

– *Isso foi o que eu disse ao Jack. Acho que não acreditou em mim.*

– Fale-me dele.

– *Do Jack?*

– Sim. Há bocado estava a falar-me dele.

– *O Jack...*

Quando penso no Jack, tento não pensar no armário trancado e sem chave que existe na cave da casa que julgava ser o nosso lar. Tento não pensar nele encolhido no escuro, sozinho, a chorar enquanto vê filmes antigos. Tento não pensar em estar diante dele à mesa de jantar a perguntar-me

quando teria começado a vê-lo como um estranho. E tento não indagar quando irá o tempo estender-lhe os seus braços reparadores e fazê-lo sentir-se inteiro para que possa verdadeiramente abrir-me o seu coração.

– Então Libby, Libby, vá lá. Fale-me do seu marido.

– *Consegue ouvir-me?* – pergunto eu ao Sam, o Bombeiro, pois fascina-me que pareça ser capaz de me ouvir quando eu própria não me ouço.

– Sei ler lábios.

– *Saiu-lhe cá uma rifa, não foi? Ficou com a parte chata, foi o que foi.*

– Não é nenhuma estafa.

– *Uma rifa. Eu disse uma rifa. Afinal não sabe ler lábios, pois não? Só inventou isso para poder ficar no carro. Assim sempre evita o trabalho pesado.*

Ele sorri outra vez.

– Apanhou-me. Não pensei que fosse tão óbvio.

– *Ser óbvio é bom, às vezes.*

– Onde íamos nós: o Jack?

– *Agrada-lhe? É por isso que insiste em falar dele?* – pergunto eu. – *Posso interceder por si junto dele, se quiser.*

Sam, o Bombeiro, ri-se, uma gargalhada sonora e gutural.

– Tenho quase a certeza de que não faço o género dele. E tenho a certeza absoluta de que ele não faz o meu.

– *Ahhh, deixe-se disso. Não devia ter vistas tão curtas. Quando o conheci também não fazia o meu género, e olhe para nós agora: ele com uma esposa morta e outra a caminho.*

– A Libby não vai morrer – diz ele em tom de censura. Ficou zangado comigo. De repente sinto-me exausta. Sinto dores por todo o corpo, sobretudo num dos lados da cabeça, e do nariz. Na verdade todo esse lado do meu corpo me dói e não consigo movê-lo como deve ser. E tenho frio. Apetece-me imenso dormir para afugentar as dores e o frio. Durante o sono não se sente dores, pois não?

– Libby, Libby, *Libby!* – diz ele outra vez. – Mantenha-se acordada, por favor. O Jack está à sua espera. Recusa-se a ir para o hospital até saber que está bem. Vai correr tudo bem.

– *O Sam é muito simpático* – digo-lhe eu. É tão simpático que não quero preocupá-lo, queixando-me das dores. Não deve querer ouvir as minhas lamúrias. Só quero dormir. Só quero fechar os olhos e adormecer...

– Os rapazes vão começar a desencarcerá-la não tarda nada, Libby. Depois disso vai logo para o hospital, onde cuidarão de si, está bem? Mas preciso que se mantenha acordada enquanto eles fazem o seu trabalho. Está a ouvir-me Libby? Compreende o que lhe estou a dizer?

– *Compreendo tudo* – digo eu. – *Sou a pessoa mais compreensiva do mundo. É só perguntar ao Jack.*

– Dentro de poucos segundos vai haver muito barulho. Preciso que fique acordada enquanto isso acontece, está bem?

– *Ficar acordada.*

O mundo à minha volta grita. O meu carro berra-me. Estão a retalhá-lo, a arrancá-lo de cima de

mim. Está a gritar em agonia e quer que a dor acabe. E eu quero que o barulho acabe. Quero dormir. Só quero dormir. Fecho os olhos e deixo tombar a cabeça.

Quando penso no Jack, tento lembrar-me de como costumávamos dormir: os nossos corpos eram como duas peças de um *puzzle* vivo, encaixadas de forma tão perfeita que os espaços entre nós pareciam truques da imaginação. Tento não pensar na época em que comecei a perguntar-me, quando íamos para a cama à noite, se ele desejava por um só momento que eu fosse outra pessoa.

Quando penso no Jack...

Julho de 2008

– Acho que você e este carro vão ser muito felizes juntos – disse-me o Gareth. Tratava-se de um daqueles homens que são os nossos melhores amigos enquanto estamos sentadas diante deles a ser convencidas a separarmo-nos do nosso dinheiro, mas se passarmos por ele num *pub* ou num clube noturno não só nos ignora, ele e os amigos (todos já com idade para terem juízo), como ainda faz pouco de nós. Critica a nossa aparência, o nosso peso, o nosso estilo, porque claramente não estamos à altura do ideal de estrela porno que ele tem na cabeça.

Pode dizer-se que ao fim de uns meros quarenta minutos na sua companhia já não podia com ele.

Enrolei os lábios para dentro da boca e forcei um sorriso. Queria passar aquela parte à frente. Queria pagar a entrada, dar-lhe os meus dados e sair dali – com um pouco de sorte, para nunca mais voltar, pois podia pedir que me entregassem o carro em casa após completar o pagamento por telefone com cartão de crédito.

Os meus olhos deambularam até à montra do salão de vendas e até ao Polo azul-Pacífico no átrio. Parecia cintilar, destacar-se entre todos os outros monstros cinzentos, pretos, vermelhos e prateados. Tinha um ar quase majestático e ao mesmo tempo discreto.

O Gareth estava outra vez a falar, por isso tornei a virar-me para ele e forcei-me a prestar-lhe atenção. De certa forma tinha perdido o interesse em tudo o resto depois de deslizar pelo interior macio de couro bege e de dar uma volta com ele. O meu primeiro carro. Passara no exame de condução duas semanas antes e aquele era o primeiro carro que me imaginava a conduzir e que podia pagar. Tivera de regatear bastante porque não tinha nenhum veículo para dar em troca, mas ele valia bem todo aquele esforço.

– Agora, Libby, deseja o tratamento interior e exterior para proteger o carro? Seria útil com crianças. Evita que bebidas e outras coisas estraguem aqueles fantásticos estofos de couro. E aquele ar salgado de Brighton...

– Gaz, *my man*! – interrompeu alguém. Olhei para o recém-chegado, que estava a poucos centímetros de mim. Mesmo no interior do edifício usava uns grandes óculos de sol de lentes negras estilo aviador. Não precisei de mais nada para lhe tirar a pinta. Tudo o resto – o porte atlético, o cabelo louro-escuro ondulado, o rosto bem arranjado, o grosso anel de ouro no terceiro dedo da mão direita, a camisa Ralph Lauren, as calças de ganga Calvin Klein e o relógio de pulso Tag Heuer – eram aspetos inconsequentes diante do facto de que usava óculos de sol dentro de portas.

O Gareth pôs-se de pé num salto, com o rosto dominado por um grande sorriso e um brilho renovado nos olhos.

– Jack! Que bom ver-te. – Estendeu avidamente a mão para que o tal de “Jack” a apertasse, excitado com a oportunidade de ser tocado por ele. Já assistira a paixonetas entre homens, mas aquilo era tão evidente que chegava a ser constrangedor. Imaginei o Gareth sozinho em casa, à noite, sentado à beira do telefone, pacientemente à espera da chamada em que o Jack o convidava a sair para beberem umas taças de champanhe e apalparem mulheres bonitas.

– Preciso da tua ajuda, companheiro – disse o Jack, afável. Se não se conhecesse o género, poder-se-ia pensar que o “Jack” simpatizava genuinamente com o Gareth quando, na realidade, devia tratar quase toda a gente com indiferença e até desdém. Estava patente na testa e na postura dele.

– Só um minuto – atirou o Gareth na minha direção enquanto o Jack lhe passava um braço por cima dos ombros e o afastava da secretária.

– Gareth, voltei a fazer asneira. Queria saber se podes pedir a um dos rapazes para reparar as amolgadelas do Z4. Ainda hoje, se possível. Na oficina da marca ficou para a semana que vem, mas eu sabia que podia contar contigo para ter a coisa pronta hoje ou amanhã.

– Sim, claro – foram as últimas palavras que ouvi o Gareth dizer antes de atravessarem o resplandecente salão de vendas branco e cromado.

Virei-me no assento e fiquei a vê-los conversar ao pé do grande balcão curvo da receção: o Jack, bastante mais alto que o Gareth, de pernas afastadas e sempre de óculos de sol, fazia gestos grosseiros na zona do peito, uma referência óbvia aos seios de uma mulher. O Gareth bebia avidamente cada palavra, de olhos sôfregos, atentos. Eu tinha tirado todo o dia de folga para vir ali comprar aquele carro. O Jack, que provavelmente nem sabia o que era trabalhar, entrara por ali sem avisar e arranjava maneira de fazer com que tratassem do seu problema de imediato.

Voltei a olhar para o meu carro. A minha pequena preciosidade. Adorava-a, mas não o suficiente para ser tratada daquela forma. O que não faltavam era *stands* de automóveis muito mais perto de casa onde podia sentar-me e ser ignorada antes de me desfazer de uma elevada soma de dinheiro. Infelizmente para o Gareth, embora já lhe tivesse posto o meu cartão de débito nas mãos, ele ainda não o tinha passado pela ranhura da máquina, o que significava que ainda podia sair dali sem perder nada a não ser algum tempo. Levantei-me, retirei a minha carta de condução e o meu cartão de débito do meio dos papéis espalhados pela secretária e enfiei-os na mala, que pendurei ao ombro com um gesto decidido. O Gareth que fizesse esperar outro papalvo qualquer; esta já esperara tempo de mais e estava de saída.

Lançando a ambos um olhar de puro desprezo, marchei para a porta e abri-a.

– Libby? – chamou o Gareth atrás de mim. – Hum, espere. É só um minuto.

Quando a minha mão voltou a tocar na porta virei-me para trás, lancei-lhe outro olhar carregado de desprezo por cima do ombro, e saí.

Lá fora fazia calor, mas a atmosfera carregada com a promessa de chuva pesava-me nos ombros. Inspirei fundo e arrisquei um último olhar melancólico ao meu carro antes de atravessar o largo caminho de acesso do salão de vendas até à movimentada estrada principal. Virei à direita, na direção da paragem do autocarro. Sentia-me indignada e triste: indignada pela forma como o Jack

entrara por ali e interrompera a nossa conversa sem pensar duas vezes, e triste porque a minha impulsividade me impedira de comprar o carro de que realmente gostava. Ahhh! Lá teria de recomeçar a busca (depois de enfrentar a longa viagem de autocarro, de comboio e novamente de autocarro até chegar a casa). Que rico dia de folga, sim senhor.

– Libby, Libby! – chamou a voz de um homem.

Não tinha de me virar para trás para saber quem era. Segundos depois ele apareceu no meu caminho, impedindo-me de continuar a andar. Ainda trazia os óculos escuros.

– Lamento imenso aquilo de há pouco – disse ele. – É que eu...

– Não senti a necessidade de esperar pela sua vez porque só lá estava uma mulherzinha insignificante e você é tão incrivelmente importante que as suas necessidades vêm sempre em primeiro lugar? – perguntei.

O choque foi tal que ele tirou os óculos de sol e ficou pasmado a olhar para mim.

– Não sei bem como responder a isso, se quer que lhe diga – admitiu ele.

– Talvez não haja resposta, *Jack* – retorqui.

Fez um ar ainda mais pasmado: obviamente não estava habituado a que lhe respondessem naquele tom.

– Talvez um pedido de desculpas seja a resposta apropriada – sugeriu ele.

Encolhi os ombros.

– Talvez.

– Desculpe. O que eu fiz foi inqualificável. Não devia ter interrompido a sua reunião, e só posso lamentá-lo.

Havia uma nota desagradável naquele pedido de desculpas: proferira-o de forma a que as palavras estivessem tecnicamente corretas e o seu tom de voz adequadamente contrito, mas cobrira tudo de ridículo. Estava a fazer pouco de mim. Provavelmente fazia sempre o mesmo em relação a tudo e safava-se porque a maioria das pessoas ficava sem saber se estava mesmo a ser sincero ou se eram elas que estavam hipersensíveis.

– Já acabou? É o melhor que sabe fazer? Uau, espero que nunca tenha de pedir desculpas no emprego, porque não tem talento nenhum para isso – disse-lhe eu. – E se a sua intenção era fazer pouco de mim com subtileza, então ainda tenho mais pena de si do que há pouco, porque então para isso é que não tem mesmo talento nenhum.

Contornei-o e continuei a minha caminhada rumo à paragem do autocarro.

Quando avistara o pequeno carro no átrio do salão de vendas imaginara-me a conduzi-lo com o som do rádio bem alto, as janelas escancaradas e a minha voz a misturar-se com as dos cantores na rádio. Estar presa no trânsito não seria tão mau porque estaria segura no meu pequeno casulo. Agora, graças à arrogância daquele homem e ao meu orgulho, teria de recomeçar a procura do zero.

E lá estava o Jack outra vez. À minha frente, no meu caminho.

– O que quer agora? – perguntei.

– Ouça, lamento sinceramente – disse ele. – O Gareth perdeu uma venda por causa da forma como me comportei. Não é justo para ele que a minha visita lhe tenha potencialmente custado o ganha-pão.

– O ganha-pão? – repeti, manchando o meu tom com o tipo de sarcasmo que parecia ser a imagem

de marca dele. Não era coisa que me agradasse, mas aquele homem estava claramente a pedir que descessem ao nível dele. – O *ganha-pão* dele depende inteiramente da venda de um só carro?

– Não, mas não é bom perder clientes no atual clima económico. E ainda será pior para ele se você andar por aí a fazer publicidade negativa. E tudo por minha culpa. Sinto muito. A sério. Por favor, pode dar outra oportunidade ao Gareth? É apenas um tipo decente a tentar ganhar a vida. Fui um idiota por ter feito pouco caso de um assunto sério.

– Dessa última parte não posso discordar.

– Por favor, dê-lhe outra oportunidade.

A ideia de conduzir aquele carro de janela aberta, rádio ligado, a cantar a plenos pulmões, dançava-me na cabeça. Desta vez o Gareth seria mais simpático. Deixaria de tentar vender-me extras e concentrar-se-ia em fazer-me assinar por cima da linha pontilhada o mais depressa possível. E eu adorava aquele pequeno veículo...

– *Estás sempre a prejudicar-te por despeito* – dizia-me muitas vezes a Angela, a minha melhor amiga. – *Nunca conheci uma mulher tão teimosa como tu. Mesmo quando não é do teu interesse és capaz de fazer qualquer coisa só para marcar uma posição. Às vezes, querida, tens de te deixar levar pela corrente.*

Carro *versus* Mandar aquele homem a uma certa parte?

Na realidade só havia uma opção.

– Ainda está consciente.

– Consciente?

– Pode ter os olhos fechados, mas está a tentar falar.

– A Libby gosta de falar.

– *Mas tu não, pois não, Jack? Muito menos sobre aquilo que realmente interessa.*

– Continue a conversar com ela. Ajuda.

– Libby? Sou eu, o Jack. Estou mesmo aqui ao pé de ti. Vai correr tudo bem. Vais ficar boa.

– *Não me sinto nada bem. Não sinto quase na...*

– Qual é a hora prevista de chegada?

– Daqui a cerca de três minutos. Devíamos ter pedido a presença de um médico no local do acidente.

– Disseram que não havia ninguém disponível. Acelera a fundo. A pressão arterial acabou de cair a pique.

Julho de 2008

Quando finalmente me despedi do Gareth, o Jack estava sentado no capô de um carro vermelho a roer uma maçã. Tinha as compridas pernas encolhidas contra o peito e afastadas para os lados e apoiava os cotovelos nos joelhos. Ao passar por ele lancei-lhe um olhar breve, um aceno de cabeça

e dirigi-me para o caminho de acesso.

– Tudo resolvido? – gritou ele, tirando os óculos de sol.

– Sim, tudo resolvido.

– Ótimo.

Inesperadamente, a porta do condutor do carro onde ele estava empoleirado abriu-se, e de lá saíram umas pernas esguias e bronzeadas num par de sandálias Prada. A mulher a quem as pernas pertenciam saiu lentamente do carro e era, como seria de esperar, lindíssima: maquilhagem irrepreensível, cabelo da cor do mel pelos ombros, um vestidinho Gucci curto e vaporoso e um Rolex de diamantes no pulso. Por mais que se esforçassem não poderiam ser um casal mais estereotipado.

– Grace, apresento-te a Libby. Libby, esta é a Grace, a esposa do meu melhor amigo. Veio para me levar a casa enquanto o meu carro está a ser reparado.

– Olá – disse eu, perguntando-me porque fizera ele tanta questão de deixar claro que a Grace não era namorada dele.

Ela fez um sorriso afável, confundindo-me: no meu emprego encontrava mulheres como ela a toda a hora e por regra comportavam-se exatamente como o Jack: como se o mundo girasse à sua volta.

– Olá – disse a Grace ligeiramente divertida, arqueando um canto da boca maquilhada num tom neutro. Se não era namorada dele, provavelmente gostava de o ver a desfazer-se em explicações. – Prazer em conhecê-la.

– Igualmente – respondi.

Despedi-me do casal com um aceno de cabeça e continuei a caminhar em direção à paragem do autocarro. Um minuto mais tarde, lá estava ele outra vez à minha frente. Limpou o sumo da maçã que lhe brilhava nos lábios com as costas da mão e enfiou os óculos de sol no bolso da camisa.

– É tudo? – perguntou ele.

– É tudo o quê? – repliquei eu.

– Eu e você, assunto arrumado?

– Alguma vez houve um “eu e você”? – perguntei.

– Pensei ter detetado um pequeno *frisson* há bocado. Algo que podíamos explorar.

– Um *frisson*? Quer dizer, quando quis fazer pouco de mim e eu lhe disse que não tinha talento nenhum para a subtilidade? *Aquilo* era um *frisson*? Tenho pena das mulheres que saem consigo.

– Então isto – deslocou o dedo indicador no espaço entre nós – não vai a lado nenhum?

– E onde queria que fosse?

– Jantar, ou beber um copo?

– Jack, lamento dizer-lhe que não gosto particularmente de si. A sua presunção claramente exagerada traz à tona o que há de pior em mim. Está a ver? Normalmente não falo assim com ninguém (e acredite que todos os dias encontro muita gente que me faz chegar a mostarda ao nariz, por isso sei controlar-me), mas consigo, é mais forte do que eu. Por isso, não, não vejo isto a ir a lado nenhum.

Ele estudou-me em silêncio, com o sobrolho ligeiramente franzido, enquanto os seus olhos verde-musgo sustentavam o meu olhar.

– Pelo menos diga-me o seu nome completo.

– Porquê?

– Para que eu possa lembrar-me para todo o sempre da única pessoa que resistiu ao meu charme, ou à falta dele.

Subitamente, a promessa de chuva no ar cumpriu-se, abatendo-se sobre o mundo. No início de julho aquele aguaceiro era incrivelmente bem-vindo: sublime e balsâmico. Ergui o rosto para o céu, sorrindo às gotas que explodiam docemente na minha pele. Eram inimigas do meu cabelo, e transformar-me-iam num mostrengo encrespado em menos tempo do que a água leva a ferver, mas ainda assim eu adorava o toque refrescante da chuva.

Quando baixei a cabeça, vi no horizonte atrás do Jack a vagarosa forma de um autocarro. Ia na minha direção e teria de o apanhar se queria salvar o que restava do meu dia de folga.

– Não, não lhe vou dar o meu nome todo – disse-lhe eu. – Sei que vai pesquisá-lo no Google, porque não consegue resistir, e depois terá de telefonar para o número que encontrar porque, mais uma vez, não conseguirá resistir. Acredite, é melhor assim. – Enquanto falava, vasculhava a mala à procura do passe diário. Acabei por encontrá-lo alojado entre o guarda-chuva e um livro que andava a ler, e saquei-o para fora. – Mais uma vez, adeus.

Sem esperar por uma resposta, desviei-me dele e comecei a correr pelo pavimento escorregadio em direção à paragem do autocarro.

– Libby! – chamou ele.

Parei e virei-me para trás.

– Sim? – perguntei, afastando do rosto alguns caracóis molhados.

Ele sorriu e abanou a cabeça.

– Nada. Vemo-nos por aí.

Encolhi os ombros.

– Tudo é possível.

Dei meia-volta e corri para a paragem, chegando mesmo a tempo de apanhar o autocarro.

Sem sair do mesmo lugar, o Jack acenou-me enquanto o autocarro se afastava.

Fiz-lhe um sorriso desmaiado e a seguir olhei em frente, pela janela do para-brisas, para me concentrar no sítio para onde ia. Para bem longe dali.

– *A pressão arterial continua a baixar. Está extremamente taquicárdica.*

Porque será que só parte da minha vida está a passar-me à frente dos olhos? E o resto? Será que o resto da minha vida não conta?

– *Temos de lhe administrar mais fluidos.*

Será que toda a minha vida gira em torno do Jack?

– *Perdi-lhe o pulso!*

Julho de 2008

– Tens andado a sonegar-nos informação, Libby Rabvena? – perguntou a Paloma quando regresssei ao oásis que era a sala das funcionárias depois de levar a cabo uma depilação de virilhas particularmente macabra.

Ainda estava trémula, a rezar para não acordar durante a noite a sonhar com aquilo, quando a Paloma me fez parar à porta com aquelas palavras. Era minha chefe e gerente do Si Pur, o salão de beleza exclusivo para quem gosta de experimentar a pureza de dentro para fora.

Ao seu lado, como uma fileira de soldados purificados, tonificados e hidratados de uniformes brancos, estavam a Inês, a Sandra, a Amy e a Vera, as outras quatro esteticistas que, tal como eu, viviam unicamente para difundir a doutrina e a sabedoria do Si Pur. Estavam todas a olhar para mim com rostos irrepreensíveis e ansiosos, e eu recuei de imediato, apreensiva. Aqueles olhares diziam-me que se estavam a preparar para fazer alguma, possivelmente a planear uma surpresa qualquer. E eu não gostava nada de surpresas. Preferia saber sempre o que esperar. Sempre.

– Que eu saiba, não – respondi, a medo. – Naquele momento a minha vida não era propriamente das mais emocionantes. A única coisa que não lhes tinha contado é que perdera o meu cartão de débito no dia anterior, depois de pagar a entrada do carro. Felizmente conseguira cancelá-lo antes que alguém o usasse. Não lhes contara o sucedido porque... bem, porque havia eu de o fazer? Mas falara-lhes do carro que tinha comprado, e que seria entregue na semana seguinte.

– Então o que me dizes a isto? – disse a Paloma e, quase como se tivessem coreografado a manobra, as cinco abriram alas, revelando um ramo de rosas em tons creme e cor-de-vinho.

Fitei as rosas, todas com pétalas tão luxuriantes e aveludadas que apetecia lambê-las, e a dispendiosa jarra de vidro com um grande laço vermelho em que obviamente tinham chegado.

– São para mim? – perguntei.

– Sim – disse a Paloma sem tentar sequer dissimular a inveja na voz. – Acabaram de chegar.

– Certo – disse eu, perplexa. Não me vinha à cabeça ninguém que pudesse ter-me enviado flores, muito menos rosas como aquelas. Avancei e estendi a mão para o cartão branco onde se lia o meu nome e o endereço do salão e que dispunha do seu próprio suporte metálico no meio do ramo.

– Então quem é o Jack? – perguntou a Paloma antes que a minha mão estabelecesse contacto com o envelope.

Não me surpreendia que tivesse lido o cartão, pois estava sempre a fazer aquele tipo de coisas. Não era segredo para ninguém que a Paloma se arrogava acesso privilegiado a tudo o que entrava no salão, mesmo que se destinasse especificamente a uma das funcionárias. Eram regalias da gestão, dizia ela, perentória, a quem se atrevia a reclamar: argumentava que, se tentássemos fazer o trabalho dela e ainda gerir um salão tão grande pelo que ganhava, depressa chegaríamos à conclusão de que merecíamos uma compensaçãozinha. Nenhuma de nós tivera ainda a audácia de lhe fazer notar que aquilo era praticamente roubo.

– Um tipo que conheci – disse eu, retirando o cartão do envelope.

Não quis dizer-me o seu nome, mas encontrei isto, e encarei-o como um sinal do destino. Ligue-me. Jack. O número dele vinha logo a seguir, na parte inferior do cartão.

Retirei do envelope o meu cartão de débito extraviado. Ah! Devia tê-lo deixado cair quando tirara o passe da mala. Por isso é que ele me tinha chamado enquanto eu corria para apanhar o autocarro.

Por momentos devia ter pensado em devolvê-lo, mas depois vira-o como uma oportunidade boa de mais para desperdiçar.

Qual sinal do destino, qual quê. Aquilo era, isso sim, sinal de que precisava de organizar o conteúdo da minha mala para que aquilo não voltasse a acontecer.

– Não podes dizer só isso! Onde o conheceste? Quando? Quem é o tipo? Porque te mandou flores? Vais ligar-lhe? – perguntou a Paloma com um entusiasmo mal contido. Adorava mistérios, e um que envolvia um homem que oferecia flores devia estar a deixá-la fora de si.

Era senhora de uma beleza estonteante. Possuía uma espessa cabeleira negra que prendia num circunspecto carrapito para o trabalho, um rosto cheio em forma de coração, pele castanho-escura plena de frescura e olhos cor de avelã emoldurados por longas pestanas. Havia de gostar de Jack. E ele dela. Podia não representar um desafio tão grande como eu, mas estava no mesmo comprimento de onda que ele: possuía uma arrogância inata e o dinheiro e as pessoas abastadas impressionavam-na. Seriam o par perfeito.

– Tu é que devias ligar-lhe – disse-lhe eu, entregando-lhe o pequeno cartão branco. – Ias adorá-lo: é bonito, rico, conduz um daqueles BMW desportivos e traz um Tag Heuer no pulso.

Quase me arrancou o cartão da mão, que leu com avidez.

– Achas mesmo que devia? – perguntou ela aparentando descaso, enquanto os seus olhos registavam desesperadamente os dados dele para o caso de eu mudar de ideias.

– Acho – respondi. – Fazes o tipo dele.

Uma vez memorizado o número, olhou para mim e franziu os lábios.

– Qual é o truque? – perguntou ela. – Que queres em troca?

Dirigi-me para o armário das limpezas a abanar a cabeça e saquei de lá o frasco de café instantâneo que escondíamos atrás da lixívia e do líquido de limpeza. (Se recebêssemos uma visita dos proprietários da cadeia de salões de beleza, provavelmente morreriam – depois de nos despedirem, claro está – ao descobrir que não passávamos o dia a bebericar chá verde e a comer sementes no santuário de pureza que era a sala das funcionárias.)

– Nada – disse eu, aproximando-me da chaleira elétrica e abanando-a para verificar se tinha água suficiente para uma chávena. – Oh, a não ser talvez um convite para o casamento, caso a coisa resulte.

À menção de casamento, a visão da Paloma desfocou-se e começou a experimentar mentalmente o seu (já escolhido) vestido de casamento Vera Wang, a colocar na cabeça uma tiara de diamantes verdadeiros e a fazer ondular o longo véu branco com cristais Swarovski bordados à mão. Era óbvio que nunca convidaria meras mortais como nós para o seu casamento. Tolerava-nos porque éramos competentes no que fazíamos, mas o salão era só um entretém: assim que arranjasse um marido rico e atraente deixaria tudo sem olhar para trás. Quando lhe saísse o *jackpot*, seria bem capaz de passar por nós na rua e fingir que não nos conhecia.

Quanto mais pensava no assunto, mais perfeita ela parecia para Jack.

– Combinado – disse ela com um sorriso. Estendeu as mãos para a jarra.

– Mas eu fico com as flores – disse-lhe eu. Os seus dedos de unhas bem tratadas pairaram por mais alguns momentos em redor da base da jarra, até serem por fim (com relutância, devo

acrescentar) recolhidos. Obviamente decidira que haveria muitos mais ramos de onde aquele tinha vindo.

Porque estará tudo tão silencioso?

E escuro?

E calmo.

Há um minuto havia barulho e sirenes e gente a falar, e acho que o Jack estava a segurar-me a mão, e tudo parecia mover-se com tanta rapidez.

Pelo menos a dor parou.

Mas quero saber porque parou também tudo o resto.

Estarei a dormir?

Talvez esteja a dormir. Durante o sono não se sente dores. E ainda há pouco só queria dormir.

Mas agora quero acordar.

Onde estará toda a gente?

Porque fiquei sozinha de repente?

– Não estás sozinha – diz uma voz de mulher, quente e macia como veludo. – Eu estou aqui contigo, e sei exatamente como te sentes.

– Quem é você?

– Oh, vá lá, Libby, sabes muito bem quem eu sou.

– Não, não sei.

– Sabes, sim senhor. És uma mulher inteligente, por isso é que o Jack está contigo. Vá lá, eu sei que chegas lá.

– Não, não pode ser. Não po...

– Temo-la de volta, mas não sei por quanto tempo. Tens mesmo de carregar nesse acelerador, ou perdemo-la de vez.

– Vou tentar, mas há demasiado trânsito. Ninguém se mexe porque está tudo congestionado.

– Vou continuar a dar-lhe líquidos, mas não sei por quanto tempo é que vai funcionar.

Julho de 2008

– Teve muita piada, isso de dar o meu número à sua chefe – disse-me o Jack enquanto eu me aproximava do edifício do salão.

Estava encostado à parede a segurar um tabuleiro de cartão com dois copos de café de papel branco encaixados nos orifícios apropriados e um saco de papel entalado entre eles.

Eram oito da manhã. O mundo estava radioso e Londres, como sempre, já fervilhava de atividade: o trânsito ininterrupto passava pela fachada de vidro do edifício do Si Pur, nos limites de Covent Garden, e várias pessoas dirigiam-se para os edifícios ou para a estação de metropolitano que ficava ao virar da esquina. Chegava sempre cedo ao trabalho porque dessa forma tinha menos hipóteses de

ter de fazer o último turno, visto que era quem vinha de mais longe. Além disso, esperava poder sair mais cedo no dia seguinte porque o meu carro ia ser entregue em casa.

– Não me diga: estava nas redondezas? – perguntei-lhe.

– Não. Vim para ver se conseguia tentá-la a sentar-se num banco de jardim e comer um croissant e beber um café comigo. E para lhe agradecer por ter dado o meu número à sua chefe, claro.

– Ela chegou a ligar-lhe? Não quis dizer-nos se o tinha feito ou não.

– Ligou, sim.

– E não correu bem?

– Para mim, não.

– Estava genuinamente convencida de que vocês iriam entender-se às mil maravilhas.

– E entendemo-nos. Sucede que temos muitos conhecidos em comum, e ela é divertida, e inteligente, e se não fosse por um pequenino problema, provavelmente tê-la-ia convidado para sair.

– Oh, pois – disse eu. – Que pena.

– Não vai perguntar-me qual é o problema?

Abanei a cabeça.

– Não.

– Eu digo-lhe à mesma: o problema é que estou interessado em sair consigo.

– Está bem – disse eu.

O rosto atraente do Jack, desconcertantemente desperto para aquela hora do dia, assumiu uma expressão de espanto.

– Aceita sair comigo, assim sem mais nem menos?

– Sim. Aceito sair consigo. Agora mesmo. Vou sentar-me num banco de jardim, comer um croissant e beber um café, vamos chamar-lhe “sair” e ficamos por aqui, está bem?

– E se der por si a divertir-se? E se chegar à conclusão de que gosta das atenções aqui do Jota e de que gostaria de voltar a ver-me? Como vai conciliar isso com...?

– Não abuse da sorte. E deixe-se disso do “Jota”.

– Entendido. Que tal a Soho Square?

Eu adorava Londres de manhã bem cedo, com as pessoas, as vidas e as histórias que compunham o sangue da cidade a pulsar-lhe continuamente sob a pele, a fazê-la avançar constantemente. Era muito diferente de Brighton à mesma hora do dia. A melhor forma de apreciar Brighton pela manhã era percorrer a marginal, acenando aos transeuntes a passear os seus cães ou a praticar *jogging* e àqueles que saíam das festas noturnas. A corrente sanguínea de Brighton parecia muito mais calma que a de Londres, mas eu adorava ambas as cidades de igual forma.

– Sinto que tenho de vigiar o meu comportamento ou não acaba o pequeno-almoço comigo – comentou o Jack enquanto atravessávamos a Charing Cross Road em direção à Manette Street.

– Porquê tanto trabalho, então? – repliquei. – Era escusado fazê-lo.

– Acho-a intrigante. É raro encontrar alguém que me intrigue.

Já saíra com outros homens como o Jack muitas, muitas vezes, pois aparentemente a farda de esteticista era um íman para o tipo de homens que queriam uma namorada mas não uma mulher. Queriam alguém que cuidasse da sua aparência, que apreciasse os presentes e as viagens exóticas,

que sorrisse com doçura nos momentos apropriados, mas que não incorresse em coisas desagradáveis como ter dores menstruais, pernas peludas ou (horror dos horrores) esperar que as suas opiniões e os seus pontos de vista fossem tidos em consideração. O último homem com quem saíra, um diplomata de um pequeno país africano, ficara horrorizado ao descobrir que a mulher que conhecera numa festa e lhe dissera ser esteticista possuía um diploma em bioquímica e tinha em tempos sido investigadora. Estava evidente no rosto dele: esperava que eu enrolasse um caracol de cabelo em volta de um dedo e ficasse ali espantada a ouvi-lo enquanto ele me contava tudo sobre a sua imunidade diplomática e sobre a vida no seu país. Não contava que lhe fizesse perguntas sobre a estabilidade económica que a produção local de petróleo poderia trazer ao seu país (embora só o tenha feito por ele ter presumido saber tanto sobre mim a partir do nome da minha profissão), e fugiu a sete pés no final do encontro.

Os homens como o Jack não queriam envolver-se com mulheres a sério: queriam envolver-se com o seu conceito do que era uma mulher. Provavelmente era por isso que eu o intrigava. Não era bonitinha nem fofinha, e sempre que surgia uma oportunidade para me comportar como uma “senhora”, não a aproveitara. Provavelmente não tinha nada a ver com o conceito de feminino que ele tinha na cabeça. E isso era um desafio. E se havia alguma coisa que os homens como o Jack cobiçavam mais que uma mulher modesta e reservada, era uma mulher difícil de domar.

Àquela hora da manhã a maioria dos bancos em Soho Square ainda se encontrava ocupada por pessoas que não tinham mais onde dormir, e os caminhos por entre a vegetação juncados de agulhas e preservativos usados. Porém, eu nunca deixava que isso me afetasse. Eram falhas superficiais e inconsequentes. Por baixo de tudo aquilo, Soho Square não podia deixar de ser divinal: uma pequena joia verdejante escondida e tratada com desvelo no meio do bulício da cidade. Muitas vezes passava ali a hora do almoço, e agradava-me a ideia de tomar lá o pequeno-almoço, embora o local ainda não estivesse no seu melhor.

O Jack equilibrou o tabuleiro no regaço e perguntou:

– Com ou sem açúcar?

– Tanto faz – disse eu.

– Trouxe um de cada, por isso escolha.

– Sem açúcar.

Pegou no copo mais próximo de mim e entregou-mo.

– Já é doce que chegue, hã?

– Você ouve as coisas que diz? – perguntei-lhe eu enquanto destapava o café e engolia uma reconfortante golada da espuma quente.

– Não tanto quanto devia. Admito que foi um pouco fraco.

– O plano era ficar ali à espera até eu aparecer, fosse a que hora fosse? – quis eu saber. Ele pegou no saco de papel, que por aquela altura já estava todo engordurado de manteiga dos croissants, e estendeu-mo.

– Não. A Paloma disse-me que costumava chegar ao salão pouco antes das oito.

– Perguntou-lhe isso?

– Sim, não podia deixar passar a oportunidade de tentar saber o mais possível sobre si. A Paloma

só tinha coisas boas a dizer. Acha que é fantástica no que faz embora ser esteticista não tenha sido a sua primeira escolha em termos de carreira, e suspeita que há outros salões a tentar aliciá-la. Também me disse que tinha um fraquinho por café e croissants, embora saiba o mal que fazem à pele.

– Ela disse-lhe isso tudo? – admirei-me, envaidecida. – Foi muito simpático da parte dela.

– Havia muito orgulho e afeição na voz dela enquanto falava de si.

– E não ficou aborrecida por não a ter convidado para sair?

– Não. Ela não tem um pinga de vergonha. Quando lhe disse que gostava de si, perguntou-me se tinha amigos desimpedidos. Arranjei-lhe um encontro com o Devin: é americano e rico. Vai adorá-la.

Vestido Vera Wang, aqui vai ela, pensei eu, enternecida e um pouco invejosa. Admirava a Paloma por saber o que queria da vida e do amor. Às vezes gostaria de ser tão ambiciosa e determinada como ela. Sempre aspirara a “ser feliz”. Se não gostava do que fazia, se não me fizesse feliz, tentava fazer outra coisa, mas, por qualquer razão, aos trinta e quatro anos “ser feliz” parecia já não bastar.

– É ambicioso? – perguntei.

Observei o rosto dele, simétrico e de linhas suaves, com uma pele bem cuidada e um bronzeado de aspeto saudável. Tinha uma estrutura óssea espantosa, uns olhos incríveis, e uma boca... Era sem dúvida um homem atraente e ali sentado, a beber café e a comer croissants, não parecia a mesma pessoa que eu conhecera no stand de automóveis. Era normal. Atencioso, ponderado, contemplativo. Não respondia a nada sem pensar bem nas perguntas. Se tivesse conhecido *aquela* Jack, talvez não tivesse sentido tamanha aversão por ele.

– Sim, em alguns aspetos. Se quero alguma coisa vou à luta, se é a isso que se refere.

– Não, não é isso. Pergunto-lhe se sabe o que quer da vida.

– Em termos de carreira, família, dinheiro?

– Sim. E não. Quer dizer, está a trabalhar para alcançar algum grande objetivo na vida? Sabe o que quer, no grande esquema das coisas?

Jack abanou a cabeça enquanto franzia o sobrolho.

– Julguei que sabia. Julguei que o tinha alcançado, mas foi sol de pouca dura. Nessa época pensava que aquilo que queria, que o meu grande objetivo na vida era... cá vai: ser feliz.

– E não era?

– Não. Depressa se tornou evidente que a felicidade não deve ser em si uma meta de vida. Deve fazer parte da viagem. Profundo, eu sei, vindo de um tipo superficial como eu, mas vá por alguém que sabe: quando deixamos tudo em espera para perseguir a única coisa que julgamos que nos vai trazer felicidade, tornamo-nos infelizes até lá chegar, e quando lá chegamos corremos o risco de descobrir que aquilo que queríamos não nos fez tão felizes como esperávamos. Ou pior, que nos esquecemos completamente de como ser felizes.

– Isso é mesmo profundo – comentei.

– Tenho profundezas abissais escondidas nos meus baixios. – Passou a mão pelo cabelo e enquanto o pulso dele se movia reparei na hora que o relógio marcava: 8:35.

– Desculpe, Jack, tenho de ir trabalhar. – Levantei-me e amarrotei o saco de papel. Ele levantou-se também, uma figura imponente que encaixava perfeitamente no ambiente sereno e glamoroso do parque.

– Eu acompanho-a – disse ele, sondando o parque em busca de um caixote para o lixo.

– É muito gentil da sua parte, mas não. Passei um bom bocado, a despeito das minhas reservas iniciais, e o Jack deu-me que pensar, mas... não quero que isto vá mais longe. Se me acompanhar até ao salão, isto vai parecer um encontro e pode tornar-se constrangedor se tentar convidar-me para sair novamente. Vamos deixar ficar por aqui este interludiozinho agradável, está bem?

O Jack não disse nada durante uns momentos. Vi que estava a pensar nas palavras certas para responder, porque para ele aquilo claramente não estava nada bem.

– Deixa-me sem palavras, sabe? Estou certo de que não o faz de propósito, mas tenho sempre de pensar antes de falar porque sei que perceberá qualquer nota falsa ou duplo sentido. – Suspirou. – Não, não está bem que queira deixar as coisas como estão. Mas hei de ligar-lhe e voltar a convidá-la. Com um pouco de sorte não me desliga o telefone na cara. Há de lembrar-se daquele breve momento de transcendência metafísica que plantei na sua vida e dar-me uma oportunidade.

– É sempre assim tão sincero? – perguntei-lhe.

– Quase nunca – respondeu ele. – Mas vou ligar-lhe e voltar a convidá-la para sair, porque no meu íntimo espero que me diga que sim.

– Como lhe disse da última vez, tudo é possível. Adeus.

– Até breve – respondeu ele, e transferiu o seu olhar intenso para os meus lábios. Não foi um olhar particularmente demorado, mas deu para reparar.

E deixou-me a pensar nele, e na felicidade durante a viagem da vida, no regresso ao salão.

– Temos aqui Libby Britcham, trinta e seis anos, vítima de acidente rodoviário. Teve de ser desencarcerada. Múltiplas contusões e lacerações no corpo, face e cabeça. Possível traumatismo craniano, embora se tenha mostrado lúcida e comunicativa no local do acidente. Incapaz de produzir sons ao falar, possível afonia devido ao choque.

– Hipotensiva desde o início. Sofreu uma paragem cardiorrespiratória na ambulância, mas reagiu às manobras de reanimação e à administração rápida de líquidos por via intravenosa e recuperámo-la após cinco minutos de manobras de reanimação. Recebeu duas doses de epinefrina intravenosa, 900 ml de substituto de plasma até agora e dois litros de solução salina normal. Tem dores abdominais – parece uma hemorragia intra-abdominal, provavelmente baço. O marido, Jack Britcham, também envolvido no acidente rodoviário, está em tratamento na sala de observação 2.

– OK. Libby, está a ouvir-me?

Sim, estou a ouvi-la, pensei eu, não é preciso gritar.

– Sou a Dra. Goolson. A Libby está no hospital. Vamos tratar muito bem de si.

Lá estão eles a espetar-me nos olhos aquela luz fortíssima. Porque continuam a fazer o mesmo? Estarão a tentar cegar-me?

– Pupilas reativas de ambos os lados, preparem o equipamento de tomografia e ponham as equipas de cirurgia plástica e neurocirurgia em alerta. Tragam quatro unidades de O negativo até podermos fazer o teste de compatibilidade. Também preciso aqui de morfina intravenosa.

Agosto de 2008

Estou tão em baixo de forma!, pensei eu enquanto corria atrás do meu sobrinho Benji. Tinha cinco anos e era muito talentoso com a bola. Tinha sempre a sensação de que quando ele vinha passar o fim de semana a minha casa trazia ainda mais energia que na vez anterior, ao passo que eu parecia ter cada vez menos energia para o acompanhar.

O Benji corria com a bola nos pés pelo relvado do Hove Park. Preferia aquele parque ao que ficava mais perto de casa, mas só fazia sentido deslocarmo-nos até lá porque agora podíamos fazê-lo de carro. O Benji também gostava mais daquele parque: parecia mais amplo e os espaços verdes eram mais nivelados, o que facilitava os jogos de futebol.

Eu estava à baliza, delimitada pelas nossas duas camisolas, mas ele chutara a bola na direção oposta e largara a correr atrás dela, aproximando-se cada vez mais dos limites estabelecidos para aquele jogo. Se os ultrapassasse, seria muito difícil apanhá-lo, tal era a rapidez com que corria. Abandonei a baliza para ir atrás dele e pedi-lhe para parar. O medo fez-me correr mais depressa e alcancei-o em metade do tempo que costumava demorar a fazê-lo. Quando estava prestes a agarrá-lo, lançou-me um sorriso endiabrado e começou a correr com a bola nos pés em direção à baliza agora desprotegida.

– Patife! – gritei eu, agastada por me ter deixado enganar por uma criança tão pequena. No entanto, não deveria estar tão surpreendida. Além de imprudente e levado da breca, o pai dele (e meu irmão) era o mestre do logro. Era pai solteiro porque a namorada (a mãe do Benji) tinha finalmente visto a luz e abandonado a relação, dizendo-lhe que estava na hora de ele tentar viver a vida dela enquanto ela vivia a dele e saía para se divertir. Eu adorava o meu irmão, mas definitivamente ele não dava um bom namorado. Espantara-me que uma pessoa aparentemente tão inteligente como a ex-namorada pudesse ter pensado o contrário.

Correndo o mais que podia tentei regressar à baliza, precisamente no momento em que o Benji fazia passar a bola pelo meio das duas camisolas com um pontapé certo.

– GOLO! – gritou ele, e desatou a correr em círculos com os braços no ar como vira o pai fazer em muitas ocasiões.

– Tu! – disse-lhe eu, pegando-lhe e fazendo-o rodopiar pelos ares. – Passaste-me a perna!

– No amor e no futebol vale tudo! – exclamou ele numa grande risota, com o rosto de ébano iluminado de prazer. – É o que diz o meu pai.

– Aposto que sim.

Um praticante de *jogging* que acabara de passar por nós no caminho sinuoso que circundava o parque tornou a aparecer de repente e atravessou o relvado na nossa direção. O Jack. Era inconfundível, sobretudo naquele cenário. Vinha transpirado, ligeiramente afogueado, tinha o cabelo húmido e a sua *t-shirt* cinzenta exibia uma mancha de suor em forma de V na zona do peito abaixo da gola, mas mantinha aquela “compostura” que parecia caracterizá-lo.

– Bem me pareceu que era você, à distância – disse ele, retirando dos ouvidos os auriculares brancos do iPod. – Assim de perto tive a certeza.

– Olá – disse eu.

– Olá. – A atenção dele deslocou-se para o Benji, que lhe devolveu o olhar sem receio e nada atrapalhado. – Olá.

– Eu chamo-me Benji. E tu?

– Jack.

– És o namorado da tia Libby?

– Não – respondeu o Jack. – Sou assim uma espécie de amigo.

– Como é que podes ser uma espécie de amigo? Eu cá só tenho amigos ou não-amigos, não tenho amigos mais ou menos.

– Porque, apesar de nos termos encontrado duas vezes, ela não quer vir jantar comigo, por isso somos só mais ou menos conhecidos.

– Mas porque havia ela de ir jantar contigo se são apenas uma espécie de amigos e só se conhecem mais ou menos? Eu cá não janto com toda a gente que conheço.

O Jack olhou para ele, e depois para mim.

– Dá para ver que são aparentados.

– Porque somos parecidos? – perguntou o Benji com entusiasmo.

– Não, porque tenho de pensar muito bem antes de vos dizer o que quer que seja.

– Queres jogar futebol? – perguntou o Benji. – Estou sempre a marcar contra a tia Libby. Ela acha que eu sou um batoteirozinho desprezível porque ganho sempre.

O Jack olhou para o relógio de pulso desportivo e fez um cálculo mental. A seguir tornou a voltar as suas atenções para o Benji.

– Posso ficar um bocado e marcar uns golos. Mas não julgues que te vou facilitar a vida só porque és mais baixo que eu. Sei que és um jogador de topo. A tua tia Libby pode ficar à baliza.

– Ai posso?

– Sim! – exclamaram ambos ao mesmo tempo.

– Certo. Bem, sei quando estou em desvantagem.

O Benji e o Jack corriam em círculos à volta um do outro a fintar e a placar o adversário e a roubar a bola. A maior parte do tempo não precisavam de mim porque estavam demasiado entretidos a jogar um contra o outro, mas quando avançavam para a baliza para marcar um golo eu atirava-me obedientemente para o chão para tentar defender a bola.

Cerca de meia hora depois o Jack voltou a olhar para o relógio.

– É melhor ir andando – disse-me ele. – Vou jantar com os meus pais.

Poisou a mão na cabeleira afro curta e bem arranjada do Benji.

– Obrigado, parceiro. Foi um bom jogo. Declaramos um empate?

– *Nããão!* – disse o Benji. – Eu marquei seis golos e tu só marcaste quatro.

– Bolas! Tinha esperança de que não soubesses contar. Pronto, então és tu o vencedor. Foi bom conhecer-te.

– Igualmente – disse o Benji, todo formal, e apertou-lhe a mão. – Espero que a tia Libby vá jantar contigo um dia.

– Eu também, parceiro, eu também. Talvez possas tentar convencê-la por mim.

– Talvez – disse o Benji.

O Jack sorriu-lhe e depois virou-se para mim.

– Foi bom ver-te, Libby.

Respondi com um aceno de cabeça.

Os olhos dele sustentaram os meus por uns momentos, perguntando-me se tinha mudado de ideias, se aceitava jantar com ele. Apesar do que afirmara no dia do café e dos croissants, não me telefonara nas duas semanas desde então, mas ali estava ele novamente a pedir uma oportunidade. Como eu não respondesse, o silêncio teceu-lhe no rosto uma teia de desilusão. Baixou os olhos para o relvado e virou costas devagar, regressando ao caminho enquanto enfiava um dos auriculares no ouvido.

Ele não era assim tão mau. Já mo tinha provado por duas vezes. O homem que eu conhecera no stand era radicalmente diferente daquele que me oferecera croissants e jogara futebol com Benji. Talvez não fosse como os outros homens que eu conhecera. Talvez merecesse uma oportunidade.

– Jack – chamei eu quando ele se preparava para colocar o outro auricular no ouvido esquerdo.

De auricular na mão, virou-se para mim com uma interrogação muda no olhar.

– Está bem – disse eu.

– Está bem?

Anuí com um aceno de cabeça.

– No próximo sábado, se estiveres livre.

Ele sorriu com uma expressão que era um misto de espanto e deleite, e concordou com um gesto silencioso.

– Liga-me para o salão.

O Jack voltou a fazer que sim com a cabeça, acenou ao Benji e partiu a correr na direção em que viera.

O Benji e eu ficámos a vê-lo a afastar-se rumo aos portões do parque, mas ainda não desaparecera completamente de vista quando o vimos a dar um salto e agitar um punho no ar.

– Porque fez ele aquilo? – perguntou o Benji, virando a cabeça para cima para olhar para mim. Olhei para ele.

– Não sei – disse-lhe. – É apenas um homem esquisito, suponho.

– Deves ter razão – disse o Benji. – Posso comer um gelado?

– Parece ser uma rutura do baço que está a provocar a hemorragia no abdómen. Vamos ter de a levar já para uma sala de operações.

Quem me dera que parassem todos de gritar. Não consigo ouvir-me pensar. Nem recordar.

– Voltem a ligar para a Cirurgia Plástica e para a Neurocirurgia. Têm de ir ter lá acima.

Parem de gritar, por favor. Não vai resolver nada mais rápido, sabem?

– Alguém tem de dizer ao marido o que se passa.

Agosto de 2008

Entendemo-nos lindamente (tirando a forma como nos tínhamos conhecido): conversámos, trocámos gracejos e demo-nos como velhos amigos. Ele mostrou-me vislumbres de quem era, ou de quem podia ser se raspássemos o verniz brilhante e espalhafatoso de um homem para quem a vida fora fácil de mais. Tinha um apurado humor autodepreciativo e estava constantemente a fazer-me perguntas ou a tentar fazer-me rir. E o meu riso era fácil, escapava-me dos lábios, vindo do coração. E o dele também.

Mostrou-se impressionado e nada sobranceiro por eu trabalhar como esteticista num salão de beleza, e por sua vez disse-me que era sócio minoritário numa firma de advogados em Brighton. Eu disse-lhe que viera de Londres para Brighton por causa dos estudos, mas acabara por ficar porque já não me imaginava a viver num sítio tão grande como Londres. Ele disse-me que crescera numa zona rural do Sussex e que para ele Brighton e Hove eram cidades grandes. Partilhámos as nossas histórias e as nossas trivialidades e, à medida que a noite avançava, a atmosfera à nossa volta fervilhava. Não me lembrava da última vez que me divertira tanto num encontro.

Depois do jantar demorámo-nos a conversar à frente do restaurante em Hove até que ele, hesitante, enlaçou a mão na minha e sugeriu que o acompanhasse até casa dele, ao virar da esquina, de onde podia chamar um táxi para ir para casa.

Não houve ansiedade – nada de gestos cúmplices, piscares de olhos, insinuações – simplesmente um desejo genuíno de que a noite não acabasse ali.

– Antes que digas ou penses *alguma coisa* – disse ele enquanto virávamos para a rua onde vivia, uma das que desciam até ao passeio marítimo, – comprei esta casa há anos, quando não passava de uma casca vazia. Gastei muitas horas de trabalho e muito dinheiro a torná-la habitável. Tenho muito orgulho nela, mas por favor não penses que já comprei tudo feito pelo milhão que deve valer tal como está. Não paguei nem metade, está bem?

– Está bem – disse eu enquanto parávamos diante de uma enorme vivenda vitoriana de fachada dupla com reboco bege, degraus de pedra que conduziam à porta da entrada e um piso inferior a que provavelmente se acedia pelo interior. Todos os andares exibiam enormes janelas de guilhotina.

Surpreendida, virei a cabeça para olhar para ele.

– Eu avisei! – insistiu ele.

– Eu não disse nada – repliquei eu.

A porta da frente abriu-se para um vasto alpendre interior com ganchos para casacos e um tapete que encaixava numa depressão no pavimento, e para outra porta interna de vidro, seguida de um longo e amplo corredor com soalho e uma escadaria de cortar a respiração. À esquerda da porta da frente havia uma consola branca de pernas arqueadas por baixo de um enorme espelho de talha dourada. Ao lado do espelho havia uma porta e mais ao fundo do corredor viam-se outras duas.

Se não estivesse a mentir, e tivesse realmente comprado aquela casa quando não passava de uma casca vazia, então dedicara-lhe mesmo muito cuidado e atenção para a restituir à presente glória e manter-se ao mesmo tempo fiel ao estilo da época, desde as cornijas e a roseta no centro do teto até aos rodapés e aos radiadores de ferro fundido.

Parei diante do espelho a aguardar que o Jack me desse licença para prosseguir para o interior da

casa. Em vez de continuar a andar, ele voltou-se com um sorriso travesso e aproximou-se de mim.

– Posso cheirar-te? – perguntou ele, com um brilho a dançar-lhe nos olhos verdes enquanto, sem me tocar, me fazia recuar lentamente até ficar encostada à parede.

– *Cheirar-me?* – perguntei eu, perplexa.

– Sim, cheirar-te. Só o pescoço, se não te importas.

Não vi que mal podia fazer. Pensara que ele me ia beijar, mas se queria cheirar-me primeiro, então...

– Se tiver mesmo de ser – disse-lhe.

– É que... – Enterrou o rosto na parte de trás do meu pescoço e de repente, de forma totalmente inesperada, senti-me arrebatada pelo cheiro *dele*. A pele dele, ligeiramente húmida e salgada e ao mesmo tempo quente, com laivos de um odor que não conseguia situar, espiralava ecos de uma sensação que me entrava pelo nariz diretamente para a corrente sanguínea. De um momento para o outro, senti-me em chamas. O meu corpo ardia e ansiava, borbulhava e efervescia com o cheiro... o cheiro *dele*.

– Este cheiro tem estado a levar-me à loucura toda a noite – disse ele, sem suspeitar das sensações que tinha desencadeado em mim. – Tenho experimentado um misto incrível de sensações por causa dele e perguntei-me se serias tu. E és. – Enterrou ainda mais o nariz no meu pescoço, sem que os nossos corpos se tocassem. – Sem dúvida.

Nesta última palavra os lábios dele roçaram-me a pele e deixei escapar um gemido abafado, como que de dor, apertando-me contra a parede para manter o equilíbrio. Em resposta ele aproximou-se sem tirar os lábios do meu pescoço. Deixei escapar outro gemido.

Ele endireitou-se e fitou-me durante uns instantes.

– És tão bonita – sussurrou. – Baixou a cabeça, aproximando os lábios dos meus, e eu fechei os olhos, antecipando o contacto. Como os lábios dele não tocassem os meus, abri os olhos. – Tão bonita – repetiu ele, e beijou o outro lado do meu pescoço. Cada beijo, suave e controlado, injetava mais dele dentro de mim. Desconhecia aquela sensação tão... *primitiva*. As mãos dele deslizaram até aos meus ombros, e por baixo das lapelas do meu casaco, puxando-o para trás até cair no chão juntamente com a minha mala. Continuava inebriada com o cheiro dele, com aquela proximidade, e não ofereci resistência. As mãos dele percorreram ao de leve o meu corpo por cima do meu comprido vestido azul.

– Tudo bem? – sussurrou-me ele ao ouvido com o hálito quente e a respiração acelerada.

– Sim – consegui articular, igualmente sem fôlego.

– Queres que pare? – perguntou ele.

Sim, disse eu mentalmente. *Sim, sim, sim, para. Para, por favor.* Mal conhecia aquele homem. Ele, em contrapartida, parecia conhecer-me intimamente: sabia onde tocar, onde beijar, como preencher os meus sentidos. Eu sabia que não devia fazer aquilo mas...

– Não, não pares – disse eu num sussurro. – Não pares.

– Tenho de te provar – disse ele, afastando-se um pouco para trás. Os seus olhos cor de esmeralda sondaram os meus por instantes, procurando resistência. – Tenho de te provar – repetiu, e de repente estava de joelhos, a levantar-me o vestido e a puxar para baixo as cuecas pretas até aos tornozelos.

Automaticamente afastei-me para o lado, deixando-as cair no chão, e ele afastou-me de imediato as pernas. Primeiro, foram os dedos – a explorar, a sentir, a preencher; depois, a língua – a tocar, a provar, a estimular.

Em poucos segundos eu gemia incontrolavelmente; os meus joelhos tremiam, prestes a ceder; o meu corpo estremecia, arqueando-se para ele à medida que eu exigia mais, e mais, e mais, até sentir dinamite líquida a explodir-me nas veias e me agarrar à parede, de cabeça para trás, enquanto deixava escapar gemidos e mais gemidos de prazer.

Enquanto ainda recuperava da experiência ele pôs-se de pé, pegou-me na mão, fez-me atravessar a curta distância até ao espelho da parede oposta e colocou-se atrás de mim.

– Vês como és bonita? – sussurrou-me ele ao ouvido. – Vês?

Observei o espelho, mas, em vez de olhar para mim, concentrei-me nele; em como o homem descontraído com quem jantara ainda há pouco se convertera naquele homem cheio de intensidade e determinação no olhar.

– Quero foder-te – disse ele com os lábios encostados ao meu cabelo. – Posso foder-te?

– Sim – disse eu baixinho. – Sim.

Baixei o olhar para o dispensador de lenços de papel na mesa à minha frente enquanto escutava o retinir do cinto dele, o desapertar do botão das calças, o fecho a deslizar, as calças a cair, o farfalhar do invólucro de um preservativo. Nisto, com uma mão, ele fez-me avançar gentilmente até ficar inclinada sobre a mesinha. Levantou-me o vestido, afastou-me as pernas, aproximando-se e... E de repente era parte de mim. O corpo dele tomou posse dos lugares anteriormente ocupados pelo seu cheiro. Arqueou-se contra mim, abafando os gemidos no meu pescoço.

Os meus olhos ergueram-se novamente para o espelho para lhe ver o rosto, para ver se a experiência era tão intensa para ele como para mim, mas o meu olhar ficou preso no meu reflexo.

Eu não era eu.

O meu cabelo estava caótico, o meu corpo, dobrado para a frente para permitir que um homem me invadisse como um aríete, tinha o rosto contorcido pelo prazer e uma expressão animal nos olhos. Tinha um ar selvagem, lascivo, arrebatado. Aquela pessoa no espelho não era a Libby Rabvena. Era pouco mais que uma criatura indomada. Não fora o sexo a deixar-me naquele estado. Fora *ele*. E eu permitira-o. Eu *quisera* que ele me deixasse assim.

Fechei imediatamente os olhos, com receio de que, se continuasse a olhar, aquele fosse o único reflexo de mim que veria sempre que me olhasse ao espelho.

Os movimentos dele tornaram-se mais vigorosos e afastou-se um pouco, endireitando-se e agarrando-se firmemente às minhas ancas enquanto a sua urgência aumentava. Os gemidos dele misturavam-se com os meus num crescendo até que gritou, um segundo ou dois antes de mim, e ambos ficámos estáticos enquanto as ondas do nosso prazer nos atravessavam e fluíam de um para o outro.

O Jack não se afastou logo. Ficou comigo alguns segundos, deixando abrandar a respiração, e depois inclinou-se para a frente e depositou-me um beijo terno na nuca.

– Foi incrível – disse ele quando se separou de mim. Ouvi-o sacar vários lenços do dispensador em cima da mesa e esperei de olhos fechados e cabeça baixa até o ouvir parar de se mexer. Endireitei-me, baixei o vestido e virei costas ao espelho antes de abrir os olhos.

– Foi incrível – repetiu ele, e a seguir inclinou-se e deu-me um beijo na testa. Antes, cada toque era uma viagem a um prazer inquietante, quase animalesco, agora era uma punhalada de culpa e vergonha.

Forcei um sorriso e um ligeiro aceno de cabeça. Não sabia como falar com ele depois do que tínhamos feito. As palavras pareciam inoportunas.

– Se não te importas de esperar aqui uns minutos, vou só livrar-me disto – indicou a bola de lenços de papel que tinha na mão, – e depois trago-te umas toalhas e um roupão para poderes tomar um banho, está bem?

Voltei a assentir. Por dentro sentia-me horrorizada: ele esperava que eu ficasse? Que *falasse* com ele? Que agisse como se fosse perfeitamente natural ter feito o que fizera com alguém que mal conhecia?

Ele olhou para a minha boca como se fosse beijar-me ou como se sentisse necessidade de que eu o lembrasse de que era capaz de falar, e depois sorriu e tornou a beijar-me na testa.

– Incrível, mesmo – disse ele. Baixou-se para apanhar o invólucro do preservativo. – Dois minutos – disse, e desapareceu a subir as escadas duas a duas.

Assim que deixei de o ver atravessei o corredor, recolhi as cuecas, depois o casaco e a mala. Enfiei as cuecas dentro da mala, vesti o casaco e atravessei o alpendre em direção à porta quase a correr. A fechadura não era como nada que eu já tivesse visto e fiquei a olhar para ela a tentar perceber o que puxar ou empurrar ou girar para soltar o mecanismo e ficar em liberdade.

Ouvi a descarga do autoclismo.

Tenho de sair daqui. Tenho de ir embora, pensei, desesperada, e comecei a debater-me com o trinco dourado até que algo aconteceu e a porta se abriu com um estalido. Fechando-a silenciosamente atrás de mim, descí os degraus de pedra o mais rápido que pude em saltos altos e já na rua tomei a direção do passeio marítimo.

Na Kingsway deveria conseguir arranjar um táxi. Caso contrário subiria a rua paralela à dele até à praça de táxis junto à Câmara Municipal de Hove.

Como que enviada pelos deuses, a luz alaranjada de um táxi apareceu mesmo à minha frente. Levantei o braço e corri para o táxi, rezando para que o condutor me tivesse visto. O meu coração palpitou de gratidão quando ele parou e esperou que eu entrasse.

– Avenida Devonshire, Kemptown, por favor – disse-lhe eu enquanto deslizava para o banco de trás de cabedal preto gretado e colocava o cinto de segurança.

Nem sequer nos beijámos, dei-me conta quando o táxi arrancou. *Tivemos relações sexuais mas em momento algum nos beijámos*.

Fiquei a matutar naquilo durante toda a viagem até casa: tinha tido sexo e o encontro terminara sem que tivéssemos trocado um único beijo.

Onde estará aquela mulher que queria que eu adivinhasse quem era? Não ouço a voz dela desde que recuperei a consciência na ambulância. A forma como disse o nome do Jack, era como se o

conhecesse. Intimamente. Seria uma das mulheres com quem ele esteve antes de mim? Havia nela qualquer coisa de familiar. E falava como se me conhecesse. Disse que eu a conhecia. Onde estará ela? Quero que me diga quem é, porque não pode ser...

Agosto de 2008

O carro dele estava estacionado à porta da minha casa.

Tinha acabado de subir o caminho íngreme com dois sacos de compras do supermercado e virara para a minha rua quando avistei um carro igual ao dele diante do meu prédio. *Que não seja ele, por favor. Que não seja ele, por favor*, repeti eu mentalmente enquanto me aproximava de casa. Não atendera as chamadas dele na noite anterior, nem naquela manhã. Só queria que esquecesse o assunto. Que fizesse de conta que aquilo não tinha acontecido. Porque era o que eu tinha decidido fazer. Era demasiado perturbador ter-me comportado daquela forma, ter feito o que fizera com uma pessoa que mal conhecia, alguém que não chegara sequer a beijar. Sempre pensara que aquele tipo de sexo acontecia quando as pessoas se conheciam bem, quando confiavam uma na outra e estavam dispostas a explorar os seus limites em termos de sexo e a ultrapassá-los em conjunto. Sempre pensara que aquele tipo de sexo resultava de ser capaz de estar completamente à vontade com uma pessoa, sabendo que depois de tudo continuaria a nutrir sentimentos por mim. Não queria que me lembrassem que provavelmente o nosso encontro não significara nada para ele.

O Jack estava sentado nos degraus à porta do meu apartamento, de pernas afastadas, cotovelos apoiados nos joelhos e óculos de sol no rosto. Voltara a transformar-se no homem que eu conhecera inicialmente. Já não era o homem que me tinha oferecido café e croissants, com quem eu jogara futebol no parque e que me levara a jantar.

Parei ao fundo dos degraus de pedra e tive de poisar os pesados sacos que trazia. Agora que tinha carro ia muitas vezes a um supermercado maior na marina ou na avenida Homebush para as compras da semana, mas naquele dia não me sentia com forças para conduzir. E não valia a pena percorrer de carro a curta distância até ao supermercado mais próximo, por isso fora a pé. Fazer qualquer coisa fisicamente castigadora fora benéfico para o corpo e refrescante para a mente depois da confusão em que estava mergulhada desde a noite anterior, mas agora estava a senti-lo. Agitei os dedos para recuperar alguma sensibilidade e depois virei as palmas das mãos para cima e fiquei a observá-las com curiosidade enquanto a circulação regressava aos dedos e estes passavam de um amarelo anémico a um tom róseo acastanhado.

Olhar para os meus dedos era uma forma de não ter de o encarar.

– Bom, devo dizer-te que pensei que estavas a jogar às escondidas – disse ele. – Só quando espreitei atrás da porta da sala de jantar é que me dei conta de como estava a ser ridículo.

Estiquei os dedos, abri e fechei as mãos, observando os tendões e os músculos a deslocarem-se sob a pele.

– Foi assim tão mau? – perguntou ele tão baixinho que mal o ouvi acima do som das gaivotas e das vozes, do caos e das vidas que passavam na rua principal, a St. James Street, ao virar da esquina. –

Pensei que tinhas...

– Sim – atalhei eu antes que ele pronunciasse a palavra, ainda sem conseguir encará-lo. – Sabes que sim. E sabes bem que não foi mau.

– Então porque te vieste embora? Contava acordar contigo hoje de manhã.

– Eu... eu tive vergonha.

– Essa agora, vergonha de quê?

– De ter feito o que fiz, de ter gostado. Bem vistas as coisas, podia ter sido qualquer uma. – Consegui finalmente levantar a cabeça para olhar para o homem com quem tivera relações sexuais na noite anterior. Ele tirara os óculos e tinha os olhos fixos em mim. – Afinal de contas não teve nada a ver comigo, nem com uma ligação especial entre nós, pois não? Fui apenas mais um corpo para usar, mais um buraco para preencher.

Foi a vez dele de baixar os olhos, confirmando as minhas suspeitas de que fizera o mesmo, e precisamente da mesma forma, um número significativo de vezes. Encolhi-me por dentro ao pensar nas muitas mulheres que tinham apoiado as mãos onde eu as tinha apoiado e afastado as pernas para o receber tal como eu tinha feito. Tentei não imaginar quantas delas teriam ficado, quantas não teriam usado as toalhas e o roupão que ele fora buscar para mim, quantas se teriam sentido à vontade com o que tinham feito a ponto de querer repetir a dose.

– Nunca tiveste sexo sem compromisso? – perguntou ele por fim, ainda cabisbaixo.

– Sim – disse eu, voltando a olhar para o chão. – Se bem que nalguns casos não percebi que não havia compromisso até a pessoa em questão não voltar a ligar-me. Mas nenhuma dessas vezes me pareceu tão... calculada e vazia como a noite passada. – Desatei e voltei a atar o nó da camisola azul que trazia presa à cintura e que fora resvalando lentamente durante o caminho. – Tínhamos tido uma noite tão agradável, pensei que estava ali a prova de que me tinha enganado a teu respeito. E depois fizemos o que fizemos. Não podia ficar e fazer de conta que estava tudo bem comigo porque não estava. Senti... senti vergonha de mim própria.

Continuámos ambos de cabeça baixa, incapazes de dizer algo que pudesse remediar a situação.

– Queres ajuda com as compras? – perguntou ele.

Abanei a cabeça sem tirar os olhos do chão, com medo de que ele visse as lágrimas que se acumulavam por trás do meu rosto e ameaçavam já obstruir-me a garganta.

Ouvi-o levantar-se e parar por momentos, provavelmente para voltar a colocar os óculos de sol. Desceu até ao último degrau e parou ao meu lado por alguns instantes.

– Sinto muito – murmurou.

Respondi com um aceno de cabeça. Sabia que era sentido e que ao ter aparecido ali mostrara muita coragem. Se tudo aquilo não fosse ainda tão doloroso para mim, ter-lho-ia dito. Em vez disso fiquei imóvel e cabisbaixa até ouvir o carro dele a arrancar e a afastar-se.

As lágrimas caíam-me lenta e copiosamente pelo rosto quando peguei nos sacos das compras, pronta para voltar à minha vida de sempre como se a noite anterior nunca tivesse acontecido.

Vamos ter de ir imediatamente para a sala de operações, a hemorragia parece estar a piorar e se queremos salvá-la temos de avançar já.

Têm a certeza de que é o meu baço que está a sangrar?, *penso eu*. Porque sempre julguei que o meu coração é que era demasiado frágil e quebradiço. Sempre pensei que se calhar tinha nascido com um coração fraco.

Outubro de 2008

Tornei-me esteticista porque já não podia continuar a ser bioquímica. Bem, poder, podia, se decidisse que não comer e continuar a viver com os meus pais eram opções de vida viáveis.

Concluía a universidade cheia de vontade de salvar o mundo, com esperanças de encontrar uma forma de fazer a diferença. A área de investigação que escolhera não era nem de perto nem de longe o tópico escaldante em que entretanto se converteu. Naquela época ninguém queria saber se o uso de biocombustíveis (coisas como soja e milho em lugar de combustíveis fósseis) teria um impacto adverso nos recursos alimentares do planeta e o que poderia fazer-se para resolver o problema. E os poucos que se debruçavam sobre o assunto não eram pessoas que quisesse para parceiros financeiros. Por isso, após um ano a lutar para fazer aquilo de que gostava, decidi desistir. Não quis arranjar um emprego que fosse quase (mas não propriamente) na mesma área. De que serviria? Não era o tipo de pessoa que se contentasse com a segunda melhor escolha, por isso decidi que se não podia seguir a minha verdadeira paixão, encontraria uma nova paixão. E encontrei-a no outro extremo da escala para as minhas qualificações: a estética. Não deixava de envolver química e biologia, alimentava o meu interesse por maquilhagem, loções e preparados, mas podia formar-me para o fazer em menos de um ano, treinar-me continuamente em novas especialidades e começar a ganhar um salário de imediato.

A grande surpresa foi que adorei. Quer dizer, adorei mesmo. Adorava a vertente de análise química envolvida na escolha dos produtos certos para determinado tipo de pele, a metodologia quase científica de qualquer processo ou tratamento. Também adorava ver os resultados no rosto das pessoas quando se olhavam ao espelho e viam o mesmo que eu via quando lhes cuidava da aparência: não as imperfeições, mas todos os pontos fortes que faziam delas quem eram.

Ser esteticista tinha muitas vantagens. Ser levada a sério pelo mundo não era uma delas. Lia o rótulo “idiota” na expressão das pessoas quando avistavam a bata do salão. Pensavam que não tinha mais de dois neurónios comunicantes no cérebro e que passava o dia inteiro a limar as unhas e a pensar em maquilhagem. Quem era eu para destruir tais ilusões?

Quem era eu para lhes fazer notar que para se ser uma esteticista qualificada, bem-sucedida e certificada tinha de se conhecer o corpo humano, ter noções de química e saber comunicar? Quem era eu para lhes explicar que entre enfrentar a pobreza e usar uma bata de esteticista, a bata ganharia sempre? Quem dizia que preferia passar fome a fazer o meu trabalho não sabia o que era ser pobre, nunca tivera de escolher (e mais do que uma vez) entre comida e aquecimento. Decisões como essa concentram a mente e protegem o coração do escárnio de gente que não nos conhece.

Exceto talvez quando estamos agachadas atrás da efígie de madeira em tamanho real de uma nadadora-salvadora a amparar uma vítima de afogamento à entrada do Brighton Pier, de mala ao peito e a rezar contra toda a esperança para que o homem com quem tivemos sexo fortuito há quase três meses não nos tenha visto a desviar caminho e a correr para ali assim que o vimos caminhar na nossa direção. Quando fazemos uma coisa assim toda a gente nos olha como se tivéssemos fugido do circo, com ou sem bata de esteticista.

Vira o Jack várias vezes nas últimas semanas e enfiava-me sempre numa loja ou atravessava a rua para evitar mostrar tê-lo visto ou – pior – ter de falar com ele, esperando ao mesmo tempo que ele não me visse. Aquela era a primeira vez que não tinha para onde fugir, por isso fora forçada a esconder-me ali. A outra hipótese era tapar os olhos com as mãos como o Benji costumava fazer quando tinha dois anos e pensava que ninguém podia vê-lo se ele não pudesse ver ninguém.

– Acho que mereces o prémio para a forma mais inventiva de evitar falar comigo – disse o Jack.

Fiquei petrificada, perguntando-me se seria tarde de mais para tentar a manobra das mãos a tapar os olhos. Lentamente, endireitei-me. O Jack e eu suspirámos ao mesmo tempo, ambos frustrados, mas por razões diferentes.

– Ouve, Libby, custa-te assim tanto falar comigo? Não entendo que não nos falemos depois de termos... – Não precisava de o dizer porque ambos sabíamos o que tínhamos feito.

– A mim não me incomoda – menti.

– A mim sim, e muito. Já te vi atravessar a rua e enfiar-te em lojas para me evitares. Não quero que as coisas entre nós fiquem assim.

– Não há nada a fazer. Fizemos o que fizemos e agora só temos de fingir que nunca aconteceu. – Arrisquei um olhar. Assim que o fiz, tive uma visão do rosto dele ao espelho um momento antes de me dizer que queria foder-me e retraí-me. Fixei os olhos nas tábuas do molhe.

– Mas aconteceu.

– E no teu caso aconteceu com muitas outras mulheres. Andas a persegui-las a todas?

– Não é preciso, porque ainda falo com elas.

– Queres dizer, quando precisas de...

– Não! – exclamou ele. – Não é nada disso. O que eu quis dizer é que trocamos uns dedos de conversa quando nos encontramos na rua.

– Que importância tem se eu falo contigo ou não? – perguntei. – Que diferença faz?

– E porque fazes questão de não falar comigo? – ripostou ele, obviamente convencido de que virar o meu argumento contra mim poderia fazer-me mudar de ideias.

– Já te disse porquê: ver-te e falar contigo lembra-me algo que prefiro esquecer. Ainda sinto vergonha de ter feito o que fiz.

Ele ficou em silêncio por uns momentos.

– Olha, vem comigo até ao fundo do molhe e, enquanto caminhamos, diz-me tudo o que vês de errado no que aconteceu entre nós. Prometo não falar, não interromper nem tentar justificar-me. Vou simplesmente ouvir, e tu podes purgar-te dessa noite. Esperemos que funcione como uma catarse, mas se depois disso continuares a não querer falar comigo, respeitarei a tua decisão. Passarei por ti na rua como se fosses uma estranha. Que me dizes?

– *Libby, vou ficar aqui à tua espera – diz-me o Jack. – Não vou a lado nenhum. Vais ficar boa e vemo-nos depois.*

Outubro de 2008

– Perdi a minha aposta. E ganhei a minha aposta, também – disse-me o Jack. Estávamos debruçados sobre o gradeamento, a meio do molhe.

A extensão do molhe era insuficiente para falarmos sobre aquilo de que estávamos a falar. Corria um outubro invulgarmente quente, mesmo àquela hora tardia, e havia apenas uma sugestão de frio no ar, o que nos permitia ficar ali junto ao gradeamento a observar o rodopio das águas lá em baixo enquanto conversávamos.

– Uma aposta com quem?

– Comigo mesmo. Apostei comigo mesmo que seria capaz de chegar ao fim sem estragar tudo.

– Não estragaste nada.

Tinha-se mostrado incrivelmente atento enquanto eu tentara explicar como me sentia mal por termos tido uma noite de sexo fantástico mas tão impessoal. Assim que comecei a falar, apercebi-me de que era difícil exprimir o que sentia sem aludir ao facto de não nos termos beijado. Teoricamente, podia tê-lo beijado, se quisesse (embora não parecesse ter havido grandes oportunidades para isso), portanto, segundo a lógica, a culpa também era minha. Porém, sentia-me nitidamente ilógica em relação a tudo aquilo e ignorava porque estava a dar tanta importância a um beijo. Era ilógico, mas da mais vital importância. Era uma ideia que ainda não conseguira fazer passar.

– Estou prestes a fazê-lo – disse ele, e inclinou-se para mim, fechando os olhos ao aproximar-se. A poucos milímetros deteve-se, dando-me oportunidade para me afastar, e a seguir os nossos lábios tocaram-se. Fechei os olhos enquanto os nossos corpos se uniam automaticamente e o beijo se intensificava. Ele enfiou uma mão no meu cabelo, deixando a outra descansar na base das minhas costas, enquanto eu entreabria lentamente os lábios para deixar a língua dele deslizar para dentro da minha boca com movimentos ternos e cuidadosos. Durante alguns minutos, ou talvez segundos, os nossos lábios mexeram-se em sincronia e tudo à nossa volta pareceu silenciar-se. Era aquilo que tinha faltado naquela noite, e que eu não conseguira explicar.

Ele afastou-se primeiro, e recuou sem tirar os olhos da minha boca ao dizer:

– Vês? Bem te disse.

– Repito, não estragaste nada. – Eu tremia um pouco. Nunca me sentira trémula depois de um beijo, mas havia realmente qualquer coisa no Jack que tocava partes de mim que eu nem sequer sabia que existiam.

Ele levou as pontas dos dedos aos lábios, como que para verificar que ainda estavam no mesmo lugar.

– És a segunda mulher que beijo na boca em mais de três anos – declarou. – A outra foi a minha

esposa. A minha falecida esposa. Morreu há três anos.

– Esposa? És viúvo? Porque não mo disseste na noite em que saímos?

Ele olhou para as mãos, enquanto fazia girar o anel de ouro que usava no dedo anelar da mão direita. Claro! A aliança! Por isso é que me parecera tão incongruente com a atitude dele e a forma como se vestia.

– Falar sobre a falecida esposa a uma mulher não é propriamente a melhor forma de a seduzir, pois não?

– Calculo que não. É por isso que fazes sexo daquela maneira? – perguntei.

Ele estava sempre a tocar nos lábios, quase como se estivessem pisados, feridos, maltratados por um beijo intenso ao fim de tanto tempo.

– Sim – respondeu ele. – Podia fingir que era a primeira vez que aquilo acontecia comigo, ou que a mágoa me tolheu o discernimento, mas não é o caso. Sim, é por isso que faço sexo daquela maneira. Gosto de sexo, mas para mim beijar como ainda agora te beijei seria como estar a traí-la. A trair a Eve. Era assim que ela se chamava. Aliás, é assim que ela se chama. O nome dela não mudou só porque já não está entre nós.

– Vejo que ainda é uma parte muito importante da tua vida.

– De certa forma.

– Podes pagar por sexo, sabias? Consta-me que elas não beijam.

Ele fitou-me com um ar muito sério e abanou a cabeça.

– Não, não posso. Talvez outros homens possam, mas eu não. Estás a ver-me a tentar fazer amizade com mulheres que só olharam para mim porque eu lhes paguei?

– Suponho que não. Nunca pensei muito no assunto.

– Nem tentes, de uma maneira ou de outra só servirá para te deixar incomodada. Pelo menos comigo foi assim. Durante os últimos três anos fiz coisas pavorosas porque quase toda a gente que conheço me deu o desconto, basicamente. A princípio não me dava conta de que estava a comportar-me de forma censurável porque estava consumido pela mágoa, e toda a gente aceitava esse facto. À medida que a névoa levantava, fui-me apercebendo do que andava a fazer, mas ninguém me dizia: “Basta! Para com isso!” Por isso continuei, forçando cada vez mais os limites para ver se alguém dizia “Não”. Ninguém o disse com convicção até te conhecer.

– Isso é terrível.

– Eu sei. E penalizo-me pelo que fiz. Mas sei que nunca me rebaixaria a ponto de pagar a alguém para ter sexo. Ou de ir para a cama com alguém com quem não partilho qualquer tipo de ligação.

– Faz sentido, suponho eu. Mas a sério que não beijaste ninguém em *três* anos?

– A sério.

– Então porque me beijaste?

– Porque me pareceu aquilo que mais queria fazer no momento. Pensei: “Se não voltar a vê-la, pelo menos tê-la-ei beijado.” Estive mesmo para te beijar durante o nosso pequeno-almoço no parque, e naquela noite, no corredor, mas tive medo. Agora pelo menos posso dizer que o fiz. E foi melhor do que esperava.

– OK – disse eu. Também fora melhor do que eu esperava. Nunca tinha sido beijada daquela

maneira. Olhei para a água lá em baixo, perguntando-me como seria dali para a frente. Eu gostava dele, o problema não era esse. Só não sabia se ele era bom para mim. O sexo, a falta de consideração com que o tratara depois, e agora a tremedeira depois do beijo... o Jack era diferente de todos os homens que já conhecera.

– Libby, eu sei que sou arrogante, e podia fazer de conta que a minha arrogância é uma questão de insegurança, mas não é. Trata-se de um subproduto muito pouco atraente de ter tido as melhores oportunidades na vida, seguidas de um período em que ninguém me dizia que não a nada. Mas tenho outras qualidades, pelo menos assim espero.

Calou-se, e ao olhar para ele vi-o a fitar o céu, como se procurasse ler nas nuvens as qualidades que referira para poder recitá-las. Depois pareceu desistir e retomou a conversa.

– Gosto de ti, Libby. És segura de ti sem ser arrogante, e és sincera. E fizeste-me examinar quem sou e a forma como me mostro ao mundo. Poucas pessoas são capazes de fazer o mesmo. Há muito tempo que ninguém o fazia. E quero que saibas que me sinto mal desde aquela noite. O sexo foi fantástico, talvez o melhor que... mas quando desapareceste, soube que tinha procedido mal. Que tinha passado dos limites. E a tua expressão à porta do apartamento – apontou o punho à concavidade do plexo solar, – atingiu-me em cheio aqui. Não me sentia tão mal desde... – encolheu os ombros quase em desespero – desde uma época atribulada com a Eve. Desculpa. Sinto muito ter-te usado daquela maneira, e ter-te feito sentir tão mal.

– Agora já não importa. Já te compreendo um pouco melhor, por isso não faz mal.

Ele fez-me um grande sorriso e senti todo o meu corpo a vibrar. A tremedeira recomeçara. Entreolhámo-nos, e depois decidimos olhar para o mar ao mesmo tempo.

– Como morreu a Eve? – perguntei, voltando a concentrar-me nele.

Desta vez o encolher de ombros foi diferente do anterior. Foi defensivo, e um tanto receoso.

– Para ser sincero, não quero falar no assunto. Beijar alguém na boca e depois falar sobre a Eve é extremamente atípico da minha parte. Não sei se estou preparado para falar sobre os porquês do que aconteceu. – Outro encolher de ombros apreensivo. – Entendes, não entendes?

Anuí. Ficámos em silêncio durante uns momentos, deixando que os sons do cais preenchessem o vazio entre nós e à nossa volta.

– Podes beijar-me outra vez, se quiseres – disse eu, tanto para ter algo que dizer como por desejo de repetir a experiência. Nunca poderíamos recuperá-la. Nunca poderíamos repetir a experiência porque nunca mais seríamos quem éramos dez minutos atrás. Ele nunca mais seria o homem que não beijava uma mulher desde que a esposa falecera, três anos antes, e eu não seria a mulher que, sem saber muito bem como, tivera relações sexuais com um homem sem o ter beijado. Seríamos uma mulher que inadvertidamente ajudara um viúvo a vencer os seus medos e um homem que começava a superar a morte da esposa.

O Jack abanou a cabeça.

– Não quero abusar da sorte.

Sorri-lhe porque sabia que o que ele estava a dizer era que não queria abusar da sorte ao tentar repetir a experiência, e não abusar da sorte comigo.

Só quero que isto acabe. Quero passar tudo isto à frente e saber que o Jack está à minha espera, que o homem por quem me apaixonei está à minha espera, tal como me prometeu.

Outubro de 2008

Percorrer a pé o caminho até à estação às seis horas de uma manhã de outono não era novidade nenhuma para mim, mas algo que fazia sempre com alguma apreensão porque ainda estava escuro. Se não pretendia conduzir até Londres, também não podia levar o carro para a estação, porque então teria de andar às voltas à procura de um lugar de estacionamento onde pudesse deixá-lo o dia inteiro e que ficasse perto o suficiente para que valesse a pena, o que, por seu lado, me faria perder o comboio.

Nunca me acontecera nada durante aqueles percursos matinais, mas há sempre uma primeira vez para tudo. Já fora abordada por homens na rua, homens que me viam passar por ali àquela hora da madrugada e assumiam que andava à procura de clientes. Nessas circunstâncias nunca sabia se devia ofender-me ou sentir-me lisonjeada, por isso limitava-me a fuzilá-los com o olhar até perceberem o equívoco e seguirem o seu caminho.

As luzes dos faróis de um carro aproximaram-se e fui momentaneamente ofuscada, mas continuei a andar enquanto o carro abrandava. *Já cá faltava*, pensei eu, *outro homem que devia era estar na cama (sozinho ou com a mulher), em vez de andar pelas ruas a tentar fisgar as últimas oportunidades da noite.*

A janela do condutor desceu e este esticou a cabeça para fora.

– Que coincidência encontrar-te por aqui – disse o Jack.

Pestanejei algumas vezes, perguntando-me se seria mesmo ele. Já não o via nem falava com ele há umas duas semanas: apesar do beijo que, diga-se de passagem, fora delicioso, não tinha a certeza se faria bem em envolver-me com o Jack. Gostava dele, disso não restavam dúvidas, mas não sabia se seria benéfico para mim ou não. Não é que me contentasse sempre com o que era benéfico para mim (às vezes até me opunha fervorosamente), mas o Jack era um tipo diferente de “não benéfico”. Fazia coisas à minha mente e ao meu corpo que nunca antes experimentara.

Por outro lado, não conseguia tirá-lo da cabeça: cada momento livre que tinha era subitamente preenchido de pensamentos sobre o Jack. Os lábios macios dele, a terna urgência com que me tinham beijado. O cheiro inebriante da sua pele. Aqueles olhos verde-musgo que seguiam tudo o que eu dizia e que depois mergulhavam nos meus para partilharmos um sorriso. Estava lenta e docemente a dar comigo em doida.

– Jack – exclamei, sem conseguir conter um sorriso. Não me ligara porque me tinha dito que me deixaria a mim essa decisão, mas ficara contente quando lhe disse que falaria com ele se o visse na rua.

– Vais para o trabalho? – perguntou ele.

– Sim.

– Queres boleia?

– O quê, para Londres? – perguntei eu com uma gargalhada.

– Sim, claro – disse ele.

– Não, uma boleia até à estação seria mais que suficiente – respondi.

– Está bem, mas uma boleia para Londres não seria incómodo nenhum.

Só quando coloquei o cinto de segurança é que me dei conta de que encontrá-lo ali àquela hora provavelmente significava que tinha saído com alguém e estava a regressar da casa dela. O meu estômago encheu-se de gelo líquido e deu umas quantas reviravoltas. A ideia não me agradava nem um pouco.

– Então, que fazes por aqui tão cedo? – perguntei, tentando manter uma voz descontraída.

– Serviço de permanência – informou ele enquanto conduzia pelas sombrias ruas de Brighton. –

Um dos meus clientes decidiu invadir a casa do vizinho enquanto este se encontrava ausente por uns dias. Isto a despeito do sistema de segurança de alta tecnologia, do cão de guarda e do membro da família que ficou a guardar a casa. Apanhou uma valente tareia ainda antes de ser levado para a esquadra. Não haveria consequências de maior se esta já não fosse a terceira vez que o apanham este ano. Das últimas duas vezes consegui-lhe pena suspensa, mas desta vez não há como fugir. Não lho disse, claro, mas o tipo é um perfeito idiota.

O alívio que senti por ele não ter estado com outra mulher era um pouco embaraçoso, tendo em conta que não pretendia envolver-me com ele.

– Aborrece-te teres de trabalhar a horas tão estranhas? – perguntei.

– Não mais do que a ti te deve aborrecer caminhar até à estação.

– Geralmente vou de autocarro.

De carro, àquela hora da manhã, chegámos à estação em menos de nada.

– Obrigada pela boleia – disse eu, desejando de repente que a viagem fosse mais longa, desejando ter mais tempo com ele. Percebi que pensar no Jack é que me incomodava. A realidade era até muito desejável.

– Tens a certeza de que não queres que te leve a Londres? – perguntou ele, ansioso.

Eu queria dizer que sim, mas...

– Não, não... não quero abusar. Tenho de pôr as minhas leituras em dia no comboio.

Desapontado, o Jack fez um aceno de cabeça e balbuciou um adeus, e eu fiz o mesmo.

Como de costume, a estação já estava apinhada àquela hora da manhã, cheia de gente que, como eu, ia a caminho de Londres ou ainda para mais longe, e tinha de lá chegar bem cedo. Abri caminho por entre a multidão, sentindo-me estúpida. Devia tê-lo deixado levar-me a Londres, teria sido uma boa forma de passar tempo com ele e descobrir se a atração que sentia por ele ia para além de um jantar agradável e de alguns minutos de convívio aqui e ali. Parei de andar, ignorando as pessoas que chocavam comigo e faziam ruídos de desagrado antes de se desviar. Talvez não fosse tarde de mais para voltar a sair e ver se ele ainda por ali andava? Talvez estivesse à minha espera, talvez tivesse ficado para ver se mudava de ideias. Olhei por cima do ombro para as saídas. Tinha sido ele a oferecer-se para me levar. Eu não lhe pedira nada. E ele ficara claramente desapontado quando eu

lhe dissera que não. Talvez o melhor fosse voltar atrás.

Estás doida? dizia a voz da razão dentro da minha cabeça. *Isto não é nenhuma comédia romântica em que tu saís da estação a correr e o encontras à tua espera, pronto para te receber nos braços. É a vida real. Onde acontecem coisas reais. Como apanhar o comboio e ir para o trabalho.*

De todos os pensamentos que me tinham ocorrido naquela manhã, aquele era provavelmente o mais verdadeiro. Voltei-me para as barreiras, o sítio para onde tinha de ir.

– Libby – disse ele, aparecendo de repente à minha frente. Fitei-o, espantada, perguntando-me se estaria a imaginá-lo, se a outra voz na minha cabeça que queria que eu saísse a correr atrás do Jack evocara uma imagem dele para se certificar de que eu não deixaria passar aquela oportunidade.

– Jack – disse eu, cautelosa, sem saber bem se estava a falar com uma aparição ou com uma pessoa de carne e osso.

– Esqueci-me de uma coisa – disse ele.

– De quê?

Antes que me desse conta do que estava a acontecer, antes que pudesse sequer reagir, tinha os braços dele à minha volta e a boca dele na minha. Apertou-me contra si, preenchendo mais uma vez os meus sentidos com a sua essência. Senti-me desfalecer. Os meus joelhos fraquejaram e derreti-me nos braços dele. Enquanto o beijava tive medo de cair quando ele se afastasse, sentindo-me tão fraca como me sentia naquele momento. Enquanto o beijo se intensificava e eu lhe passava os braços em redor do pescoço, o burburinho à nossa volta – os viajantes, os anúncios, o barulho dos motores dos comboios, os murmúrios da manhã – desvaneceu-se até não haver mais ninguém no mundo. Em todo o planeta Terra só restávamos eu e o Jack, ali imersos naquele beijo.

– Suponho que não considerarias chegar um pouco mais tarde ao trabalho para podermos tomar o pequeno-almoço em qualquer lugar? – perguntou ele assim que nos separámos. Estávamos ambos a tocar nos lábios e a olhar um para o outro num assombro silencioso mas deliciado. – Sabes, para conversar ou...

Trémula, como da última vez que nos tínhamos beijado, concentrei-me exclusivamente nele. Não me atrevia a pensar no que as pessoas à nossa volta estavam a fazer, se estavam pasmadas a olhar, a fazer caretas ou a lançar-nos olhares de desaprovação.

Como não lhe respondi, o Jack ficou cabisbaixo, a olhar para os pés, e o seu rosto contorceu-se numa expressão de desapontamento.

– Se não entro a horas, normalmente nem vale a pena ir – expliquei.

Ele não disse nada, limitou-se a fazer um aceno de cabeça, de olhos baixos, com a mágoa da rejeição profundamente marcada nas linhas do rosto.

Ao ver a forma como o cabelo lhe caía para o rosto e a sua linguagem corporal desanimada, senti-me novamente esmagada pelo efeito que ele tinha sobre mim. Porque *seria*? Eu não passava de uma mulher vulgar. Crescera numa casa normalíssima no sul de Londres, com um pai carteiro e uma mãe enfermeira. A minha vida nada tivera de extraordinário, sobretudo depois do nascimento do Caleb. O mundo parecia girar em torno do Caleb desde o dia em que nasceu e eu não me importava. Adorava o meu irmão mais novo e muitas vezes os dramas dele tornavam-se os meus dramas porque eu era

incapaz de o ver sofrer sem fazer qualquer coisa para o tentar ajudar. Na universidade tivera alguns namorados, mas nada de especial, e o cenário repetira-se enquanto estudava para o mestrado e fazia o doutoramento. Em todos os anos da minha existência não me acontecera nada de extraordinário nem de especial. Não até conhecer o Jack.

Não até este homem, este homem que podia ter qualquer uma (que, pelos vistos, tinha tido muitas quaisquer umas) ter começado a interessar-se por mim. O interesse dele era tão inesperado, e no entanto sabia-me tão bem. Eu não sabia porquê, mas, ao contrário dos outros antes dele, o Jack fazia com que me sentisse especial, com que parecesse destacar-me de todas as mulheres do mundo. E dava-me vontade de fazer imensas coisas loucas, irracionais e extraordinárias.

– Talvez possa tirar o dia de folga, então? – sugeri.

O rosto do Jack explodiu num sorriso que me deixou de joelhos vacilantes e, como se o sítio onde estávamos fosse irrelevante, estendeu os braços, puxou-me para si e beijou-me outra vez.

– Agora a Libby vai adormecer. Vamos cuidar de si. Faça uma contagem decrescente a partir de dez.

Dez... nove... oito... sete... seis...

Abril de 2009

Estávamos sem fôlego de tanto rir, trôpegos e completamente encharcados de termos estado no mar a atirar água um ao outro, ligeiramente enjoados do algodão doce que levávamos à boca um do outro.

Depois do beijo na estação de Brighton tornámo-nos inseparáveis. Só não dormíamos na mesma cama. Os últimos seis meses tinham passado a correr, entre encontros despreocupados, beijos gloriosos e conversas ao telefone até de madrugada.

Entre gritos e gargalhadas, corremos aos trambolhões até chegar à manta estendida na praia, a tremer com o frio de abril.

– Então, casas-te comigo ou quê? – perguntou ele quando tombámos sobre os seixos, lutando um com o outro por um cantinho da manta para nos secarmos.

Fiquei paralisada, com a manta a tapar-me a cara. Teria ele dito o que eu pensava que ele tinha dito? Apercebendo-me de que estava em silêncio à espera da resposta, afastei a manta a medo para o encarar.

– Tu acabaste de...?

Ele fez que sim com a cabeça.

Humedeci os lábios, sentindo o sal marinho a picar enquanto se dissolvia na minha língua.

– E que tal se vivêssemos juntos primeiro?

– E que tal se vivêssemos juntos enquanto organizamos o casamento?

– Um casamento é um grande compromisso.

– Eu sei. E quero fazê-lo contigo.

– Nós divertimo-nos imenso, mas...

– Mas casavas-te comigo já amanhã se não nos divertíssemos tanto? – Lançou-me aquele sorriso que durante os últimos meses me fazia sentir como que embriagada, e a minha sensatez e o meu discernimento bateram as asas enquanto se preparavam para levantar voo. Outra vez.

– Um casamento é para sempre – disse eu.

– Eu sei disso.

– Tens mesmo a certeza de que é o que queres?

– Há muito tempo que não tenho tanta certeza de nada. Possivelmente toda a minha vida adulta.

E a Eve?, pensei eu.

– E a Eve? – disse eu sem pensar.

Ao longo daqueles últimos meses o Jack tinha-me falado dela, claro. Mencionava-a de passagem mas não tínhamos tido grandes conversas sobre o assunto, e eu não tivera coragem de arruinar aquilo que havia entre nós com perguntas indiscretas. Podia ter pesquisado na Internet para me informar sobre a morte dela, mas isso seria violar a privacidade do Jack e a confiança dele em mim. Se queria saber mais sobre ela devia perguntar, em vez de tentar descobri-lo por portas travessas, pelas costas dele.

O olhar do Jack não vacilou.

– Não quero que este momento, esta decisão, seja de mais ninguém. Depois, quando tiveres dito sim ou não, podemos falar sobre o que quiseses e sobre quem quiseses. Mas agora não: isto é sobre nós os dois.

– Para sempre.

– Para sempre.

O vento varreu a praia, entranhando-se-me na pele. O frio começara a instalar-se devido à roupa molhada. Estremeci, mas não fiz nada para me secar.

Ele também tremia, obviamente tão enregelado pela humidade e pelo frio como eu.

– Eu não tencionava pedir-te em casamento, já agora – disse ele. – Saiu-me, mas soube logo que o tinha feito porque quero realmente casar contigo. Não quero simplesmente viver contigo, quero assumir um compromisso permanente.

Algo me disse para ter fé. Para me deixar levar pela corrente e dar o salto. Era a voz que queria que eu saísse a correr da estação de Brighton para ver se o Jack ainda estava parado lá fora e deixá-lo levar-me a Londres. Era a parte louca e insensata de mim que provavelmente seria melhor ignorar, mas também era a voz que falava mais alto quando o assunto era o Jack. *Além disso*, sussurrava a voz alucinada à voz da razão, *posso sempre mudar de ideias mais tarde, não posso? Não posso?*

– Está bem, sim. Sim, caso contigo.

– E vens viver comigo antes do casamento? – insistiu ele. Não pude evitar um sorriso.

– Sim, e vou viver contigo antes do casamento.

Por uns instantes o mundo parou, e permiti-me a indulgência de fazer algo imprudente e irrefletido porque estava loucamente apaixonada e não tinha de me preocupar com as consequências.

capítulo dois

Quase toda a gente diz que odeia hospitais. A mim não me incomodam assim tanto – pelo menos gosto mais deles que de casas mortuárias. E cemitérios. Quando dizemos isto às pessoas, geralmente começam a pensar como nós. Ou calam-se por não saber o que dizer.

Estou a começar a odiar este hospital. Ando a percorrer o corredor de cá para lá há uma eternidade e ainda não estou mais perto de descobrir se a Libby vai ficar boa. *Tem* de ficar, vai ficar, mas preferia que alguém pudesse confirmá-lo. Em vez disso, têm-me retido nas Urgências com perguntas estúpidas e testes de memória, e pedem-me para ficar sentado e quieto para poderem tratar das minhas feridas. Feridas? Uns quantos cortes e uma abrasão insignificante provocada pelo *airbag* não são feridas. Hemorragias internas e externas, estar tão assustado que não se consegue produzir sons quando se fala, morrer tecnicamente na ambulância – estes sim, são os resultados de feridas realmente graves, as da Libby.

Involuntariamente, a imagem da Libby retorcida e aprisionada dentro da amálgama de metal que foi outrora a menina dos meus olhos vem-me à memória e, como tem feito desde o acidente, rasga um novo buraco no fundo do meu ser. Tentei alcançá-la, queria ficar e segurar-lhe na mão, mas os bombeiros disseram que não. Tinham sido treinados para estar no interior dos destroços durante o desencarceramento das vítimas, e eu não. *Mas vocês não a amam como eu*, quis dizer-lhes enquanto dois deles me enfiavam na ambulância à força. *Na hora da verdade, se tivessem de escolher entre vocês e ela, escolhiam-se a vocês. Eu escolhê-la-ia a ela. Sempre.*

Esta espera está a dar cabo de mim. O que será que está a levar tanto tempo? Segundo me disseram havia uma hemorragia interna, sobretudo por causa do baço, e desconfio que os golpes profundos que tinha na pele eram tão graves como pareciam. Os médicos pareciam tão seguros e ter tanta certeza do que estava mal e de como resolver o problema que por esta altura esperava já ter tido notícias. Que já soubessem se vai ficar boa. Se vai recuperar e voltar ao que era. Encosto a cabeça à máquina de café e tento respirar. Tento retirar algum conforto do facto de que a falta de notícias é boa notícia, e quanto mais tempo estiverem lá dentro, mais tempo devem estar a dedicar ao tratamento da minha mulher.

– Sr. Britcham, que coincidência encontrá-lo por aqui. – A voz dela é a matéria de que os pesadelos são feitos, e a cara dela não é muito melhor. Não é que seja feia, é a simples presença dela que é horrenda. Costuma dizer-se que a beleza é apenas superficial. A fealdade, no que toca a esta mulher, vem-lhe do âmago, rasteja-lhe pelas artérias e pelas veias, invade-lhe os órgãos e emana para o exterior para mostrar ao mundo como realmente é.

Endireito-me e dou meia-volta para encarar a mulher que me persegue como um fantasma. É pequena e andrógina. O cabelo curto e castanho enaltece-lhe a pele amarelada, o nariz arrebitado e os olhos redondos, cheios de malícia. Provavelmente já contava com o meu olhar mal-humorado,

pois sorri-me enquanto saca do bolso um bloco de notas e uma esferográfica.

– Sra. Morgan – digo eu.

– Inspetora Morgan, para si – corrige ela. – Ou pode chamar-me Maisie, se desejar. Afinal de contas temos um relacionamento especial, não temos, Jack?

O agente à paisana que está mesmo atrás da inspetora é tão genérico como ela. Não o reconheço. Provavelmente nunca prendeu ninguém que eu tenha representado, e de resto estes agentes não costumam perder o seu tempo com a arraia-miúda de que eu me ocupo.

– Então, Sr. Britcham, ou melhor, *Jack* – diz ela, levantando a esferográfica com um gesto dramático e encostando a ponta ao bloco de notas – quer contar-me o que aconteceu?

– Destacaram-na para um trivial acidente rodoviário? – pergunto-lhe. – Que fez você para ser despromovida?

– Lamento desapontá-lo, Jack, mas quando ouvi dizer que não se tratava de um acidente qualquer, já que os envolvidos eram você e a sua mulher, *tive* de vir para ver com os meus próprios olhos como é que você justifica a morte de outra mulher.

Tem uma forma de modular o discurso que o faz parecer sarcástico e condescendente, mas, mais que isso, é como se fôssemos culpados de algo que ela acabará por descobrir.

– Ela não vai morrer.

– Esperemos que não, não é? Porque seria muito difícil justificar a morte de duas esposas em que *o marido é a única testemunha*, não?

– O que não faltava era testemunhas no local e alguém colidiu contra nós, não o contrário.

– Hummm, mas não lhe parece estranho que o seu *airbag* tenha funcionado e o da sua mulher não?

– O *airbag* do passageiro vinha com defeito. Tencionava mandar repará-lo, mas nunca cheguei a fazê-lo. Odeio-me por isso.

– A sua mulher tinha conhecimento de que o *airbag* não estava operacional?

– Sim – digo eu entredentes.

– Uma pessoa desconfiada poderia comentar que isto era um acidente à espera de acontecer. Ou devo antes dizer um acidente *destinado* a acontecer?

– Se tem algo a dizer, Sra. Morgan, diga-o de uma vez.

Ela abana a cabeça, contorce a boca num esgar mesquinho e ergue ligeiramente uma sobrancelha.

– Não, nada. Interrogo-me apenas se a sua segunda mulher sabe que ser casada consigo deveria incluir um alerta de saúde. Qualquer coisa sobre uma esperança média de vida reduzida.

– Se tem provas de que eu matei... – ainda é difícil para mim dizer o nome dela. Tento não o fazer quando estou com a Libby, mas em geral é um nome que me faz nascer um soluço na garganta, um nome que me arranha a língua com a memória dela quando o pronuncio. – ... a Eve, então apresente queixa e iremos a julgamento. Caso contrário, gostaria que me deixasse em paz.

– Mas, Jack, se eu o deixasse em paz iria ficar a pensar que se safou desta, e eu não posso deixar que isso aconteça.

Quer que eu perca a calma, quer que lhe grite, quer que lhe mostre o meu outro lado. Fez o mesmo durante os interrogatórios, da última vez: provocava-me e acirrava-me até eu perder a cabeça. Depois perguntava: “Foi isto que aconteceu? Ela atormentou-o com o passado dela e você matou-a

acidentalmente? Seria compreensível, algumas mulheres conseguem levar os homens a extremos. Fazem coisas que estão mesmo a pedir um par de bofetadas para as manter na linha. Foi isso que aconteceu? Nós compreenderíamos se fosse.” E mesmo cheio de raiva eu dizia-lhe que era incapaz de fazer uma coisa daquelas a alguém, muito menos à Eve. “Eu amo-a”, repetia eu vezes sem conta. “Eu amo-a. Como é que se pode matar alguém que se ama?”

– Vai registar o meu depoimento sobre o acidente ou não? – pergunto eu com toda a calma.

Fica um pouco melindrada por eu ter ignorado o seu último ataque verbal.

– Mas é claro, deve dar uma leitura de cabeceira muito interessante. – Abre o bloco de notas numa folha em branco e volta a erguer a esferográfica com um gesto dramático. – Força, Jack.

Atrás dela vejo o cirurgião que falou comigo antes de operar a Libby. Ainda traz a touca cirúrgica na cabeça e a máscara por baixo do queixo, e tem um ar preocupado. Tenho a sensação de que o meu coração saltou de um avião a grande altitude sem paraquedas e se encontra em plena queda livre.

Reúno toda a minha coragem e contorno a agente da polícia para ir ao encontro dele.

– Sr. Britcham – diz o médico. Não me tinha apercebido, até o ouvir dizer o meu nome, de que já me tinha preparado para o pior.

Abril de 2009

– Fala-me da Eve.

Desde que tínhamos oficialmente decidido casar, quarenta e oito horas antes, dormíramos juntos na mesma cama duas vezes, encostados ou virados um para o outro, de mãos dadas ou a acariciarmo-nos mutuamente, numa confusão de pernas. Tocávamo-nos e abraçávamo-nos sem a pressão ou a necessidade de ir mais além. Estávamos na minha cama, no meu minúsculo apartamento, por isso senti-me à vontade para perguntar. Não teria sido capaz de o fazer na casa dela, reclinada em lençóis que provavelmente tinham sido escolhidos por ela.

– O que queres saber? – perguntou ele num tom de voz uniforme, embora todos os músculos do seu corpo se tivessem retesado e tivesse deixado de correr a mão ao longo do meu corpo.

– Como ela era; como vocês se conheceram; se eram felizes. Como morreu ela? – Encolhi os ombros, dando-me subitamente conta da magnitude do assunto que tinha trazido à conversa. – Sei lá, nem sei o que perguntar. É só que provavelmente há coisas que devia saber.

– Bem, não sei o que devo ou não dizer-te, por isso tens de me ajudar. Faz-me perguntas e eu tentarei responder.

– Está bem. – Aninhei-me na almofada, preparada para o observar atentamente enquanto respondia às minhas perguntas, embora parte de mim preferisse fingir que ela não existira. Dissera-lhe tudo o que havia a dizer sobre mim, o que não era muito: não tinha ninguém no meu passado que ainda pudesse reivindicar o meu coração. Por isso é que gostaria de poder fazer de conta que a Eve nunca existira, para que eu e o Jack pudéssemos começar em pé de igualdade, entregar os nossos corações um ao outro sabendo que nunca o tínhamos feito inteiramente.

O Jack sentou-se na cama, puxando o edredão até à cintura e encostando-se à cabeceira de ferro forjado. O rosto dele, de cenho levemente franzido, começava já a retrair-se e os seus olhos vagueavam a meia distância.

Inspirei fundo antes de fazer a pergunta. Era o início de uma nova etapa no nosso relacionamento, o fim da despreocupação dos últimos tempos. A realidade acabara de entrar no nosso mundo.

– Como morreu ela, a Eve?

Ele passou a mão pelo cabelo louro-escuro, com uma expressão cada vez mais fechada enquanto se virava para mim e forçava um pequeno sorriso.

– Não comesas com coisas simples, pois não? – disse ele sem humor. Inspirou profundamente, expandindo o tronco, e expirou ruidosamente pela boca. – Ela... ninguém sabe ao certo. Encontrei-a ao fundo das escadas, em casa. Parecia ter tropeçado na batinha das calças e partido o pescoço ao cair.

Pousei-lhe uma mão no antebraço, horrorizada com o que me descrevia.

– Ninguém sabe ao certo porque eu não me dei conta de que não devia tocar-lhe. Devia tê-la deixado exatamente como a encontrei para que a equipa forense pudesse examiná-la como deve ser, e medir todas as distâncias, e estudar todos os cenários possíveis de como tinha caído de acordo com a posição das pernas e dos braços, e de acordo com a distância a que estava do último degrau, etc., etc. – Gesticulava enquanto falava. – Não sabia de nada disto por isso, feito estúpido, quando encontrei a minha mulher ao fundo das escadas tomei-a nos braços e tentei fazê-la despertar e falei com ela, e supliquei-lhe para não me fazer aquilo, e prometi fazer tudo o que ela quisesse se ao menos acordasse. A seguir pedi a Deus que a deixasse viver e faria tudo o que fosse preciso, até lhe ofereci a minha vida inútil em troca da dela. Depois lembrei-me do telemóvel e chamei uma ambulância e pedi-lhes para se despacharem porque achava que ainda a podiam salvar, tudo isto enquanto a apertava nos braços e imaginava poder sentir o calor, a própria vida, a regressar ao corpo dela. Não me dei conta de que estava a adulterar a cena de um crime.

– Oh, Jack – disse eu, sentando-me para passar os braços em volta dele e puxá-lo para junto de mim. Após uns momentos de resistência ele deixou-se ir e apoiou a cabeça no meu peito, deslizando para baixo na cama para me deixar reconfortá-lo. – Oh, Jack.

Ficámos em silêncio. Eu tentava digerir, processar, a enormidade daquilo por que ele devia ter passado: encontrá-la assim, tentar reanimá-la, e segurar nos braços o corpo sem vida até chegar ajuda. Mas não havia ajuda possível, ninguém podia ajudá-los, era tarde de mais. Era simplesmente mais gente a chegar. Mais gente para testemunhar a tragédia que atingira o Jack e a Eve.

– Nada daquilo fazia sentido. A Eve não era desastrada, nunca a vi tropeçar nem esbarrar em coisas, mas também é certo que usava sempre as calças demasiado compridas e andava sempre a correr pelas escadas, e para cair basta um momento de distração. Não sei porquê, mas continuo a não conseguir imaginá-la a cair das escadas sem motivo aparente.

O corpo dele voltou a ficar tenso. Não podia ver-lhe o rosto, mas soube que estava mais uma vez contorcido pela amargura.

– A polícia também não acreditava no cenário, por isso lançaram uma investigação de homicídio.

– Por não conseguirem imaginá-la a cair das escadas?

– E não só. O andar de cima parecia ter sido saqueado, apresentava o que eles pensavam ser sinais de luta, mas nenhum sinal de entrada forçada, por isso surgiram com a ideia de que se calhar não tinha sido um acidente, de que talvez alguém a tivesse “ajudado” a cair das escadas. Ou talvez já tivesse o pescoço partido e tivesse sido atirada pelas escadas abaixo para disfarçar o crime. Não conseguiram concluir nada a partir da cena do acidente, claro, porque o corpo tinha sido movido.

Uma sensação de frio começou a rastejar-me pela espinha acima, lenta como uma lagarta num ramo.

– Prenderam-me dez dias depois.

– Oh, céus, Jack.

Ele aconchegou-se mais a mim, parecendo felizmente retirar algum consolo da minha presença.

– Eu estava-me nas tintas. Ela estava morta, nada podia trazê-la de volta e deixei de me importar com o que quer que fosse. Respondi às perguntas deles numa espécie de torpor. Nem sequer pedi um advogado.

Acarinhá-lo e tentar tranquilizá-lo era a única coisa que eu podia fazer, mas não parecia ser suficiente.

– Nem sei quanto tempo estive detido, tinha os sentidos embotados. O meu pai veio e pôs fim a tudo. Disse-lhes que se não tinham provas tinham de me deixar ir embora. Eles libertaram-me, mas avisaram que o caso ficaria em aberto. Fiquei furioso com o meu pai por ter acabado com a tortura. Não queria que me salvassem, queria ficar, porque embora estivessem a acusar-me de algo terrível, enquanto ali estava não andava por aí, num mundo onde ela já não existia, e onde tinha de pensar em funerais e em encaixotar as coisas dela e acordar um dia após outro sem ela.

– O teu pai não tinha outro remédio, Jack. Compreendes, não? És filho dele, não podia deixar-te ser submetido àquilo nem um segundo mais que o necessário. É o que os pais fazem. Certamente és capaz de entender isso.

– Claro que sim. Mas naquela época... as coisas com o meu pai foram sempre muito complicadas. É difícil explicar a alguém que não cresceu com um pai como ele. Eu idolatrava-o (é tão bem-sucedido em tudo o que faz) e queria ser exatamente como ele. Mas aos quinze anos, quando chegou a altura de ter de provar que queria ser como ele em todos os aspetos, não estive à altura. Desde então deixou bem claro que não me considera suficientemente bom, que não sou tão homem como ele. Aos olhos dele nunca faço nada bem feito: prefiro futebol a rãguebi, recebi convites “fáceis” para Oxford e Cambridge, escolhi Oxford embora ele tivesse frequentado Cambridge, e não fui o melhor do curso. Segui-lhe os passos na carreira jurídica, mas recusei-me a deixá-lo ajudar-me a arranjar um emprego. Por isso é que fiquei tão furioso quando, no meio de tudo aquilo por que estava a passar e que ele nunca entenderia, ele decidiu invadir a minha vida para salvar o dia e aquilo que considerava ser a minha patética vida. Tive vontade de o esmurrar, mas, ao mesmo tempo, queria que alguém tomasse conta de mim. Estava confuso e revoltado. Não ofereci resistência quando ele e a minha mãe enfiaram alguns dos meus pertences numa mala e me levaram para casa deles. Tomaram a seu cargo a maior parte dos preparativos do funeral e disseram-me o que fazer no dia, o que dizer, onde ficar, a quem agradecer as condolências. Não penso nesse dia como o funeral da Eve porque não foi nada como ela teria desejado.

– Como assim?

– Foi elaborado e ostentoso, e como não tinha família havia imensa gente que ela mal conhecia. Houve sermões, leituras da Bíblia e cânticos, quando em toda a sua vida adulta ela nunca pôs os pés dentro de uma igreja. Fiquei simplesmente grato por poder representar o papel de marido desgostoso e não participar. Fiquei nos bastidores, vestido de preto, a acenar e a apertar as mãos que me estendiam e a aceitar chávenas de chá.

– Mas tu não estavas a representar o papel de marido desgostoso, tu *eras* o marido desgostoso.

– O que eu quis dizer é que permanecer discretamente à margem encaixava-se na ideia que eles tinham de um marido desgostoso, quando na realidade estar ali era apenas algo que eu tinha de fazer. Não foi, como deveria ter sido, a minha oportunidade de lhe dizer adeus. Só o fiz muito mais tarde, quando fui à Bartholomew Square no que teria sido o aniversário do nosso casamento e me sentei num banco a ver os casais recém-casados a sair. Vi-os a iniciar as suas vidas em conjunto, recordando aquela sensação. Foi nesse dia que me despedi da Eve.

– Vocês casaram-se no Registo Civil de Brighton?

– Sim. Como já disse, a Eve não gostava de espalhafato. Queríamos um casamento discreto, com um mínimo de confusão. Ela usou um vestido que já tinha há anos e as únicas pessoas presentes eram a Grace e o Rupert, que compareceram como nossas testemunhas.

Senti-me muito pequena diante da Eve. Diante do amor que o Jack obviamente lhe devotava. Diante da forma como procurava o sofrimento porque ela desaparecera da sua vida, e da forma privada, discreta, íntima como conduziam o relacionamento. Nunca me passaria pela cabeça que alguém como o Jack, um homem que conduzia um carro de luxo, usava quase exclusivamente roupas de estilista e possuía uma vivenda enorme, pudesse casar de forma tão simples e modesta.

Era a Eve, obviamente. Era ela que trazia à tona o lado profundo dele, o lado dele pelo qual eu me apaixonara. Devia ter sido uma mulher extraordinária.

Teria eu a mesma influência sobre ele? Porque ele ainda tinha o seu lado pomposo. Ainda tinha momentos em que queria dar nas vistas e mostrar que era o maior, o que me deixava perplexa. Aparentemente a Eve conseguira temperar aquelas tendências. De imediato ou ao longo do tempo?

– Que mais queres saber? – perguntou ele, de má vontade. Ele não queria dizer mais nada, e eu não queria saber mais nada, pois de repente tive muito medo do amor e do desgosto que ele sentia por ela. Era imenso e inatacável, e provavelmente significava que nunca teria espaço suficiente para mim no seu coração. Estaria constantemente a tentar encaixar-me nos espaços livres em redor da vastidão que a Eve ainda ocupava.

– Eh, nada – respondi. – Bem, nada, não. Quer dizer, já falámos de coisas muito importantes, por isso que tal continuar a conversa noutra altura?

O Jack levantou a cabeça e observou-me durante uns instantes.

– Tens a certeza? Não quero que sintas que te estou a esconder coisas.

– Não acho que me estejas a esconder nada. É só que isto está a ficar um pouco intenso; talvez seja melhor darmos um passo atrás.

Num instante, pôs-se de joelhos, a franzir-me o sobrolho.

– Estás a dizer-me que não queres casar?

Era isso que eu estava a dizer? Não fora uma intenção consciente, mas, agora que ele falava no assunto, talvez fosse o que eu estava a tentar insinuar. Começava a pensar que talvez ele não estivesse preparado. Não se supera um amor assim em três anos. Provavelmente nunca se supera. Porque há de uma pessoa querer casar com alguém quando o seu coração já tem dono?

– Talvez seja melhor esperar mais um pouco? Não há pressa, pois não? Podíamos continuar a namorar e...

– Só me apaixonei por duas mulheres na vida – interrompeu ele. – A Eve, e agora tu. São diferentes tipos de amor porque vocês são diferentes. Mas, Libby, que fique bem claro: amo-te e quero passar o resto da vida contigo.

Respirando fundo, com inspirações e expirações lentas e firmes, olhei para os montes e vales que os nossos corpos faziam sob o edredão branco.

– Não posso fingir que a Eve nunca existiu – disse ele, – tal como não posso fingir que não és a pessoa mais importante para mim neste momento. Amo-te tanto como a amo a ela. Como a *amava*.

– Não sei nadinha sobre relacionamentos de longo prazo, e sei menos ainda sobre casamentos, já que nunca estive em nenhum dos dois, mas sei que tenho...

– Medo de que não te ame tanto como amei a Eve? De que não seja capaz de te amar da mesma forma por ainda estar apaixonado por ela?

Assenti, cabisbaixa, envergonhada por aquilo parecer tão petulante e infantil quando mo repetiam. Detestava mostrar-me tão carente e tão insegura.

– Ela faz parte do passado, juro-te. Tu és o meu presente e o meu futuro. Não posso, nem quero, reescrever o passado, mas – aproximou-se de mim, tomou as minhas mãos nas dele e esperou que eu levantasse a cabeça para olhar para ele, – amo-te.

Desta vez foi diferente, quando ele o disse. Já mo dissera antes e era maravilhoso ouvi-lo, mas desta vez surgira um elemento novo: a convicção de que era eu quem ocupava a maior parte do coração dele. Tudo o que nele sentia alguma coisa, era por mim que a sentia. Desta vez não podia confundir o significado daquelas palavras:

– A ti. Só a ti.

Acenei com a cabeça, indicando que entendia.

– Sempre casas comigo? – perguntou ele com um grande sorriso.

Voltei a acenar.

O sorriso dominou-lhe o rosto.

– Vamos ser tão felizes, vais ver. Prometo-te: vamos ser muito, muito felizes.

A primeira vez que *reparei* na Libby foi alguns minutos depois de ter começado a falar com ela. Foi depois de ela me dizer que eu não tinha talento nenhum para pedir desculpa nem para a subtileza.

Intrigara-me ao sair do salão de vendas quando eu lhe interrompera a compra do carro, mas foi o desdém que lhe torcia os lábios e lhe erguia a sobrancelha, deixando-a de narinas frementes, que me atingiu como um pontapé no estômago. Não reparou no meu olhar a percorrer-lhe o corpo enquanto se afastava, furiosa: as pernas esguias em calças de ganga, formando um declive suave até à curva elegante do traseiro; a firmeza e as formas generosas da cintura e do peito; o arco gracioso do pescoço antes de desaparecer sob a massa de cabelo negro, liso e brilhante.

Quando me fulminou com o olhar, recusando-se terminantemente a deixar-se influenciar pelo meu segundo pedido de desculpas, foi como se estivesse a vê-la pela primeira vez e senti uma comoção pouco familiar, tão potente como a detonação de uma bomba no meu peito. Era a eclosão de algo que eu julgava morto há muito tempo. *Gostei* dela, e naquela época gostar de alguém era uma raridade. Eu era incapaz de gostar das pessoas, sobretudo de mulheres, e sobretudo de uma forma não-sexual. Estava consumido por um egoísmo e uma arrogância de que não me atrevia a prescindir até encontrar uma nova máscara atrás da qual pudesse esconder-me. De repente tinha um motivo para querer ser uma pessoa diferente, porque a mulher que tinha à minha frente só veria com bons olhos um transplante de personalidade.

– Dessa última parte não posso discordar – respondeu-me ela quando eu lhe disse que tinha sido um idiota por ter prejudicado o negócio de Gareth, e naquele momento soube que tinha de arrepiar caminho. A Grace andava há meses a dizer-me que não podia continuar indefinidamente a fazer o que fazia: a levar mulheres para a cama e depois a dizer-lhes que não estava preparado para um relacionamento, mas queria que fôssemos amigos. Tinha razão, claro, mas eu não fizera caso das palavras dela até ter a Libby à minha frente a dizer-me que não gostava de mim.

De repente senti-me como um adolescente apaixonado pela miúda mais gira do liceu: ansioso por fazê-la reparar em mim; a desesperar por uma oportunidade.

Agora estou sentado à beira da cama dela, a observá-la no seu sono induzido por fármacos, segurando a sua mão direita entre as minhas como que em oração. Quero rezar por ela e por nós, mas há muito que virei as costas a Deus, e agora seria uma hipocrisia voltar-me para Ele – sobretudo se responder como da última vez, se deixar morrer a minha mulher.

– Libby, minha bela Libby – sussurro eu no silêncio do quarto do hospital. Tem o lado esquerdo do corpo roxo e inchado, e grandes áreas do rosto e da cabeça cobertas de ligaduras. Está ferida e mutilada, desfigurada.

A alguma distância só vejo uma massa disforme de lesões e ligaduras, mas de perto há partes dela que permanecem tal como eram antes.

A curva do maxilar do lado direito do rosto não foi atingida. Reparei na estrutura óssea dos seus traços faciais quando ergueu o rosto para acolher a chuva repentina naquela tarde de julho. Tive vontade de correr o dedo ao longo do contorno do rosto dela.

Os seus lábios carnudos e redondos também não têm marcas do acidente. Apeteceu-me beijá-los para limpar as migalhas de croissant quando tomámos o pequeno-almoço no parque, e também naquela noite no corredor, mas tive tanto medo de onde me poderia levar que, em vez disso, estupidamente, apliquei-lhe “a rotina”.

Os olhos cor de avelã, de enormes pupilas negras, estão fechados e intactos, e são a minha parte preferida dela. Muito do que está prestes a dizer começa nos seus olhos. Ainda carrego as cicatrizes da expressão que lhe vi nos olhos quando fui vê-la depois de termos tido sexo pela primeira vez. Evitara o meu olhar até me fazer confirmar que seduzia regularmente e tinha relações sexuais com mulheres no vestíbulo da minha casa, e depois os olhos dela explodiram numa agonia que me trespassou o coração. Pensei já ter experimentado toda a dor que havia para sentir três anos antes, mas naquele momento de fragilidade ela fez-me perceber o meu engano.

A testa dela, onde a beijara depois do sexo, está praticamente incólume.

Todos os traços do seu rosto, feridos ou não, são perfeitos, um lembrete do processo inebriante, arrebatador, revigorante, e enriquecedor de me apaixonar por ela.

Quero que acorde. Quero que acorde e fale e que me diga que tudo se resolverá. É injusto, eu sei. Devia ser ao contrário. Eu é que devia ser forte e prometer-lhe por palavras e ações que vamos superar tudo isto. Mas como posso eu fazê-lo quando ela está deitada numa cama de hospital, neste estado?

capítulo três

Estive inconsciente durante vinte horas. Pelo menos foi o que me disseram.

Acordei num quarto de hospital, rodeada de aparelhos médicos e com a sensação de que nada é real. Sinto-me terrivelmente desligada do mundo à minha volta e do corpo em que estou. Não sei bem se é da dor ou dos analgésicos, mas estou sempre a querer tocar nas coisas para ver se são sólidas e reais, e ao mesmo tempo tenho medo de o fazer caso não o sejam. Caso se dissolvam ou se deformem ao toque. Isso significaria que ainda estou a dormir. Ou que nunca mais vou acordar.

Os meus pais, a Angela, a Grace, o Rupert, o Caleb, o Benji e os pais do Jack (a Harriet e o Hector) estão lá fora à espera enquanto o médico e o Jack reconstroem o que aconteceu. Até agora disseram-me que estive inconsciente durante vinte horas em vez das planeadas vinte e quatro porque acordei assim que reduziram as substâncias que me mantinham desacordada; perdi muito sangue, e precisei de uma quantidade significativa antes e durante a intervenção cirúrgica; fui operada para repararem a rutura do baço, intervenção que foi um sucesso; tenho uma fratura numa das costelas do lado esquerdo e contusões graves nas outras; tenho ferimentos graves no lado esquerdo do corpo que acabarão por melhorar com o tempo; o acidente foi provocado por um homem que se distraiu ao telemóvel e calculou mal o espaço necessário para executar uma manobra arriscada.

Na verdade o que eles me estão a dizer é que tenho sorte em estar viva. E eu estou sempre a romper em lágrimas.

Os episódios de choro não duram muito tempo, mas sempre que recomeço o médico interrompe-se e espera que me acalme. Abafo as lágrimas ou deixo-as secar no rosto, pois não me atrevo a tocar em nada (muito menos em mim própria) com receio de que não seja real. De que eu não seja real.

Vejo que me estão a esconder alguma coisa. Não sei o quê, mas é importante. Acho que ainda posso andar porque se tentasse mexer as pernas elas mexer-se-iam; sei que posso falar porque disse o meu nome e a data ao médico quando ele pediu.

Gostava que me dissessem qual é o problema. Grossas trepadeiras de medo apressam-se a criar raízes na minha mente e no meu corpo, e dentro em pouco terão crescido de forma descontrolada e será quase impossível pensar ou respirar.

Também gostava que o Jack me pegasse na mão, que estivesse mais perto e olhasse mais para mim. Parece distante e abstraído embora esteja mesmo aqui ao meu lado. Se isto estivesse mesmo a acontecer eu sentiria o calor do corpo dele. Talvez ele não esteja aqui. Talvez ele não seja real. Se calhar é isso que o médico me está a esconder. Se calhar ele morreu.

De repente, em pânico, sem me importar se o mundo é moldável e irreal, estico um braço pesado e dolorido para lhe tocar. É tão sólido e real como qualquer coisa pode ser neste momento. É quente, ao contrário do que se esperaria de um fantasma. E retrai-se. Instintivamente, de forma automática, retrai-se quando lhe toco, afastando-se um pouco. Deixo de prestar atenção ao médico e torço-me o

mais que posso para olhar para ele, para tentar perceber porque não quer que lhe toque.

– Jack? – digo eu.

– Libby? – responde ele, virando-se para mim. Está a tentar controlar a expressão do rosto, a tentar não entrar em desespero. É por causa dela. Por causa da Eve. Por eu quase lhe ter feito o que ela lhe fez.

Certa noite, cerca de três meses depois de nos termos decidido casar, embriagou-se de tal forma que mal conseguiu chegar ao quarto do meu minúsculo apartamento. Quando tombou na cama, completamente vestido, começou a pedir-me para prometer que não morreria antes dele. Se tivesse de morrer, deveria avisá-lo com antecedência para que ele pudesse acabar com a própria vida e não tivesse de viver sem mim. “Não posso”, disse ele, “enterrar outra esposa”.

Provavelmente tem andado a esconder o pavor de ter de passar por tudo aquilo outra vez.

– Não é nada – digo eu, voltando a reclinar-me nas almofadas que me mantêm sentada na cama. – Não é nada.

O Jack assente e volta novamente a atenção para o médico.

O meu marido está aterrorizado, magoado e também zangado comigo. Entendera a minha recusa silenciosa de lhe fazer tais promessas como um acordo tácito em como não morreria primeiro. E agora, claro, quase quebrei a promessa.

– O último assunto de que queria falar-lhe tem a ver com os ferimentos que sofreu na cabeça e no rosto – diz o médico suavemente.

– Está bem – digo eu, determinada a não chorar desta vez. A mão de Jack encontra de repente a minha, sobressaltando-me, e o medo aperta-me de tal forma que não consigo respirar.

– Não há uma forma fácil de lhe dizer isto, Sra. Britcham, mas a senhora sofreu lesões bastante extensas no couro cabeludo, o que significa que tivemos de rapar uma quantidade significativa de cabelo do lado esquerdo para poder tratá-las.

O meu cabelo? Levo a mão livre à cabeça, mas só sinto ligaduras e não consigo localizar nenhuma área rapada. Na verdade, ainda sinto os fios negros e macios que compõem o meu cabelo. Passo os dedos por eles e parecem-me reais, não parecem ter sido danificados nem rapados. Talvez ele esteja apenas a ser melodramático e só tenham tido de rapar uma pequena parte que, com um penteado inteligente, possa esconder até que volte a crescer.

– Também sofreu lesões no rosto, sobretudo do lado esquerdo. Esperamos que recupere completamente destes ferimentos, e o cirurgião que tratou do seu rosto fez o melhor que pôde para não deixar marcas, mas vai ficar com algumas cicatrizes.

– Cicatrizes? Muitas? – pergunto eu, amedrontada. É nestas alturas que costumo rebentar em lágrimas, mas neste momento não tenho vontade de o fazer. Tenho vontade de atirar para trás os lençóis e correr pelo quarto à procura de um espelho.

– As lesões eram muito graves e, como já lhe expliquei, bastante extensas.

As lesões extensas não deixam apenas “algumas” cicatrizes. Olho para o Jack. Está a olhar fixamente para o médico, a tentar controlar a expressão, a esforçar-se para não chorar. Agora sei porque ainda não olhou para mim: é mesmo grave.

– Preciso de um espelho – digo eu ao médico.

– Acho que neste momento isso não iria ajudá-la.

– Preciso de um espelho! – repito, com o medo e o desespero a fazerem-me levantar a voz.

– Amanhã – insiste o médico, imperturbável. – Vamos tirar-lhe as ligaduras, e nessa altura poderá

ver os seus ferimentos.

Amanhã? Faz alguma ideia da eternidade que isso representa quando nos largam uma bomba destas nas mãos?

– Vou chamar a enfermeira para lhe ensinar como gerir a administração do analgésico para o alívio da dor. Tente dormir, Sra. Britcham.

– Obrigado, doutor – diz o Jack quando o médico abandona a divisão.

Toco no lado esquerdo do rosto e sinto a ligadura pegajosa que cobre uma boa parte. Sinto o rosto inchado e dorido. Tochar-lhe mais que uma vez provoca-me dores horríveis no rosto e no couro cabeludo.

– É muito mau? – pergunto ao Jack.

Por fim, lentamente, como se já não pudesse mais evitá-lo, o Jack vira-se para olhar para mim.

– Não sei, não vi nada.

– Mas eles acham que é mau, não acham?

De repente ele abaixa-se até ficar à minha altura e prende a minha mão nas suas como se estivesse a tentar tranquilizar-me e proteger-me ao mesmo tempo.

– Aconteça o que acontecer, vamos enfrentar isto juntos – diz ele. – Vai correr tudo bem.

Eu assinto com um gesto, sabendo que, tal como eu, ele não acredita no que diz.

Nunca me considerei feia.

Também nunca me olhei ao espelho e me achei extremamente bela. Surpreende-me que outras pessoas o façam, que sejam capazes de estabelecer juízos de valor tão firmes sobre si próprias (sobretudo as que aspiram a tornar-se modelos) só de olhar para o espelho.

Estou a olhar-me ao espelho, e é como se me estivesse a ver pela primeira vez.

Não sou feia.

Os meus olhos castanhos, quase negros, estão raiados de sangue. Tenho um nariz largo e achatado e a minha pele possui um tom castanho-escuro uniforme que é fácil realçar com um pouco de base. A minha testa é ligeiramente arqueada e o meu queixo pequeno e discreto. Tenho lábios grandes e carnudos.

Não sou feia. Tenho um ar um pouco cansado, talvez, o que não é de admirar dadas as últimas quarenta e oito horas. Mas no essencial não pareço diferente. Esta sou eu. Toda a minha vida adulta assim fui. E não sou feia.

Até que dou tempo à minha visão para se tornar mais nítida, e a Libby que vejo no espelho deixa de ser uma imagem difusa. E vejo quem sou agora. Hoje. Neste preciso momento.

Na face esquerda, da orelha até cerca de um quarto da linha do cabelo, e depois para trás até à nuca, não tenho cabelo. Em seu lugar, vejo a superfície rapada do meu couro cabeludo castanho com uma cicatriz irregular da cor do sangue, suturada com grossos pontos pretos, no sítio onde a minha cabeça colidiu com a janela parcialmente aberta, rebentando a pele como a pele de um tomate rebenta depois de mergulhada em água a ferver.

Do meio do nariz até à maçã do rosto, numa tangente em linha reta, corre outra cicatriz vermelho-sangue, mas esta é fina e tem pequenos pontos minuciosos que, aparentemente, foram obra de um cirurgião-mor. Esta é de quando um pedaço de metal (provavelmente do tejadilho do carro) me cortou o rosto quando fomos esmagados contra o poste de iluminação.

Tenho a face esquerda coberta de arranhões que com o tempo acabarão por desaparecer por completo. Resultam dos estilhaços de vidro que voaram pelos ares.

Por sorte, apesar da violência do embate, a janela aberta não me rachou o crânio; por sorte o metal não me atingiu um pouco mais acima, porque poderia ter comprometido o olho; por sorte trazia o cinto de segurança, o que limitou as lesões internas à rutura do baço; por sorte tive um bombeiro sempre ao meu lado a falar comigo e a manter-me acordada, impedindo que eu caísse num coma do qual provavelmente nunca mais teria despertado. Tenho sorte em estar viva. Tenho muita sorte.

Por isso é que estes enormes soluços aflitivos continuam a sacudir-me, mas deixo escapar apenas pequenos gemidos abafados; por isso é que tenho os olhos marejados de lágrimas que se recusam a cair. Tenho muita sorte. Tudo o que vejo ao espelho me diz que tenho muita sorte em estar viva.

– A intervenção cirúrgica ao seu rosto correu muito bem. Com os cuidados pós-operatórios adequados as cicatrizes deverão ficar reduzidas a um mínimo – explica o médico num tom amável enquanto a enfermeira me tira das mãos o espelho quadrado. Já não preciso dele. A imagem de mim própria, alterada e marcada, está vívida na minha mente, gravada como um holograma no interior das minhas pálpebras. – E o cabelo voltará a crescer em redor das lesões do couro cabeludo – acrescenta ele num tom ainda mais amável.

Quando a enfermeira me tirou o espelho, a mão do Jack veio ocupar o seu lugar.

– Entretanto podes usar um lenço na cabeça, ou qualquer coisa do género – acrescenta ele, tentando ajudar. Olho para ele, apercebendo-me de que me conhece há menos de três anos. Nunca me viu senão de cabelo comprido e liso. Sabe que vou alisar as raízes de oito em oito semanas, mas não sabe quanto tempo procurei uma cabeleireira que não me danificasse o cabelo, que não me levasse couro e cabelo e que não me deixasse horas à espera. Não faz ideia de que passei anos a vasculhar a cidade de Londres, e não só, em busca da cabeleireira certa. Não lhe passa pela cabeça que mesmo depois de me ter mudado para Brighton tive de continuar a ir a uma cabeleireira em Londres até conhecer a Angela por acaso, uma cabeleireira fantástica e muito profissional que trabalhava ao domicílio.

Não entende o que é ser uma mulher negra a tentar manter um cabelo apresentável. Para ele é fácil dizer que posso usar um lenço ou qualquer coisa do género até que o meu cabelo volte a crescer. Não faz ideia de que vai levar cerca de uma década a regressar ao tamanho normal.

– Quando é que posso ir para casa? – pergunto eu ao médico, ignorando o que o Jack disse porque este não é o momento apropriado para tentar explicar-lho.

– Está a fazer progressos excelentes, por isso deve poder ter alta dentro de mais ou menos uma semana.

– OK. Obrigada.

– Obrigado – repete o Jack enquanto o médico faz um aceno de cabeça e sai do quarto.

Tenho sorte em estar viva, tento convencer-me enquanto a enfermeira se atarefa a endireitar-me os lençóis e a certificar-se de que tenho à mão o dispensador da medicação para as dores.

Tenho sorte em estar viva.

Tenho sorte em estar viva.

Tenho sorte em estar viva.

Vou continuar a dizê-lo a mim mesma até que o horror que povoa a minha mente se desvaneça. *A aparência não importa, tenho sorte em estar viva.*

Sem dar por isso, antes que possa controlar-me, sinto os ombros a tremer e vou-me abaixo outra vez. Desta feita de forma menos contida, sem a dignidade que tanto me tenho esforçado por manter.

– Oh, céus, não chores, Libby – diz o Jack, desesperado. – Desculpa, desculpa. Quem me dera ter sido eu no teu lugar. Daria tudo para acabar com o teu sofrimento. Desculpa.

– Eu sei, eu sei – digo eu. – É que...

– Vai correr tudo bem. – O Jack preenche sem esforço a lacuna que as minhas palavras deixaram. – Vais ficar bem, foi o que disse o médico. Vamos arranjar-te os melhores cuidados médicos, uma enfermeira em casa, se for preciso. Vais ficar boa num instante e as cicatrizes mal se vão notar,

sobretudo quando o teu cabelo começar a crescer. O tempo passa a correr e havemos de te pôr boa. Vai correr tudo bem, prometo.

Deixo-o falar porque vejo que precisa. Sente-se culpado, e tem muito medo. Conheço-o bem, sei que o aterroriza a ideia de que eu possa odiá-lo por isto, de que o culpe porque lhe lembrei mais do que uma vez que tinha de mandar reparar o *airbag*.

– Não sei se já te deste conta de que neste momento o meu modesto carrinho é provavelmente mais seguro de conduzir que o teu – disse-lhe eu. E ele tencionava mandar repará-lo, eu sei que sim. Não o culpo.

Estou a chorar, não só pelo que vi no espelho, mas porque continuo a sentir-me terrivelmente desligada de tudo. Posso tocar nas coisas à minha volta e verificar que são reais, mas já não posso dizer o mesmo do que se passa na minha cabeça. Penso em certas coisas, lembro-me de coisas mas não sei se são reais, se aconteceram mesmo. Na ambulância ouvi a voz de uma mulher que falava como se conhecesse o Jack e me conhecesse a mim. Antes do bombeiro, estava consciente (acho eu) e estava a tentar dizer ao Jack qualquer coisa importante.

Entre aquilo que sei e aquilo de que me lembro há um enorme abismo que começa a aterrorizar-me. Não sei o que me acena da orla da minha memória, mas está a tentar, até agora sem sucesso, atrair a minha atenção. No entanto está, isso sim, a conseguir assustar-me.

– O que é que se passou? – pergunto ao Jack. – O que é que se passou depois do acidente?

– Depois do acidente desencarceraram-te dos destroços do carro e trouxeram-te para aqui – responde ele, fitando-me com aqueles olhos verde-esmeralda que às vezes me lembram um veludo tão macio e envolvente que apetece senti-lo por todo o corpo.

– Estou a falar de depois do acidente e antes do bombeiro chegar, que aconteceu?

O Jack beija-me os dedos que entrelaçou nos seus.

– Não te lembras? – pergunta ele, agora com um olhar cauteloso e reservado.

– Não, varreu-se-me. Lembro-me... – A violência do carro a ser abalroado faz-me estremecer e fecho os olhos, sinto o impacto, depois a sensação de estar a cair enquanto o mundo à minha volta se ergue e...

A mão do Jack aperta-se em redor da minha.

– Está tudo bem, está tudo bem.

Abro os olhos de repente e estou no quarto do hospital com o Jack, sã e salva.

– Lembro-me do momento do embate, e lembro-me do bombeiro – digo eu quando a minha respiração abrande e o terror se desvanece. – Mas passou-se mais qualquer coisa e eu não sei o quê.

– Agora isso não é importante – diz ele. – O que importa é cuidar de ti.

– Passou-se qualquer coisa. Diz-me o que foi – peço-lhe, quase em tom de súplica. Não gosto de não saber, não gosto de pensar que estive consciente, a fazer qualquer coisa, a dizer algo de que agora não tenho qualquer memória nem conhecimento. Longe vão os dias em que bebia até chegar a esse ponto, e isto é diferente, seja como for. Naquela época fazia-o para me divertir; isto é como olhar para o passado e ver apenas um buraco negro, pronto a engolir-me e a aprisionar-me no seu interior, desligada de tudo. – Diz-me, por favor.

A orla do buraco negro aproxima-se.

– Não aconteceu nada. Estávamos os dois um pouco abalados, e tu foste incrivelmente corajosa durante a operação de salvamento. Não aconteceu nada, juro-te.

O Jack olha para mim enquanto fala, mas as suas pupilas vagueiam, inquietas, sem nunca poisar em ponto nenhum durante muito tempo. Será por causa das minhas cicatrizes ou porque há qualquer coisa que não me quer dizer?

– Apetece-te ver gente? – pergunta ele, mudando de assunto, o que lhe permite mudar a direção do olhar para a porta, para lá da qual a minha família e os meus amigos aguardam. Vieram ver-me enquanto estive inconsciente, e coberta de ligaduras, e agora vão ver-me com o rosto e o couro cabeludo neste estado. Não estou preparada para isso. Não sei se alguma vez estarei *preparada*, mas neste momento, definitivamente, não estou.

– Não – digo eu, – diz-lhes que adormeci e que os vejo quando estiver em casa.

– OK, linda – diz ele sem pensar. A palavra arde-me na pele, arranha-me os ouvidos, é como se me esfregassem sal nas cicatrizes. Mal consegue olhar para mim, como posso acreditar no que acaba de dizer? Beija-me a testa, a parte menos danificada do meu rosto. – Até logo.

– Até logo – respondo eu.

Ao chegar à porta, chamo-o:

– Jack?

Ele para e volta-se para mim com um sorriso nos lábios.

– Hum? – pergunta ele.

– Tu dizias-me se tivesse acontecido alguma coisa, não dizias? – pergunto eu.

Ele responde com um aceno de cabeça.

– Sim, claro que sim.

capítulo quatro

Há oito degraus de pedra do passeio até à porta da frente. Vou levar algum tempo a conseguir subi-los sem ajuda.

Embora as dores já não sejam constantes, ainda é difícil caminhar sem receio de abrir os pontos no abdómen, ou sem sentir algo a repuxar por dentro, preocupando-me com os danos que possa estar a causar.

Fito os degraus – de pedra cinzenta vulgar, macios e arredondados na zona de desgaste – que tantas vezes subi devagar ou a correr. Desta vez não. Desta vez tenho de esperar que o Jack me ajude, tal como tem acontecido no hospital durante toda a semana. Tenho de pedir ajuda para as coisas mais básicas: para me lavar, para usar a casa de banho, para escovar os dentes, para lavar as partes intactas do rosto sem recorrer a um espelho. E ainda tive de mostrar uma cara alegre aos visitantes.

As visitas foram breves e relativamente agradáveis, mas tinha de estar sempre a assegurar-lhes que superara o que tinha acontecido; que estava a concentrar-me nos aspetos positivos de ainda estar viva; e que não andava obcecada pela tragédia do cabelo, da cara nem pela tragédia de estar a recuperar de uma grande operação. Após cada visita deixava-me tombar nas almofadas e procurava recuperar para poder ir para casa e não ter de atender a porta quando viesse alguém que eu não quisesse receber.

O motorista do táxi deixou a minha mala no degrau superior. O Jack está junto dele, a pagar a corrida.

O hospital deixou bem claro que só podia vir para casa de carro ou de ambulância. O táxi foi o menor de dois males, pois *pensar* em ambulâncias provocava-me ataques de pânico. Ficámos sentados no banco traseiro do táxi, em silêncio, a minha mão na dele. O meu corpo estava petrificado, incapaz de movimento, e mantive os olhos fechados para não ver os carros que se aproximavam. Senti-me extremamente aliviada quando chegámos a casa. À nossa casa.

Tenho medo de entrar.

Enquanto estive internada no hospital ansiava ter alta e poder vir para casa, e agora dou-me conta de que em casa terei de recomeçar. Terei de continuar a ser eu com esta cara e este cabelo no mesmo sítio onde a outra Libby viveu. Que pensamento terrível.

– Os teus pais, a Angela, a Grace e os meus pais queriam organizar-te uma festa de boas-vindas – dissera-me o Jack enquanto conduzia a minha cadeira de rodas até ao táxi que nos esperava, – mas eu disse-lhes que provavelmente não irias gostar muito da ideia. Pelo menos para já. Espero ter feito bem.

– Sim – dissera-lhe eu, – fizeste bem.

O Jack enfia a carteira no bolso de trás e abre a porta exterior e depois a interior para levar a mala para dentro.

– Boa sorte – diz o motorista do táxi ao passar por mim, uma bênção inesperada de um estranho. – As melhores.

A que tipo de pessoas é que o motorista do táxi costuma desejar boa sorte?, pergunto-me enquanto observo o homem com quem casei a descer as escadas para me ajudar. *A clientes ao acaso, a todos os que regressam do hospital ou só aos estropiados que parecem estar a precisar de um pouco de sorte?* Suponho que encaixo em todas as categorias.

Um sorriso apodera-se do rosto do Jack quando este para à minha frente, e eu sorrio-lhe também. Seria tudo muito mais penoso sem ele. Acho que não teria encarado tão bem a situação, que não teria gozado alguns bons momentos nas horas de desespero, se não soubesse que o tinha sempre a meu lado.

Maio de 2009

– Então você é que é a Elizabeth – disse a mãe de Jack quando atravessámos a soleira da porta. Estava sorridente, de braços abertos para nos dar as boas-vindas. Apertou-me nos braços, envolvendo-me no perfume suave, inebriante, evocativo do pó de talco de uma mulher que se orgulha de ter uma aparência cuidada e a quem nunca faltou dinheiro para tal. Nunca tivera de revolver o caixote das promoções no supermercado local em busca do tom certo de sombra para os olhos. Vestia de forma elegante: um vestido de seda em tons de cobre, curto e folgado, sob um casaco bege de caxemira; sapatos clássicos de salto alto nos pés, na mesma cor do vestido, embora aquele parecesse o tipo de casa onde os convidados tiravam os sapatos ao entrar. O seu cabelo castanho-claro com madeixas prateadas exibia um penteado elegante, e trazia brincos de ouro e pérolas.

Abraçou-me com força, talvez para verificar se eu era real, e recuou um passo, deixando deslizar as mãos para baixo para pegar nas minhas.

– Deixe-me olhar para si – disse ela, e lançou-me outro sorriso afável e genuíno. – Não é nada do que eu estava à espera. O meu filho não quis dizer-nos nada sobre si. Mas é linda.

– Mãe – disse o Jack, constrangido.

– Oh, deixa-te de coisas – disse a mãe, jovial. – Devias dar graças por eu gostar dela. Quantas jovens se queixam de ter uma sogra que as detesta? Muitas, garanto-te. Mas, Elizabeth, tem sido como um bálsamo para o meu filho. – Recuou um pouco mais, sem soltar as minhas mãos. – É uma pessoa diferente desde que começaram a namorar. Nunca pensei voltar a vê-lo rir, e readquirir interesse pela vida...

Ficámos todos, sobretudo a própria Harriet, horrorizados quando os olhos dela começaram a encher-se de lágrimas.

– Tem de perdoar a minha mulher. Às vezes exagera um pouco – disse o pai do Jack, aproximando-se. – Estás a deixar a rapariga embaraçada. Vais acabar por espantá-la. – Estendeu-me a mão e a esposa libertou de imediato as minhas para que eu pudesse apertá-la. – Hector – disse ele. – Prazer em conhecê-la.

O Jack herdara a constituição física, a imponência e o autodomínio do pai. Certamente não havia

muitas pessoas que conseguissem fazer com que o Hector se sentisse inseguro. O Jack mencionara de passagem que o pai continuava a frequentar o ginásio e a praticar golfe, e isso via-se: tinha a pele lisa e uniforme e uma cabeleira espessa e luzidia.

– O prazer é todo meu – disse eu num tom cerimonioso que não tinha tido intenção de usar.

– Embora a minha mulher possa ter entrado a matar, é realmente um prazer desfrutar hoje da sua companhia, Elizabeth. O meu filho tem-se mostrado muito circunspecto, já para não dizer evasivo, a seu respeito. – Lançou um olhar acusatório ao Jack, que ficou de cabeça baixa. – Não vejo motivo absolutamente nenhum para isso. É muito bem-vinda à nossa casa.

Comecei a sentir uma revolução no estômago, um nervoso miudinho por conhecer os pais dele, mas também por mais tarde ou mais cedo ter de lhes dizer que o meu nome não era Elizabeth. Estavam ambos a ser tão simpáticos, tão afáveis e acolhedores, como podia eu dizê-lo naquele momento? Sobressaltada, apercebi-me de que o Jack também não sabia. O homem com quem estava prestes a casar-me não sabia o meu nome completo. *E conseguiste convencer-te de que não estás a precipitar-te?*, repreendi-me mentalmente.

– Vamos ficar aqui no corredor? – perguntou o Jack.

– Claro que não, claro que não – disse a Harriet. – Entrem, entrem.

O Hector largou a minha mão, que ainda sentia o formigueiro causado pela firmeza do aperto de mão dele, e a Harriet enfiou imediatamente um braço no meu e conduziu-me pelo corredor até à sala. Desde que entrara, os pais do Jack tinham-se revezado a reter-me fisicamente, quase como se eu pudesse fugir-lhes ou simplesmente evaporar-me. Se calhar é o que acontece às famílias quando lhes morre alguém: agarram-se a qualquer recém-chegado ao seu mundo. Realmente pensei que seria mais difícil, que me olhariam com desconfiança e sobranceira. Temi que questionassem os meus motivos para ali estar e mostrassem um ligeiro descontentamento por me atrever a tentar substituir a pessoa que tinham perdido.

– Vá, Elizabeth, conte-me o que tem planeado até agora para o casamento. Ofereço-me para ajudar no que for preciso. Adorava assumir as rédeas da organização, já que não tenho nenhuma filha, mas estou certa de que a sua mãe já se ocupou disso.

– Hum, nem por isso. Eu e o Jack ainda não conversámos muito sobre a cerimónia. Pensámos que seria melhor conhecer as famílias um do outro, antes de mais.

– Isso é muito sensato – comentou o Hector.

– Que interessa a sensatez quando há amor e romance? – disse a Harriet com um sorriso cúmplice.

À semelhança do resto da casa, a sala de estar era enorme. O meu apartamento cabia ali duas vezes, e ainda sobrava espaço. As paredes eram de um verde-pálido, da cor da salva, encimadas por tetos altos e brancos e recobertas de armários envidraçados, aparadores, e elaboradas peças de mobiliário que só podiam ser antiguidades caríssimas. O Jack nascera em berço de ouro, já o sabia, mas aquela casa não deixava margem para dúvidas: éramos diferentes, e tínhamos vivências muito diferentes.

Sentei-me no sofá mais próximo da lareira, e para minha surpresa o Jack sentou-se imediatamente no apoio para os braços, estendeu o braço ao longo das costas do sofá e poisou a mão ao de leve no meu ombro. Eu gostava de estar perto dele – sentir o calor e o cheiro dele mesmo ao pé de mim era

um dos aspetos mais positivos de estarmos juntos –, mas aquilo era diferente; estranho. Quase uma manifestação forçada de solidariedade, como se estivesse a demarcar o território dele, mas também a mostrar que formávamos um CASAL. Talvez a ideia de nos casarmos não agradasse tanto aos pais como eles queriam fazer parecer. Talvez estivessem só à espera de ter a certeza de que eu não era apenas um prémio de consolação, e de que ele não estava a precipitar-se. A revolta no meu estômago intensificou-se. O Jack não saber o meu nome não era propriamente um aval sólido de que nos conhecíamos bem um ao outro.

– Chá, Elizabeth? Fiz uns *scones* esta manhã. O Hector está louco por prová-los com as natas coalhadas que trouxe de uma viagem de negócios a Devon no último fim de semana. Acho que ainda há um restinho de compota caseira de morango. No ano passado tivemos uma colheita de morangos absolutamente maravilhosa e consegui fazer imensos boiões de compota. O que veio mesmo a calhar, porque este ano a colheita foi mais fraca. Posso oferecer-lhe um pouco?

– Sim, seria um prazer – disse eu.

– Café em vez de chá, se fazes favor – disse o Jack enquanto a mãe se virava para a porta. – A Libby só bebe chá à noite. E não aprecia morangos, acha-os demasiado adstringentes. Mas tens compota de laranja, não tens? Ela gosta muito. Embora não costume servir-se com *scones*. Eu quero o mesmo, se não te importas.

Sempre soube que o Jack tinha olho para o detalhe, mas aquilo era assombroso. *Como sabe ele tanta coisa? Tenho a certeza de que nunca lhe disse explicitamente nada disto.*

A Harriet sorriu ao filho e disse:

– Claro, querido. Oh, Elizabeth, devia ter-me dito. Cá em casa não somos de cerimónias. Hector, podes vir pôr a máquina do café a trabalhar? Serve café de filtro?

– Perfeito, absolutamente perfeito – apressei-me eu a responder.

– Que tens? – perguntou o Jack baixinho assim que os pais deixaram de poder ouvir-nos.

– Como assim? – retorqui.

– Ficas tensa sempre que um dos meus pais diz o teu nome.

Arregalei os olhos, alarmada.

– Não, os meus pais não deram por nada, mas eu sinto-o. Eu conheço-te, não te esqueças. E sinto quando não estás bem. Qual é o problema?

– Eu não me chamo Elizabeth.

– Ah. Os meus pais são antiquados, com o tempo hão de habituar-se a chamar-te Libby. Tenho a certeza de que os teus pais fazem o mesmo.

– Não, Jack, não estás a perceber. Libby é diminutivo de Liberty. Faço anos a seis de março, que é o Dia da Independência do Gana, por isso os meus pais decidiram chamar-me Liberty.

– Ah – disse o Jack, pensando no mesmo que eu: íamos casar-nos e ele nem sequer sabia o meu verdadeiro nome.

– Queres dizer-lhes quando voltarem da cozinha?

– *Não!* – disse eu. – Estou disposta a alterar o meu nome no registo civil na segunda-feira para não ter de admitir que quando decidimos casar-nos o meu noivo não sabia o meu verdadeiro nome.

Ele riu-se e uma infinidade de estrelas iluminou-se no meu peito. Por isso é que ia casar-me com

ele: conseguia ter esse efeito sobre mim com algo tão simples como uma gargalhada. Que importância tinha que não soubesse o meu nome completo?

– Caso não tenhas nada contra, esclareço a minha mãe quando chegarmos a casa.

Encolhi os ombros.

– Por mim tudo bem, embora Elizabeth até nem seja mau. Só para o caso de mudares de ideias.

Ele voltou a sorrir e eu sorri-lhe também, feliz por estarmos juntos naquilo.

– Ficas bem se eu der um saltinho à casa de banho? – perguntou ele.

– Claro – disse eu, relaxada agora que havia mais alguém por dentro do segredo.

– Volto já – disse ele, e deu-me um beijo breve nos lábios antes de sair. Aproveitei para olhar em volta com mais atenção. Embora fosse enorme e impessoal, a sala estava atulhada de fotografias da família. Não eram do tipo que se espera de um clã endinheirado (tudo poses rígidas e atavios formais), mas sim imagens de felicidade, retratando muitos, muitos momentos da vida bem-aventurada e privada que levavam. Os meus pais expunham algumas fotografias, mas a maior parte estava guardada em álbuns ou caixotes no sótão. Como a maioria das pessoas, não tinham hectares de espaço para exibir todas as fotografias da família.

Na beira da cornija de mármore branco por cima da ornamentada lareira, houve uma em particular que me chamou a atenção. Numa discreta moldura de prata de cinco por sete polegadas havia uma fotografia de um casal risonho, de mãos dadas sob um chuveiro que parecia ser de neve, mas que de facto era de *confetti*. O homem trazia um fato cinzento com uma gravata azul-bebé, a mulher envergava um magnífico vestido cor-de-rosa. Da distância a que me encontrava notei que tinha uma pele radiosa mesmo sem base e que os seus invulgares olhos azuis conseguiam sobressair sem qualquer maquilhagem. Era mais que bonita: era divina, quase celestial. Fiquei hipnotizada por aquela imagem: a linguagem corporal do casal e os seus rostos eram fascinantes. Pensei que nunca tinha visto duas pessoas tão felizes. Pareciam irradiar felicidade por todos os poros.

Nunca vira o Jack a sorrir assim. E no entanto, na fotografia, parecia estar habituado a fazê-lo com facilidade, de forma natural, frequente. *Quando estava com a Eve*.

Os meus olhos regressaram à mesa diante de mim momentos antes de os pais do Jack entrarem na divisão.

– Elizabeth – disse a Harriet, sentando-se no sofá enquanto o Hector depositava o tabuleiro do chá à nossa frente sem fazer chocalhar uma única peça de porcelana. – Já pensou no vestido de noiva? Gosta de corpetes sem alças? Pensa levar saia de cauda?

– Ainda não sei muito bem – respondi. – Tenho de confessar que não sou uma daquelas raparigas que sempre idealizou o vestido de noiva perfeito.

– Que disparate – disse o Hector com jovialidade. – Todas as mulheres sonham com o vestido perfeito para o seu casamento, mesmo que não seja um vestido de noiva tradicional. – Deu umas palmadinhas afetuosas no joelho da Harriet e esta soltou uma risadinha. – Pelo menos é o que me consta.

Como o vestido da Eve, quer você dizer?, pensei.

– Co’a breca – disse eu, juntando-me à risota, – deixei-vos mesmo ficar mal. Assim que puder vou construir uma máquina do tempo para voltar atrás e ter uma conversinha discreta com o meu eu

adolescente.

O Hector e a Harriet riram-se enquanto esta se atarefava a transferir a loiça para a mesa antes de servir o chá e os *scones*.

O Jack não é o único que ainda tem uma fixação pela Eve, pensei eu. Sentia uma vontade insistente de olhar para a fotografia da mulher que receava não poder jamais igualar. Não que precisasse de voltar a ver aquela imagem. Estava traçada na minha mente com tinta indelével, sem dúvida a mesma tinta com que a memória dela estava gravada nos corações da família Britcham.

O Jack desce os degraus e eu apoio-me nele para subir as escadas.

– Acho que consigo fazer melhor que isso – diz ele, e inclina-se para me levantar nos braços com a delicadeza suficiente para não me magoar.

– Que estás a fazer? – digo eu com uma gargalhada fraca.

– A atravessar a soleira da porta contigo nos meus braços, naturalmente.

– Naturalmente – digo eu.

E assim faz, tal como fez todos os dias durante uma semana quando nos casámos.

jack

A Libby fica dócil e imóvel nos meus braços, tão diferente do que costuma ser quando lhe pego ao colo. Normalmente ri-se às gargalhadas, exigindo que a ponha no chão e jurando vingar-se se a deixar cair. Está mais leve que o habitual, mas isso é porque não tem comido muito.

Uma das coisas que adoro na Libby é o apetite dela, a forma como ataca qualquer refeição à sua frente como se fosse a última. É metódica, mas entusiástica a comer. Contou-me que no primeiro ano do doutoramento viveu de sopa, pão, feijões enlatados, gengibre em conserva que a mãe lhe enviava de Londres e um guisado caseiro típico do Gana.

– Podemos dar um sabor agradável a quase tudo com um punhado de ervas aromáticas, mas fartei-me de ter de me contentar com pouco. Agora, compro os alimentos mais caros que a minha carteira permite e nunca desperdiço nada porque sei o que é passar necessidades.

Os últimos dias privaram-na do seu apetite. Só consegue comer um pouco de sopa de cada vez.

Levo-a até à antiga sala de visitas para lhe mostrar o que fiz ao espaço. Continuo a segurá-la nos braços enquanto ela olha em volta. Passei quase todo o quarto cá para baixo: a cómoda onde guardei, cuidadosamente dobrada, a roupa que ela mais usa; a televisão portátil e o leitor de DVD; as mesinhas de cabeceira com os respetivos candeeiros de pés de cristal, e do lado dela uma fotografia minha e do Benji no parque depois de um jogo de futebol particularmente lamacento; os dois enormes tapetes em forma de coração que ela trouxe do apartamento. Até instalei ganchos na porta para pendurarmos os roupões. A única coisa que não veio do quarto do andar de cima é a cama. Esta é nova. Tive de andar de loja em loja até encontrar o que queria, mas é uma réplica da cama de ferro que ela tinha no apartamento, a primeira cama onde fizemos amor. Comprei-a para lhe lembrar que a amo e que, aconteça o que acontecer, adoro cada momento que passamos juntos.

Antes de a Libby se mudar para cá a Grace comprou-nos vários conjuntos de lençóis e a amiga dela, a Angela, comprou-nos toalhas que davam para encher um armário inteiro sob o pretexto de que eram presentes de casamento adiantados. Telefonei à Grace para lhe agradecer e para lhe perguntar para que tinha comprado tantos lençóis quando sabia que tínhamos lençóis suficientes para abrir um hotel de médias dimensões.

– Que mulher quer dormir nos lençóis que a esposa anterior comprou? – respondeu ela. – Cama nova, lençóis novos.

– Cama nova? – perguntei eu.

– Diz-me que compraste uma cama nova e que não esperas que a Libby durma no leito conjugal da Eve – respondeu ela.

Pensei um pouco no que ela dissera: a Libby dormira cá em casa algumas vezes na época em que decidimos casar-nos, mas preferia de longe ficar no apartamento, onde, dizia, fazia menos frio e onde tinha todos os seus pertences.

– Céus, às vezes és tão tapado – disse a Grace.

– É por isso que ela está sempre a sugerir trazer com ela a cama do apartamento? – perguntei-lhe.

– Sim, idiota.

– Porque não mo disse antes?

– Eh, deixa lá ver, porque será que a mulher com quem te vais casar, que te ama com todas as fibras do seu ser, não te quis melindrar sugerindo que te livrasses de algo que te lembra a tua defunta esposa? Hummm... não sei, era de esperar que dissesse uma coisa dessas com o maior à-vontade, não?

– Não fazia ideia – admiti. – Nem sequer me passou pela cabeça.

– Tenta ver as coisas da perspetiva dela, hã? Ela sente-se em terreno movediço porque tu já passaste por isto e ela, tal como o resto do mundo, vê que ficas irracionalmente aborrecido quando se fala na Eve. Dá-lhe uma oportunidade, está bem?

Sugeri à Libby que começássemos do zero, que escolhêssemos mobília para o quarto juntos e que talvez até pudéssemos comprar mais algumas peças para o resto da casa. O alívio nos olhos dela disse-me tudo o que eu precisava de saber sobre se a Grace tinha ou não razão.

Fiz o esforço durante uns tempos, tentei pensar só na Libby, mostrar-lhe por palavras e ações que para mim ela vinha sempre em primeiro lugar, mas neste último ano comecei a desleixar-me. Deixei de lhe prestar a mesma atenção, fechei-me e virei-lhe as costas quando devia ter feito precisamente o contrário. Esta cama é um sinal de que quero desfazer o mal que fiz. Uma cama nova para outro recomeço, se ela ainda me quiser.

Com relutância, pois o gesto implica ter de me separar dela, deposito-a na cama com todo o cuidado e afasto-me para trás.

Ela passa as mãos pelo edredão bege e fita a barra da cama.

– Compraste uma cama nova – diz.

– Sim. Pensei que seria mais fácil para ti ficar cá em baixo, em vez de teres de subir as escadas. Pareceu-me apropriado comprar uma cama nova.

Os olhos dela enchem-se de lágrimas e sinto aquele coice de dor na cabeça e no peito que me fere sempre que a vejo sofrer.

– É tal e qual como a que eu tinha no apartamento – diz ela.

Respondo com um aceno de cabeça, incapaz de falar ao vê-la limpar uma lágrima que acabou de cair.

– Obrigada – diz ela, arranjando maneira de sorrir. – A sério. Tenho tido tanto medo, sabes, de voltar a casa e ver que as coisas mudaram e de não conseguir adaptar-me. – Olha em volta. – Mas provavelmente é melhor assim, não é? É uma coisa nova e podemos partilhá-la.

Volto a acenar. Com todo o cuidado, ela chega-se para trás na cama e reclina-se nas almofadas, com a agonia do movimento patente nos olhos e no rosto.

– Queres chá ou café? – pergunto-lhe.

– Não – diz ela, abanando um pouco a cabeça. – Estou bem. Talvez tente dormir um pouco.

– Está bem – respondo eu. – Eu acordo-te quando forem horas de jantar.

– OK – diz ela. – Ou talvez queiras deitar-te aqui um pouco ao pé de mim?

Sorrio ao aperceber-me de que realmente não me culpa pelo que aconteceu. Deito-me na cama, contente por poder abraçá-la, e afasto do pensamento a culpa que sinto por não lhe ter dito tudo sobre o acidente.

capítulo cinco

libby

Esta não sou eu.

Eu não sou assim. Não me importo com a aparência, sei que a beleza vem do interior, sei que o peso, o comprimento do cabelo e a suavidade da pele não são tão importantes como a pessoa que somos. No entanto, não consigo evitar os pensamentos, os sentimentos, a dor que me leva a ser assim, a sentar-me diante do espelho com as lágrimas a escorrerem-me em silêncio dos olhos enquanto flutuo num oceano de desespero.

Continuo a ser a mesma Libby. A linha irregular que serpenteia desde a minha testa até à nuca não me impede de rir a bom rir quando acho piada a alguma coisa. Os arranhões que tenho espalhados pelo rosto como cascalho disperso num caminho de terra batida não me impedem de mudar de canal quando os anúncios começam. A diagonal que divide o lado esquerdo do meu rosto não me impede de adorar despertar ao som do pregão insistente das gaivotas, como vendedores do mercado com excesso de zelo.

Nenhuma destas marcas superficiais pode mudar quem realmente sou. Quem a Libby é, lá no fundo. É por isso que não devia estar a chorar agora. Eu não mudei.

E quando a Angela, refletida no espelho de tesoura na mão, à espera de um sinal, começar a cortar, também não terei mudado.

Se olho para as longas madeixas do meu cabelo negro e me despeço da pessoa que fui com elas é porque ainda não recuperei do trauma do acidente.

Não é por ter medo de ficar feia e de não parecer eu sem o meu cabelo.

Fecho os olhos e aceno-lhe.

– Tens a certeza, fofa? – pergunta ela. – Sempre podemos tentar trabalhar com aquilo que temos.

A Angela tem uma pele deslumbrante e um cabelo de sonho. É tão escura como eu e possui uma tez lisa e uniforme. Tem rastas longas e finas torcidas e dispostas num padrão ondulante até ao meio das costas. Parece uma mulher, uma mulher a sério.

– Faz lá isso de uma vez, por favor.

É meiga e cuidadosa ao cortar-me o cabelo, mas não consigo abrir os olhos. Sou incapaz de assistir. Não suporto ver-me ao espelho e acompanhar os movimentos das mãos dela enquanto trabalha.

Quando para, ouço-a a mudar de ferramentas.

– Próxima etapa, OK, fofa?

Volto a acenar sem abrir os olhos. Reteso-me ao ouvir o som da máquina. O zumbido preenche o silêncio frágil com terríveis prenúncios. Tento não me encolher, obrigo-me a não gritar quando as frias lâminas de metal me tocam na cabeça. A Angela não demora muito tempo a rapar o resto do meu cabelo.

Mas eu demoro uma vida a abrir os olhos.

A olhar para o espelho e ver a mulher em que me tornei.

Jack

O meu coração para quando a vejo. Tem o cabelo rapado. No couro cabeludo só lhe vejo a cicatriz e os pontos que a fecham.

Ela fica à entrada do corredor, ansiosa, a retorcer os dedos com gestos nervosos, como uma criança apanhada em falta à espera do castigo.

– O teu cabelo – digo-lhe. – Desapareceu.

Ela faz um aceno de cabeça e os seus olhos enchem-se de lágrimas. Atravesso o corredor em grandes passadas e ponho-lhe as mãos nos ombros.

– Prefiro não ter nada a ter só uma parte – afirma ela.

– Acho que te fica muito bem – digo eu, e ela pestaneja, surpreendida.

– A sério? – pergunta.

– Sim. Muito poucas mulheres conseguem fazer funcionar um visual destes, e tu és uma delas.

– A sério? – repete ela, relaxando de alívio.

– Sim. E o melhor de tudo é que posso ver bem o teu rosto lindo.

– Então não estou horrível?

– Não, é impossível ficares horrível – digo eu, e abraço-a.

As palavras dela atroam-me os ouvidos: *Prefiro não ter nada a ter só uma parte.*

Espero que não seja verdade. Espero de todo o coração que não seja verdade.

capítulo seis

– Não pretendemos tomar muito do seu tempo, Sra. Britcham – diz a agente da polícia. Vem à paisana e traz com ela outro agente à paisana que não se deu ao trabalho de me apresentar. Parece-me tudo um pouco excessivo de mais para obter uma simples declaração sobre um acidente “normal”.

E não gosto da presença deles aqui.

Queria manter longe da casa tudo o que dissesse respeito ao acidente, mas ninguém pareceu interessado em pedir-me a minha versão dos acontecimentos durante a semana que passei no hospital, sem nada para fazer a não ser responder a perguntas, embora tenham falado com o Jack. Agora que estou em casa a tentar fazer aquilo a que se chama “seguir em frente” aparecem-me à porta, a arrastar-me de volta. Tenho a sensação de estar a ser interrogada, como se tivesse incorrido em ilícito por estar dentro de um carro que sofreu um acidente. O Jack está do outro lado da sala, encostado à mesa de jantar, embora a agente lhe tenha pedido para sair. Parecia preparado para obedecer sem contestar até que eu perguntei:

– Porque tem o Jack de sair?

Ela não tinha resposta, por isso disse que se ele tinha mesmo de ficar, que fizesse o favor de não interromper. Se eu não soubesse que assim não era, teria julgado que estavam a interrogar-me por algum crime, e não a pedir-me que relatasse um acidente.

– Pode contar-nos, e leve o tempo que precisar, o que ocorreu no dia do dito acidente? – pergunta ela. Acrescenta um estranho peso à palavra acidente que atea uma sensação incómoda dentro de mim.

– Não me lembro de grande coisa – replico enquanto o outro agente escrevinha num bloco de notas. – Lembro-me que eu e o Jack estávamos a conversar quando fomos abalroados e lembro-me da parede e do poste de iluminação a virem na minha direção. A seguir estava a falar com um bombeiro. É tudo.

– E que fazia o seu marido quando foram atingidos? – pergunta ela.

– Além de conduzir o carro? – Não quero parecer sarcástica, mas a verdade é que não percebo o propósito da pergunta.

– Conduzia de forma errática? Ia em excesso de velocidade? Esse tipo de coisas.

Fecho os olhos e tento recordar-me do que estava a acontecer antes desse momento. Abro os olhos.

– Íamos a conversar, e o outro carro atingiu-nos.

– A conversar, ou a discutir? – pergunta ela.

– Se estivéssemos a discutir, eu teria dito que estávamos a discutir.

A agente lança ao Jack um olhar hostil.

– Como todos sabemos, nem sempre é fácil dizer aquilo que se pretende quando nos sentimos sob

pressão.

– Eu não me sinto sob pressão, e se quer que lhe diga eu e o Jack nunca discutimos – replico. O que é verdade. Geralmente não temos por que discutir. O nosso principal pomo da discórdia é Eve, e nunca falamos sobre ela, e se por acaso tentamos, acabamos pura e simplesmente por deixar de falar um com o outro.

– De todo? – pergunta a inspetora Morgan.

– Não, nunca. Não temos motivos para discutir.

A agente faz um trejeito incrédulo e pela primeira vez escreve qualquer coisa no seu caderno de apontamentos. Está a tentar conversar comigo de mulher para mulher, mas não está a resultar porque tenho a impressão de que ela não gosta de mulheres. Nem de homens, tão-pouco. Mas há qualquer coisa de muito pouco convencional em tudo isto. Os meus olhos dirigem-se para o Jack, para a forma como a sua postura rígida e o seu olhar fixo se concentram nela, e depois regressam à agente. A inspetora Morgan e o Jack conhecem-se. Mas como? Não me parece ser o tipo de pessoa com quem o Jack pudesse ter uma ligação suficiente para a tentar seduzir, mas se calhar as circunstâncias eram muito diferentes quando se conheceram. Pode ter havido uma chispa entre eles.

Volto a examiná-la, agora que existe a possibilidade de ter dormido com o meu marido. Não tira partido de si própria. Não soube maquilhar-se: aquele batom castanho não combina com a sua coloração natural. Se privasse com ela, aconselhá-la-ia a escolher uma base um pouco menos alaranjada e um pouco mais rosada. Para os lábios sugerir-lhe-ia um batom vermelho mais forte (não vermelho-vivo, mas talvez cor de vinho), e para os olhos uma camada de rímel preto durante o dia, e duas para sair à noite. A maquilhagem que traz dá-lhe um ar maléfico. Mas talvez eu esteja a ser generosa, talvez não seja da maquilhagem. Se calhar tem um ar maléfico porque é maléfica. Decido que o Jack não pode ter dormido com ela. É desagradável de mais. Mas então que contas pendentes haverá entre eles? Porque é óbvio que as há.

– De que falavam antes do acidente? – pergunta ela.

– De quando nos conhecemos. Penso que estava a dizer-lhe que felizmente não era irresistível para todas as mulheres, e ele estava a perguntar-me porquê felizmente, e eu ia responder quando o outro carro colidiu com o nosso.

– Então ele tinha-lhe feito uma pergunta? Olhou para si enquanto falava?

– Que me lembre, não – respondo eu.

Como um cão esfaimado a quem atiraram um osso, ela agarra-se à minha declaração como se fosse a prova por que tanto esperara.

– Está a dizer-me que não tem a certeza se o seu marido tinha os olhos na estrada quando o acidente ocorreu?

– Desculpe, não percebo onde quer chegar com estas perguntas – digo-lhe eu, a refazer-lhe mentalmente a maquilhagem enquanto a encaro. Talvez ela esteja a fazer-me o mesmo, talvez esteja a imaginar-me sem cicatriz e a pôr-me cabelo na cabeça. – Não foi o outro condutor que infringiu a lei ao estar a falar ao telemóvel e a tentar meter-se numa estrada movimentada sem prestar a devida atenção? Eu estava a olhar na direção em que o carro veio e não o vi, como poderia o Jack tê-lo visto? E caso o tivesse visto, que poderia ele ter feito?

Os olhos castanhos da inspetora Morgan fitam-me como se eu a tivesse coberto de impropérios. A seguir começa a calcular como me atingir, como me quebrar o ânimo. As contas pendentes parecem agora incluir-me também a mim.

– Talvez seja melhor avançarmos – diz ela, diplomática. – O que sabe sobre a morte da primeira Sra. Britcham?

Fecho-me em copas, perguntando-me de onde terá vindo aquilo. *Será este o plano dela para me atingir? Acusar-me de cumplicidade na morte da Eve?*

– Nada – apresso-me a responder, para que ela não possa interpretar qualquer hesitação como uma tentativa de inventar um álibi. – Absolutamente nada. Porquê, acha que tive alguma coisa a ver com a morte dela? Porque posso desde já dizer-lhe que nessa altura não a conhecia, nem a ela nem ao Jack.

– Mas estava ao corrente de que o *airbag* do passageiro no carro do seu marido não funcionava, não é assim?

Começo a sentir uma náusea a revolver-me o estômago. Que raio se passa aqui?

– É ilegal? – pergunto. – Será que não devia ter entrado num carro que sabia ter um *airbag* defeituoso? Vai prender-me por isso?

– Não, não, não é nada disso.

– Então que quer você dizer com isso? – exijo eu saber.

A inspetora olha de soslaio para o Jack, desejando obviamente que ele ali não estivesse. Isto começa a ser de mais. Estou farta de que as pessoas se dirijam só ao meu lado direito, de que evitem a minha cicatriz com os seus olhares e as suas conversas, tal como evitam a ausência de cabelo. Não tenho de o aturar de alguém que não conheço de parte nenhuma e que está a tentar culpar-me de algo que eu não poderia ter evitado.

– Posso perguntar-lhe uma coisa? – digo eu, e antes que ela possa responder, continuo. – A que se devem estas perguntas? Que tem a Eve a ver com o assunto? Aliás, que tem a nossa conversa antes do acidente a ver com o que se passou? Foi o outro condutor que provocou o acidente. Exijo saber porque está a comportar-se desta forma.

A inspetora Morgan suspira, de uma forma um tanto dramática de mais para uma pessoa tão desprovida de emoções como ela.

– Sra. Britcham, não me agrada ter de fazer este tipo de coisas – diz ela, quando é óbvio que adora, – mas sou obrigada a proceder a investigações quando uma segunda pessoa chegada a um suspeito de homicídio vai parar ao hospital em circunstâncias duvidosas. E lamento ter de lhe dizer isto, mas o seu marido quase a matou.

Sinto o coração a gelar-se-me no peito.

– A sério? – Estou alarmada, e isso vê-se. – Quando?

Passo as minhas memórias a pente fino, tentando lembrar-me de quando poderia ele ter tentado fazer uma coisa daquelas. Olho para o Jack, que continua a fulminá-la com o olhar como há pouco. Parece muito relaxado para quem me tentou matar.

– Com o acidente – replica a Sra. Morgan.

Franzo o sobrolho.

– Mas... nós somos as vítimas.

– Eu sei – outro dos seus suspiros dramáticos, – mas o grosso dos seus ferimentos deve-se à falha do *airbag*.

Ah, já percebi. Foi ela a agente que interrogou o Jack quando a Eve morreu. Só pode ser.

– Então a sua teoria é que o Jack andava às voltas no carro, à espera que alguém chocasse contra nós e eu morresse devido à falha do *airbag*? – digo eu, tentando não parecer condescendente. – Está a brincar comigo, não?

– É tão plausível como pedir-nos para acreditar que Eve Britcham morreu ao tropeçar nas escadas.

– Ah, estou a ver – respondo, pois não sei o que dizer.

O silêncio na sala prolonga-se. Talvez esperem que seja eu a interrompê-lo. Mas não me sinto disposta a fazê-lo. Como devo reagir ante uma acusação sem qualquer fundamento como aquela e uma linha de interrogatório tão desnecessária?

– Lamento ter tido de lhe colocar esta ideia na cabeça – diz a inspetora Morgan.

– Não, não lamenta – respondo eu baixinho. – Quer atingir-me; quer que desconfie do Jack. Só não percebo porquê.

– Não quero que desconfie do Sr. Britcham, só quero que saiba aquilo com que está a lidar. Há bons motivos para não termos arquivado o caso da morte de Eve Britcham e para o médico-legista ter apresentado um relatório inconclusivo.

– E há bons motivos para o terem libertado sem uma acusação formal – retruco eu.

– Não é assim tão simples, Sra. Britcham. Enquanto investigávamos os antecedentes de Eve Britcham, ou Eve Quennox, como era conhecida antes do casamento, deparámo-nos com muita informação que nos fez suspeitar do Sr. Britcham. Deixe-me pôr a questão nestes termos: se o meu marido descobrisse algumas daquelas coisas sobre mim, não me surpreenderia que quisesse partir-me o pescoço e atirar-me pelas escadas abaixo para disfarçar o crime.

Olho para o Jack e sinto uma reviravolta no estômago ao verificar que já não está a olhar para a inspetora Morgan com todo o ressentimento que sem dúvida sente contra ela. Em vez disso está de olhos no chão, a apertar os braços em redor do corpo, com o cabelo caído para a frente, assemelhando-se a um salgueiro, curvando-se para baixo em busca de conforto e alívio. Não está furioso, está a tentar manter-se inteiro, a tentar não se deixar ir abaixo.

– Que tipo de coisas? – pergunto eu, voltando a encarar a inspetora. Odeio ter de admitir que estou curiosa, e que isto pareça estar a deixá-lo arrasado. Que disse ela para o deixar neste estado?

– Não me cabe a mim dizer-lho – replica ela, satisfeita agora que conseguiu finalmente confundir-me e espicaçar a minha curiosidade, pois ambas as coisas têm o potencial de me levar a desconfiar do Jack, que é claramente o que ela pretendia desde o início. – Só quero que tenha cuidado. Detestaria que sofresse outro acidente.

Se eu sofresse outro “acidente” (de preferência fatal) ela ficaria nas nuvens. Assim que me declarassem morta correria a pôr umas algemas no Jack. Não é apenas maléfica: é desagradável, intriguista e cruel. Enrolo os lábios para dentro da boca para não ter de lhe dizer o que penso dela, e para não ter de lhe dizer que se eu não soubesse que o Jack não matou a Eve, o que ela fez hoje poderia facilmente ter-me destruído.

– Importam-se de sair, por favor? – peço eu à inspetora Morgan.

– Claro – diz ela, solícita, claramente feliz por ter conseguido atingir-me.

– Tenho de pôr creme nas feridas e tomar os analgésicos – acrescento. – É o que vou fazer já de seguida. Acompanhava-vos até à porta, mas como a minha perna esquerda ficou gravemente ferida, assim como muitos dos meus órgãos internos, é-me muito difícil caminhar. O médico que me tirou os pontos da cabeça disse-me que devia evitar o *stress* e as preocupações, por isso há de compreender que não me apeteça ter outro acidente tão cedo.

A inspetora Morgan engole em seco e vislumbro-lhe nos olhos um lampejo de culpa. O agente anónimo que a acompanha olha-a com desagrado, pouco impressionado, tal como eu, com o seu sentido de oportunidade.

– Mas tudo bem, agora que fez o seu melhor para me meter na cabeça a ideia de que o meu marido provavelmente é um assassino, e me disse que detestaria que eu sofresse outro acidente (ou até que morresse, quem sabe) tenho a certeza de que vou ficar ótima. Estou certa de que isto não vai afetar em nada a minha recuperação.

Ela sai em silêncio, mas o agente faz-me um sorriso triste e eu sei que não concorda com o que ela fez, nem acredita que o Jack é um assassino.

O Jack não se mexe até ouvirmos o estalido da porta a fechar-se atrás deles. A seguir, quando tem a certeza de que estamos sozinhos, ergue a cabeça e entreolhamo-nos. O cheiro a borracha queimada, a sensação do carro a empinar-se e o som do metal a retorcer-se aumentam à minha volta e sinto os meus órgãos internos a contrair-se dolorosamente em resposta. Expulso as memórias, mas continuamos de olhos fixos um no outro.

– Desculpa – diz ele, cansado. – Devia tê-la impedido.

– Acho que nada seria capaz de a impedir – respondo eu.

– É que ela consegue fazer-me sentir...

– Culpado?

O Jack assente.

– Mas eu não o fiz – diz ele. – Eu não a matei.

– Eu sei – digo eu. – Nunca me passou pela cabeça que o tivesses feito. Sei que não serias capaz.

Tenho vontade de lhe perguntar sobre o resto. Sobre o que havia no passado da Eve que pudesse levá-los a suspeitar dele, o que a inspetora disse sobre a Eve que o fez passar de furioso e indignado a assustado e abatido. Mas não posso. Faz parte do Tabu da Eve e, de todas as conversas sobre a Eve que nunca teremos, esta é provavelmente a mais improvável.

– Podes trazer-me os analgésicos, por favor? – peço-lhe.

– Claro – diz ele, levantando-se. – Claro.

Quando fico sozinha na sala, fecho os olhos. É fácil visualizá-la mentalmente, ver aquele sorriso, aquele brilho nos olhos e aquele vestido cor-de-rosa.

Que segredos escondias, Eve? Devo tentar desvendá-los?

capítulo sete

– Sabes como é, maninha – diz o meu irmão Caleb, abrindo muito as mãos com uma expressão que diz “isto é superior a todos nós”. Fá-lo muito mais do que seria conveniente para um adulto. E embora não se comporte como tal, *é* um adulto. Tem um filho. E agora, ao que parece, um cão.

Abano a cabeça.

– Não, não sei. Não sei mesmo, digo-te.

Tenho quase a certeza de que a maioria das pessoas não entenderia como alguém pode aparecer despreocupadamente à porta de outra pessoa com um cão a pedir que tomem conta dele porque na azáfama de preparar uma viagem de férias que reservou há *seis meses*, se esqueceu de providenciar onde deixar o animal. Isto a caminho do aeroporto, note-se.

Quem é que faz isto a um casal saudável, quanto mais a alguém que se encontra a recuperar de um acidente de automóvel? Ah, sim, claro: o meu irmão.

– Mas, maninha...

– Eu dou-te o “maninha” – digo-lhe eu. – Estás a aproveitar-te da nossa boa natureza.

– Não estou nada – protesta ele, genuinamente horrorizado por eu o julgar capaz tal coisa. – Não tenho mais ninguém que possa tomar conta do cão. O Benji não quer que eu o deixe com uma pessoa qualquer, e sabes como ele confia em ti. Que querias que fizesse? Que deixasse o cão ao deus-dará?

– Podias simplesmente ter pegado no telefone e pedir-me com antecedência. Sabes usar um telefone, não sabes?

Mal as palavras me saem da boca o telemóvel dele começa a tocar. Ele saca o aparelho do bolso de trás das calças de ganga e olha para o ecrã.

– Tenho de atender – diz ele, e carrega imediatamente numa tecla, levando o telemóvel ao ouvido. – Sim? – diz ele com a voz cheia de mel.

É alto, este meu irmão mais novo, e bem-parecido, e um sedutor a muitos níveis.

– ã-hã – diz ele ao telemóvel, enquanto caminha de lá para cá na minha cozinha. Olho pela janela para o pequeno jardim da casa. O Jack está a brincar com o Benji e com o Butch, o cão. É amoroso, uma bolinha de pelo castanho com manchas pretas e um focinho pequeno e afilado que parece estar constantemente a tentar perceber o que lhe dizem ao mesmo tempo que esconde os segredos que aprendeu durante a sua vida na Terra. O meu problema não é o cão, e sim a falta de aviso, ou melhor, a mentira descarada. Falei com o meu irmão pelo menos três vezes nos últimos dias, e nunca mencionou cão nenhum. Eu devia ter estranhado o facto de só me telefonar quando o meu sobrinho estava a dormir. *O Benji ter-me-ia contado.*

Observo o Caleb enquanto ele se derrete ao telemóvel.

Deslocando-me a custo, pois ainda é difícil andar com as cicatrizes a repuxar e com a dor a alfinetar-me os terminais nervosos, chego ao pé dele, arranco-lhe o telemóvel das mãos e levo-o ao

ouvido. Ouço a voz de uma mulher.

– Ele não vale a pena, querida – digo eu, e desligo antes de voltar a enfiar-lhe na mão o pequeno retângulo prateado.

– Libby! – ruge ele. – Era a minha gestora de conta!

– Não me digas! E porque te telefona a um sábado? Não há dias suficientes durante a semana de trabalho?

O olhar furibundo dele far-me-ia sentir culpada se não o conhecesse desde que nasceu. É divertido, e adoro-o, mas é muito manhoso. O olhar assassino transforma-se numa expressão de amuo. Quem olhasse para nós agora diria tratar-se de um adolescente a receber um ralhete da mãe. No entanto, é pai de uma criança. Às vezes acho que se esquece disso. Adora o filho e é responsável quando tem mesmo de ser, mas acho que pensar nas responsabilidades constantes o assusta, e prefere dar à sola e deixar os problemas aos pais ou a mim. Mas um *cão*, com franqueza!

– Não tens sido muito justo connosco, pois não, Caleb? – digo-lhe eu. – Que farias se eu agora te dissesse que não podemos tomar conta dele? Que também estamos de partida para umas férias?

Parece alarmado.

– Não estão, pois não? – pergunta, e depois continua sem esperar uma resposta. – Ná, claro que não. Não irias a lado nenhum com o cabelo nesse estado.

Com um gesto automático levanto a mão direita e passo-a pelas curvas e pelas saliências da minha cabeça, evitando a cicatriz. O Caleb não parece ter reparado quando saiu do carro e entrou na casa. Os olhos do Benji, contudo, arregalaram-se e disse:

– Uau! – com um grande sorriso no rosto. – Estás tããão fixe, tia Libby. – E depois foi a correr buscar o cão ao banco de trás.

O telemóvel do Caleb, desta vez o que traz no bolso interno do casaco, começa a tocar. Claro que o meu irmão tem mais do que um telemóvel; desconfio que usa mais de um nome para gerir as suas várias “amigas”. O Jack, pelo menos, usou sempre o seu nome verdadeiro com todas as mulheres que levou para a cama. O Caleb faz menção de tirar o telemóvel do bolso.

– Se atenderes esse telemóvel, não só o atiro para dentro da sanita, como vos ponho a todos, incluindo o cão, daqui para fora. Entendido?

Ele hesita, sem saber se estou ou não a falar a sério. Estuda a minha expressão durante alguns segundos e chega à conclusão de que não estou a brincar.

– Sabes como é, maninha – repete ele, ignorando o telemóvel e puxando uma cadeira na qual se deixa cair pesadamente. – O Benji sempre quis um cão. O rapaz não tem mãe. Como posso eu dizer-lhe que não?

– Quero lá saber do cão – digo eu. – O que me incomoda é não me dizeres nada. Estás constantemente a tomar decisões que me envolvem e esperas que aceite tudo. Achas justo?

– Desculpa, maninha – balbucia ele como se estivesse realmente arrependido. E está, até certo nível, mas a quase todos os outros níveis só o diz para se livrar do sermão o mais depressa possível.

– O Jack tem de regressar ao trabalho na segunda-feira, e eu não posso tomar conta de um cão. Mal consigo atravessar a sala, quanto mais levá-lo a passear duas vezes por dia. O que esperavas, ao aparecer aqui sem aviso prévio?

- Lamento, maninha.
- Não lamentas nada.
- Lamento, sim senhor! – insiste ele com convicção.

– Mesmo que eu acreditasse nisso, e estamos a falar de uma hipótese muito remota, diz-me como posso eu fazer o que me pedes? E ocorreu-te pagar pelo serviço?

O Caleb tem a audácia de olhar em volta da divisão, como que a dizer-me que o dinheiro não é problema para mim. Não é o único a pensar que me saiu a sorte grande quando me casei com o Jack. A Paloma, que ainda está a organizar o casamento com o Devin, começou a procurar uma substituta poucas horas depois de lhe dizer que íamos casar-nos. Ficou horrorizada quando lhe disse que pretendia continuar a trabalhar. A maioria das pessoas esperava que abdicasse do emprego para tratar da casa a tempo inteiro, quando na realidade não me ocorria nada pior, a menos que fosse para tratar dos nossos filhos. Mantive o emprego e continuei a deslocar-me a Londres todos os dias como fazia antes de me casar. Ajudava a pagar a hipoteca e pagava a minha parte das contas.

– O mundo não te deve nada – digo ao Caleb. – E eu e o Jack também não. Se pretendes deixar cá o cão durante quatro semanas, terás de me pagar.

– Resolvemos isso quando voltar – diz ele.

Estalo-lhe os dedos à frente da cara.

– Concentra-te! Concentra-te! Lembra-te da pessoa com quem estás a falar – digo eu. – Não sou uma das tuas “gestoras de conta”, sou a tua irmã. Conheço-te de ginjeira, ou já te esqueceste? Há um multibanco ao fundo da rua, podes levantar lá o dinheiro.

– Já levantei o limite máximo por hoje.

– Ótimo, então tem-lo contigo. – Estendo-lhe a mão.

– Gastei-o em gasolina no caminho para cá – apressa-se ele a dizer.

– Terei de te revistar os bolsos? – digo eu. – Sabes que sou bem capaz de o fazer.

– Que má onda, maninha! – diz ele, sacando um grosso maço de notas do bolso interior. Seguramente muito mais que o limite diário do Multibanco. Retira do maço duas notas de vinte e estende-mas.

Olho para as notas roxas que tem na mão direita e depois para o maço na esquerda. Estico a mão e saco-lhe o maço. Tiro seis notas, mais as duas da outra mão, e devolvo-lhe o resto.

– Isso é o nosso dinheiro para as férias! – protesta ele, observando, ansioso, enquanto eu enrolo as notas e as enfio no bico do decote. Nunca o fiz antes, mas tenho quase a certeza de que não se atreverá a remexer-me no sutiã para recuperar o dinheiro. Até o meu irmão tem os seus limites. – E agora, como é que eu me vou arranjar?

– Não sei, mas tu talvez soubesses se parasses de pensar que eu vou passar a vida a salvar-te o coiro.

Por momentos espero que comece a resmungar “Não é justo!” e que se atire para o chão como costumava fazer no supermercado quando tinha quatro anos. Olho-o como costumava fazer nessa altura: espantada por alguém tão pequeno conseguir arranjar tamanha confusão. Depois de, ao que parece, considerar seriamente se a birra no chão funcionaria ou não, encolhe os ombros, contrariado.

– Vou despedir-me do Butch – diz ele, cedendo.

No jardim, o Jack está esparramado no chão, coberto de relva e terra, com o Benji a um lado a tentar convencer o Butch a saltar por cima do Jack para ir ter com ele.

– Aqui, Butch – repete o pequeno, batendo nas coxas com as mãos. Enquanto isso, o Butch entretém-se a perseguir a própria cauda em círculos cada vez mais frenéticos.

Adoro o otimismo inabalável do Benji, admiro o entusiasmo do Jack nestas situações com o meu sobrinho e adoro o Butch por ser tão cabeça no ar. (E por ter provavelmente um dos nomes mais incongruentes de todos os tempos.)

– OK, companheiro, diz o Caleb ao Benji, – está na hora de nos fazermos à estrada. Diz adeus ao Butch e a toda a gente.

O Benji abandona a brincadeira, salta por cima do Jack e agarra o Butch. O cão não protesta, deve estar habituado aos abraços dele.

– Adeus, Butch. Toma conta da tia Libby. Ela é muito fixe. – Aperta-o mais uma vez. – E o tio Jack também é fixe.

O Caleb também vai ter com o Butch mas não o abraça. Faz-lhe festas no pelo entre as orelhas.

– Até breve, Butch.

Depois aproxima-se do Jack e estalam as palmas das mãos, num gesto viril de despedida, enquanto o Benji me abraça, enterrando a cabeça no meu abdómen e quase me fazendo desmaiar de dor.

– Até breve, tia Libby. O Butch porta-se bem. Vai tomar conta de ti.

– Obrigada – digo-lhe eu. – Boas férias com o teu pai.

O Benji e o Jack fazem um “dá cá mais cinco” enquanto o Caleb vem ter comigo. Abraça-me com todo o cuidado. Os abraços dele surpreendem-me sempre. Mesmo que eu tenha acabado de lhe passar uma valente descompostura por ser egoísta e idiota, antes de sair abraça-me e diz adeus.

– Ficamos assim, maninha – diz-me ele. – Toma conta ali do Butch, e de ti também.

– Fica descansado – respondo eu. O Butch desiste de perseguir a cauda e senta-se no relvado, observando pacientemente a partida do Benji e do Caleb. Admira-me que não levante a pata para lhes acenar. Quando desaparecem ao virar da esquina, vira-se para mim e inclina a cabeça para um lado. Dou-me conta de que me está a tirar as medidas. A avaliar se estou à altura dos seus padrões. Por fim parece resignar-se ao facto de que, esteja eu ou não à altura, é comigo que tem de ficar de agora em diante. Faz o equivalente canino a um encolher de ombros sacudindo o pelo uma vez e afasta-se na direção do Jack. Provavelmente para ver se é uma alternativa melhor.

– Bem, também não és nenhuma maravilha, parceiro – digo-lhe eu.

– Estarás a querer discutir com um cão? – pergunta o Jack, ainda reclinado na relva.

– Não – digo eu com petulância.

O rosto do Jack desfaz-se num sorriso que se aproxima da gargalhada de incredulidade e desespero com que me brinda quando pensa que estou a ser insolente e pouco razoável.

Desvio o olhar, sem conseguir evitar um sorriso. Quando sorri assim costuma ter razão: estou a ser ridícula, insolente ou pouco razoável.

– Vou deitar-me um pouco – anuncio, ainda a lutar contra o meu sorriso.

– Está bem – responde ele.

Arrasto-me para dentro de casa sabendo que tão cedo não me vai deixar esquecer o que acabou de

acontecer.

jack

Não ter chegado a ter filhos com a Eve é uma das coisas que costumava atormentar-me. Havia muitas, muitas outras coisas que me atormentavam, mas de todas foi esta que me deixou no coração as feridas mais dolorosas.

Nunca disse isto a ninguém. Não é propriamente normal, pois não? Supostamente os homens não andam por aí aos caídos: deles se espera que queiram plantar a semente de um filho nos ventres de tantas mulheres quanto possível e fiquem satisfeitos com isso.

Não é admissível que sintam inveja ao ver outros homens a rebolar-se com os filhos na relva do parque, ou a apertar-lhes os cintos das cadeirinhas nos bancos de trás de horríveis carrinhas familiares, ou ainda observá-los a tentar controlar a prole nos supermercados. Não é suposto sentirem uma agonia arrasadora ao ver outros homens fazerem coisas que a eles lhes estão vedadas. Eu não queria simplesmente ter filhos – provavelmente não seria difícil encontrar uma mulher disposta a isso – queria tê-los com *ela*. Ansiava ver o brilho dos seus olhos refletido nos olhos de uma criança, ouvir o riso contagiante dela a sair da boca de um bebé enquanto lhe fazia cócegas; queria segurar uma criança nos braços e ver-me a mim e a ela, os nossos genes combinados noutra ser humano. Quando, seis meses depois da sua morte, me dei conta de que isso nunca aconteceria, enfiei um punho na porta das traseiras. Era constantemente perseguido por estas pequenas coisas, estes “nunca poderemos”, mas este era o pior logo a seguir a nunca mais voltar a vê-la. Foi então que comecei a odiar-me por lhe ter dito que devíamos esperar.

Ela queria começar a tentar praticamente desde que nos casámos, mas eu dissera-lhe que devíamos tirar partido do tempo que tínhamos só para nós antes de assentarmos.

– Qual é a pressa? Não vamos a lado nenhum. Temos a vida toda pela frente – disse eu com a ignorância e a arrogância de quem pensa que a morte é só para os outros. Não me dei conta de que o que estava realmente a dizer era “vamos viver para sempre, podemos tratar disso quando quisermos”.

Chorei a perda dos filhos que nunca teríamos quase tanto como chorei a perda de Eve.

O ladrar do Butch interrompe-me os pensamentos. Estou a levá-lo no seu primeiro passeio à beira-mar, tal como outrora imaginei levar o meu filho a passear no seu carrinho de bebé. O Butch gosta que converse com ele, que lhe fale dos edificios por onde passamos, das barracas da praia, da estátua da marginal, dos barcos que se fazem ao mar. Quando deixo de falar e mergulho no silêncio, consumido pelos meus pensamentos, ele para de andar, senta-se e começa a ladrar-me.

– Ouve, Butch, tenho muito em que pensar – digo eu ao focinho que ergue na minha direção. – Não tenho tempo para te oferecer uma visita guiada a Hove e Brighton.

Em resposta ele fica cabisbaixo, como se se sentisse magoado por lhe dizer que não tenho tempo para ele. Teria eu feito o mesmo ao meu filho ou à minha filha? Ver-me-ia, a certa altura, ocupado de

mais para brincar com eles, algo de que viria a arrepender-me em anos vindouros?

– Está bem, está bem, não faças essa cara. Darei o meu melhor.

O Butch levanta a cabeça, ergue-se nas quatro patas e recomeça a caminhar.

– Pontos de interesse – digo-lhe enquanto ele saltita nas suas perninhas de Yorkshire Terrier Cross, com o cuidado de não esticar muito a trela para que ele não perca pitada. – Ali, à tua direita, fica a praia onde pedi a Libby em casamento por acidente.

Pedi a Libby em casamento porque queria embarcar na aventura de ter filhos com ela. Depois de chapinharmos na água, às gargalhadas, e de voltarmos a correr para a manta, apercebi-me, enquanto ela enxugava o rosto, ainda sufocada de riso, que a dor que sentia por ter perdido a oportunidade de ter filhos com a Eve seria duas vezes pior se deixasse escapar a oportunidade de os ter com a Libby. Agora que sabia como a vida era curta, com que facilidade nos podia ser arrancada, por que esperava eu para me declarar à mulher encharcada de mar e perda de riso que tinha diante de mim? Que diria a mim próprio se não pudesse acompanhar a sua gravidez gloriosa? Se nunca chegássemos a saber o que era ter noites mal dormidas e irritarmo-nos um com o outro ao navegarmos juntos os mares tempestuosos da paternidade?

O Butch brinda-me com um grunhido. Se de aprovação ou não, não sei dizer.

Paro de caminhar e ele faz o mesmo.

– Que queres dizer com isso? – pergunto-lhe eu, exasperado, enquanto ele me deita um olho por cima do ombro. – Se o fiz foi porque a amo. Gostaria de a ter pedido em casamento como deve ser, durante um jantar romântico, ou uma coisa mais inventiva, mas por qualquer motivo aconteceu ali. E, sabes, senti que queria passar o resto da vida com ela, e ter filhos, por isso saiu-me sem pensar. Admito que ela não disse logo que sim, primeiro argumentou um bocado, mas a Libby é mesmo assim.

O Butch olha-me com os seus grandes olhos castanhos e dou-me conta de que estou a fazer o mesmo que a Libby: estou a conversar com o cão como se ele fosse humano, a comportar-me como se ele pudesse compreender-me e (pior) julgar-me. Admirara-me que esta pequena criatura, em poucos minutos de convivência com ela, tivesse logrado trazer ao de cima uma faceta da Libby que adoro, aquela sua doidice insensata que faz com que estar com ela seja um desafio, e nunca seja entediante. Ela testa os meus limites e não admite que me comporte como um rapazinho rico e mimado que gozou demasiados privilégios na vida. Tenta, de imensas formas, fazer com que me abra e fale sobre o que me atormenta, mesmo quando não tenho a certeza de querer fazê-lo. E acima de tudo confia em mim. Não acreditou nem por um momento que as acusações da inspetora Morgan pudessem ser verdadeiras, que eu tivesse assassinado Eve. Vi-o na forma como o interrogatório a deixou baralhada e indignada com a inspetora por se ter atrevido a sugerir tal coisa.

Sinto uma pontada de vergonha. A Libby confia em mim, e eu menti-lhe. Praticamente a enganei, não com o meu corpo, mas com o coração. Não sei como desfazer o que fiz, porque se lhe contar, como sei que devia, será o fim.

O Butch começa outra vez a ladrar, pouco impressionado com o passeio e com a companhia. Observo-o, vendo o bem que pode fazer à Libby. Pode ajudá-la a voltar a ser quem era, a ultrapassar esta fase inicial periclitante e voltar a si. Quando isso acontecer, talvez não me odeie tanto se

descobrir a verdade. Talvez possa ser mais compreensiva do que seria neste momento.

– Acho que vou gostar de te ter por perto, Butch – digo-lhe eu.

Ele não responde. Está muito mais interessado na Scottie preta que avança pelo passeio marítimo na nossa direção. Observo-o a observar a Scottie e tento reforçar a ideia de que ainda não arruinei as minhas hipóteses de ter filhos. Não se tiver cuidado e me esforçar por aguentar o barco. Não se conseguir manter em segredo as partes mais importantes do que realmente aconteceu a seguir ao acidente.

libby

– Eve, Eve – grita o Jack. – Eve!

– Jack – digo eu baixinho, abanando-o com cuidado.

Ele não se mexe, continua a contorcer-se na cama, de olhos bem fechados e o rosto crispado na agonia que o encurralou dentro de um sonho.

– Não, Eve...

– Jack – digo eu, agora mais veemente, e abano-o com mais força. É terrível vê-lo tão perturbado e imerso em algo tão doloroso.

– Hã? – exclama ele, abrindo os olhos de repente e relaxando de imediato. Senta-se na cama, ainda a recuperar o fôlego, com o coração aos saltos. – Que foi?

– Acho que estavas a ter um pesadelo – respondo eu, sentando-me também.

Os olhos dele perdem-se no vazio ao tentar lembrar-se do que sonhava.

– Acho que estava a sonhar com o acidente – diz ele, por fim.

– Estavas a chamar pela Eve – digo eu. Ele reage como sempre quando digo o nome dela: inteiriça-se como se eu o tivesse ofendido, como se tivesse pronunciado uma palavra proibida, ferindo-o de morte. Se estivesse a falar de Adão e Eva não haveria problema, creio eu. É o evocá-la, o chamamento metafísico da sua pessoa, que ele tem dificuldade em assimilar.

– Ai sim? – pergunta ele, absorto, o corpo ainda tenso depois de me ouvir dizer a palavra proibida.

– Sim – digo eu, com cuidado para não parecer acusatória –, várias vezes.

O Jack abana a cabeça e franze os lábios.

– Não sei porquê. Podia jurar que estava a sonhar com o acidente.

Reparo que não olhou para mim, mas isso pode não querer dizer nada. Ou pode querer dizer muita coisa. Tal como ter-se ido abaixo quando a agente mencionou o passado da Eve pode querer dizer muita coisa. Às vezes, no caso do Jack, é difícil perceber aquilo que tem ou não implicações. Por isso, não ligo.

– Certo – replico eu. – Certo.

– Ainda está escuro lá fora – diz ele, entrevendo a noite nas orlas da cortina corrida.

– Sim – digo eu. – Só estamos a dormir há coisa de uma hora. – Ainda não tive o meu pesadelo sobre o acidente, a noite ainda me reserva esse deleite. – Tinhas sonhos destes quando eu estava no hospital? – pergunto-lhe.

– Que me lembre, não – afirma ele.

– Ainda bem, então.

É inútil insistir num assunto que corre o risco de se transformar numa conversa sobre a Eve. Não vale a pena. Acabam sempre da mesma maneira: o Jack, silencioso e retraído, escondido na sua

concha; eu, atrapalhada, sem saber se devo calar-me ou insistir para tentar chegar ao fundo da questão. Aninho-me debaixo dos cobertores e viro-me de lado, para a janela, de costas para o Jack.

Às vezes viver com ele é como dizerem-me que é uma questão de vida ou morte sustentar a respiração, sem no entanto me dizerem quando posso voltar a respirar. Não sei o que é melhor: respirar fundo e sofrer as consequências ou continuar a sustentar a respiração independentemente do que isso possa fazer-me.

Às vezes tenho medo de respirar ao pé do Jack porque temo que isso possa ser o fim do nosso casamento.

– Boa noite. – Não tenho energia para decidir o que fazer, para escolher bem as minhas palavras, tentar exorcizar aquilo que o atormenta. Ficámos ambos abalados e feridos depois do acidente, e mais tarde com a inoportuna visita da agente da polícia. Se foi assim que a dor e o caos decidiram manifestar-se no Jack, só me resta não o forçar a falar. Resta-me recuar e deixá-lo resolver as coisas sozinho.

– Amo-te – sussurra ele de repente, inesperadamente, encaixando-se à minha volta. É gentil, cuidadoso, tentando não exercer demasiada pressão sobre o meu corpo magoado.

– E eu a ti – sussurro, comovida. Ele nunca faz isto depois de um “momento Eve”.

Dá-me um beijo na nuca e volta a sussurrá-lo contra a minha pele, como que a tentar gravar as palavras no meu corpo. Pela primeira vez, depois de um “momento Eve”, estamos unidos, e não a quilómetros de distância no mesmo lugar.

Fevereiro de 2010

Da entrada da sala, de pijama, vi uma versão a preto e branco de Rex Harrison a falar com Margaret Rutherford. O som do velho filme que passava na saleta estava cortado. As luzes estavam desligadas, e as imagens no ecrã lançavam inconstantes raios de luz por toda a divisão.

O Jack estava perfeitamente imóvel no sofá, com as costas para a porta, para mim. Devia ter-me ouvido a descer as escadas para ver onde estava, mas não se mexeu. Aproximei-me do sofá, onde ele continuava imóvel como uma estátua, com o comando numa mão e o olhar fixo no ecrã do televisor.

– Jack? – sussurrei, e sentei-me no sofá ao lado dele. – É muito tarde, anda para a cama. Amanhã tens de te levantar muito cedo.

A luz do ecrã iluminou-lhe o rosto, revelando-me os sulcos das lágrimas que ainda lhe corriam pela face. O meu coração parou, gélido, aterrado com o que o deixara naquele estado.

– Jack? Estás bem? Que se passa?

– Ela adorava esta história de Noel Coward – disse ele numa voz que era uma sucessão de soluços abafados.

Virei-me para o ecrã. Também gostava de *Uma Mulher do Outro Mundo*¹. Tinha um humor inteligente e absolutamente delirante.

– Achava que era o melhor trabalho de Coward – continuou ele, com a voz trémula sob a pressão da dor e das lágrimas. – Sinto tanta falta dela. Tanta, tanta.

Era a primeira vez que ele me mostrava um vislumbre de quem a Eve era como pessoa e não apenas como esposa dele, a primeira vez que revelava que ela tinha gostos e aversões como qualquer ser humano.

– Oh, querido, é natural – disse eu, e cheguei-me a ele para o abraçar, para o ajudar a ultrapassar aquilo com o meu amor.

Ele encolheu-se como se eu fosse fazer-lhe mal.

– Preciso de estar sozinho – disse, sempre sem tirar os olhos do ecrã. Obviamente não me queria ali. – Por favor.

Fitei-o, horrorizada. Porque recusava a minha ajuda? Os meus abraços? Eu não a tinha conhecido, mas amava-o e preocupava-me com ele. Faria tudo para o ajudar a ultrapassar a dor. Pensava que o tinha deixado bem claro, que era o que ele queria. Pensava que era por isso que nos tínhamos casado. Julgava que era para isso que servia o casamento, para unir duas pessoas: qualquer problema que tivéssemos, podíamos enfrentá-lo juntos.

– OK – disse eu, sentindo-me como se me tivessem embrulhado o coração em arame farpado, aprisionando-o e perfurando-o em vários sítios. *Por favor, que isto não seja o começo daquilo que eu temo que possa ser*, pensei eu ao abandonar a divisão. *Que isto não seja a Eve a meter-se entre nós.*

¹ No original, *Blithe Spirit*, uma peça cómica adaptada ao cinema em 1945 sobre um escritor de sucesso que, ao organizar uma sessão espírita em sua casa com o objetivo de reunir material para o seu próximo livro, se vê confrontado com o irritante e temperamental fantasma da sua primeira mulher, Elvira, que tenta por todas as formas sabotar o segundo casamento de Charles com Ruth, que não consegue ouvi-la nem vê-la. (*N. da T.*)

jack

Tenho um sonho recorrente em que entro no quarto e a Eve está sentada na cama, com o vestido cor-de-rosa do casamento e com os joelhos contra o peito, os braços em redor das pernas encolhidas e o cabelo ondulado a cair-lhe em cascata sobre os braços enquanto apoia a cabeça nos joelhos. Os soluços dela encham a divisão, que parece gemer em sintonia com o sofrimento dela.

– Céus, Eve, que tens? – pergunto eu, sem poder aproximar-me muito da cama porque a angústia dela é como uma muralha à sua volta. Estendo-lhe os braços, mas ela recusa-se a ser consolada.

– Oh, Jack – soluça ela, em resposta. – Como foste capaz? Como pudeste apaixonar-te por outra mulher? Como pudeste casar-te com ela? Não te importas que eu já cá não esteja? Não me amas?

A princípio, abria os olhos e interrompia o sonho, atormentado por sentimentos de culpa, com o coração aos saltos no peito. Como tinha a Libby aninhada nos meus braços tinha de me desembaraçar, afastando-me de mansinho para não a acordar, e rebolava para o outro lado da cama, de costas para ela, tentando afugentar da memória o som do choro da Eve.

Com o passar do tempo o sonho evoluiu. Foi-se tornando cada vez mais pormenorizado, intrincado, condenatório. Em vez de despertar quando ela me acusava, ficava diante dela, a pedir-lhe que entendesse.

– Claro que me importo que já cá não estejas. Claro que te amo.

– Então porque é que tinhas de te apaixonar por ela? O sexo não significa nada, mas o amor é tudo.

– E os seus soluços tornavam-se mais aflitivos, invadindo-me com uma dor pungente, corrosiva.

– Desculpa, Eve, desculpa. Eu não a amo – dizia eu sem pensar, num esforço desesperado para fazer com que parasse de chorar. – Eve, Eve! Eve, não! Cometi um erro, nunca me devia ter casado com ela. Não a amo.

E resultava. A Eve deixava de chorar, erguia o rosto vermelho e inchado e olhava para a porta atrás de mim.

– Vês? Bem te disse – dizia ela.

Eu dava meia-volta e via a Libby à entrada, a olhar para mim com compreensão e com uma tristeza inconsolável, de partir o coração. Depois voltava-me as costas e começava a afastar-se.

Tenho este sonho desde o acidente. A Libby sonha com o acidente, e eu sonho com isto. Como ela, acordo banhado em suor, agitado, inquieto. Ao contrário dela, acordo sem outro pedaço da minha alma. Agora, ao que parece, comecei a chamar pela Eve durante o sono.

Quem me dera poder explicar à Libby o que a morte da Eve me fez, como a tenho presente quase todos os dias. No entanto não posso fazê-lo sem lhe contar tudo. E nesse tudo há coisas de que simplesmente não posso falar.

Porém, não lhe contar começa a ter consequências.

Ela está tão frágil neste momento. As mudanças que não são visíveis a olho nu são as que mais me

corroem por dentro: anda mal-humorada, irritadiça, inquieta. Quando a observo não vejo nada a não ser confusão nos seus olhos, nas suas ações. Às vezes é como se nem sequer se lembrasse de como fazer as coisas mais triviais, como encher a chaleira de água ou abrir uma lata de comida de cão, como se não soubesse se está a fazê-las corretamente.

A dor que sinto quando a vejo a esforçar-se por ser normal no estado em que está não é como nada que alguma vez tenha sentido. Quando a Eve morreu foi fácil deixar-me levar pelo sofrimento, não tinha de controlar o que sentia para não a magoar: a Eve não podia saber. Com a Libby, quando o sonho me arrasta para o mundo real, dou por mim acordado, a olhar para o teto e a visitar todas as vezes em que a deixei ficar mal.

Antes do casamento, mudámo-nos para o pequeno apartamento dela em Brighton porque a casa estava a ser redecorada. Comprar mobília nova para o quarto transformara-se num desejo de tornar a casa nossa. Sugeri uma cor nova para as paredes e tapetes novos e ela perguntou-me se tinha a certeza. Não tinha, era como passar tinta por cima do tempo que lá passara com a Eve, mas tinha de seguir em frente, de refazer a minha vida com e pela Libby. Ela queria que fôssemos nós a pintar a casa, mas a enormidade da empreitada, sobretudo quando tínhamos em mãos a organização do casamento, obrigou-a a deixar-me contratar decoradores.

Entretanto, dormíamos no acanhado apartamento, acolhedor mas sem ter para onde fugir se nos sentíssemos muito apertados. Era perfeitamente claustrofóbico, um confinamento que nunca antes experimentara com alguém que amava. Observava-a enquanto dormia, via-a a arrastar o passo até à minúscula casa de banho ao lado do quarto com o pijama amarrotado e o cabelo preso num lenço, a esfregar os olhos e a resmungar palavrões por ser cedo de mais. Deitado na cama, podia olhar pela porta aberta e observar com carinho os seus trejeitos enquanto levava à boca colheradas de papa de cereais com leite de lata, debruçada sobre o lava-loiça na *kitchenette* ao fundo da sala. Sorria sempre que, antes de sair para o trabalho, ela me dizia que fizesse bom proveito da cama, pois dormir no apartamento dela significava que o meu escritório ficava apenas a quinze minutos a pé. Adorava a forma como ela se deixava cair no sofá quando chegava do salão, a forma como me sorria quando eu me oferecia para preparar o jantar, como tentava ficar acordada até depois das dez, mas acabava por dormitar encostada a mim a babar para cima do meu ombro e protestava quando eu a obrigava a ir para a cama.

– Para de me observar – dizia ela amiúde, com um pequeno sorriso no rosto porque também estava a observar-me.

– Não consigo evitá-lo – respondia eu, – estou fascinado por ti, apaixonado por ti.

– Então vai ficar fascinado e apaixonado pela televisão. Estou aqui a tentar tratar disto, e não é fácil contigo a assistir.

Uma semana antes do casamento estava totalmente desperto a observá-la e ela esticou o braço, acariciou-me o rosto sem abrir os olhos e eu beijei-a, e por qualquer motivo, aconteceu. Não tínhamos chegado nem perto desde *aquela* noite, mas quando dei por mim estava a despi-la, e ela corria-me as mãos pelo corpo, com pequenos ruídos de prazer que lhe vinham do fundo da garganta. Mesmo antes de a penetrar, ouvi-a murmurar qualquer coisa. Não era para os meus ouvidos, pareceu-me até que ela não tinha consciência de o ter dito. Era um pensamento íntimo que lhe fugira dos

lábios.

Adormecemos aninhados um no outro, como sempre, mas o que ela dissera permaneceu comigo:

– Por favor, Jack, não me partas o coração – sussurrara ela.

Prometo, respondi eu mentalmente, em silêncio. *Não seria capaz*.

Mas fi-lo.

Devia contar-lhe, acabar-lhe com o sofrimento e a confusão, permitir-nos a ambos sair deste pântano de segredos e mentiras e seguir em frente. Os bons momentos que passamos juntos são verdadeiramente maravilhosos, e os maus resultam normalmente das minhas tentativas de a poupar, calando-me quando o assunto é a Eve.

Não sei se a incomodaria, mas tenho um medo terrível de arriscar, de que me odeie a sério. Se não chegar a lembrar-se do que eu fiz a seguir ao acidente, não terei de ver outra mulher que amo a fitar-me com o olhar carregado de ódio.

libby

Como é habitual, encontro o Jack ao meu lado na cama quando volto a acordar, banhada em suor e trémula depois do meu pesadelo sobre o acidente, mas ao contrário do que é habitual está virado para mim, de braços estendidos, como se algo o obrigasse a recuar, mas ele estivesse a fazer tudo o que pode para ficar perto de mim. Fecho os olhos e tento obrigar-me a voltar a adormecer. Talvez o acidente tenha tido um efeito positivo em nós, talvez agora que sabemos o que temos a perder possamos ser mais abertos um com o outro. Talvez – espero que sim – este seja o começo do resto da nossa vida juntos.

– Butch, não há nada lá em baixo para ti. Juro.

Está à porta da cave, a arranhar a madeira e a arruinar a pintura. Provavelmente devia ficar aborrecida com este tipo de coisas – o Jack ficaria – mas é-me indiferente. Tenho mais em que pensar, suponho.

O cão, um Yorkshire Cross, aparentemente, já está connosco há cinco dias, e quando não está esparramado no cesto dele, no hall da entrada, está desesperadamente a tentar entrar na cave. Quem o visse julgaria que tinha enterrado um osso lá em baixo e queria recuperá-lo.

O Butch desiste de arranhar a porta, vira-se e senta-se a olhar para mim. Fartou-se.

– Já te disse que não – respondo-lhe.

Ele solta um latido.

A campainha da porta vem interromper o confronto de vontades e por momentos sinto-me tentada a ignorá-la. A fingir que não estou até a pessoa ir embora. Mas não deve tratar-se de uma visita inoportuna, alguém que eu possa legitimamente ignorar; deve ser alguém que conheço e que acabará por me telefonar para o telemóvel e para o telefone de casa. Se eu não atender, telefonará ao Jack e ele virá a correr para casa para me resgatar, ainda que esta seja a sua primeira semana de regresso ao escritório após o acidente. Isto se os serviços de emergência, a polícia e os bombeiros ainda não tiverem instruções para deitar a porta abaixo.

– Isto ainda não acabou – digo eu ao Butch enquanto me dirijo para a porta.

– Dlim-dlão, é a Grace Clementis. – Está radiosa. O retrato vivo de uma mulher que leva a sua beleza muito a sério. Traz a maleta Louis Vuitton, onde transporta o seu conjunto de manicura. Antes do acidente servia-se de mim como cobaia de curso de estética porque é uma das suas paixões.

– É como se Deus tivesse atendido todas as minhas preces – disse ela quando voltei a vê-la, desta vez como namorada do Jack. – O Jack conhece uma mulher espetacular que ainda por cima é esteticista. Devo ter sido uma santa na minha vida anterior.

Fito-a, embasbacada, perguntando-me se realmente julga que lhe vou dar uma aula agora. Mal consigo andar e pensar com clareza. Dar-lhe uma aula de beleza não é necessariamente a última coisa que quero fazer, mas está muito lá em baixo na minha lista de prioridades.

– Estive cá a pensar que provavelmente descuraste as unhas durante estas duas últimas semanas. Precisas de um tratamento profissional. Eis-me aqui. – Rodopia. – Chegou a profissional.

É preciso que se diga que na vida real é diretora do departamento de marketing de um dos maiores bancos do país.

Não respondo. Que posso eu dizer que não seja ofensivo e não magoe os sentimentos dela?

– Ficas já a saber que não me vou embora antes de te pintar as unhas, por isso podemos fazer isto da maneira mais difícil ou então de uma maneira ainda mais difícil que essa.

Sorri quando me desvio para a deixar entrar. O Butch está dentro do seu cesto, no corredor. Levanta a cabeça para olhar para ela e dá-lhe um latido de boas-vindas. Ela sorri e diz:

– Olá, pequerrucho, que bonito que tu és.

Ele ladra-lhe alegremente e a seguir lança-me um olhar desabrido antes de apoiar o focinho nas patas e fechar os olhos para dormir. Mais uma vez admiro-me, como tantas vezes sucede, da facilidade com que a Grace cativa qualquer um.

– Como era o Jack depois de a Eve morrer? – pergunto à Grace.

Estamos sentadas à mesa da cozinha, com as ferramentas da Grace espalhadas diante de nós e um arco-íris de vernizes para as unhas à minha direita. Tem estado a trabalhar em silêncio, concentrada enquanto me massajava as mãos (ainda sinto a esquerda ligeiramente dorida devido ao acidente) com um creme de mãos que é um sonho, e usava acetona para preparar as minhas unhas para a primeira camada de verniz.

O pincel do verniz de base que tem na mão detém-se a meio do seu caminho entre a base e a ponta do leito ungueal do indicador da mão esquerda e ela baixa um pouco mais a cabeça.

Hesita, e a seguir recompõe-se antes de recomeçar a pintar. Nunca lhe fiz perguntas sobre a Eve, nunca senti necessidade de o fazer. Mas ouvir o Jack a gritar por ela durante o sono está a começar a afetar-me. Juntando as coisas que a agente disse, estou a começar a sentir-me muito em baixo. Pensei que estava a seguir em frente, a recuperar, mas é como se tivesse congelado, incapaz de me livrar da sensação de que o Jack me está a esconder qualquer coisa. Está diferente, e quero saber se é assim que lida com o trauma ou se há mais qualquer coisa a afligi-lo.

– Como assim? – pergunta ela.

– Como era ele, como reagiu? Disse-me que fez muitas asneiras, mas que quer isso dizer ao certo?

O pincel detém-se mais uma vez.

– Quer dizer que se tornou uma pessoa diferente.

A Grace ergue a cabeça e o manto de cabelo cor de mel que torcera na base do pescoço para o afastar das minhas unhas cai-lhe suavemente por cima dos ombros e para os lados do rosto. Invejo-lhe o cabelo. Mais: invejo-lhe a possibilidade de se esconder atrás dele. E sobretudo, invejo-a pelo seu visual feminino.

– A morte da Eve acabou com ele. Era como se o tivessem estraçalhado por dentro e só a pele o impedisse de se desfazer. Andava perdido de raiva, tinha ataques de cólera e agredia toda a gente. Nem sei como conseguiu manter o emprego. Bebia sem parar. Tentei falar com ele, tentámos todos, mas ele não dava ouvidos a ninguém.

– O que o fez parar?

Por instantes ela fita o vazio.

– Não tenho muito orgulho no que fiz, mas... Bem, basicamente, uns seis meses depois da morte dela, o Jack passou o dia nos copos e depois apareceu lá em casa *de carro*. Não só tinha arriscado a própria vida, como pusera em perigo a vida dos outros. O Rupert até trepou pelas paredes, nunca o

vi tão alterado. Tinha medo de que o Jack se autodestruísse, mas ficou tão furioso que se recusou a deixá-lo ficar lá em casa. Enfiou-o no banco traseiro do carro e deixou-o à porta de casa. Eu disse-lhe que ia ficar para ter a certeza de que ele estava bem, mas o Rupert ainda estava zangado de mais para ficar. Naquele momento cheguei à conclusão de que já não havia nada a fazer. O Jack ia pôr fim à própria vida e eu ia perder outro amigo. Quando acordou e me viu lavada em lágrimas pensou que estava a chorar por causa da Eve e começou a tentar consolar-me. Eu disse-lhe que estava a chorar porque me sentia como se ele também tivesse morrido e que, com a vida que levava, era só uma questão de tempo. Respondeu-me que viver já não fazia sentido para ele. Nesse momento o meu medo transformou-se numa raiva incrível. Ali estava eu (e toda a gente que o conhecia) a tentar ajudá-lo e afinal ele já estava decidido a dar cabo da vida. Não valíamos nada para ele, só a Eve. Disse-lhe que era um egoísta e fui-me embora. Mais tarde apareceu lá em casa para ir buscar o carro e para se desculpar, mas nem sequer o deixei entrar. Atirei-lhe as chaves do carro de uma janela do primeiro andar e gritei-lhe que... que saísse da minha vida para eu não sofrer tanto quando ele se matasse. Ficou chocado porque era a primeira vez que eu me virava contra ele. Admitiu que estava a ser egoísta, e eu disse-lhe que aquilo era só conversa e que para voltar a ser amiga dele as coisas tinham de mudar.

– Estavas a falar a sério?

– Não sei – admite ela. – Eu bem queria. Queria dar-lhe um abanão, tirá-lo daquele transe, mas não sei quanto tempo eu e o Rupert conseguiríamos manter a farsa. Felizmente ele decidiu deixar de beber e parar com os ataques de fúria. – Sacode vigorosamente o frasco do verniz entre o polegar e o indicador. – Acho que se deu conta de que tinha batido no fundo porque estávamos a ameaçar virar-lhe as costas. Se tivesse decidido continuar a fazer o que fazia, sabe Deus o que teria acontecido.

Estremece e faz uma careta.

– Não mudou de um dia para o outro, percebes? E muito menos se tornou uma pessoa melhor. Só acabou com os comportamentos destrutivos. Tinha outro tipo de comportamentos menos dignos, mas com isso podia eu bem. Já foi bom ter parado antes de matar ou prejudicar alguém num...

Cora profundamente. Destapa o frasco e baixa a cabeça, mas desta vez, em lugar de afastar o cabelo, usa-o como um véu para esconder o rosto, e volta ao trabalho.

– Sinto muito – diz ela.

– Não faz mal – respondo eu, e é verdade. O acidente não foi culpa do Jack, a despeito das dúvidas e das desconfianças que aquela agente da polícia tentou meter-me na cabeça.

– Chegaste a conhecer a inspetora Morgan? – pergunto à Grace.

– *De quem foste tu falar!* Essa... detesto falar mal dos agentes da lei, mas essa mulher... Tentou arrancar-me todo o tipo de informações sobre o Jack. Se era violento, se podia ter sido ele a matar a Eve. Pus logo os pontos nos is. Mesmo que ele fosse violento, ela foi tão indelicada que se houvesse alguma coisa para contar (e não era o caso) não lhe diria nada. – Interrompe o que está a fazer e olha para mim. – Espera aí, como é que tu a conheces?

– Veio cá a casa para recolher o meu depoimento sobre o acidente, mas o que queria mesmo era insinuar que o Jack matou a Eve e que provavelmente eu era a próxima.

– Espero que a tenhas mandado a um sítio que eu cá sei – diz ela, com mais indignação na voz que

a que deixa entrever no rosto. Há qualquer coisa que me inquieta na forma como desvia os olhos enquanto abana a cabeça ante o atrevimento da agente da polícia.

– Claro – respondo eu, observando o esforço dela para não olhar para mim.

– Lata não lhe falta, verdade seja dita.

Vejo que a conversa terminou pelo silêncio da Grace enquanto me pinta as unhas. Cada pincelada de verniz é uma frescura temporária que me provoca um arrepio de prazer. Observo as cerdas do pincel a espalhar-se em leque enquanto este se move, a cobrir e a proteger-me as unhas do verniz colorido que se segue. Deve ser péssimo pensar que um amigo nosso é visto como um assassino: é obviamente um assunto que a incomoda. Eu também não quero falar disso, estou mais interessada no próprio Jack e no efeito que a Eve teve sobre ele.

– Como eram os relacionamentos do Jack antes da Eve? – pergunto eu ao fim de algum tempo.

– Antes da Eve? Não houve nenhum “antes da Eve”, pensei que sabias. – Está pronta para passar à mão direita mas detém-se e olha para mim. Devolvo-lhe o olhar sem denunciar qualquer reação. – Não sabias?

– O quê? – pergunto eu.

Coloca a mão sobre a minha, como se estivesse prestes a dar-me uma notícia terrível.

– O Jack era virgem quando conheceu a Eve.

“*Quero foder-te. Posso foder-te?*”, ouço-o dizer na minha cabeça. É algo que me vem muitas vezes à memória: a urgência cuidadosamente modulada na voz, conjugada com o corpo dele a apertar-se contra o meu; as palavras que escolheu para se certificar de que teria o meu total consentimento; o apurado sentido de oportunidade, quando já me tinha levado ao orgasmo, o que aumentava as probabilidades de eu dizer que sim... tudo ações de um perito. Não de um...

– A sério que não sabias? Não estou a querer ser engraçada, mas afinal de que falam vocês os dois?

– Só do que não interessa, aparentemente. Ele era mesmo virgem antes da Eve?

O cabelo dela agita-se para trás e para a frente enquanto faz que sim com a cabeça. Quem me dera que ela parasse com aquilo. Quem me dera que parasse de ter cabelo que se mexe. Que parasse de mo exibir.

– Quando a Eve morreu e ele começou a recompor-se, parecia que só vivia para ir para a cama com imensas mulheres diferentes. Antes da Eve não, nem pensar. Estava à espera da mulher certa com quem dar esse passo; costumava dizer que para ir para a cama com alguém tinha de estar completamente apaixonado.

– E isso aconteceu com a Eve – afirmo eu. A Grace encolhe os ombros esguios.

– Sim. Ela não era virgem. Era uma mulher como todas as outras, tinha pelo menos um troféu na prateleira. Acho que é tudo culpa do pai dele.

Que tem o Hector a ver com esta história?

– Já escolheste uma cor? – pergunta a Grace, agitando os dedos por cima dos frascos que dispôs cuidadosamente na mesa.

– Vermelho – digo eu, absorta, ainda a tentar processar o que acabara de saber sobre o Jack. Seria aquele o motivo da obsessão dele pela Eve? Quase todos nós temos um fraquinho pelo nosso

primeiro amor, e pela primeira pessoa com quem... No caso do Jack tratava-se da mesma pessoa, e ainda por cima casara com ela. Não admira que ainda estivesse tão agarrado à sua memória.

– Porque havia de ser culpa do Hector que o Jack fosse virgem até conhecer a Eve?

A Grace deixa de apreciar a sua coleção de cores e examina-me com surpresa e incredulidade.

– Vocês realmente não conversam lá muito, pois não? – comenta ela.

E não sabes da missa a metade, penso eu.

– Sobre estes assuntos, não – admito.

– Bem, provavelmente nem devia contar-te isto, mas já foi há tanto tempo, não vejo que mal possa fazer. Quando o Jack fez quinze anos, no próprio dia do aniversário, o pai levou-o a um bordel de luxo em Londres e disse-lhe que escolhesse uma rapariga.

– Que *horror* – murmuro eu quando o choque inicial me permite falar.

– Espera, há pior. Como o Jack, assustado, não fez o que o pai mandou, o Hector passou-lhe uma valente descompostura por tê-lo humilhado e durante uma semana não dirigiu uma palavra ao filho.

Levo a mão à boca.

– Sim, eu sei – diz a Grace. – Agora imagina como eu me sinto. Toda a minha vida conheci o Hector, e de repente descubro uma coisa destas. Na altura arrepiei-me toda e ainda me dá calafrios. Ele e o meu pai são bons amigos, e, claro, aquilo deu-me que pensar... e depois enervava-me, por isso tive de deixar de pensar no assunto.

– Caramba, imagino.

– Aquilo deu cabo da cabeça do Jack. Nunca saberei se o meu pai fazia o mesmo, mas ele tinha provas de que o pai traía a mãe. Teve de decidir entre ficar calado ou correr o risco de destruir a família se contasse à Harriet. Era um peso muito grande para os ombros de um miúdo de quinze anos. Não admira que não quisesse nada com mulheres até se sentir preparado.

– Não fazia ideia.

– Não podias saber, podias? Ninguém olha para um homem como o Hector e imagina que ele é capaz de... Bom, seja como for, manter-se virgem acabou por tornar-se a vingança perfeita contra o pai, porque corria nos círculos sociais e de negócios em que o Hector se movia que este tinha um filho bem-parecido que se recusava a “comportar-se como um homem”, seja lá isso o que for. O Hector estava sempre a arranjar-lhe encontros e a apresentar-lhe mulheres mas o Jack não ia na conversa do pai. Nesse aspeto foi ele quem riu por último.

– Na boda dancei com o Hector.

Abraçou-me no nosso casamento. Estou a tentar não pensar em todas as vezes em que tive contacto físico com o Hector, mas é mais forte do que eu, e essa ocasião é a que mais me vem à cabeça.

– Insistiu em dançar comigo na festa dos meus dezoito anos e no meu casamento, o que foi simplesmente *blargh!* A Eve é que foi esperta, com a ideia de casarem praticamente em segredo. Assim evitou o constrangimento.

– Humm – respondo eu, ainda a recuperar do choque. Quando conheci o Hector simpatizei mais com ele do que com a Harriet, que me pareceu um pouco bizarra, um tanto excessiva nas demonstrações de alegria ao ver que o filho voltara a apaixonar-se. Insistira que não se importava de

ser ou não incluída nos preparativos para o casamento, quando era mais que óbvio que queria participar. Já o Hector fora cortês, simpático e afável. Dava a impressão de ser o tipo de homem que eu gostaria que o Jack viesse a ser. Não podia estar mais equivocada.

– OK, voltemos às tuas unhas. Que cor vai ser?

– Vermelho, já te disse.

– Vermelho? Tenho quinze vermelhos diferentes, vais ter de ser mais específica que isso.

– Não sei, Grace, não estou propriamente no meu melhor. Em muitos dias nem sequer consigo decidir se hei de usar sutiã, que é, tipo, essencial. Isto não é. Por isso peço desculpa se não consigo decidir entre diferentes tons de vermelho. Pouco me importa.

– Pouco te importa? Vou pôr-te sabão nessa boca, minha menina. Não vou permitir que descures os teus deveres de beleza por causa de um acidente – ralha ela. – Eu e a Angela vamos fazer com que voltes ao que eras num abrir e fechar de olhos.

– Tens falado com a Angela sobre mim?

– Claro – diz ela. – És nossa amiga. Vamos fazer o que for preciso para te pôr boa.

– Eu estou bem.

Os olhos da Grace, azuis-claros com veios cor de avelã, cravam-se em mim e forçam-me a devolver-lhe o olhar.

– Sabes bem o que queremos dizer.

Desvio imediatamente o olhar. Pois sei. Julguei que estava a restabelecer-me, mas os sonhos do Jack e a visita da agente atrasaram um pouco o processo. Ou se calhar foi uma recaída natural, algo que teria acontecido de qualquer forma quando realmente me desse conta da minha situação. Sinto-me tão frustrada. Tenho vontade de me agarrar a mim própria pelos ombros e de gritar a mim própria para sair do transe, para parar de me comportar desta forma, de sentir o que sinto, para me *reorganizar*. Mas estaria a gritar a uma mulher ensurdecida pelo horror do que vê ao espelho, derrotada pelo medo de que o reflexo nunca mude, petrificada por saber que uma coisa destas podia ter acabado com ela. Quero ficar boa, mas neste momento não vejo como.

Pego num frasco de verniz vermelho-escuro. A cor das minhas cicatrizes com dois dias, quando as vi pela primeira vez.

– Esta – digo eu, estendendo-lhe o frasco como uma oferenda de paz, uma bandeira branca de rendição para que me deixe em paz.

As covinhas dela acentuam-se com um sorriso. Os olhos dela, tão perspicazes e incisivos como os da Angela, dizem-me que não consegui ludibriá-los. Porém, aceita o meu gesto simbólico, pelo menos por enquanto.

capítulo oito

– Estou certo de que falo por todos os presentes – declara o Hector, discursando do seu lugar à lareira, – quando digo que estamos extremamente felizes com a presença da Liberty e do Jack hoje entre nós.

As nossas famílias e os amigos reunidos na sala acenam e murmuram em concordância. Vieram todos: a minha mãe, o meu pai, a Grace e o Rupert, a Angela e o marido, o Spencer, a Paloma, a Sandra, a Inês, a Amy e a Vera, os pais da Grace, a Harriet e, claro, o Hector. Também há algumas pessoas do escritório do Jack, entre as quais a Rachel, a assistente dele. O Caleb e o Benji ainda estão em férias, bem como o Jeff, o irmão do Jack, e respetiva família. Estou sentada no sofá diante da lareira, ancorada à mão do Jack, a meu lado.

– Estou certo de que estão todos tão aliviados como eu por se encontrarem ambos em plena recuperação – continua Hector.

Por qualquer motivo, chamou a si o papel de mestre de cerimónias e orador. No passado, tal não me incomodaria, mas agora, sabendo o que sei, sinto-me suja, como se a ignomínia e a vergonha das suas ações pudessem contaminar-nos. O que é ridículo, eu sei, porque até ter tomado conhecimento delas não tinha motivos para me sentir repugnada por ele. Era simplesmente o pai do Jack, nem mais nem menos desagradável que muitas das outras pessoas com quem travei conhecimento desde que me envolvi com o Jack.

– Espero que se juntem a mim neste brinde à Liberty e ao Jack, e à maravilhosa vida que têm pela frente – conclui o Hector.

– À Libby e ao Jack – dizem em coro quase todos os convivas, à exceção de mim e do Jack. Ele aperta-me a mão para me tranquilizar e eu encosto-me a ele. Exibimos sorrisos plásticos. A ocasião é demasiado formal para o nosso gosto. Quando a Harriet e o Hector sugeriram uma pequena festa para que todos pudessem ver-nos de uma só vez, evitando um desfile de visitas, imaginei que se referiam a si próprios e aos meus pais, talvez ao Jeff e à família. Não me dei conta de que pretendiam convidar meio mundo e mandar vir tanta comida de fora. Isto não tem nada a ver connosco.

Ontem, quando me apercebi de que era isto que ia acontecer, fiquei para morrer porque sabia que os meus pais gostariam de ter sido envolvidos e porque aquilo significava que teria de enfrentar outras pessoas para além dos familiares mais chegados com esta minha aparência de agora. A intenção era boa, e sei que o fizeram a pensar em nós, mas teria preferido uma reunião íntima apenas com os entes mais próximos e mais queridos.

Tenho um lenço na cabeça, mas ainda é cedo de mais para pensar em maquilhagem, por isso tive de receber as pessoas nestes preparos. Tive esperança de poder confundir-me com o ambiente, ficar sentada a um canto, com o rosto parcialmente escondido, e deixar o Jack fazer as honras da casa. Porém o Hector pôs fim a isso, fez de mim o centro das atenções. O problema é que, aparentemente,

nada do que ele faça agora vai merecer a minha aprovação.

Felizmente os convivas parecem estar a divertir-se por sua conta. Muitos dos que não me conhecem bem passam ao largo e só olham para mim quando pensam que não estou a ver. O que, bem vistas as coisas, quando a alternativa é participar numa conversa em que têm de fazer tudo para não olhar para a minha cicatriz, é a melhor opção.

– Liberty – chama a minha mãe num tom sério, sentando-se ao meu lado quando o Jack se levanta para encher os nossos copos. Sei que ou vai tentar convencer-me a ir falar com o pastor dela e pedir-lhe que reze para que as minhas cicatrizes desapareçam mais depressa, ou pior, dizer: “E que tal irmos a Londres ver umas perucas?”

Sinto o meu ânimo e o meu corpo a esmorecer.

– Mãe... – começo eu.

– Sra. Rabvena – interrompe a Angela, aparecendo de repente vinda do nada, – pensei perguntar-lhe que igreja frequenta em Londres.

Senta-se do outro lado da minha mãe, pronta a atravessar-se na linha de fogo por mim. É por isso que é a minha melhor amiga.

– Aceitam toda a gente, e fazem aqueles serviços especiais na Páscoa e no Natal que duram o dia inteiro?

Durante cerca de trinta segundos a minha mãe vê-se dividida entre persuadir-me a aceitar o seu plano para voltar a ter uma aparência feminina e converter mais uma pessoa à sua igreja. São provavelmente os trinta segundos mais longos da vida dela, mas acaba por preferir Deus a martirizar-me.

Observo o Hector em busca de qualquer indício de que frequenta ou já frequentou prostitutas. Ou de que cobiça outras mulheres, porque até agora nunca me senti incomodada na presença dele. Estou a tentar ver se o apanho a lançar olhares discretos à Paloma ou a uma das raparigas com quem trabalho, à Grace ou à Angela, às esposas dos colegas de trabalho do Jack, ou até mesmo à Rachel. Nada, absolutamente nada. Só olha para as mulheres quando conversa com elas. Estará a Grace equivocada?

Olho para ela, que está a crivar a Paloma de perguntas (como fez no nosso casamento) e provavelmente tenciona arrancar segredos profissionais de beleza às outras raparigas do salão. Reparo que de vez em quando deita uns olhares furtivos ao Hector e, se por acaso ele se encontra por perto, desvia para longe a pessoa com quem está a conversar ou conclui a conversa e afasta-se para falar com outro conviva. É evidente, agora que sei o que sei, que anda a evitá-lo. Que de facto se sente incomodada. Não, não está equivocada.

– Como está, Libby?

O Hector aparece à minha frente e senta-se para ficar à minha altura.

– Oh, estou... estou bem – digo eu, desejando ter ali a minha mãe a assediá-me com a história das perucas, porque assim ao menos não teria de falar com ele. Não sei o que dizer; não sei o que fazer. É como apanhar alguém em pleno ato sexual (o que chegou a acontecer-me algumas vezes com os meus colegas de apartamento quando estava na universidade): é uma imagem impossível de tirar da cabeça. Não apanhara o Hector a fazê-lo, mas a imagem dele a entregar um maço de notas antes de...

– É bom vê-la tão bem – diz ele, com a expressão e a voz repletas de genuína preocupação. – O Jack andou raladíssimo consigo.

Descubro o Jack do outro lado da sala enquanto digo:

– Eu sei. Tem sido difícil para ambos.

– Ainda bem que está a recuperar. Não tenho dúvidas de que dentro em pouco estará na força máxima e de volta ao trabalho.

– Espero que sim – digo eu. – Embora neste momento não esteja a fazer planos a tão longo prazo.

– Percebo.

Vejo um prato vazio na mesa. É a minha oportunidade para me livrar dele. Isto é de mais para mim. Apoio a mão no braço do sofá e levanto-me antes que ele possa oferecer-se para me ajudar.

– Vou levar isto para a cozinha – digo-lhe eu, agarrando no prato. – Volto já.

– Sim, claro – diz o Hector, levantando-se também, imponente.

Sem olhar para trás, atravesso a divisão e saio. Já respiro um pouco melhor, agora que me afastei da sala.

Na cozinha, deixo o prato a um lado e procuro lembrar-me de respirar. Não é que o Hector me tenha feito alguma coisa. Não é que me tenha levado a um bordel. Mas a ideia de que se predispôs a levar alguém a tal sítio, quanto mais o próprio filho adolescente, é uma daquelas coisas que me é impossível ignorar. Que é impossível conciliar com o homem que, com uma mão nas minhas costas e a outra mão na minha, me fez rodopiar pela pista de dança ao som de... não me lembro da canção. Como podia eu imaginar que, dois anos volvidos, estaria a tentar lembrar-me da melodia ao som da qual dançámos só para poder sentir-me ainda pior?

Fecho os olhos e tento acalmar o estômago e fazer com que o mundo pare de andar às voltas.

– Sente-se bem? – pergunta a Harriet, fazendo-me saltar de susto e abrir os olhos de repente. Viro-me imediatamente para a bancada e desato a juntar as travessas e a empilhar os pratos vazios, que se entrechocam ruidosamente no silêncio da cozinha, fazendo-se ouvir acima das vozes e da música na outra divisão.

– Sim, sim, estou ótima – digo eu, procurando não parecer atrapalhada. Não quero olhar para ela, não quero que veja repugnância no meu rosto ou a pena que sinto por ela.

– Tem a certeza? Parece muito nervosa.

– Oh, é... é que... é a primeira vez que recebemos visitas desde o... eh... acidente. É um pouco de mais para mim. Sabe como é.

– Deixe-me ajudar – diz ela, e começa a empilhar os pratos por mim.

– Obrigada – digo eu, e afasto-me até à mesa.

– Devia era descansar – sugere Harriet.

– Tem razão, mas não é fácil, com a casa cheia de gente.

– Quer que lhes peça para sair?

A Harriet é uma pessoa amorosa. Por isso é que me dói tanto que o Hector lhe tenha feito o que fez. E não me parece que aquela tenha sido a primeira vez. Arrepio-me só de pensar. *Será que ela sabe? Será que sabe, e tolera, ou será que não faz a mais pequena ideia?*

Forço um sorriso.

– Aqui entre nós que ninguém nos ouve, adoraria. Mas não seria justo. Vieram de tão longe para celebrar o facto de ainda cá estarmos. Não seria muito correto da minha parte desejar um pouco de paz e silêncio, pois não?

A minha sogra faz-me um sorriso cúmplice.

– Se a Libby soubesse quantas vezes pensei o mesmo em festas lá em casa... no entanto, espera-se que a esposa de um executivo de topo seja a anfitriã perfeita. Às vezes tenho um pouco de inveja de si por não se ter simplesmente tornado na Sra. Jack Britcham, se me permite dizê-lo.

– Mas o Jack não é nada como o pai no que diz respeito a esse mundo.

– Pois não. Mas podia ser, já que o nome Britcham tem tanta influência nos círculos em que ele exerce a profissão.

– Céus, acha que o Jack se sente prejudicado por eu ainda trabalhar e continuar a ter vida própria?

Será que a Eve encaixava melhor do que eu nesse mundo?

A Harriet sorri-me, e dói-me saber como foi humilhada (ainda que ela própria não o saiba) pelo marido.

– Acho que é um elogio ao carácter do Jack que ele tenha conseguido encontrar não uma, mas duas mulheres que continuaram a ter as suas próprias vidas.

– Oh, meu Deus, desculpe, só agora é que me dei conta do disparate que disse. Não quis dizer que a Harriet não tem vida própria, só quis...

– Eu percebi o que quis dizer – interrompe a Harriet. – E não me sinto nada ofendida. Eu tenho vida própria, só que é uma vida que gira à volta da minha família e do meu marido. Não há nada de errado com a escolha que fiz, tal como não há nada de errado com a sua. É o que mais me agrada no mundo moderno: haver escolhas. Todos escolhemos aquilo com que temos de viver.

Levo automaticamente a mão à minha cabeça sem cabelo: a escolha que fiz por causa da escolha que outra pessoa fez. O que eu perdi porque alguém decidiu ser egoísta e imbecil. É por isso que esta festa não me diz nada. É algo que nunca teria *decidido* fazer, não é o tipo de festa que eu teria organizado. Aliás, isto nem sequer é uma festa, é o velório que teria tido lugar se tivéssemos morrido no acidente.

– Pensando melhor, Harriet, seria horrível da minha parte pedir-lhe que se livrasse de toda a gente? – peço-lhe. Não gosto de me sentir fraca e impotente; não gosto de sentir que não controlo a minha vida e o meu destino. Não gosto que me privem das minhas próprias escolhas.

– De modo nenhum, Liberty – diz a Harriet, com um olhar carregado de preocupação. Não gosto de ver aquele olhar, porque por trás da preocupação também há pena. – De modo nenhum. – Dá-me umas palmadinhas na mão a caminho da porta.

– Estás bem, linda? – pergunta o Jack depois de todos os convidados (incluindo a Harriet e o Hector, que ficaram ainda um pouco mais para levantar a mesa e falar com o Jack, respetivamente) terem saído. Ouvi a minha mãe a teimar que queria ficar para me ajudar nas limpezas, mas o meu pai não deixou. Disse que tinham de voltar para ajudar um vizinho idoso. A minha pobre mãe ficou

terrivelmente dividida, mas, felizmente, quando o meu pai se levantou para ir buscar as chaves, decidiu-se pelo vizinho (e além disso tinha de se levantar cedo para a missa). Eu não suportaria outra conversa sobre perucas. Comprar uma peruca não faz parte dos meus planos. Uma decisão *minha* que nada tem a ver com as ações daquele condutor negligente.

– Estou só cansada – digo-lhe eu, deixando-o ajudar-me na cama.

– Espera, deixa-me ajudar-te – diz ele, e com todo o cuidado despe-me a camisa que estou a tentar tirar. Deixei passar demasiado tempo entre as tomas dos analgésicos e sinto os músculos a começar a protestar e os movimentos dificultados. Sabia que tinha de os tomar, mas não podia correr o risco de abandonar o esconderijo da casa de banho para os ir buscar, não quando as despedidas teriam levado mais tempo que a própria festa. Devagarinho, o Jack despe-me a t-shirt.

– Deita-te para trás – diz ele, pegando-me nas mãos para me ajudar.

O cheiro dele preenche-me os sentidos enquanto, inclinado sobre mim, me desaperta o botão e me abre o fecho das calças de ganga.

– Se não te conhecesse, Jack Britcham – comento eu, tolhida pela dor, – diria que isto te excita.

Ele faz-me um sorriso triste enquanto me despe as calças de ganga e se detém para observar o meu corpo. Sei o que está a ver porque também olhei para o meu corpo, de manhã. Do lado esquerdo tenho a pele negra, azul, roxa e amarela. As nódoas negras parecem irradiar do centro do meu corpo como um borrão de tinta que caiu sobre papel castanho. São as “múltiplas contusões”. Ainda tenho a caixa torácica enfaixada para suportar a fratura na costela. Tenho a cicatriz da operação ao baço, que está a sarar lentamente, e alguns arranhões mais pequenos, quase todos já com crostas.

Vejo-o engolir a emoção enquanto tenta reprimir as lágrimas. É por isso que prefiro despir-me sozinha, para o poupar a esta visão, pois sei que o deixa arrasado.

– Preferes tirar o sutiã ou deixá-lo ficar? – pergunta ele, embora seja notório o esforço que faz para respirar profunda e lentamente para se controlar.

– Tirar – digo eu. Não posso usá-lo por muito tempo durante o dia porque me corta a carne e agrava as nódoas negras.

Ternamente, ele remove-o também, e aperta os lábios para abafar um soluço ao ver as nódoas negras que tenho no peito.

– Desculpa – diz, baixinho, enquanto pega nas minhas calças de pijama.

– Chiu... – murmuro eu. As dores vão-se intensificando de forma lenta mas implacável. É difícil falar, respirar. – Está tudo bem. Eu estou bem. A culpa não é tua.

Fecho os olhos e deixo-me ficar inerte enquanto o Jack me veste o pijama às riscas.

– Libby, Libby – oiço-o dizer com meiguice enquanto me acaricia o rosto. – Vá lá, senta-te, toma os comprimidos, e depois já podemos ir para a cama.

– Ainda é cedo – digo eu, deixando-o soerguer-me e apoiar-me nas almofadas. – Não precisas de vir já para a cama.

Sinto as mãos fracas e como que desligadas do corpo enquanto levo os dois comprimidos à boca. Derramo um pouco de água ao levantar o copo e o Jack tem de me amparar. Engulo os comprimidos (embora o trejeito com a cabeça para os ajudar a descer não tenha provavelmente sido muito boa ideia) e o Jack transfere-me para o meu lado da cama, onde já tinha puxado os cobertores para trás, e

ajeita-me no colchão.

Cobre-me e despe-se rapidamente à minha frente.

– És lindo de morrer, sabes? – digo eu enquanto as minhas pálpebras se agitam como as asas de um pássaro. – Claro que sabes, toda a gente sabe.

A última coisa de que me lembro é de sentir os braços do Jack à minha volta enquanto ele se aconchega a mim e me enlaça com mil cuidados.

– Desculpa ter-te magoado – sussurra-me ele ao ouvido antes de as dores e os comprimidos assumirem o controlo e me arrastarem para longe dele e da consciência.

capítulo nove

Mal entreabro a porta da cave já o Butch passou por mim disparado e desapareceu a saltitar escadas abaixo.

– Ei, tu! – chamo eu enquanto ele é engolido pelas sombras lá em baixo. – Se caíres no escuro e te magoares não vou ter pena nenhuma de ti.

Ambos sabemos que não é verdade. Já chegou a deixar uns “presentinhos” ultra-especiais dentro dos meus sapatos e dos sapatos do Jack e conseguiu safar-se sempre com o seu ar de santinho. Ficaria destroçada se ele se magoasse.

Ligo a luz e de repente já consigo ver lá para baixo. O ruído das patas do Butch na pedra ascende as escadas até mim. Para cave, não está nada mal: o pavimento foi substituído, as paredes protegidas contra a humidade e pintadas de branco, e até a velha lareira foi restaurada e exhibe uma grade de ferro negro ao estilo vitoriano. Na realidade a cave estende-se por baixo de toda a casa, mas as restantes divisões foram emparedadas e não têm serventia. É a única parte da casa que normalmente tenho receio de visitar.

Quando finalmente consigo descer as escadas, muito a custo, vejo o Butch, que anda há mais de uma semana a tentar enfiar-se na cave, diante do antigo armário de madeira que está a um canto, encostado à parede do fundo. Mal consigo distinguir-lhe as patas pretas e castanhas, brancas nas extremidades, tal é o frenesi com que arranha as portas do armário. Foi este armário que me trouxe à cave, e o Butch parece ainda mais impaciente por espreitar lá para dentro do que eu. As portas são de uma madeira clara e uniforme, com uma fechadura ao centro que as mantém unidas. Está trancado, e não vejo sinais da chave.

Invade-me uma onda de desapontamento ao lembrar-me que foi durante uma conversa sobre este armário que me apercebi de que o Jack não só seria capaz de me mentir, como estava disposto a fazê-lo. Um mês depois de estarmos casados, época em que não tinha problemas nenhuns em descer à cave, vim cá abaixo dar uma espreitadela e, como é óbvio, não pude deixar de reparar no enorme armário trancado. Quando lhe perguntei sobre ele, o Jack lançou-me um olhar alheado e disse:

– Essa velharia? Ainda lá está? Já me tinha esquecido dele, para ser sincero.

– O que tem lá dentro? – perguntei eu.

Ele respondeu com um encolher de ombros e voltou a olhar para a televisão com um ar ainda mais alheado que poucos minutos antes.

– Só tralha, coisas avulsas.

– Não tens curiosidade? Insisti.

– Não, nem por isso. Nem sequer sei onde tenho a chave.

Como uma porta que se abre lentamente para deixar entrar a luz, percebi porque estava a ser tão vago.

– Tem coisas da Eve? – perguntei baixinho, e ele encolheu-se como fazia sempre que eu mencionava o nome dela.

Demorou algum tempo a responder, de olhos fixos na janela como se desejasse poder abri-la e voar para longe. Com movimentos vagarosos, fez que sim com a cabeça e sussurrou:

- Sim.
- Certo – disse eu.
- Desculpa – disse ele.
- Tudo bem. Não quero que te desfaças dos pertences dela se não estiveres preparado. Mas seria bom saber, já que agora vivo aqui.

Ele assentiu.

- Sim, tens razão. Desculpa. Depois vejo o que fazer com aquilo.
- Quando encontrares a chave, claro.

Ele virou a cabeça para olhar para mim, e eu devolvi-lhe o olhar porque não queria que pensasse que se safara com aquela mentira. Não precisava de me mentir. Só tinha de me dizer a verdade, e eu saberia entender.

- Sim, quando encontrar a chave.

Tornou a olhar para a janela e eu encolhi as pernas debaixo de mim no sofá e continuei a ver televisão enquanto lia o jornal. Durante o resto da noite mal trocámos meia dúzia de palavras.

Quase dois anos depois, o armário ainda está atravancado e fechado à chave, e a minha aversão à cave, que começou mais ou menos por essa altura, não diminuiu. Depois daquela atitude tão reservada, fiquei com a sensação de que a Eve estava cá em baixo. Enterrada aqui. Embora tenha sempre a impressão de “sentir” a presença dela em toda a casa, e muitas vezes me sinto como uma intrusa em algumas divisões (sobretudo as que não foram redecoradas), estar aqui em baixo é como caminhar sobre a sepultura dela, como se a qualquer momento a mão dela pudesse irromper da terra e agarrar-me o tornozelo.

Este pensamento faz-me subir alguns degraus, afastando-me do armário na direção da “saída de emergência”. Mas se quero que se faça luz sobre o casamento deles tenho de ver se o consigo abrir para descobrir o que há lá dentro.

Instintivamente, olho para a porta no topo das escadas (*e se se fecha e a chave roda sozinha?*) antes de pisar cautelosamente o duro chão de pedra da cave. Hesito, à espera de ver a mão da Eve a aparecer para me agarrar. Como nada acontece, dirijo-me ao armário, afugentando o Butch, que faz tombar alguns caixotes, esbarra contra a lareira e a grande garrafeira de madeira, fazendo-as estremecer, e passa por mim a correr para outro canto da divisão. Deixou tudo de pantanas e levantou imenso pó que me faz tossir, o que por sua vez me faz doer as costelas, mas não vou desistir.

A revelação da Grace sobre o Jack ser virgem antes da Eve pôs-me a matutar sobre o porquê de ainda estar obcecado por ela. Juntamente com os sonhos, e a forma como resiste a falar dela, deixou-me curiosa, com vontade de descobrir o que se passa, porque não consegue superar a sua perda. Sou forçada a admitir que todos os caminhos levam à Eve. Sempre assim foi, e sempre assim será. Por isso talvez aquilo que preciso de descobrir esteja dentro deste armário. Tentei a Internet, mas não há nada para além de algumas breves menções à morte dela, e nada sobre quem era antes de se tornar

Eve Britcham. Podia ligar à inspetora e perguntar-lhe, mas preferia morrer a dar-lhe esse poder sobre o Jack e sobre mim, e não tenho nada a perder em ver se o armário está aberto.

Pode estar. O Jack pode ter estado cá em baixo há pouco tempo, a mexer nas coisas dela. Se calhar tira-as para fora e encontra consolo nelas, tenta capturar notas do perfume dela, ou toca em peças que avivam memórias, ou relê cartas de amor. Se estivesse no lugar dele e o tivesse perdido, faria o mesmo. Acho que nunca seria capaz de o esquecer por completo. Se ele mexeu nas coisas dela recentemente, pode ter-se esquecido de fechar o armário à chave. E se tudo o mais falhar, posso sempre tentar convencê-lo de que peguei num machado que se descontrolou nas minhas mãos, rachando as portas no processo. Ou então que tropecei e derrubei o armário sem querer, desfazendo-o.

A fechadura não deve ser muito forte, mas é o suficiente para revelar qualquer tentativa de arrombamento. As portas não têm puxadores, provavelmente já foram fabricadas assim, e é a chave que abre a fechadura e que serve de alavanca para as abrir. Ainda estão trancadas. Claro que estão.

O Butch continua a farejar os cantos à cave em busca de qualquer coisa.

– Anda, Butch, encontra-me a chave – digo-lhe eu. – Está algures por aqui, tenho a certeza. Vá, eu sei que és capaz.

O cão detém-se e lança-me um olhar agastado, e a seguir retoma os seus afazeres.

– Sim, eu sei que estou a ser ridícula – digo eu.

Olho em volta para as paredes de tijolo pintadas de branco, para as lajes do chão, para o teto também pintado de branco com uma única lâmpada ao centro. Há prateleiras em duas das paredes, e a garrafeira de mogno fica perto das escadas. É aí que o Butch concentra a sua atenção, a farejar e a arranhar as lajes. Há teias de aranha por todo o lado, quase todas antigas e cobertas de pó, como se as aranhas que as teceram tivessem desaparecido há muito. O pó cobre quase tudo.

Bom, isto foi inútil, penso eu enquanto o Butch derruba outro caixote. *Mais vale arrumar*. Quase todos os caixotes são arquivos mortos onde o Jack guarda papelada velha. Ao longo dos últimos dois anos também acumulei papéis que deviam ter vindo cá para baixo, mas não me pareceu acertado, sendo este o espaço da Eve e tudo o mais, por isso guardo os papéis do banco e outras coisas no escritório. Estes caixotes são pesados de mais para mim, a menos que queira reabrir alguma ferida interna, por isso limito-me a empurrá-los.

Enquanto isso, reparo que o Butch empurrou a placa traseira semicircular da enorme lareira, deixando-a inclinada para trás. Só fica nessa posição quando a lareira está acesa, para deixar sair o fumo.

– Saíste-me cá um trapalhão – ralho-lhe eu enquanto me aproximo da lareira e enfio um dedo no buraco no topo do semicírculo para o puxar. Ao fazê-lo, sinto o dedo a tocar em algo plástico e enrugado. Baralhada, retiro o dedo e empurro a placa um pouco mais para trás, para que fique mais na horizontal que na vertical, e espreito para dentro da cavidade. Numa saliência da lareira vislumbro um clarão no meio da escuridão. Sinto um arrepio de emoção a percorrer-me. *Que é isto?* Tenho a boca seca e o coração acelerado quando me ajoelho devagar e perscruto as sombras.

É qualquer coisa branca, mas não consigo ver bem o que é. Sem pensar nas consequências, enfio a mão lá dentro e toco no plástico. Não estala ao toque, por isso deve ser velho e estar a desfazer-se.

Retiro o objeto com todo o cuidado. É um velho saco de plástico de uma loja em Londres cujo nome não reconheço, mas tem o antigo indicativo da zona. Está coberto de detritos que caíram pela chaminé. Desintegra-se nas minhas mãos, enchendo-me os dedos de pó e fragmentos brancos. Desdobro o que resta dele até chegar a outro saco de plástico, este menos fino. É verde e não tem inscrições, e aguentou-se muito melhor no seu esconderijo, por isso é mais fácil desdobrá-lo e esvaziá-lo do seu conteúdo. Lá dentro há um volume grosso, mais ou menos com as dimensões de uma folha A5, embrulhado em veludo negro e atado com um laço cor-de-rosa.

Isto faz-me estacar. Alguém se deu a muito trabalho para esconder este embrulho. Será que devo abri-lo? Ver o que tem lá dentro? Não seria melhor entregá-lo ao Jack, visto que provavelmente a casa já era dele quando o colocaram aqui?

Porém, se o entregar ao Jack, é possível que nunca me diga o que é. Vai querer iludir-me com histórias sobre chaves perdidas e esquecimentos.

Viro-me para pedir conselho ao Butch e descubro que se foi embora. Abandonou-me e voltou lá para cima, provavelmente para ir dormir a sesta. Ou então viu no que isto ia dar e achou melhor escapar enquanto podia.

Sentada no chão poeirento junto ao armário, entre caixotes brancos, olho para o objeto que tenho nas mãos. Provavelmente não devia fazer isto. Mas, pensando melhor, que tenho a perder? O meu marido? Afasta-se de mim a cada dia que passa. A minha fé no mundo? Isso desapareceu quando aquele condutor fez a sua escolha.

Fá-lo de uma vez, ordeno a mim própria, e antes que possa mudar de ideias, desato o laço e desembrulho o espesso veludo negro.

Abafo um grito quando vejo o que está no interior, e depressa se torna evidente que acabei de cometer o maior erro da minha vida.

jack

O que aconteceria se lhe contasse? Pergunto-me o que aconteceria se lhe dissesse o que fiz logo a seguir ao acidente. Perdoar-me-ia? Afastar-se-ia? Ou pensaria primeiro no assunto e depois rejeitar-me-ia?

– Libby – digo-lhe eu ao jantar.

Está absorta. Tem estado assim toda a noite desde que cheguei a casa e começo a ter medo de que se tenha lembrado. Ou de que esteja prestes a lembrar-se. Seria melhor se fosse eu a contar-lho, não? Não seria tão doloroso, perturbá-la-ia menos se eu lhe contasse primeiro. Como todos os pequenos segredos que a Eve não me contou logo. Se tivesse sabido por minha conta, em vez de os ouvir da boca dela, tinha sido muito pior do que foi.

– Humm?

A Libby levanta a cabeça do prato e olha para mim como se olha para um estranho que sabe o nosso nome sem que sejamos capazes de perceber porquê.

– Eu, eh... – *Diz-lhe, idiota, diz-lhe tudo agora. Sê rápido e ela irá agradecer-te por isso.* Ela fita-me com aqueles enormes olhos castanhos e líquidos, e pestaneja, com uma expressão insondável no rosto dividido. – Estás bem?

Ela responde com um aceno de cabeça e a seguir devolve o olhar ao prato, continuando a empurrar a comida de um lado para o outro com o garfo.

Não sou capaz. Não é boa altura. O Butch vem ter comigo e enrosca-se nas minhas pernas. Também sabe que não é boa altura. Ela está pensativa e se calhar é porque sabe, ou se calhar é por causa de outra coisa completamente diferente. Seja o que for, não é boa altura para isto. Para pôr tudo em pratos limpos e destruir o que temos.

Tenho os diários da Eve.

Os diários da *Eve*. Os diários *dela*. A melhor forma de ficar a conhecê-la que jamais terei. E sei que não é correto da minha parte. Seria o meu fim se alguém descobrisse e lesse os loucos devaneios sobre a minha vida que escrevi num diário.

Além disso, ela pede na carta que juntou aos diários para os queimarem caso já tenha morrido. Por outro lado...

Passei os últimos dois dias a limpar o pó e a arrumar a cave o melhor que posso, enquanto penso no que fazer, com receio do que posso descobrir ao lê-los, aterrada com o que pode acontecer se não o fizer.

O que fazer quando temos nas mãos as respostas a todas as nossas perguntas, mas lê-las representa trair a confiança de alguém que não conhecemos, e que nunca nos fez mal nenhum? O que poderá justificar tal violação de privacidade?

Eu por mim, lia-os, diz uma voz. É uma voz que oiço na minha cabeça, claro, mas também é a voz da mulher de cabelo negro que tenho à minha frente, sentada numa das pilhas de caixotes, num vestido cor-de-rosa com lantejoulas na parte da frente. *Se queres mesmo saber quem fui, aí tens: a oportunidade perfeita.*

Observo-a. É tal e qual a fotografia que vi dela no dia do casamento. Está radiosa: traz o cabelo comprido e lustroso solto em redor dos ombros, uma expressão risonha nos grandes olhos de um invulgar tom de azul – quase índigo. Possui uma pele imaculada sem ponta de maquilhagem, e os seus lábios formam um arco perfeito e deslumbrante mesmo sem batom. O vestido assenta-lhe na perfeição, quase como se tivesse sido concebido e executado a pensar nela. É assim que a vejo porque não conheço outra fotografia dela.

Quando li pela primeira vez a carta que acompanha os diários, foi como se ela estivesse a falar diretamente comigo. Não era eu que estava a ler, era ela que, sentada à minha frente, me dizia o que estava na página.

O meu olhar deambula pelos diários, pela carta. O primeiro diário é um bloco de notas, e os restantes foram evoluindo ao longo dos tempos, passando de blocos de notas a livros encadernados, e terminando num diário azul com uma capa maravilhosamente macia, tipo camurça.

– *És ela?* – pergunta-me a Eve, tal como fez ontem.

Não respondo. Continuo a olhar para as palavras na folha, na esperança de que se desvançam sob o meu escrutínio.

– *És ela?* – repete. – *És a mulher com quem ele está agora?*

Devagar, confirmo com um aceno de cabeça. Sim, sou eu. Sou a mulher com quem ele está agora.

Ao ver o meu gesto ela parece descontrair e começa a falar. E eu deixo-me ficar a ouvi-la.

capítulo dez

eve

28 de fevereiro de 2003

És tu? És a mulher com quem ele está agora? Foi por isso que vieste à minha procura?

Se não estás a ler esta carta daqui a cinquenta ou sessenta anos, o mais provável é que eu já esteja morta. Provavelmente fui assassinada.

Por favor não deixes que isso te perturbe, provavelmente não foi uma surpresa assim tão grande para mim. Não com a vida que vivi. Mas se estás na posse destes diários porque vieste à minha procura, e se foste inteligente o suficiente para pensar como eu e os encontrares, ou mesmo se deste com eles por acaso, posso pedir-te um grande favor? Podes queimá-los sem os ler? Por favor?

Não quero que mais ninguém saiba estas coisas. Escrevi-as para mim própria. Sei que provavelmente devia queimar os diários, mas seria como cometer suicídio, como matar uma parte de mim própria. E, apesar de tudo o que fiz e de tudo aquilo por que passei, nunca seria capaz de me suicidar, por isso não posso destruir estes diários. Talvez tu possas.

Digo “talvez” porque se estás com o Jack debes querer saber mais sobre ele, debes querer saber se realmente é perigoso e se foi ele quem me assassinou, por isso, embora não queira que o faças, não te posso culpar por continuares a ler.

Não tenho muito mais a acrescentar, salvo que espero que não tenhas pena de mim. Vivi uma vida e embora tenha conhecido muita dor, também conheci muito amor. Algumas pessoas podem viver muito, muito tempo sem nunca chegar a viver essa experiência. Tenho muita sorte.

Desejo-te felicidades, quem quer que sejas.

Com amor,

Eve.

7 de dezembro de 1987

Chamo-me Eve Quennox. Tenho dezasseis anos.

Dantes vivia em Headingley, que fica em Leeds, com a minha mãe, mas agora vivo em Londres. Como vim parar a Londres é uma longa história, mas agora que cá estou quero aproveitar ao máximo.

A minha mãe costumava ser a minha melhor amiga. Agora já não é. E já não lhe chamo “mamã”. Desentendemo-nos há duas semanas e depois disso deixei de conseguir pensar nela dessa forma, só como a pessoa que me deu à luz, a minha mãe. Mas antes disso era mesmo a minha melhor amiga.

O meu pai morreu de ataque cardíaco quando eu tinha cinco anos. Ainda me lembro um pouquinho dele. Lembro-me que se ria muito e a minha mãe também se ria muito quando ele estava connosco.

Eu vivia ao lado da casa do meu tio Henry e da minha tia Mavis. Não eram mesmo meus tios, mas eu tratava-os assim porque sempre me conheceram, e conheciam o meu pai. No princípio do ano faleceram os dois. O tio Henry também morreu de ataque cardíaco, e uma semana depois foi a vez da tia Mavis. Ouvi a minha mãe perguntar ao médico se a tia Mavis tinha morrido de desgosto e ele disse que sim. Fiquei muito triste com a morte deles e foi então que as coisas começaram a piorar lá em casa, principalmente por causa do novo namorado da minha mãe, por isso tive de sair de casa.

Não trouxe grande coisa comigo. Trouxe a mochila verde que o tio Henry me ofereceu quando eu tinha nove anos. Ele tinha estado no exército, era um dos seus pertences dessa época que mais estimava, e ofereceu-ma. Trouxe alguma roupa, pouca. Trouxe o rosário de contas vermelhas que a tia Mavis me ofereceu, a minha caderneta de poupanças dos correios, e uma pequena fotografia do meu pai, da minha mãe e minha que tirei de um dos álbuns de fotografias da gaveta do fundo do guarda-fatos. Era a minha fotografia preferida de nós os três. Estamos à frente de casa, eu tenho uns dois anos, trago um casaco azul de bombazina com pelo na aba do capuz, meias-calças azuis e sapatos pretos de verniz. Tenho um gorro branco na cabeça e luvas brancas sem dedos nas mãos. A minha mãe traz-me pela mão. Veste um sobretudo preto e um gorro felpudo preto e branco, a imitar as manchas dos leopardos, com um bico preto. Também estou

de mão dada com o meu pai. Está de fato e também traz um sobretudo preto. Estamos todos a sorrir para a máquina, mas se olharmos com atenção, vemos que os meus pais estão a olhar um para o outro pelo canto do olho, sorridentes. Estão apaixonados. O amor é isso. Sempre acreditei que o amor era isso. Não o que a minha mãe tem com o novo namorado.

Neste momento não tenho namorado. Já tive um, chamava-se Peter, e eu gostava muito, muito, muito dele. Até fizemos amor. Gostava de todos na família dele e podia ir a casa dele para evitar o novo namorado da minha mãe, mas o pai do Peter perdeu o emprego e o único que conseguiu arranjar era no Canadá. Quando ele teve de ir embora chorámos até não poder mais. A minha mãe foi comigo no autocarro até ao aeroporto e nessa noite dormiu no chão do meu quarto porque eu estava de rastos. O Peter e eu escrevemo-nos durante algum tempo, mas não era a mesma coisa e as cartas demoravam séculos a chegar e acabámos por deixar de o fazer. Ainda o amo. Acho que vou amá-lo para sempre.

Trouxe comigo as cartas do Peter quando vim para Londres mas queimei-as assim que pude porque não queria que mais ninguém as lesse. Por isso é que tenho de ser tão cuidadosa com este diário. Não quero que ninguém o encontre.

Deixei tudo o resto para trás porque há duas semanas tive de sair de casa à pressa. Contei tudo à minha mãe, tudo o que mantive em segredo durante dois anos, e pensei que tinha acreditado em mim. Pensei que ia pôr o namorado fora de casa, mas não. Na manhã seguinte lá estava ele sentado à mesa do pequeno-almoço, por isso peguei na trouxa e pus-me na alheta. Depois disso estive uma ou duas vezes com a minha mãe, mas ela não o pôs fora de casa, e foi então que percebi que tinha de fugir para bem longe.

E pronto, cá estou eu em Londres a começar este diário. Uma das minhas antigas professoras disse-nos uma vez que se quiséssemos ser escritores quando crescêssemos, devíamos começar por escrever um diário. Disse que devíamos praticar todos os dias e que devíamos anotar as conversas com travessões, como nos livros, para ter uma ideia de como as pessoas falam.

Não sei se quero ser escritora. Gosto de ler mas não sei se alguma vez seria capaz de escrever um livro. Pensei que começar um diário podia ser bom para organizar as ideias quando não tiver com quem falar, e para registar o que acontece a seguir na minha vida.

Vinha superentusiasmada quando apanhei o autocarro para Londres. Falei com a Dawn, uma amiga do quinto ano que depois se mudou para Londres com a família. Tem um apartamento só dela e disse-me que posso ficar a dormir no sofá até arranjar um emprego e um cantinho para mim.

Isto é muito fixe. Estou a viver numa zona chamada Kentish Town, que fica muito perto de um parque enorme chamado Regent's Park. A Dawn trabalha quase todas as noites num bar do centro, por isso quase nunca está em casa, e eu tenho andado a inscrever-me em agências de trabalho temporário por toda a cidade. Como não concluí o Secundário e não sou lá muito boa a escrever à máquina ainda não tive muita sorte. Sou muito nova para trabalhar ao balcão de um bar e não tenho experiência nenhuma em servir às mesas. Em algumas das agências disseram-me que talvez pudessem arranjar-me trabalhos de limpeza, mas ninguém quer empregar-me por ser tão nova. Acham que me vou embora quando as aulas começarem apesar de lhes ter dito que não vou voltar à escola. Adorava voltar, mas para isso tinha de regressar a casa. É impossível arranjar um apartamento sem trabalhar. Aqui é tudo tão caro!

Pedi à Dawn para perguntar se precisavam de gente para as limpezas no sítio onde ela trabalha mas esquece-se sempre. Chega muito tarde a casa e dorme o dia inteiro. Tem sempre um ar esgotado, mesmo depois de dormir até tarde.

Tento ajudar o mais que posso: arrumo a casa, faço as compras e preparo as refeições. Ela come pouco porque diz que no bar onde trabalha é importante ter boa aparência para conseguir as melhores gorjetas.

la sentir-me muito só se não estivesse tão animada por estar em Londres. Às vezes apanho o autocarro até ao centro e ando por lá a passear e a ver as vistas, maravilhada por ser tudo tão GRANDE. As ruas estão sempre cheias de gente e os edifícios são antigos e espantosos. Pensei que fosse uma cidade suja mas não é. Nas estradas o tráfego constante é como o sangue nas nossas veias; as pessoas nos passeios são assim uma espécie de sistema de circulação secundário – como o sistema linfático. Lembro-me de ler sobre o sistema linfático num livro que requisitei na biblioteca: É muito mais lento, fica muito mais próximo da pele que a circulação sanguínea, mas é igualmente importante. Adoro poder enfiar-me na corrente, na circulação, e deixar-me levar por ela. Adoro sentir-me parte dela, e quando é de mais para mim, quando quero parar, só tenho de sair, sentar-me num parque, numa praça ou numa paragem de autocarro até estar pronta para me juntar outra vez ao corre-corre.

Tenho mesmo de arranjar emprego em breve. As minhas poupanças não vão durar muito mais. Dou à Dawn algum dinheiro para ajudar a pagar as contas e assim, e ela diz que não me incomode, que não precisa, mas eu sinto-me mal. Gosto de carregar o meu próprio peso, foi uma coisa que a minha mãe me ensinou. Fazia-me pagar as minhas idas ao cinema com o Peter para que ele nunca pensasse que eu lhe devia alguma coisa. Por isso, embora a Dawn não queira aceitar o meu dinheiro, eu dou-lho à mesma. É justo.

Penso que é tudo. Estou em Londres, “a grande névoa” como lhe chamam. Gosto de aqui estar. Acho que vou ficar, caso consiga arranjar emprego. Vou torcer por isso.

Beijos,

Eve

P.S. Enviei um postal à minha mãe a dizer que estava bem e em Londres. Não lhe disse onde, mas não queria que se preocupasse. Estive para lhe dizer que se ela se livrasse do namorado ia logo para casa, mas não o fiz porque não quero magoá-la mais. E não sei se é verdade. Para ser sincera já não sei se seria capaz de deixar Londres.

12 de fevereiro de 1988

Arranjei um emprego!

Aconteceu tudo tão depressa que mal posso acreditar. Estava no apartamento da Dawn a preparar-me para ir dar um passeio, quando o telefone tocou e era uma mulher de uma das agências mais pequenas a que fui. Era mais velha que a minha mãe e parecia muito simpática e preocupada comigo quando fui ter com ela.

Falava de uma forma superelegante e disse-me ao telefone:

– Eve, querida, tenho uma cliente, uma velha amiga, que precisa desesperadamente de alguém para organizar uns arquivos e tirar fotocópias numa pequena empresa em King's Cross. Disse-lhe que tinha a candidata perfeita. Tenho? Ainda está disponível?

– Eu? – respondi, perguntando-me se estaria mesmo a falar comigo.

– Sim, querida, com que outra Eve poderia eu estar a falar ao telefone? Não está drogada, pois não? Não suporto gente que se droga.

– Não, não estou drogada.

– Então, querida, agarre numa caneta e aponte o nome e o endereço da empresa, e ponha-se lá imediatamente. E, querida, leve um bom fato. O nome do seu contacto é Ophelia, mas tem de a tratar por Sra. Whitston, não suporto o desmazelo. Se se sair bem hoje, tenho tudo para conseguir convencê-la a mantê-la na empresa.

Eu não tinha nenhum fato, nem tempo para o ir comprar, por isso tinha de levar emprestado um fato da Dawn, que ainda estava no quarto a dormir. Não queria acordá-la, mas tinha de ir àquela entrevista de emprego por mais pequena que fosse a probabilidade de o conseguir.

Depois de anotar o endereço, disse à senhora da agência que lá estaria e que não a ia deixar ficar mal, e desliguei. Sabia que a Dawn iria entender, por isso fui de mansinho até ao quarto e entreabri a porta.

A primeira coisa de que me apercebi foi o cheiro. Era forte e sufocante: cheirava a bebidas alcoólicas, acho eu, e a mais qualquer coisa. Como se ela tivesse queimado alguma coisa. Não tinha tempo para perceber o quê. Concentrei-me no guarda-fatos ao fundo do quarto. Havia roupas espalhadas pelo chão, toalhas húmidas (ela tomava sempre, *sempre* um banho quando chegava a casa), e também livros, revistas e sapatos tresmalhados. Ela parecia uma estrela-do-mar de barriga para baixo na cama, com os braços esticados para os lados e a cara na almofada. O cabelo castanho tapava-lhe a cara. Atravessei o quarto pé ante pé, procurando evitar as coisas espalhadas pelo chão. No guarda-fatos encontrei ainda mais roupa (provavelmente não conseguiria fazer com que a roupa que tinha coubesse toda lá dentro), mas era quase tudo biquínis e lingerie fina coberta de lantejoulas. Fiquei montes de tempo a olhar, a perguntar-me porque os pendurava ela e deixava quase toda a roupa normal espalhada pelo chão.

Mas o tempo apertava. Encontrei um fato preto de saia e uma camisa branca, tirei-os da cruzeta e voltei a sair em bicos de pés.

Deixei-lhe uma mensagem para o caso de ela acordar antes de eu chegar a casa, e saí.

O emprego era numa pequena firma de contabilidade não muito longe do apartamento. Fiz tudo o que me pediram. Tirei fotocópias, fiz chá, coloquei faturas dentro de envelopes, fui ao posto dos correios, e ao fim do dia disseram-me que podia voltar na manhã seguinte. A Sra. Nixdon, da agência, ficou muito contente comigo e disse que eram pessoas difíceis de agradar, e que se queriam que voltasse era porque tinha feito um serviço excelente. Oficialmente sou Assistente de Escritório e Administração, e até gosto bastante do que faço. Só há uma pessoa acima de mim, a Maggie, que dirige o escritório, e ela é muito simpática e acessível. Disse-me que se trabalhasse com afinco podia conseguir um dia de folga por semana para voltar à escola e concluir o Secundário, sobretudo se estivesse a pensar formar-me em contabilidade.

Já lá estou a trabalhar há mais de dois meses. A Dawn disse-me que podia ficar com todos os fatos dela porque nunca os usaria, e agora que tenho um emprego, posso começar a procurar um cantinho só para mim. Aqueles passeios todos vieram mesmo a calhar, pois agora conheço certas zonas da cidade muito bem e posso levar o tempo que quiser a procurar um sítio para viver.

A Dawn tem sido o máximo. Ultimamente parece mais cansada que o habitual e cada vez passa mais tempo na cama, mas diz-me muitas vezes que está muito contente por mim.

– Ainda bem que uma de nós conseguiu um final feliz – diz ela, e depois tem ataques de riso. Mas não acho que o faça por maldade, acho mesmo que é sentido.

E cá estou eu. Com um emprego a sério e tudo.

Voltei a escrever à minha mãe, contei-lhe do emprego e que ia começar a procurar um sítio para viver, mas que ainda ia ficar em casa da Dawn por mais algum tempo. Enviei-lhe um postal e um vale de compras da Marks & Spencer pelo Natal, mas não recebi nada em troca. Nem sequer um postal. Não respondeu à carta sobre o emprego, tal como não respondeu a nenhuma das outras cartas e postais que lhe enviei. Ainda pensei se os teria recebido ou se o namorado os deixava fora, mas também escrevi à Rhian, uma amiga da escola, e ela disse-me que quando encontrou a minha mãe ela não parava de tagarelar sobre como eu me estava a divertir em Londres. Fala sobre mim às outras pessoas, mas não comigo. Triste, não?

Não faz mal. Talvez me ligue ou me escreva quando eu arranjar casa. Até podia vir visitar-me, desde que viesse sozinha. Não me sinto capaz de voltar lá. Esta é a minha casa, agora. Sou feliz aqui.

Beijos,
Eve

31 de março de 1988

Acabei de chegar de uma saída à noite com o pessoal lá do escritório.

Que bom que é trabalhar com pessoas e ganhar dinheiro. Às vezes até me esqueço de que só tenho dezasseis anos porque são todos muito simpáticos comigo e tratam-me como se fosse uma deles. Fomos jantar a Chinatown e o Dominic, um dos sócios, foi supersimpático, sentou-se ao pé de mim e explicou-me tudo o que havia no menu. A comida estava deliciosa. Nunca tinha comido porco com molho agri-doce como deve ser.

É tão bom chegar a casa. A Dawn era fantástica, mas lá para o fim tornou-se completamente imprevisível. Passava o tempo todo a dormir e acordava mal-humorada e rabugenta. Parecia andar sempre constipada e estava sempre a fungar, mas felizmente nunca apanhei nada. Andava sempre muito pálida, também, e com um ar adoentado.

Moro num apartamento na Caledonian Road, perto de King’s Cross. Tive sorte porque uma pessoa lá do trabalho sabia de alguém que precisava de mudar de casa com urgência, mas não podia fazê-lo sem antes arranjar alguém para ocupar o apartamento. A renda é superbarata tendo em conta que tenho uma sala, um quarto assim para o pequeno, uma *kitchenette* ao fundo da sala e (vejam só) um quarto de banho com banheira e chuveiro por cima da banheira. Não é perfeito, e é um pouco húmido, mas é meu. As janelas são enormes e posso saltar da janela do quarto para um pequeno terraço no telhado com um gradeamento a toda a volta de onde posso ver quilómetros e quilómetros de Londres. É fantástico porque no verão, quando houver mais luz de manhã e à tarde, vou poder ir a pé para o trabalho. A mobília é toda assim para o velho, empenada ou encardida, mas comprei bons materiais de limpeza e pus tudo num brinco. O senhorio tinha reservas em aceitar-me como inquilina e deixou bem claro que não queria ali ninguém a viver de subsídios do Estado, mas eu tinha dinheiro de parte para pagar a caução e um mês adiantado e ele aceitou.

Quantos adolescentes de dezasseis anos terão a sorte de ter o seu próprio apartamento em Londres? Não muitos, aposto.

Escrevi outra vez à minha mãe e contei-lhe, mas não tive resposta. Isso não quer dizer que vá desistir. Alguma vez terá de falar comigo. De certa forma, não foi mau de todo ter acontecido o que aconteceu. Nunca teria vindo para cá nem tido todas estas experiências se não tivesse saído de casa quando saí.

Beijos,
Eve

1 de junho de 1988

Há muito nervosismo e um grande burburinho lá no trabalho.

Circulam rumores de que os sócios vão vender o negócio a uma firma maior. Ninguém sabe ao certo, mas a Ophelia e o Dominic estão o tempo todo fora em “reuniões” e a Maggie é quem tem tratado de quase toda a correspondência. Não tenho autorização para ver as cartas nem para ir às reuniões.

– Não te preocupes – disse-me a Beatrix no outro dia. É uma das contabilistas subalternas. – Nunca falta trabalho de

apoio à administração. As pessoas como eu é que têm de se preocupar: as firmas maiores têm pessoal próprio treinado por eles.

Já não escrevo à minha mãe há algum tempo, não quero preocupá-la. No outro dia vi a Dawn. Estava a entrar num carro com um homem que não parecia ser o namorado, o Robbie. Foi superesquisito porque o carro parou um pouco mais à frente e ela aproximou-se e entrou para o banco de trás. O carro avançou um pouco e depois parou. Pareceu-me que o homem se virou no banco do condutor para falar com ela, e depois voltou a arrancar. Está muito magra. Sei que comia pouco, mas agora parece que não come de todo. Ela não me viu e, de certa forma, é preferível assim. Não sei se ela ia querer que eu a visse assim.

Espero que o alvoroço lá no trabalho não passe de uma tempestade num copo-d'água, como a tia Mavis costumava dizer.

Eve

3 de junho de 1988

Bem, aconteceu. A Ophelia e o Dominic deram a notícia ontem.

Juntaram-nos a todos (a Maggie tinha saído para comprar espumante, e deixaram-me beber meio copo) e disseram-nos que tinham vendido o negócio a uma grande firma de contabilidade com sede na Baixa. Chamam “A Baixa” ao sítio onde se concentram os negócios, os mercados financeiros e a Bolsa.

Ficaram todos em estado de choque, mas na verdade não houve grande surpresa. Houve aplausos e sorrisos, mas estavam TODOS preocupados com os empregos, via-se. Apesar do que a Beatrix me disse, também estou preocupada. Seria estúpida se não estivesse.

A Ophelia disse a toda a gente que era um passo emocionante e que devíamos dar o nosso melhor para tornar a transição tão suave quanto possível, pois iríamos para A Baixa. Agradeceu-nos a todos pelo nosso empenho e disse que devíamos sentir-nos orgulhosos por ter contribuído para o sucesso que levava uma empresa tão prestigiada como a que adquirira a nossa nos quisesse.

Eu não quis dizer nada mas não sei se mais alguém reparou que a Ophelia não nos disse em momento algum que não haveria despedimentos.

Meu Deus, não permitas que eu perca o meu emprego.

Eve

25 de junho de 1988

Porque é que o pior acontece justamente quando pensamos que está tudo a correr tão bem? Durante a mudança para as novas instalações eu e a Maggie não parámos. Tivemos a organização quase toda a nosso cargo porque embora a firma tivesse sido vendida o trabalho não podia parar. Houve montes de gente a ficar “de baixa” (ou seja, a ir a entrevistas de emprego) e nós é que tínhamos de tapar os buracos, como dizia a Maggie.

Enfim, lá fizemos a mudança e tudo e estávamos todos muito satisfeitos. Eu e a Maggie andávamos a tentar falar com a Ophelia sobre os nossos empregos mas ela dizia sempre que tratava de nós.

Tivemos de voltar a candidatar-nos aos nossos postos. A firma tinha o seu próprio diretor administrativo e dúzias de assistentes, por isso a Maggie ia ter de aceitar uma despromoção (para a qual ainda tinha de se candidatar) e eu teria de me candidatar a um emprego para o qual já tinham outra rapariga à experiência.

Isto foi há duas semanas. Quando conseguíamos apanhá-la, a Ophelia dizia sempre que tinha feito o melhor que podia e que estava de mãos atadas. Nenhuma de nós conseguiu manter o emprego. A Maggie ficou arrasada porque já trabalhava para a Ophelia há muitos anos. Eu já calculava que não ia conseguir o emprego porque o pessoal do escritório já conhecia a outra rapariga. Esfaltei-me a trabalhar e era sempre a primeira a chegar e a última a sair, mas não adiantou.

E ali estava eu, outra vez sem emprego. A Maggie quase não falava. Dava para ver que tinha vontade de dizer das boas à Ophelia, mas não podia porque precisava de uma carta de recomendação.

Fui a algumas agências de emprego e pareceram-me mais otimistas que da última vez, agora que tenho mais experiência e boas recomendações – acho que era o que a Ophelia queria dizer quando disse que tratava de nós. Mas também não é que tivesse falhas a apontar, não é? Quer dizer, não podia escrever: “Passa o dia alapada a comer

chocolate e a arrotar.” Eu dei SEMPRE o máximo. E a Maggie também.

O problema é que ouço dizer em todo o lado que estamos em recessão e que os patrões tentam arranjar-se sem os temporários e não estão a contratar. Eu podia candidatar-me ao subsídio de desemprego, mas depois perdia o apartamento porque o senhorio disse que não arrendava a desempregados. Tenho o suficiente para a renda do mês que vem mas tenho de arranjar um emprego, e rápido.

Por falar no senhorio: sou tããããã estúpida! Liguei-lhe para lhe dizer que tinha perdido o emprego mas que podia pagar a renda e ele veio num tirinho (literalmente, estava a bater-me à porta em menos de uma hora). Queria verificar o estado do apartamento, e por mim, tudo bem. Não estraguei nada. Aliás, tenho muito orgulho em mostrá-lo. Até limpei os bolores e pintei a casa de banho. Ele deu uma vista de olhos mas não disse nada. Depois sentou-se ao pé de mim no sofá e perguntou-me o que me tinha acontecido no emprego. Como sou uma idiota contei-lhe tudo e ele mostrou-se muito compreensivo.

– Coisas lá fora serem difíceis, Eve – disse ele. – Não queria estar no teu lugar, procura de emprego. Mas hás de arranjar qualquer coisa.

Não sei de onde é mas o que mais gosto nele é o sotaque e o mau inglês.

– Obrigada – respondi.

Quando dou por mim, já me pôs a mão no joelho, claro. Quer dizer, francamente! E depois diz:

– Enquanto isso, tentar chegar a acordo, não?

E eu, idiota como sempre, perguntei-lhe, ao mesmo tempo que tentava afastar a mão dele sem o ofender:

– Que tipo de acordo?

E ele:

– Cambalhota ou duas por mês. Renda resolvida.

Juro por Deus que foi o que ele disse, palavra por palavra! Bom, apeteceu-me dizer-lhe onde meter as cambalhotas dele, mas não podia, pois não? Preciso de um sítio para viver, por isso disse-lhe:

– É muito gentil da sua parte, mas tenho uma série de entrevistas amanhã – (não tinha) – por isso não quero incomodá-lo.

– Assim sendo – disse ele, nada melindrado – se mudas de ideias ou queres dinheirinho extra, já sabes.

Esperava mesmo que lhe ligasse para uma “cambalhota” só para poder pagar a renda. Preferia viver na rua.

Porque será que às vezes é tudo tão difícil? Estava tudo a correr tão bem, e agora isto. O que significa que a minha casa está em perigo. E o senhorio espera que eu... Ahhh!

OK, vou tentar ser mais otimista. Tenho a certeza de que as coisas acabarão por se compor se sair por aí para procurar emprego todos os dias. Não quero nem por um segundo estar numa situação que me obrigue a considerar a proposta dele.

No entanto, pergunto-me quantas das suas inquilinas a aceitaram. Ahhh, só a ideia de ver aquelas banhas a abanar e aquelas manáculas na minha pele... Só o fiz com o Peter, e isso porque o amava.

É estranho pensar que algumas pessoas não só o fazem sem estarem apaixonadas, como também o fazem para ganhar dinheiro ou para pagar a renda. Estranho e triste. Eu seria *incapaz* de fazer tal coisa.

Se calhar vou ligar à Dawn e perguntar-lhe se não me arranja uns turnos de limpeza lá no bar onde trabalha.

Eve

P.S. Com tudo o que se tem passado até me esqueci que hoje faço anos. Ao que parece a minha mãe também não se lembrou. Seria de esperar que se alguém se lembrasse, seria ela. Parabéns a mim.

De repente, o Butch, que tem estado pacientemente sentado ao pé de mim no chão da cave, inclina a cabeça para um lado e põe-se de pé num salto, como faz todas as tardes quando o Jack chega a casa.

Será assim tão tarde?, pergunto-me enquanto o Butch sobe as escadas a correr para ir esperar o Jack à porta. Sem tempo para atar os diários com o laço, limito-me a embrulhá-los na peça de veludo, a devolvê-los ao saco de plástico e a recolocá-los no seu esconderijo na lareira. Tenho de ter cuidado porque se não os encaixar no parapeito e eles caírem ao chão, não poderei reavê-los sem mandar remover a placa.

Ouçõ o ladrar feliz do Butch no andar de cima e fecho a tampa da placa. A seguir, num rasgo de lucidez, pego numa garrafa de vinho e subo as escadas.

O Jack está à minha espera lá em cima, com o Butch a correr alegremente em círculos à volta das pernas dele.

– Estás bem? – pergunta o Jack.

– Sim, estou ótima, porque perguntas? – respondo eu, evitando olhá-lo nos olhos e afastando-me da porta da cave.

– Normalmente não desces à cave a não ser que seja absolutamente necessário – diz ele, surpreendido.

Levanto a garrafa de vinho tinto que trouxe ao acaso.

– Resolvi ir buscar uma garrafa de vinho para o jantar.

– Podes beber, com os medicamentos? – pergunta ele.

– Provavelmente não – digo eu –, mas posso ficar a ver-te.

O Jack olha-me nos olhos e eu encaro-o. Tenho o coração aos saltos no peito. Nunca lhe escondi nada, sempre fui franca e sincera. Constrange-me ter de o fazer, mas é necessário porque ele se recusa a falar-me dela. E quanto mais ele se debate na cama, noite após noite, a chamar por ela, mais me convenço de que está a esconder-me alguma coisa sobre o que aconteceu durante ou imediatamente a seguir ao acidente. Ou melhor, mais *certeza* tenho de que não é o trauma que lhe provoca pesadelos, e sim a culpa.

Continuamos a olhar um para o outro. Temos ambos obviamente algo a esconder.

capítulo onze

Acordo na cama, no quarto do primeiro andar, e pela primeira vez em meses não sinto dores. Não me custa virar-me na cama. Ao esticar o braço sinto o repuxar natural dos músculos a reposicionarem-se depois de uma noite de sono.

Atiro para trás os cobertores e sorrio, pois volto a não sentir dores. Os meses passaram a voar e o meu corpo está a restabelecer-se. Umas cócegas na testa lembram-me de que o meu cabelo voltou a crescer. Ontem a Angela alisou-mo e agora chega-me até às orelhas, e já cobre a cicatriz. Não preciso de me olhar ao espelho para saber que a cicatriz na face esquerda parece apenas uma veia fina e ténue, e é virtualmente invisível para quem não saiba o que procurar.

Oiço a rádio ou a televisão lá em baixo e enquanto o aroma delicioso e inebriante de ovos e bacon a fritar paira até cá acima lembro-me de que o Benji e o Butch vieram para ficar. Os aromas e o ruído das conversas atraem-me à cozinha.

Junto do enorme fogão rústico vejo uma mulher a preparar as minhas papas com amoras e pedaços de maçã. A caixa de cereais jaz, vazia, na bancada de madeira ao lado do fogão, e o último pacote está meio amassado. Não sobrou nada para mim. O Jack e o Benji estão debruçados sobre o jornal aberto a ler a secção desportiva.

Dirijo-me à mulher que está ao fogão.

– Essas papas são minhas – digo-lhe eu. – E você gastou tudo.

Ela vira-se para mim. O cabelo escuro, levemente ondulado, agita-se como um sussurro enquanto ela sorri com uma boca perfeita e uns invulgares olhos azuis. Traz o meu pijama preto com debruns rosa fluorescente e “EU SOU DIVINA” estampado com diamantes falsos na parte da frente. O Jack ofereceu-me aquele pijama no nosso primeiro Natal juntos.

– Lamento, Liberty – diz ela. – Esta papa é minha.

– Não, não é, é minha. Mais ninguém gosta disto, só eu.

– Liberty, não te serve de nada continuares em negação – diz-me a Eve. – Esta papa é minha, tal como esta casa, e aqueles são o meu marido e o meu sobrinho. Tu já não tens nada porque estás morta, lembras-te? Tens de te deixar ir. Serás muito mais feliz do outro lado.

Olho para a mesa onde o Jack e o Benji acenam em concordância, só que não é o Benji, é outro rapaz. Tem a idade do Benji, mas é branco e possui o mesmo cabelo escuro que a Eve. Olho para o cesto ao lado da porta da cozinha e em vez do Butch está lá um gato.

– Estou morta? – pergunto à Eve.

– Sim – diz ela com meiguice. – És a mulher com quem ele esteve antes de mim. É a mim que ele ama, agora.

– Mas tu estás morta – replico eu.

– Não, tu é que estás. Sofreste aquele acidente horrível, lembras-te? Estiveste em coma por uns

tempos, e depois apagaste-te. O Jack conheceu-me alguns anos depois.

– Pronto, está bem – digo-lhe eu, pois parece muito convencida do que diz. E se os outros dois concordam e o gato está a olhar para mim com tanta estranheza, com certeza estou errada e é ela que tem razão. Não podem estar todos enganados, pois não? – Se tu o dizes...

– Porque não voltas para a cama? Vais acabar por te lembrar de tudo e verás que tenho razão.

– Está bem – digo eu, e subo para o quarto.

Pelo menos a cama ainda é a minha. Enfio-me debaixo dos cobertores, puxo-os por cima da cabeça e aconchego-me no colchão. Fecho os olhos e volto a estar mor...

Abro os olhos e dou com o Butch a fitar-me com o focinho inclinado para um lado. Estou sentada à mesa de jantar, na sala, onde adormeci com a cabeça em cima do caderno de apontamentos à minha frente. Endireito-me, ignorando as dores lancinantes no peito. Vejam só, deixar-me adormecer nesta posição no estado em que estou. *Estúpida* podia ser o meu nome do meio.

O Butch continua a fitar-me com um interesse canino.

– O quê, estava outra vez a chorar no sono? – pergunto-lhe.

Ele solta um pequeno latido.

– Sabes que mais? – digo-lhe eu. – Experimenta sonhar que andas por aí na tua vidinha e afinal descobres que estás morto e vais ver se também não choras.

O Butch fica a olhar para mim durante mais algum tempo e depois dá meia-volta e desanda para a cozinha para ir beber água.

Desde que encontrei estes diários, deixei de sonhar com o acidente. Em vez disso tenho tido este sonho com a Eve. Há uns dias que não olho para os diários. Comecei a rabiscar coisas em pedaços de papel, fragmentos do que julgo serem reminiscências do acidente, para ver se consigo avivar a memória. É quase como se a Eve estivesse a acicatar-me com os sonhos por não ter tido coragem de reviver o sucedido; está a lembrar-me de que tudo isto está essencialmente ligado a ela e que, se quero seguir em frente, tenho de saber mais.

Para ser sincera tenho medo daqueles diários. Trazem-me à memória coisas que preferia esquecer. Sei perfeitamente o que é não ter uma fonte de rendimentos e viver no terror de perder a minha casa, a minha dignidade, o meu lugar no mundo.

Quando iniciei o meu doutoramento, o meu supervisor apoiou vivamente o tema que propus, sobretudo porque ainda não tinha sido objeto de estudo na minha universidade. Estávamos ambos convencidos de que seria fácil arranjar financiamento privado, de que haveria empresas interessadas. Afinal não foi bem assim, e as que estavam...

Compareci a uma reunião com alguém de uma empresa que parecia mostrar interesse, e aconteceu-me a mesma coisa que acontecera à Eve com o senhorio: dei por mim com a mão de um homem na coxa, a oferecer-me os fundos necessários para fazer o que quisesse se fosse “simpática” com ele.

Observei os olhos azuis-esverdeados e o rosto dele (que até me parecera atraente quando nos sentámos na sala de reuniões para discutir a minha proposta), e fui invadida por uma onda de repulsa enquanto a mão dele me subia pela coxa. Lá fora, do outro lado da porta, havia centenas de funcionários, mas ali dentro ele sentia-se seguro ao ponto de fazer aquilo.

– Está a falar a sério? – perguntei-lhe.

– A pesquisa científica, e os fundos necessários à sua realização, são coisas sérias – respondeu ele. – Todos nós, os potenciais patrocinadores, precisamos de um incentivo extra e você, como candidata, precisa de se destacar dos restantes.

Ao ler a descrição da Eve daquele momento com o senhorio senti o estômago às voltas. Lembrei-me daquela fração de segundo em que perguntara a mim mesma *É isto que tenho de fazer para conseguir o que quero?* antes de afastar a mão dele, agradecer-lhe pelo tempo que me disponibilizara e sair. A caminho de casa dei-me conta de que teria de interromper a minha pesquisa se a única pessoa interessada em financiar-me queria sexo em troca.

Tive receio da escolha que a Eve fora forçada a fazer. Dava a impressão de que não podia voltar para casa, e estava tão perto do dinheiro: que escolha tinha ela? Não queria ler aqueles diários e descobrir que fora forçada a ceder, e ter de encarar o que me poderia ter acontecido caso tivesse optado por vender o corpo para sobreviver.

Mas aqueles diários chamam por mim. Pressinto, no âmago do meu ser, que a solução para todos os meus problemas (desde o Jack chamar por ela até à perda de memória após o acidente) se encontra no âmbito da relação que ela e o Jack tinham. *Têm*. Porque está longe de ter terminado, e eu preciso de saber porquê.

Volto ao caderno de apontamentos. Quando acabar de anotar tudo aquilo de que me lembro, voltarei a pensar nos diários. São um caminho que ainda não tenho a certeza de querer continuar a trilhar.

libby

– Isto é tudo culpa tua, sabes? – digo eu ao Butch. – Se não te tivesses posto a arranhar a porta nunca me teria lembrado que o estúpido do armário da Eve estava cá em baixo e agora não estaria a fazer isto.

Ele emite um resmungo preguiçoso e indiferente sem sequer levantar a cabeça. É muito bom a adaptar-se à pessoa com quem está. Quando está com o Jack, ou mesmo com o Benji, mostra-se cheio de vida e não para quieto, sempre aos saltos e a ladrar. Comigo é vagaroso e atento. Geralmente está comigo onde quer que eu esteja, quase como se estivesse a velar por mim. Não iria ao ponto de dizer que gosta de mim, mas tenho a impressão de que se sente responsável por mim.

Suponho que é bom ter o cão mais cínico do mundo a tomar conta de mim.

Trouxe cá para baixo uma almofada para poder estar mais confortável, e um pequeno relógio despertador para saber quando tenho de parar de ler e não correr o risco de quase ser apanhada como da última vez.

Ainda um pouco a medo, desembrulho os diários e retiro da pilha o que estava a ler.

Ao folhear as páginas à procura do sítio onde fiquei, reparo que ela está de volta, sentada nos caixotes de arquivo. Ainda traz o mesmo vestido, está descalça, mas desta vez descansa a cabeça nos braços nus e baloiça as pernas como se estivesse à beira de uma piscina.

– *Onde ficámos nós?* – diz ela. A doçura rica e aveludada da sua voz faz-me tocar a cicatriz que tenho na cabeça. Sinto-me trapalhona e grotesca ao pé dela, embora ela seja apenas fruto da minha imaginação.

Ela observa-me enquanto eu me recordo da minha aparência, e abana a cabeça.

– *Quando é que vais perceber, Libby?* – diz ela. – *Isto não tem nada a ver contigo. Tem tudo a ver comigo.*

Não lhe respondo. Em vez disso, concentro-me em encontrar a página em que estava quando interrompi a leitura do diário.

– *Ah, cá está. Eu tinha acabado de perder o emprego, estava a ficar sem dinheiro e resolvi ligar à Dawn para ver se havia vagas nos turnos de limpeza no sítio onde ela trabalhava.*

27 de junho de 1988

Hoje fui a casa da Dawn. Liguei-lhe para saber como estava e para lhe perguntar aquilo do trabalho. Pareceu-me tão distante e desligada ao telefone que me lembrei de a ir visitar, já que não tenho mais nada para fazer.

Foi um choque terrível quando ela finalmente abriu a porta. Parecia um esqueleto com pele, e tinha o rosto todo encovado e umas olheiras enormes. A expressão dela iluminou-se quando me viu e senti-me muito mal por não ter mantido o contacto este tempo todo, sobretudo quando era tão óbvio que ela tinha estado doente.

– Caramba, Eve, estás tão diferente. Tomaste banho, ou coisa assim?

O pijama pendia-lhe dos ossos, e o roupão índigo (que dantes era meu) caía-lhe de um dos ombros e estava quase preto de tão sujo. Obviamente não o tinha lavado desde que eu me fora embora.

– Pois – disse eu, a rir-me. – Isso, e cresci um bocado.

– Ah, tenho de experimentar isso um dia destes. Tomar banho, quer dizer, não a cena de crescer, isso não é para mim.

Deitou-se no sofá que durante meses tinha sido a minha cama e eu fiz chá na cozinha minúscula dela. Estava tudo limpo e arrumado, e havia chá no armário, mas não havia leite, o que não me incomodou porque, para muitos de nós, coisas como o leite estão a tornar-se um luxo nos dias que correm.

Sentei-me na beirinha do sofá e encolhi as pernas por baixo de mim. Tinha vontade de lhe perguntar o que tinha acontecido, qual era o problema, mas não queria forçá-la a falar se ela não quisesse. Sabe Deus como foi meiga e paciente comigo quando eu queria falar do que tinha acontecido lá em casa, e nunca insistia quando eu me fechava em copas, com a garganta e a boca fechadas pelas lágrimas e pela tristeza.

– Está tudo bem contigo, então? – perguntou ela, e sorriu-me com a boca fechada. Eu sabia porquê: quando se rira, antes, eu vira a devastação negra e cinzenta que eram os dentes dela.

– Suponho que sim. Como te disse ao telefone, estou outra vez sem trabalho. Estou arrasada.

– Sim, eu também. Sem trabalho, quer dizer.

– Oh, a sério? Desculpa, não sabia. Quando foi?

Ela encolheu os ombros.

– Não sei bem. Só me lembro de acordar uma tarde e pensar que não podia suportar nem mais uma noite a abanar o rabo na cara de um tipo qualquer só para ter guito para a dose seguinte. Por isso nunca mais fui trabalhar.

– Oh – disse eu. Suponho que, lá no fundo, já sabia o que a Dawn fazia e porquê, mas como ela nunca me tinha dito nada, e eu nunca fizera perguntas, fingi que ela trabalhava realmente atrás do balcão de um bar, que gostava de lingerie cintilante e que o cheiro doentio que vinha do quarto era um incenso estranho que ela queimava. Era mais fácil pensar assim do que encarar a alternativa.

Mas se já não fazia *striptease* e continuava viciada em drogas...

Veio-me à memória o dia em que a vira a entrar no carro daquele homem. *Meu Deus, não pode ser*, pensei.

– Como te tens safado? – perguntei-lhe, porque, embora não quisesse ouvi-lo, senti que a Dawn precisava de desabafar. E depois de tudo o que tinha feito por mim, o mínimo que eu podia fazer era deixá-la falar.

– O que é que achas? Vendo o corpo.

A primeira coisa que me veio à cabeça foi o meu senhorio: a cara dele, aquelas mãos sebentas, e aquela barriga inchada. Teria ele pago a alguém como a Dawn? Teria ele pago a alguém como a minha amiga para ter sexo com ele, por desespero – para as drogas ou para não ficar na rua?

– Sinto muito – disse-lhe eu.

O rosto dela enrugou-se num sorriso.

– Porquê?

– Lamento que precisas das tuas drogas a ponto de fazeres isso – disse eu, sentindo-me um bocado estúpida por não ter nada mais reconfortante para lhe dizer.

– Nunca percas isso, OK? Nunca te deixes... deitar abaixo pelo mundo até perderes a capacidade de sentir compaixão por alguém como eu. Quando nem sequer a mereço.

Era minha amiga, como queria que eu reagisse? Será que estava à espera que lhe dissesse que me metia nojo e que era uma estúpida e que já não queria ter mais nada a ver com ela? Se assim era, então devia haver algo de errado comigo,

porque não era capaz de o fazer. Não conseguia pensar nela dessa forma. Não quando o trabalho dela me tinha dado um lugar para ficar durante todos aqueles meses, e ela tinha sido tão minha amiga e me tinha oferecido os fatos dela. Às vezes não era fácil viver com ela, mas era melhor que dormir na rua. Acho que qualquer coisa é preferível a dormir na rua, que é o que está prestes a acontecer-me.

– Como era? – perguntei-lhe. – Fazer *striptease*? – *Seria assim tão mau, quando lhe permitia viver naquele bairro chique de Londres e alimentar o vício por tanto tempo?*

– Não era mau, mas depois de algum tempo comesas a ver sempre as mesmas caras e sempre as mesmas expressões e acima de tudo torna-se aborrecido. Começas a dançar em piloto automático, não te entregas, que é o que tens de fazer se queres ganhar muitas gorjetas. Mas algumas das miúdas adoravam aquilo. Diziam que os homens pagarem para as ver dançar as fazia sentirem-se poderosas. Eu cá achava-os patéticos, e a mim também, por arrastamento. – Abanou a cabeça. – Mas precisava da minha dose, por isso fazia-o. É dinheiro fácil, quando se está desesperada.

Eu estava desesperada, restava-me muito pouco dinheiro, mas a questão era “Estarei assim tão desesperada?” Dois meses, ou mesmo duas semanas atrás, teria dito que não. Agora não podia dizer o mesmo com tanta convicção.

Queria perguntar-lhe como era dormir com homens por dinheiro, mas não me atrevi.

– De certa forma é pior do que o que eu faço agora – disse ela. – O que eu faço agora é no limite do desespero, mas pelo menos é mais dinheiro por menos horas e não tenho de dar uma percentagem a ninguém, como no clube de *strip*.

– Tinhas de dar parte do dinheiro ao clube de *strip*? Não percebo.

– As *strippers* trabalham por conta própria e têm de pagar a um clube para poderem lá dançar, o que significa que todas as noites tens de ganhar dinheiro suficiente para pagar a taxa do clube, e tudo o que fizeres acima disso é teu. Às vezes, em noites mortas ou quando as outras raparigas te roubam o espaço ou estão mais desesperadas que tu, não consegues ganhar o suficiente para pagar a taxa por isso vais para casa a perder dinheiro. Por isso é que o que eu faço agora é melhor em alguns aspetos. Se faço um tipo ganho sempre algum.

– E não te importas? – perguntei-lhe. – Não te importas de ir para a cama com um tipo de quem não gostas?

Os olhos da Dawn deambularam enquanto pensava naquilo.

– Não sei – respondeu ela, a certa altura. – Nunca pensei no assunto. Aconteceu-me por acaso. Um tipo que me conhecia do clube viu-me na rua e perguntou-me se fazia “extras”. Pensei, *Porque não?* e segui-o até ao carro. Foi tudo muito rápido, e fiz cem notas. Depois já não parei. Agora é raro conseguir tanto dinheiro. Para mim não é sexo, não como quando era com o Robbie. É só deixar um tipo enfiar o coiso dentro de ti.

Daquilo que me lembrava do sexo com o Peter, era mais que isso. Mas que sabia eu? Só o tinha feito com ele.

– Podemos falar de outra coisa? Esta conversa está a aborrecer-me – disse a Dawn.

– Claro.

Fiquei mais uma hora e falámos sobre montes de coisas, mas a conversa era constantemente interrompida pela tosse aflitiva da Dawn. À medida que o tempo passava via-a ficar cada vez mais agitada, até que começou a suar, a ficar com a pele do rosto ainda mais acinzentada, e não parava de olhar para o relógio de parede. Estava a aproximar-se da hora em que teria de voltar a drogar-se, por isso achei melhor vir-me embora.

Ela abraçou-me à porta e disse que tinha gostado de me ver. E disse-lhe que também tinha gostado de a ver a ela, e não era mentira, porque lá no fundo ela continuava a ser a Dawn. Ofereci-lhe algum dinheiro (tinha vinte libras na carteira) e ela abriu muito os olhos ao olhar para a nota roxa toda amarrotada. Dava para ver que queria muito aceitá-la, mas algo a impediu.

– Ná. Obrigada, Eve, és muito querida, mas aceitar dinheiro teu seria o mesmo que roubar comida da boca de um cachorrinho. Obrigada.

– Tens a certeza? – perguntei-lhe.

– Não, claro que não. Mas, por favor, guarda-o antes que o aceite e amanhã me sinta ainda pior comigo mesma.

Não consigo deixar de pensar nela. Parece tão frágil. Não sei quanto tempo vai resistir antes de rebentar de vez. Quem me dera poder fazer alguma coisa para a ajudar, mas infelizmente agora nem sequer consigo ajudar-me a mim própria.

Tem de acontecer algo de bom muito em breve, não?

Eve

17 de setembro de 1988

Ahhh, mais um dia, mais uma entrada no meu diário.

Já não escrevia há imenso tempo, pois não? Há três meses. E é tudo tão maravilhoso outra vez. Hahahahaha! Nem quero acreditar que estou a mentir ao meu diário. Que será que vou fazer a seguir? Tentar esconder-me do meu reflexo no espelho?

Bem, pelo menos ainda estou no meu apartamento, e não tive de “dar umas cambalhotas” com o senhorio para ficar. Juro que ele pensava mesmo que eu ia fazê-lo. Quando lhe liguei para lhe dizer que já tinha arranjado outro emprego pareceu realmente desapontado.

Também comecei a fumar. Já tinha experimentado quando vivia com a Dawn, e agora tomei-lhe o gosto. Ajuda a passar o tempo e acalma-me. Então, o que faço eu agora? Adivinha. Sim, arranjei outro emprego como assistente da administração de uma grande firma de contabilidade. Pelo menos foi o que disse à minha mãe na última carta que lhe escrevi.

A verdade é que estou a fazer o mesmo que a Dawn fazia. Faço *striptease*. Mas não é só tirar roupa, tenho de dançar para os clientes praticamente sem roupa nenhuma.

O tempo foi passando e, embora conseguisse uns biscates temporários aqui e ali, o prazo para pagar a renda estava cada vez mais próximo e não ia conseguir pagá-la. A preocupação não me deixava dormir, e passava o dia a sentir-me doente.

Cheguei a pensar em voltar para Leeds, mas a ideia de viver sob o mesmo teto que o “tio” Alan, o namorado da minha mãe, à espera do dia em que me apanhasse a jeito e me violasse, era aterradora, pois sabia que mesmo nessa altura ele arranjaria maneira de convencer a minha mãe de que nada tinha acontecido. Podia ter regressado se soubesse que a minha mãe acreditava em mim, ou até se o tio Henry e a tia Mavis ainda estivessem vivos, porque eles sabiam o que se passava e acolhiam-me na casa deles sempre que podiam. Cheguei a pensar escrever à minha mãe a perguntar-lhe se consideraria pedir-lhe para se ir embora para que eu pudesse voltar para casa, mas a cara dela quando lhe disse o que ele me fazia e ter acreditado nele e não em mim impediu-me de o fazer.

Então, fui ao Centro de Emprego para saber o que tinha de fazer para receber o subsídio de desemprego, mas quando comecei a procurar apartamentos ou estúdios para arrendar no jornal local e nos *sítes* de anúncios grátis, mesmo os que aceitavam gente a viver do subsídio de desemprego eram caros de mais. Pensei sair da zona, mas os sítios que podia pagar eram tão afastados, que ficaria isolada e seria muito mais difícil deslocar-me à cidade para procurar emprego. Tentei lojas, cafés e limpezas, e nada. Agora a minha experiência de escritório era uma desvantagem porque todos pensavam que daria à sola assim que arranjasse trabalho de escritório, e preferiam não correr esse risco. Disseram-mo na cara: eu era uma manobra arriscada que não se podiam dar ao luxo de fazer em plena recessão.

Estava desesperada. Quando fui visitar a Dawn sabia que estava num grande aperto, mas não sabia se estava tão desesperada como ela devia ter estado. Até que chegou o dia em que me dei conta de que estava. O meu desespero era tal que decidi pelo menos tentar. Estive quase para lhe ligar a pedir-lhe conselhos, mas depois pensei melhor. Ela já tinha problemas de sobra e eu sabia que tentaria convencer-me a desistir da ideia.

Procurei clubes de *strip* na zona no jornal local e nas *Páginas Amarelas* e descobri que havia um a cerca de quinze minutos a pé.

Depois de memorizar o endereço, vesti o melhor conjunto de lingerie que tinha (só para o caso de quererem que tirasse alguma roupa), passei um pente no cabelo, coloquei batom e rímel e saí antes que pudesse mudar de ideias.

Mantive a cabeça baixa e caminhei apressadamente até ao clube. Cada passo me aproximava do sítio que mudaria a minha vida, mas eu sabia que tinha de o fazer. Era isso, viver na rua ou regressar a casa. Era a opção menos má, ou pelo menos assim julgava eu.

O clube ficava numa ruela secundária que eu não conhecia. Parecia desolado, mesmo em pleno dia. À noite devia ser como atravessar um deserto industrial. O edifício do clube tinha duas enormes portas pretas de ferro, grossas grades nas janelas e *graffiti* obscenos a decorar as paredes exteriores. Pendurado por cima da porta esquerda havia um letreiro que dizia “Habbie’s Gentleman’s Club” em letras de néon cor-de-rosa desligadas. O nome estava também pintado na porta direita, no mesmo tipo de letra.

As minhas pernas quase rodaram 180 graus para desandar dali para fora o mais depressa possível, mas era o meu cérebro que estava aos comandos, por isso ergui um punho e bati à porta. Tive novamente ganas de largar a correr enquanto esperava que atendessem, e foi então que dei um passo atrás para fugir, quando o homem mais alto, mais corpulento, e com o pescoço mais grosso que eu alguma vez tinha visto abriu a porta.

– Sim? – perguntou ele por entre as placas de músculo que constituíam o seu rosto.

– Há vagas? – perguntei eu com uma voz surpreendentemente normal tendo em conta que morria de medo que aquele homem pudesse partir-me em dois só com um sopro mais forte na minha direção.

Ele desviou-se para o lado e sacudi a cabeça para que eu entrasse, e dei-me conta de que podia assassinar-me ali mesmo e ninguém saberia. Não tinha dito a ninguém onde ia. Ainda assim, entrei e dei por mim num corredor longo e

amplo com uma bilheteira vazia à direita e um tapete imundo que parecia descer na direção de onde vinha a música. Há minha esquerda umas escadas subiam às profundezas do inferno. Naquele momento tive a sensação de ter entrado num lugar mais vil que o inferno, se é que isso é possível.

– É lá em baixo – disse ele, e seguiu atrás de mim. Esticou o braço por cima de mim para abrir a porta e dei por mim numa vasta divisão com um bar que se estendia da porta à parede oposta. À minha frente havia um palco com umas cortinas tremeluzentes ao fundo e mesmo no centro um grande varão até ao teto. Havia mesas dispersas por todo o salão, com três ou quatro cadeiras em redor de cada uma. Com as luzes ligadas só de vez em quando se viam os quadrinhos cintilantes da bola de discoteca que girava por cima da minha cabeça, mas a sujidade do local era bem evidente.

– Quer trabalho – disse o colosso a outro tipo que só nesse momento avistei sentado ao balcão. Era jovem e atraente, mas de uma forma um pouco estranha: cabelo negro puxado para trás e feições simpáticas, mas com uns olhos inquietantes e uma boca que em vez de sorrir parecia escarnecer. Trazia calças de ganga e um polo Fred Perry cor de vinho, e tinha um enorme relógio de ouro e grossos anéis de ouro em quase todos os dedos. Ao seu lado no bar havia um pequeno copo com um líquido cor de âmbar.

– Que idade tens? – quis ele saber.

– Dezanove – menti. Só nos perguntam a idade quando é importante termos mais de dezoito anos.

– Ai sim? Data de nascimento?

– 25 de junho de 1969 – respondi, rápida como um relâmpago, e ergui uma sobrancelha. Estava a ser atrevida e a abusar da sorte, mas tinha a impressão de que ele não iria acreditar em mim se não mostrasse um pouco de atitude.

– Pareces mais nova – disse ele.

Encolhi os ombros.

– Eu sei. Sempre deu muito jeito não ter de pagar bilhetes de adulto – tornei a mentir. Nunca seria capaz de mentir na idade para não pagar o mesmo que os outros.

– Tens experiência?

– Não – respondi.

– E achas que és capaz de dar conta do recado sem qualquer experiência?

– Gostava de experimentar. Gosto de dançar.

– Despe-te.

Por dentro transformei-me em gelatina. Mas não podia dar a entender que estava nervosa. Só de olhar para ele, dava para ver que qualquer sinal de fraqueza seria punido. Forcei os dedos a não tremerem enquanto desabotoava rapidamente o casaco de ganga e o despia. Estavam ambos a observar-me, e senti-me agoniada ao perceber que teria uma multidão de homens como eles a olhar para mim da mesma forma todas as noites caso conseguisse o emprego. Afastei esse pensamento e deixei de pensar em como me sentia mal naquela situação.

Quando era pequena assisti a um documentário sobre a vida da famosa *stripper* Gypsy Rose Lee. Era muito tímida quando apareceu em público pela primeira vez, mas apesar do pânico não parou de cantar “Let Me Entertain You” diante de um grupo de homens que só queriam ver carne e mulheres a roçar-se umas nas outras. Nesse momento, tentei ser a Gypsy Rose, imitei a expressão de pavor e desafio que ela tinha ao cantar enquanto os homens no público se riam dela. Continuei a visualizar mentalmente a cena e de repente, sem saber muito bem como, estava diante deles apenas de sutiã e cuecas cor-de-rosa.

Percorreram-me com os olhos tal como teriam feito com as mãos, tocando e sentindo cada contorno, cada curva e o relevo da minha pele arrepiada.

– Nada mal – disse o homem sentado ao balcão. Dei-me conta de que nem sequer sabia como se chamava, mas ali estava eu praticamente nua à frente dele. – Barriga lisa, mamas de bom tamanho. Vira-te, deixa-me ver o teu cu.

Dei meia-volta, ainda com a canção “Let Me Entertain You” na cabeça.

– Hmmm, nada mal. Dobra-te para a frente. – Hesitei. – Abre as pernas e dobra-te para a frente – repetiu ele, e eu engoli em seco e obedeci. – Não, mais para a frente, até onde puderes. Apoia as mãos nos joelhos, se for preciso... isso. Agora olha para mim.

A última coisa que eu queria era olhar para ele. Naquele momento não queria ver ninguém. Torci ligeiramente o corpo e fiz como me disse.

– Isso. Agora sorri. – Fez um aceno de cabeça. – Aí está. – Não estavam a olhar para a minha cara: estavam a apalpar-me o rabo com os olhos. – Agora levanta-te.

Endireitei-me e virei-me para eles. Não sabia se seria capaz de suportar muito mais, mas afinal de contas o trabalho era aquilo, certo?

– Tira tudo – disse ele quase com indiferença, retirando um cigarro do maço ao lado do copo.

– Tudo? – perguntei eu, começando mais uma vez a sentir a bília a deslizar-me nas veias.

– Tens algum problema com isso?

– Não, estava só aqui a pensar se terei de o fazer todas as noites.

– Ná, geralmente é só a parte de cima. Só quero ver lá por baixo para ter a certeza de que não trazes... – voltou-se para o outro e riram-se de uma piada privada qualquer – tipo, extras aí entre as pernas, ‘tás a ver?

O *quê?*, pensei eu.

Devem ter percebido pela minha cara porque o grandalhão disse:

– Que não és macho.

– Ah – disse eu. – Mas não sou.

– lá, isso é o que todas dizem, minha linda. Não quer dizer que seja verdade – disse ele.

Continuei a cantar mentalmente enquanto fazia o que eles queriam.

– Fêmea, definitivamente – disse o homem sentado ao balcão ao olhar para a parte inferior do meu corpo com a cabeça inclinada para um lado enquanto acendia o cigarro. Por momentos desejei que queimasse as sobancelhas com o fósforo aceso, mas não.

– Sem dúvida – disse o outro, também a olhar.

O tipo ao balcão voltou-se, pegou no copo e bebeu um gole. Estava entediado.

– Rapa as pernas, rapa a ratinha, e podes começar amanhã.

Fiquei ali a ouvi-lo, nua, cheia de frio, exposta, sem saber se já podia vestir-me.

– OK – disse eu.

– Podias mostrar mais entusiasmo. Estou a arriscar-me contigo. Tens um cu e umas mamas razoáveis, mas não tens experiência nenhuma. A minha clientela não gosta de servir de ensaio a raparigas sem experiência.

– O que eu queria dizer era: obrigada pela oportunidade – disse eu, ainda sem saber se já podia ou não vestir-me.

– Arranja-te, então – disse o grandalhão.

– Vem cá hoje à noite, vê como funcionam as coisas – disse o homem sentado ao balcão. – Fala com as outras raparigas, informa-te das taxas e das regras. Mas atenção, porque se não as cumpres, ponho-te na rua.

Com um gesto da mão indicou-me que tínhamos terminado, que já podia ir. Parou o copo no ar, a meio caminho dos lábios.

– Como te chamas?

Estive quase para dizer “Gypsy”, mas achei que não me safava com essa. Não lhe ia dizer o meu nome verdadeiro, como é óbvio, e então lembrei-me do filme que estava a dar na televisão quando saíra de casa.

– Honey – respondi. Do filme *A Taste of Honey*². Vê-lo deixara-me à beira das lágrimas: a cena em que Josephine é forçada a sair de casa por causa do namorado da mãe deu-me cabo dos nervos.

– Honey – repetiu ele. – Ótimo. Tens qualquer coisa de doce e inocente. E eu não tenho mais Honey nenhuma nos livros. Vá, põe-te a andar.

E pronto.

À saída, vi outra mulher a entrar. Era incrivelmente alta e incrivelmente bonita. Sorriu-me e eu também lhe sorri.

– És nova? – perguntou ela.

– Sim – respondi.

– Olha, eu sou a Connie e vou estar cá esta noite, caso queiras vir fazer-me umas perguntas. Trabalho aqui há rores.

– Oh, obrigada – disse eu, agradecida, embora não estivesse nos meus planos fazer amizades só para me familiarizar com as minhas funções. Depois do que a Ophelia tinha feito estava a aprender a não confiar em ninguém. – Posso perguntar-te uma coisa agora?

Ela assentiu e encarou-me atentamente com uns grandes olhos semiocultos.

– O que é uma ratinha? – quis eu saber.

Fiquei para morrer quando ela me explicou. Também me disse para a depilar com cera em vez de usar uma lâmina porque dura mais tempo e não se tem tanta comichão quando o pelo volta a crescer.

Estou podre de cansada. Não sei se consigo escrever muito mais. Tudo isto me desgasta imenso. Não admira que a Dawn passasse metade do dia a dormir. Tenho a certeza de que não era só por causa das drogas. É um trabalho que nos esgota de uma forma completamente diferente do trabalho normal. Detalhes noutra altura. Agora tenho mesmo de dormir.

Eve

15 de outubro de 1988

Já faço strip há mais de um mês. Não é o máximo? Trabalho seis noites por semana e ganho mais dinheiro do que ganhava na firma de contabilidade, por isso já me posso dar ao luxo de fazer coisas como deixar as luzes acesas enquanto tomo banho ou comprar mais do que um cacete de pão por semana. Dantes, quando trabalhava no escritório, passava muitas necessidades, mas não me importava porque imaginava poder fazer daquilo uma carreira. Talvez com o tempo pudesse tornar-me diretora administrativa, ou até retomar os estudos como a Maggie sugerira, e aprender uma profissão qualquer, mesmo que não fosse contabilidade.

Agora tenho mais dinheiro – o suficiente para viver, para subsistir –, mas o futuro é uma incógnita. Continuo a candidatar-me às vagas que vão aparecendo, mas parece-me um pouco inútil, neste momento. Não posso propriamente incluir o que agora faço no meu currículo, pois não?

Na verdade não é assim tão mau. Acho que a segunda noite foi pior que a primeira. Na primeira noite estava nervosa. Observei as outras raparigas, vi como abordavam os homens, como sorriam e metiam conversa com eles, movendo-se de uma forma subtil que os deixava como que hipnotizados e desejosos de que elas dançassem para eles. Observei a forma como quase se sentavam ao colo deles sem nunca chegarem a tocar-lhes (era a regra principal, NADA DE CONTACTO FÍSICO), como se iam aproximando e tornando-se cada vez mais provocantes para o final das músicas para que eles pagassem para que a dança continuasse. Havia o varão, que todas têm de ocupar à vez ao longo da noite, mas do qual as raparigas não gostavam muito porque lá em cima não ganhavam tanto dinheiro.

Eu nunca poderia fazer algumas das manobras que as raparigas executavam no varão. Eram fisicamente muito exigentes, e percebi que teria de as utilizar o mais possível, incorporando-as numa rotina de dança, e esperar ser tão patética que me tirassem de lá depois de uma música ou duas.

Porque foi a segunda noite pior que a primeira? Na primeira noite, parte de mim desejava que me dissessem para me ir embora e nunca mais voltar. Não queria mesmo nada estar diante de um homem de pernas abertas e com as mãos cravadas nas coxas enquanto fazia tudo o que podia para não me tocar. A minha primeira rotina de dança foi para um tipo novo e atraente que não vinha acompanhado e trazia um fato cinzento com riscas fininhas. Entrou sozinho, sentou-se numa mesa afastada das dos outros homens e foi pedindo bebida atrás de bebida sem tirar os olhos de mim. Algumas das outras raparigas foram ter com ele mas ele rejeitou-as a todas e continuou a olhar para mim até que, por fim, fui ter com ele.

– Queres que dance para ti? – perguntei-lhe. A minha voz estava diferente porque tinha passado o dia inteiro a praticar, a entrar no papel de Honey. Ela andava de forma diferente da minha, falava de forma diferente e dançava de forma diferente. Era diferente porque não se importava de tirar a roupa à frente de desconhecidos, enquanto eu sempre teria problemas em fazê-lo.

Ele assentiu. Tinha outra coisa para manter na cabeça: o dinheiro que faria com uma dança. Concentrei-me nas vinte libras que receberia e não tirei esse número da cabeça o tempo todo. Construí uma barreira mental para não pensar no que estava a fazer, e nessa barreira, em algarismos garrafaís, via “£20”.

A música começou e pus-me a dançar, fazendo o que vira as outras raparigas a fazer e acrescentando algumas das coisas que treinara em casa. Quando a música terminou ele deu-me uma gorjeta de cinco libras e ficou a olhar para mim como se eu fosse transparente enquanto eu vestia o sutiã e o vestido. O resto da noite foi praticamente a mesma coisa, e no fim disseram-me para voltar na noite seguinte. Tinha algum dinheiro, do qual sacaram a taxa do estabelecimento, e o proprietário (chamava-se Adrian) deu-me uma palmadinha no rabo por me ter saído tão bem e disse que nos veríamos no dia seguinte.

A segunda noite foi pior porque percebi que já não havia esperança. Estava destinada a ficar ali até arranjar outro emprego, e da maneira que o mundo estava, ainda em recessão, tão cedo não arranjaria o tal emprego. Por isso, enquanto me maquilhava como vira fazer as outras e me preparava para entrar em cena, senti um mal-estar que não sentia desde que me tinha ocorrido este plano maluco. Era esta a minha vida, agora, isto era o que eu tinha decidido fazer. Tinha decidido encarnar a personagem de uma rapariga de fantasia, para que a da vida real pudesse continuar a viver neste mundo. No futuro mais próximo, era isto que eu ia ter de fazer para ganhar a vida.

Um banho não era suficiente para eliminar o cheiro do fumo e do álcool e do suor e da depravação que se entranhara no meu cabelo e na minha pele, mas acabei por me sentir melhor. Voltei a ser a Eve.

Só tinha de deixar tudo aquilo a cargo da Honey.

Antes de adormecer, naquela segunda noite, não pude deixar de pensar na Dawn. No que teria surgido primeiro, as drogas ou o *striptease*. Que teria ela dito a si própria para suportar aquela vida dia após dia? E quanto tempo lhe restaria?

Agora já é como uma segunda natureza, claro. Ao fim de umas duas semanas já não tinha de me concentrar para me transformar na Honey quando ia trabalhar. Agora, assim que atravesso as portas do Habbie's, transformo-me automaticamente na Honey e deixo-a para trás assim que saio. É o que ela tem de melhor: não tenho de trazer o trabalho comigo para casa porque a pessoa que o faz é apenas fruto da minha imaginação.

Eve

18 de outubro de 1988

Todos os dias passo por aquela loja. É apenas uma pequena loja de roupa sem nada de extraordinário. Mas tem cá um vestido...

Não é que faça muito o meu estilo, e deve custar os olhos da cara, mas tenho de parar sempre que passo por ele. É lindíssimo. Não, não é esta a palavra certa. É mais que isso. É de cortar a respiração, sabes, como as pessoas costumam dizer quando falam dos sítios que visitaram nas férias. Deixa-me sem fôlego, e não consigo evitar olhar para ele. Às vezes, mesmo que esteja a milhas de distância, vou lá espreitá-lo. Devia ser meu. Quero-o. Nunca tive nada tão bonito e tão elegante. É num tom rosa incrível.

Tem um corpete justo, do peito até à cintura, com delicadas lantejoulas dispersas na parte da frente e um laço no meio. A saia cai em ondas. As alças formam um V, mas o decote não é muito revelador porque tem uma pequena aplicação no centro. Na montra, colocaram-lhe um grande saiote tufado por baixo, mas eu não o usaria assim: deixá-lo-ia solto à volta das pernas, até aos tornozelos.

Quero-o.

Quero-o tanto que às vezes até me custa respirar. Fico a observá-lo, a examinar-lhe as costuras, os detalhes, a profundidade da bainha, o espaçamento das lantejoulas, a forma como a luz cai sobre as pregas suaves do tecido. Estou sempre à procura de imperfeições, qualquer coisa que me faça perder o interesse, que me faça gostar um pouco menos dele.

Devia pertencer-me. Mas onde iria usá-lo? E para quê? Não vou a lado nenhum. Só de casa para o trabalho e do trabalho para casa. Fico fechada neste apartamento minúsculo a ver televisão, ou a ler um livro da biblioteca, ou a fumar. Seria uma parvoíce comprá-lo. Gastar tanto dinheiro só para o poder usar em casa.

Quero deixar de gostar dele, mas não consigo.

Mais ou menos como me sinto em relação à minha mãe.

Eve

21 de outubro de 1988

Hoje fui agredida. Pela primeira vez.

Fiquei um pouco abalada.

Um homem agarrou-me e arrastou-me para o beco ao lado do clube, vindo do nada. Eu ia a passar, entretida a pensar no banho que ia tomar quando chegasse a casa, quando senti uma mão no braço, outra no cabelo, e dei por mim a ser arrastada para o beco estreito, sentindo coisas indescritíveis a respingar e a desfazer-se, a estalar e a ranger-me debaixo dos pés. Já estava sem fôlego quando as mãos me atiraram contra a parede, e centenas de estrelas explodiram-me por trás dos olhos.

Poucos instantes depois senti uma mão, grossa e desajeitada como um presunto, a fechar-se à volta da minha garganta, e foi então que comecei a ter medo, quando percebi o que me ia acontecer.

– Gostaste, não gostaste, minha cabra? – disse ele na minha cara, sem se preocupar em esconder a dele. – Quando estavas em cima de mim, adoraste. Querias mais.

Em cima de... pensei eu. Nesse momento, à luz escassa, vi-lhe as sombras e os contornos do rosto. Não me lembrava dele, eles nunca se destacam. Nem por isso. A menos que sejam muito, muito feios. Ou malcheirosos. Ou brutos com as mãos. Ou a menos que exibam um maço de notas particularmente aliciante para ter o maior número de raparigas a disputar a sua atenção. Eram quase todos bastante banais, não seria capaz de os reconhecer mesmo que tropeçasse neles no meio da rua. Não reconheceria este homem mesmo que tropeçasse nele no meio da rua, ou que ele me atirasse contra uma parede, a exigir mais do que aquilo que tinha pago. A querer o prolongamento da *lap dance* que provavelmente pagara a contragosto.

Fitei-o, perguntando-me se seria um dos que me tinham tocado. Aqueles que eu fingia serem especiais para que ficassem e gastassem o dinheiro deles comigo. Ou seria dos que dava para ver que me queriam tocar, mas que desapareciam ao fim de uma ou duas músicas com o objetivo de passar por tantas raparigas quanto possível para saírem

do clube a sentir-se uns grandes homens?

– Não és como as outras – disse-me ele num tom doentio, com a voz cava e rouca de excitação. Não parecia um criminoso. Era como os tipos normais que eu costumava ver todas as manhãs a caminho do escritório, os que entravam no clube com os colegas, depois de uns copos ao fim da tarde, à procura de uma boa gargalhada.

Este homem, porém, não estava a rir-se.

– Diz-me que querias mais – disse ele, sacudindo-me ligeiramente.

Continuei a fitá-lo. Não em atitude de desafio, mas muda do choque e do terror. Seria eu assim tão boa atriz? Será que ele acreditava mesmo naquilo?

– Anda, minha grande putéfia, diz-me que queres mais!

Está a falar comigo?, pensei eu.

Ainda com uma mão a apertar-me a garganta, começou a deslizar a outra por dentro das minhas calças, a arranhar-me a pele com aqueles dedos grossos de unhas roídas enquanto tentava penetrar-me.

Foi então que comecei a gritar. Comecei a gritar a plenos pulmões e a dar luta. Ignorei a mão dele a apertar-se como um torno em redor da minha garganta porque ainda conseguia fazer barulho. Ele disse-me que me calasse, rosnando-me a princípio, e depois aos berros, e embora fosse mais forte do que eu, estava a conseguir resistir-lhe, mantê-lo afastado.

– Ei, tira as patas de cima dela! – De repente uma voz veio interromper a algazarra da luta, e ele estava a ser içado para longe de mim. – Tira as patas de cima dela! Que pensas que estás a fazer?

E de repente o meu atacante estava a estrebuchar no chão imundo do beco, a tentar recuperar o equilíbrio.

– Isso não é forma de tratar as mulheres – disse o meu salvador.

– Isso não é uma mulher, é uma puta, amigo – cuspiu o outro ao pôr-se de pé. – É para isto que lhe pagam. Ela gosta da coisa à bruta.

– Desaparece – disparou o segundo homem.

– Não vais conseguir nada à borla, amigo – disse o outro. – Se fosse a ti não me incomodava.

– Desaparece! – rosnou-lhe este.

O meu atacante fugiu, deixando-me com o segundo homem.

– Está bem? – perguntou ele.

Fiz que sim com a cabeça, ainda abalada de mais para falar.

– Deve ter cuidado ao andar por aqui, não sei se está a ver, por causa daquele clube. Estas ruas não são seguras para uma mulher decente, estão sempre a confundi-las com *strippers* – disse o homem. – Será que aquelas vadias ali dentro pensam no perigo em que estão a pôr as outras mulheres?

Nisto olhou para mim, desta vez com mais atenção, e parou de falar porque reparou na minha maquilhagem e no meu penteado espalhafatoso e percebeu que eu não era uma mulher decente. Era uma daquelas vadias. Abanou a cabeça com uma expressão enojada.

– Devia ter mais cuidado.

E foi-se embora.

Este segundo homem magoou-me mais do que o primeiro. Mas é verdade, não é? Eu não sou uma mulher decente. Uma mulher decente não faria o que eu faço.

Céus, às vezes odeio-me.

Vou deixar de assinar “Eve”. De que vale? Eu sei aquilo que sou.

8 de novembro de 1988

O vestido desapareceu da montra.

Fiquei doente.

Irrompi pela loja, com o coração aos saltos. Nem queria acreditar. Alguém o tinha comprado depois de todo este tempo. É apenas uma daquelas lojas pequenas a que as pessoas chamam boutiques. A dona da loja olhou-me de alto a baixo.

– Posso ajudá-la? – disse ela, toda emproada.

Para ela eu era uma coisa desagradável e malcheirosa, mas estava-me nas tintas. Só queria saber do vestido.

– O vestido da montra – disse-lhe eu, afogueada de ansiedade. – Alguém o comprou?

Os olhos dela, cheios de maldade, voltaram a percorrer-me de alto a baixo com repugnância.

– Há uma senhora, uma cliente, a experimentá-lo. O que tens tu a ver com isso?

– Queria comprá-lo – disse-lhe eu, dando-lhe ainda mais poder sobre mim, dando-lhe uma oportunidade para agir de forma ainda mais emproada, superior, trocista.

– É um original de grife, bem acima das quatrocentas libras. Tens mesmo assim tanto dinheiro? – disse ela, sem acrescentar, no entanto, que receava que eu tentasse roubá-lo. Eu nunca roubaria nada tão incrível como o meu vestido. Eu nunca roubaria nada, ponto final.

– Sim – respondi eu, fazendo-me de valente.

Os cantos da boca começaram a tremer-lhe com riso mal contido. Senti as lágrimas a escorregar-me pela garganta abaixo e a afluir-me aos olhos como uma enxurrada. Não queria chorar à frente dela. O ruído metálico das argolas das cortinas do provador veio preencher o silêncio entre nós e virámo-nos as duas para o pequeno cubículo ao fundo da loja. De lá saiu uma mulher com o meu vestido.

Era como se estivesse a usar o meu vestido de casamento, e à conta disso fosse casar-se com o meu noivo. Era como se me tivesse esfolado viva para vestir a minha pele. A dor era imensa, como há muito não sentia. Ela tinha uma coisa que devia ser minha por direito, e podia comprá-la quando bem lhe apetecesse. Já eu... O meu lugar seria sempre do outro lado da montra, a olhar para coisas que nunca poderia ter. Estava condenada a ficar sempre do lado errado porque não merecia ter coisas bonitas.

– Assenta-lhe na perfeição! – exclamou a vendedora, entusiástica, mais para mim que para a cliente. Queria que eu soubesse que ela sabia que eu não passava de refugo. Abandonou o balcão e aproximou-se da mulher com o meu vestido, ignorando-me, dando a entender que devia sair, que não era bem-vinda ali. – Tem de o levar.

– Fica um pouco acima do que contava gastar – respondeu a mulher.

– Não se preocupe com isso, temos alguns descontos muito razoáveis e facilidades de pagamento para as melhores clientes – disse a outra muito alto, porque na realidade era a mim que se dirigia. – Deixe uma pequena entrada e pode pagar o resto daqui a um mês, ou assim.

– Não sabia que faziam coisas assim – comentou a cliente, deliciada.

– Como referi, é uma atenção reservada às melhores clientes.

– Oh, que tentação! Será que devia, mesmo? É um vestido belíssimo, fica lindo no...

– Foi feito para alguém como a senhora. Há muito poucas mulheres capazes de usar uma peça destas com tanta elegância. Não assentaria bem a qualquer uma.

– Oh... é adorável.

Não, não é!, apeteceu-me gritar-lhe. *Não é adorável, nem belíssimo, nem nenhuma dessas palavras patéticas e indignas que está a usar.* É divino. Vem do lugar onde o sol vai buscar os seus raios, é feito de pano tecido com pedaços de arco-íris, foi costurado por anjos, é muito mais que belo ou adorável. É pura perfeição.

Dei meia-volta, arrancando os olhos do que estava a acontecer à minha frente. Não podia ficar a vê-la comprar algo que não sabia apreciar devidamente, não quando eu gostava tanto dele. Devia ser assim que uma mulher se sentia ao ver o homem que amava, a quem dedicara a vida, a casar com outra. Nunca mais queria voltar a sentir-me assim.

Sabia que a proprietária da loja sorria, vitoriosa, nas minhas costas, ao ver-me sair pelo espelho, sentindo-se superior e satisfeita por ter ensinado uma lição à escumalha. Nunca lhe fiz nada, mas ainda assim ela tinha adorado pôr-me no meu lugar.

Fui para casa numa espécie de torpor, sentindo-me sem forças para nada. Não me tinha apercebido de como aquele vestido me tinha dado um propósito. Um objetivo. Claro que não acreditava que alguma vez pudesse comprá-lo, mas essa hipótese dava-me forças. A possibilidade de que um dia pudesse vir a ter coisas bonitas, com qualidade (como as outras raparigas com quem costumava trabalhar e por quem tantas vezes passo na rua), impedia-me de enlouquecer de vez. De me perguntar porque não tenho tentado arranjar mais trabalho temporário em vez de voltar ao Habbie's noite após noite, e sair com o cheiro das criaturas desprezíveis que lá entram na pele, e de quase não ser capaz de me olhar ao espelho.

Suponho que o vestido era um sinal de que era capaz de mudar de vida. Para melhor. De voltar a ser “normal”.

Vou para a cama. Vou telefonar para o clube a dizer que estou com o período. Para quê levantar-me amanhã?

Beijos,

Eu

29 de novembro de 1988

Há semanas que não passava pela loja. Não valia a pena. Custava-me muito saber que o vestido (o *meu* vestido) pertencia a outra pessoa, e ainda estava a recuperar da forma como aquela cabra emproada me tinha tratado.

Por isso imagina como reagi quando passei por lá no outro dia (de outra forma chegaria atrasada ao trabalho) e lá estava ele outra vez. O vestido. O meu vestido. Outra vez na montra, no mesmo manequim sem rosto, como se nunca de lá

tivesse saído nem tivesse sido experimentado por aquela mulher. A loja estava fechada, por isso não pude entrar, mas apesar de estar atrasada parei a olhar para ele. Olhei até não poder mais, e depois toquei no vidro, imaginando que podia sentir a delicadeza do tecido através da montra, as suas vibrações divinas a invadir-me suavemente.

Aquela era a minha segunda oportunidade. A oportunidade de mostrar àquela cabra, e de provar a mim mesma, que podia ir mais longe. Podia ter algo perfeito.

Afastei a mão devagar e tive de ir a correr o resto do caminho para o trabalho. Sabia o que tinha de fazer. Sabia que tinha de fazer tudo, TUDO o que pudesse para arranjar o dinheiro necessário para comprar aquele vestido. TUDO.

² Película britânica de 1961 que retrata a vida de uma adolescente da classe operária a quem o casamento impulsivo da mãe alcoólica atira para as ruas. (*N. da T.*)

capítulo doze

Às vezes, estar em Brighton é como estar em Londres, rodeado por uma multidão de pessoas, todas diferentes, todas com as suas vidas frenéticas. Já passei algumas noites em Londres, já vivi em Oxford e em Brighton (e agora assentei arraiais em Hove), mas a capacidade de nos escondermos à vista de todos nunca deixa de me surpreender. Ainda parece mais fácil em Brighton porque as zonas mais concorridas não estão tão dispersas como em Londres.

Ao caminhar pelas calçadas de North Laines sinto-me livre e anónimo, como se voltasse a ser o Jack Britcham. Estou na casa dos trinta e tenho a vida toda pela frente. Posso fazer o que quiser, quando quiser. Nada me pode deter. Entre as multidões, sou apenas mais um obstáculo na rua a contornar, um indivíduo que se encontra por acaso na mesma cidade ao mesmo tempo que as outras pessoas que passam. Não sou importante. Agrada-me não ser importante. Muitas vezes desejo não ser ninguém. No meu mundo, com as pessoas que conheço, ser ninguém não é uma opção.

Montada na esquina entre a Gardener Street e a Church Street, mesmo antes de a rua se transformar num beco claustrofóbico com lojas de ambos os lados, a bancada de um vendedor de rua chama-me a atenção. Exibe uma placa perfurada, apoiada numa grade cor de laranja de pacotes de leite, com fileiras ordenadas de corações de cristal. Alguns são lisos e transparentes, outros lapidados quase a esmo, com facetas visíveis, e outros ainda redondos, mas com superfícies rugosas. São marcantes na sua simplicidade, na maneira como capturam a luz, na miríade de tons como gotas de todo o espectro de cores, derramadas sobre a placa. São baratos, mas incrivelmente belos de uma forma que raramente vejo.

Chegando-me à bancada para não perturbar a multidão que tenta passar, observo-os, como que magnetizado. O vendedor parece ser da minha idade, traz um imundo oleado amarelo-mostarda, tem uma barba loura e desgrenhada e olhos encovados. Traz os dedos expostos numas luvas verdes sem dedos e o nariz vermelho do frio permanente.

– Sou eu que os faço a todos, amigo – diz ele com um sotaque de Londres bem carregado, e depois perde o interesse em mim e volta a enrolar o seu cigarro. Fui hipnotizado por estas gemas de vidro.

A Libby adoraria um destes. Pelo menos acho que sim. Tenho andado por toda a cidade à procura do presente perfeito. Até agora, tudo o que vi que acho que ela iria apreciar é caro de mais para o gosto dela. Tenho a certeza de que muitos homens me invejariam por ter uma mulher de gostos modestos. Ela gosta de coisas bonitas – conhece as marcas todas e distingue de imediato as falsificações das peças autênticas –, mas raramente compra algo assim para si própria. Para ela é impensável gastar tanto dinheiro. Mesmo que não o diga em voz alta, sei que está a pensar, *Isto é quase um mês da prestação da casa*, quando confrontada com a compra de bens não essenciais. *Se eu não conseguisse pagar as minhas contas por causa disto, o que seria de mim?* Tem sempre de contextualizar as coisas para decidir se a despesa vale mesmo a pena.

Quando nos casámos, disse-lhe que pagaria para ela regressar à universidade e terminar o doutoramento, se quisesse. Ela sorriu-me, e o rosto iluminou-se-lhe enquanto se enrugava de felicidade.

– Obrigada. Muito obrigada pela oferta – disse ela. – Mas não, isso são águas passadas. Agora sou esteticista. Por acaso estava a pôr dinheiro de parte para voltar a estudar, mas agora já não quero.

– Tens medo de não conseguir pôr a matéria em dia? – perguntei eu.

Ela abanou a cabeça e disse, pensativa:

– Não. Porque agora sou esteticista.

– Bom, podíamos financiar a abertura do teu próprio salão aqui em Brighton ou em Hove – sugeri eu.

Voltou a fazer aquele sorriso de pura delícia, com a alegria a dançar-lhe nos olhos ao olhar para mim.

– É uma bela oferta, Jack. Obrigada, mas não.

– Porque não? – quis eu saber.

– Não sou assim tão ambiciosa.

– És incrivelmente ambiciosa e motivada, tens garra e paixão.

– Acho que o que quero dizer é que não tenho o tipo de ambição que leva as pessoas a fazerem qualquer coisa, a qualquer custo, para conseguir o que querem. Não pude concluir o meu doutoramento porque não quis ficar em dívida para com as pessoas que se dispuseram a financiar a minha pesquisa. Não quero abrir um salão com o teu dinheiro porque não quero ficar em dívida para contigo.

– Sou teu marido, o dinheiro é nosso.

– Moralmente, legalmente, talvez sim, mas aqui – e levou a mão à cabeça – e aqui – poisou a palma da mão sobre o coração – o dinheiro é teu. Ganhaste-o ou deram-to muito antes de me conheceres.

– Mas isso é de loucos – disse-lhe eu.

– Talvez, e tenho a certeza de que o caso mudaria de figura se tivéssemos filhos. Mas neste momento, em que somos só tu e eu, ainda penso nele como o teu dinheiro. Agora que estamos juntos, tudo o que ganharmos é o nosso dinheiro.

– Continua a ser de loucos.

– Eu já fui pobre, Jack. Já vi muita coisa: já vi o que faz às pessoas precisarem de dinheiro, desesperarem por ele. Restam-nos muito poucas opções quando estamos desesperados por dinheiro, e até agora consegui evitar ser obrigada a tomar essas opções. E sim, para ser sincera, tinha uma ambição quando entrei no ramo da estética, que era criar a minha própria linha de produtos de beleza. Mas quero trabalhar para isso, não quero que mo sirvam de bandeja. De que vale fazer seja o que for se soubermos que temos alguém para nos salvar caso fracássemos? Gosto de me empenhar a fundo em qualquer coisa e depois colher os frutos. Tenho orgulho no que faço. Que interesse tem se souber que o meu marido rico lá estará para me safar se fizer asneira?

Aquilo fez-me pensar na minha complicada relação com o meu pai. O Hector estava sempre a tentar levar-me a depender dele. Não gostava que fizesse nada sem primeiro o consultar. Gostava (ou

antes, *precisava*) de controlar tudo. Estava sempre a dar-nos dinheiro, a mim e ao Jeff, a dizer-nos que podíamos ir ter com ele quando tivéssemos problemas, e nunca nos deixava andar pelos nossos próprios pés, o que significava que os nossos sucessos e os nossos fracassos não passavam de reflexos dele. Tenho sempre de temperar e esconder as minhas batalhas para me libertar do controlo do meu pai porque para a minha mãe é muito importante que sejamos uma família unida. Muitas vezes tenho receio de que fique de coração partido se souber como eu o odiava a maior parte do tempo, e o verdadeiro motivo para ele me ter em tão pouca conta. Muitas vezes olho para o meu pai e vejo nele tudo o que detesto num homem, e depois olho para a minha mãe e lembro-me de que não quero magoá-la.

A Eve opunha-se de viva voz às tentativas do meu pai para me controlar. Estava sempre a dizer-me que não devíamos aceitar presentes dos meus pais em forma de dinheiro, mas a mim custava-me dizer-lhes que não porque sabia como era importante para a minha mãe ajudar-me a mim e ao Jeff. A Eve arranjou forma de deixar bem claro o que pensava, doando as noventa mil libras que tinham resultado da venda de uma das propriedades do meu pai, e que ele nos oferecera, a um abrigo de mulheres e a uma associação em prol dos sem-abrigo. Eu nunca teria sido capaz de o fazer, mas depois, quando disse ao meu pai para onde o dinheiro tinha ido, ele parou de nos dar dinheiro.

Quero oferecer um destes corações de vidro à Libby. Não são muito caros, são bonitos, mas não sei se é o tipo de coisa de que ela gostaria verdadeiramente. A Eve adoraria, acho eu. Não tenho bem a certeza. Às vezes confundo-as às duas a ponto de não saber qual gosta do quê, ou o contrário. Nenhuma delas se deixava/se deixa impressionar pelo dinheiro. Uma e a outra gostavam/gostam de coisas bonitas. Ambas fazem com que o meu coração bata mais forte. Mas não são iguais. São diferentes em muitos, muitos aspetos, mas em alturas como esta esqueço-me de quem é quem. As subtilidades que fazem de uma pessoa aquilo que é, que fazem de uma mulher a pessoa por quem me apaixonei, enovelam-se de tal forma, às vezes, que tenho receio de falar com a mulher com quem sou casado.

Tenho receio de atribuir à Libby algo que a Eve disse ou fez ou algo de que gostava, e que ela nunca mais me perdoe.

Os meus olhos caem sobre o coração translúcido no centro da placa.

Os meus dedos fecham-se em volta dele, solto-o do gancho e encerro-o na palma da mão. O sangue que me corre nas veias parece concentrar-se nesta mão e tenho a sensação de que o coração bate dentro do meu punho. Vivo e de boa saúde.

Mesmo que a Eve tivesse gostado dele, tenho a certeza de que a Libby também vai gostar. Que mais posso oferecer-lhe depois de tudo aquilo por que passou, a não ser isto: o meu coração imperfeito?

1 de dezembro de 1988

Hoje falei com a Connie, perguntei-lhe como fazer mais dinheiro para poder comprar o vestido. Não lhe disse para que era (duvido que alguém entendesse para que *preciso* de um vestido), só lhe disse que precisava de mais dinheiro o mais depressa possível. A Connie que se debruçava sobre o espelho rodeado de lâmpadas da imunda divisão dos fundos ridiculamente conhecida como camarim, enquanto aplicava a maquilhagem, virou-se para mim na cadeira rotativa. É a única pessoa do trabalho em quem confio.

Já dança há algum tempo, e parece gostar do que faz. Não é tão intratável, tão mesquinha nem tão amarga como as outras. Tem um corpo incrível com longos músculos levemente bronzeados. Tem a estatura de uma amazona, e com os saltos altos e o cabelo todo riçado e puxado para trás com ganchos, parece uma deusa. Os homens formam rebanhos em volta dela, quase como se desejassem ser esmagados sob o bico dos seus saltos, domados por ela. Ela parece superindiferente, imune a tudo aquilo. Não se transforma numa pessoa diferente para ir dançar. É a Connie diante dos homens babados, é a Connie aqui no camarim, e é a Connie fora do trabalho. Eu sou a Honey aqui, sou a Honey quando estou diante dos homens, e sou a Eve fora do trabalho.

– Para que precisas tu de dinheiro, fofa? Se é que posso perguntar – quis ela saber, com a cabeça inclinada para um lado e os olhos negros e sensuais a examinar-me. Manteve a voz muito baixa para que ninguém pudesse ouvir-nos.

Encolhi os ombros.

– Preciso dele, é tudo. – Uma pessoa tão imune como ela aos efeitos da profissão não entenderia para que queria eu aquele vestido, como me ajudaria.

– Não é para um homem, espero?

Abanei a cabeça.

– Nada disso. Nunca faria nada assim por um homem.

– Nunca digas nunca – disse ela com um ar de tristeza e sabedoria. – Então precisas de fazer mais dinheiro? Bem, podes começar por fazer sessões privadas, sabes, nas salas VIP. Diz ao Adrian e às outras que estás disposta a fazê-lo e eles começam a orientar os homens que frequentam essas sessões para te escolherem para uma dança.

– E faço uma dança normal, lá dentro? Um pouco mais longa, talvez nua? – quis eu saber.

A Connie olhou-me fixamente durante muito tempo, como se estivesse a perguntar-se se eu seria realmente assim tão ingénua. Nunca tinha feito danças VIP e nunca tivera grande curiosidade pelo assunto. Geralmente trabalhava o suficiente para cobrir a taxa do clube, a renda, a comida, as contas, etc. Chegava, fazia o que tinha a fazer e ia-me embora. Não tinha necessidade de me envolver noutras coisas.

Ela suspirou.

– Honey, nas salinhas privadas as regras que eles fingem cumprir no salão não se aplicam. Sabes como no salão os fazemos pensar que se os deixamos tocar-nos é algo que fazemos só por eles? Lá atrás, eles podem tocar-te. Podem bater uma enquanto te veem dançar, podem penetrar-te com os dedos, podem apalpar-te as mamas, podem pedir-te para te masturbares, tens de lhes bater uma se eles pedirem, algumas raparigas fazem-lhes bicos e... – parou de falar e olhou para mim com desânimo ao ver a minha expressão horrorizada. – Acho que as danças privadas não são para ti.

– Mas eu preciso do dinheiro – insisti.

A Connie começou a mastigar o lábio inferior, manchando os dentes com batom. Era a primeira vez que a via hesitar.

– Tudo bem, mas tens de ser dura. Se mostrares fraqueza lá dentro, comem-te viva. Literalmente. Alguma da escumalha que aqui vem obriga-te a fazer-lhes um bico se acharem que conseguem levar a deles avante. Uma rapariga foi violada numa dessas salas, com os seguranças mesmo à porta, porque tinha medo de gritar. Depois os sacanas dos donos coagiram-na a não apresentar queixa na polícia porque podiam perder a licença. Deram-lhe um monte de massa e puseram-na a andar. E o filho da puta que a violou? Ainda tentou voltar uma ou duas vezes até que todas as raparigas se recusaram a dançar para ele e os donos lhe vedaram a entrada. – Encolheu os ombros. – Provavelmente foi fazer o mesmo para outra banda.

Tapei a boca com a mão.

– Porque é que ainda trabalhas aqui? – perguntei-lhe, sabendo que não seria capaz de trabalhar num sítio onde uma amiga tinha sido violada enquanto eu lá estava.

O sorriso triste e sábio da Connie voltou-lhe aos lábios e ela tornou a virar-se para o espelho, pegou no pincel do *blush* e começou a pintar as maçãs do rosto.

– Preciso do dinheiro.

Girei também a minha cadeira para o espelho. Observei-me: o cabelo riçado para se aguentar em pé, a pesada maquilhagem negra, castanha e azul nos olhos para os fazer sobressair, as pestanas artificiais, os lábios vermelho-sangue e as maçãs do rosto brilhantes. À volta do pescoço trazia uma coleira dourada e cintilante. Eu também precisava do dinheiro. Precisava dele para voltar a ser a Eve.

– Quem me dera que mudasses de ideias – disse a Connie, ainda a aplicar a maquilhagem. – Sei que o vais fazer à mesma, mas gostava que não o fizesses. Lembro-me da primeira vez em que te vi, e percebi logo que não devias aqui estar. Não foste talhada para estes antros, Honey. Não tens estofo para isto. Daqui a uns anos vais olhar para trás e vais odiar-te por isto.

– É assim, contigo? – perguntei-lhe.

– Já me odiava há muito tempo antes de começar nesta vida. Isto é apenas mais uma razão para justificar o ódio.

– Eu preciso do dinheiro – disse eu, tanto para ela como para mim própria.

– Não precisamos todas?

Eu preciso do dinheiro, eu preciso do dinheiro, eu preciso do dinheiro. Continuei a insistir na ladainha depois do meu turno, quando pedi ao Adrian para me deixar fazer umas sessões nas salinhas privadas.

– Tens a certeza? – perguntou ele, claramente surpreso. Em todo o tempo que ali trabalhara nunca tinha mostrado interesse em nada para além de fazer os meus turnos, receber o meu dinheiro e voltar para casa.

Fiz que sim com a cabeça. *Eu preciso do dinheiro, eu preciso do dinheiro, eu preciso do dinheiro.*

– A clientela vai adorar: carne fresca lá atrás. E tu recebes uma fatia maior. Tens é de lhes dizer o que estás ou não disposta a fazer antes de começares. Vais adorar – disse ele, dando-me uma palmadinha no rabo. – Vais adorar tê-los a babar-se por ti.

Eu preciso do dinheiro, eu preciso do dinheiro, eu preciso do dinheiro.

8 de dezembro de 1988

Hoje fiz uma dança privada pela primeira vez.

Ele não era asqueroso nem estava bêbado. Vinha de fato e até parecia agradável. Trazia uma aliança de ouro no dedo. Por qualquer motivo, aquilo incomodou-me. Tinha de evitar olhar para as mãos dele.

Tive de me sentar em cima dele com uma perna para cada lado, a movimentar-me ao som da música, enquanto ele apoiava uma mão, a da aliança reluzente, no fundo das minhas costas e se aliviava com a outra.

Já tomei três banhos desde que cheguei a casa, mas ainda consigo sentir a mão direita dele a roçar-me a pele enquanto ele a movia para cima e para baixo, e ainda consigo sentir a aliança de ouro, o símbolo do compromisso perpétuo e da promessa de fidelidade a outra mulher, quase a queimar-me o fundo das costas.

Enfiei o dinheiro que ganhei hoje no congelador, onde posso esquecer-me dele. Agora não suporto pensar nele. Aliás, agora vou é tomar outro banho.

19 de fevereiro de 1989

Hoje entrei na loja dos vestidos com um grande maço de notas a queimar-me o bolso. Suei por cada uma daquelas notas. Aparentemente, uma “rapariga nova” na sala VIP é um item muito popular entre os clientes habituais e entre aqueles que frequentam outros locais para usufruir do mesmo serviço. Pensam que será fácil levar-me a fazer alguns “extras” por muito pouco, que posso ser persuadida a “ir até ao fim” pelo preço de uma dança, ou que podem fazer-me crer que querem ajudar-me e mostrar-me os ossos do ofício em troca de um desconto ou de uma borla.

“Tens de ser dura”, foram as palavras da Connie, e foi o que fiz. Embora a princípio me sentisse um pouco nervosa e tivesse de procurar bem dentro de mim a força para levar aquilo adiante, descobri que a ideia de ser enganada por aqueles homens (principalmente os que traziam gordas alianças de casamento) me aterrorizava ainda mais. A primeira vez que dançava para eles tentavam sempre levar-me à certa.

– A Desire faz o mesmo por menos vinte notas – diziam eles. A princípio não sabia o que responder, por isso dizia-lhes que não podia fazê-lo por aquela quantia, mas podíamos negociar um pequeno abatimento. Depois apanhei juízo. Dizia-

lhes:

– Oh, fofo, que pena, queria tanto dançar para ti. Mas se preferes os preços da Desire espera aqui que eu vou buscá-la para ti. – Os egos deles acabavam sempre por fazê-los pagar o que eu pedia.

Nunca fiz nada puramente sexual – nada de broches, punhetas, e nada de sexo – e de certa forma isso fazia com que não me sentisse tão mal. Mas cheguei a cobrar a uns poucos o preço de cinco danças para poderem tocar-me lá em baixo durante uns segundos no final de uma música, enquanto eu fingia que estava a gostar e que desejava poder continuar de graça depois dos últimos compassos.

Estranhamente, eles iam na conversa, acreditavam genuinamente que olharia duas vezes para eles, que teria intimidades com eles, se não estivessem a pagar-me. Uma parte de mim sentia pena destes homens. Perguntava-me qual seria a história deles, o que os levava a *iludirem-se* a ponto de pensar que eu gostava daquilo. Que pudesse sequer interessar-me por eles quando tinham entrado ali dispostos a pagar para os excitarem. A maior parte das vezes forçava-me a não sentir nada. Podia deixar um homem deslizar as mãos pelos meus seios antes de começar a tentar abrir a braguilha para acabar o serviço enquanto eu serpenteava diante dele, mas a parede que construía à minha volta desde que começara a fazer *strip* apenas engrossava. Detestava fazer parte daquele negócio sórdido, mas nunca me esquecia das palavras “Eu preciso do dinheiro”. Os meus sentimentos eram postos de parte para me concentrar no objetivo.

Tinha merecido cada centavo do dinheiro que trazia no bolso, e que guardara no congelador para não ter de pensar nele. Agora, estava prestes a utilizá-lo para comprar aquilo que desejava. Iria parecer ridículo a quem não fosse capaz de entender que eu pudesse fazer tudo aquilo só para comprar um vestido, mas eu *precisava* dele. Na minha vida não havia muita coisa de que realmente precisasse. Ambicionava ter certas coisas, como toda a gente, mas precisava deste vestido para me sentir... real, suponho.

O mundo em que vivia, a vida que levava, faziam-me sentir irreal. Muitas vezes tinha nojo de mim própria, e quando deixava de ser a Honey, quando deixava de fingir que não havia nada de errado nas coisas que fazia, via-me confrontada com o medo de desaparecer. A pouco e pouco a Honey começou a ganhar terreno, e não tardou muito até não voltar a ser a Eve quando saía do clube. Saía do trabalho na pele da Honey, a Honey regressava ao meu apartamento, a Honey tirava a roupa, a Honey entrava no banho e esfregava-se até ficar bem lavada, a Honey ficava de roupão e cabelo molhado a fumar e a olhar para o vazio. Por fim, a Honey ia deitar-se e adormecia. Ao outro dia a Honey acordava de manhã e ocupava o seu dia como a Eve faria.

A cada dia que passava tornava-se mais difícil voltar a ser quem era. Demorava mais tempo a deixar de ser ela e a voltar a ser eu. Precisava deste vestido, desta coisa que a Eve adorava contemplar. Com o vestido, com o rosário da tia Mavis, com a mochila do tio Henry e a fotografia dos meus pais e de mim quando tinha dois anos, ia colecionando mais e mais objetos que tinham um significado especial para mim, para a *Eve*. *Coisas* que provavam que eu era real. Tinha pertences que me ancoravam na realidade, e assim seria mais difícil desaparecer.

A discreta campainha da loja tocou quando abri a porta. A mulher mesquinha que me fizera chorar ergueu os olhos da camisola que estava a dobrar ao balcão com um sorriso pronto para a cliente que entrara no seu recanto exclusivo. Reconheceu-me, via-se pelo sobrolho franzido, mas por qualquer razão não fez um sorriso escarninho nem semicerrou os olhos. Talvez quisesse esperar que estivesse mesmo diante dela para tentar humilhar-me. Mas agora já não podia, pois não? Agora eu tinha dinheiro, estávamos em pé de igualdade. Por mais que lhe custasse fazê-lo, por mais que julgasse que era melhor que eu, teria de me vender aquele vestido.

Eu tremia um pouco, mas o dinheiro que trazia no bolso deu-me coragem para continuar a andar.

– Sim? – perguntou ela quando parei diante do balcão que nos separava.

– Gostaria de experimentar o vestido da montra – disse eu num tom educado e confiante.

– Claro – disse ela.

Não pude deixar de recuar um pouco, surpreendida. Esperava ter de tirar o dinheiro do bolso para lhe mostrar que não estava a desperdiçar o tempo dela e que não tinha motivos para não me vender o vestido.

Ela terminou o que estava a fazer, contornou o balcão e dirigiu-se calmamente para a montra. Subiu para o estrado da montra e desapertou o fecho do vestido, puxando-o cuidadosamente por cima do manequim sem cabeça. Veio-me à memória um trecho da banda sonora de *Manequim*: “Ao olhar-te nos olhos, vejo o paraíso...” Fui vê-lo com o Peter num dos nossos encontros. Acho que foi antes de o fazermos pela primeira vez. Ficámos sentados na fila da frente, de mãos dadas. O meu coração parecia querer rebentar com o que eu pensava ser amor. Acho que a definição de amor vai mudando à medida que o tempo passa, à medida que envelhecemos, que aprendemos mais e fazemos mais. Lembro-me que o meu amor por ele mudou muito depois de termos relações sexuais. Senti que era dele, que ele era perfeito e que nada de mal podia acontecer-me. Durante o tempo em que estivemos juntos parecia que nada podia atingir-nos nem separar-nos. Até que ele desapareceu da minha vida.

Em virtude da qualidade do tecido, o vestido pareceu-me bastante pesado quando o retirei do pequeno gancho de

madeira no provador ao fundo da boutique. Vesti-o sem pressa e corri o fecho lateral quase com reverência. Senti-o suave na minha pele, quase como uma carícia, como um toque balsâmico onde quer que o sentisse, e uma vez apertado, as ondas de conforto que me trazia eram incríveis. As lágrimas vieram-me aos olhos e picaram-me a garganta. Senti que estava a ser amada e embalada nos braços de alguém.

Preparei-me para o desdém da vendedora e afastei a cortina para me ver ao espelho. Ela tinha o auscultador do telefone ao ouvido e fitava a entrada da loja enquanto ouvia o que diziam do lado de lá. Saí de mansinho, de pés descalços porque não tinha os sapatos perfeitos para aquele vestido, e aproximei-me do espelho.

Tapei a boca com a mão e tive de abafar um grito ao ver-me assim pela primeira vez. Não parecia a pessoa que pensava ser. Não parecia a Honey. Não parecia quem era desde que tinha saído da casa da minha mãe há tantos anos. Parecia uma mulher feita, alguém que tinha aprendido a valer-se a si própria da pior maneira. Mas também parecia frágil, delicada e serena. O vestido tornava-me radiosa. Provavelmente era assim que uma mulher se sentia quando se vestia no dia do seu casamento. Sentia-se a mulher mais bonita do mundo.

– A cor combina com os teus olhos – disse-me a vendedora. Não a tinha ouvido chegar e não sabia há quanto tempo ali estaria, porque pela primeira vez estava totalmente concentrada em mim própria. Afastei os olhos do espelho para procurar o sorriso de desdém, mas não estava lá.

– Estás lindíssima – disse ela, pensativa. – Mereces mesmo ter esse vestido. Não ficaria bem a mais ninguém. Continuei a olhar para ela pelo espelho, estarrecida, perguntando-me onde estaria o veneno, a mulher que me odiara simplesmente por ter tido a ousadia de entrar na loja.

– Fui grosseira – respondeu ela ao meu silêncio. – E mesmo assim voltaste cá. Este vestido deve significar muito para ti. Pensei em tudo o que a Honey fizera para me arranjar dinheiro suficiente para o comprar. Significava... significava o suficiente para me fazer regressar à loja. Não podia dizer-lhe nada daquilo, pois tinha medo que se virasse contra mim.

– Se quiseres embrulho a tua roupa. Acho que deves levá-lo vestido para casa. Ela sabia que eu não tinha onde o usar, que provavelmente aquela seria a primeira e a última vez que me sentiria assim. Passei as mãos e os dedos pelas saias do vestido, sentindo um arrepio de cada vez que lhe tocava. Lá fora estava frio mas ela tinha razão: eu não queria tirar o meu vestido.

A vendedora foi ao provador e regressou com a minha roupa. Entregou-me o casaco e as sapatilhas e levou a camisola, as calças de ganga e as meias para o balcão. Enfiei as sapatilhas nos pés e vesti o casaco. Nem estas peças vulgares conseguiam diminuir a beleza do vestido ou a forma como me sentia com ele.

– São 225 libras – disse ela quando finalmente me aproximei do balcão. Os meus dedos detiveram-se no ar enquanto estendia a mão para o maço de notas que tinha no bolso. – Tinha-me dito que eram quatrocentas – observei eu.

A mulher corou, cheia de vergonha. – Fui mesmo muito grosseira – respondeu. Senti o ódio a crescer dentro de mim. Não teria feito tantas sessões na sala VIP se... *Não, não digas que foste tu*, pensei eu para comigo. Tinha o vestido, e isso é que importava. Paguei e tentei abstrair-me de tudo o resto.

Lá fora, parei por uns momentos, gozando a emoção de ser uma mulher num vestido inadequado com o mundo todo a seus pés. Podia fazer o que quisesse: o vestido dera-me superpoderes; podia sair por aí e salvar o mundo.

Em vez disso entrei num café e pedi um expresso. Sentei-me à janela a olhar lá para fora enquanto esperava que mo trouxessem. Esta era a vida que a Eve, aquela que eu vi ao espelho, tinha imaginado para si. Não importava se estivesse sozinha, encontraria paz na loucura do mundo.

– Adoro o teu vestido – comentou a empregada ao colocar a chávena branca cheia de espuma à minha frente. – Obrigada – respondi. – É da loja ali da esquina? – perguntou ela. – Sim – confirmei. – Costumava ficar babada a olhar para ele – disse ela. – Mas nunca poderia comprá-lo, nem num milhão de anos. Fica-te muito bem, duvido que tivesse assentado tão bem em mim.

Sorriu-me, e senti as lágrimas a acumularem-se na garganta. Estava a ser simpática comigo. Em Londres, a maior parte das pessoas não tem tempo para ser simpática, a menos que queira alguma coisa de alguém. No clube, os homens não se davam ao trabalho de ser simpáticos comigo porque estavam a pagar-me para que os fizesse sentirem-se bem.

– Obrigada – disse eu. O sorriso dela alargou-se e inclinou a cabeça para um lado enquanto me observava com atenção. – Vai-se tornando mais fácil, sabes? – disse ela. – O quê? – perguntei. – A vida. – Encolheu os ombros. – Vai-se tornando mais fácil e mais simples, vai por mim.

Pensei no que ela tinha dito por muito tempo depois de se ter ido embora, porque mo dissera a mim e se seria verdade. Comigo as coisas não tinham corrido assim. Quanto mais tempo vivia neste mundo mais complicada e difícil se tornava a minha vida. Mas, e se ela tiver razão? Devo estar prestes a receber uma grande dose de facilidade e de simplicidade. Deve vir aí uma maré de boa-sorte que me permita viver a vida de uma adolescente de dezassete anos como as outras.

À saída acenou-me, e assim que desapareci de vista corri para casa. Não queria que viesse atrás de mim, que me fizesse perguntas, que me obrigasse a aceitar de volta a gorjeta de cento e setenta e cinco libras que lhe tinha deixado. Não podia ficar com aquele dinheiro. Já tinha sido difícil que chegue tentar esquecer que existia. Tinha feito o que fora preciso para conseguir o meu vestido, e só queria que o resto do dinheiro desaparecesse. E queria que fosse para alguém que pudesse apreciá-lo, e que não soubesse que fora obtido de homens que usaram o meu corpo para gozo próprio.

Ainda estou a usar o meu vestido. Não me apetece tirá-lo. Se o tirar, sei que estarei também a despir o meu corpo da Eve. Mentalmente, vejo-me como a mulher do espelho. Vou agarrar-me a essa imagem e a essa emoção por mais algum tempo.

Afinal não estou a fazer mal a ninguém, pois não?

Eu

17 de março de 1989

Hoje aconteceu uma coisa boa.

Estava no supermercado a comprar umas coisitas e preocupada com o preenchimento da declaração dos impostos (como, ao que parece, sou trabalhadora independente, tenho de o fazer, embora não saiba como vou fazer para pagar às finanças o que lhes devo, se é que lhes devo alguma coisa) quando esbarrei numa pessoa.

Um homem. Levantei os olhos e corei como um tomate porque o reconheci do clube. Baixei a cabeça, mas ele disse:

– És a Eve, não és?

Respirei de alívio porque se o tivesse conhecido no clube ele pensaria que o meu nome era Honey, topas?

– Eu conheço-o? – perguntei-lhe.

– Ah, que pena! Pensei que ias lembrar-te de mim. Sou o Elliot. Trabalho para a firma que comprou aquela onde tu trabalhavas. Na altura era contabilista subalterno, ou melhor, ainda sou.

Era um pouco mais alto que eu, mas não muito. Tinha cabelo castanho e ondulado e uns olhos castanhos simpáticos. Trazia um fato azul-marinho, mas o último botão da camisa branca estava desapertado e o nó da gravata um pouco afrouxado.

– Ah, OK – respondi, sem saber muito bem o que dizer. Mas comecei a sentir borboletas no estômago. Quanto mais tempo ali ficava, mais bonito ele me parecia.

– Fiquei arrasado por ti por não teres conseguido o emprego. Eras muito melhor que a rapariga que eles contrataram. Mas depois bem se arrependeram porque ela acabou por ser despedida por roubo.

– A sério? Abriram uma vaga, então? – Teria sido fantástico.

– Não, isto já se passou há algum tempo. Agora já contrataram outra funcionária.

– Porque não me ligaram? Afinal de contas tinha-me candidatado ao posto – disse eu, melindrada. Tinha trabalhado muito para aquela gente.

– As coisas por lá estão um pouco diferentes. Em menos de dois meses arranjaram maneira de pôr a Ophelia na rua, mas muita gente disse que era bem feito depois do que ela te tinha feito a ti e sobretudo à Maggie. Sabes que ela e a Maggie tinham sido amigas desde a escola primária?

– Não, não sabia.

– Pois. A minha firma não queria a Ophelia, só os clientes importantes dela. Basicamente transformaram a vida dela num inferno até ela se ir embora. O Dominic não tardou muito a seguir o mesmo caminho, viu que a coisa estava a começar a dar para o torto e demitiu-se também. Decidiram começar cada um o seu negócio do zero, sem clientes e com os rumores do que tinham feito.

Uau, cá se fazem, cá se pagam. Senti um arrepio ao pensar que a Ophelia estava numa situação parecida com a minha. No entanto, não estava a imaginá-la a dançar no varão.

– Queres ir beber um copo um dia destes? – perguntou ele, sem mais nem menos.

– Sinto muito – disse eu, – tenho namorado.

Ao dizê-lo fiz figas, mentalmente, porque odeio mentir, claro. Mas não podia sair com ele enquanto fosse *stripper*.

– Claro que tens. Raparigas como tu não ficam disponíveis por muito tempo.

– Raparigas como eu? – perguntei, na defensiva. Só porque tiro as roupas não quer dizer que vá para a cama com qualquer um.

– Bonitas, como tu.

– Ah.

– Olha, aqui tens o meu cartão. Se tu e o teu namorado se separarem, liga-me. E liga-me se precisares de ajuda com coisas de contabilidade. Posso não poder ajudar, mas será uma boa desculpa para voltar a ver-te.

– Tens uma caneta? – perguntei-lhe.

Ele tirou uma Bic azul do bolso interior. Virei o cartão e escrevi o meu número na parte de trás.

– Se souberes de alguma vaga, podes ligar-me? – Devolvi-lhe o cartão. – Eu lembro-me do número do escritório, posso ligar-te para lá.

Ele assentiu e sorriu.

– Ótimo, está combinado.

Voltei para casa nas nuvens. Tinha o pressentimento de que ele me ia trazer boa sorte. E assim foi. Agora há bocado, um cliente habitual deu-me uma gorjeta de cem libras.

Sim, cem libras! Isso NUNCA acontece. As outras ficaram superinvejosas, mas eu não lhes liguei. Não andei a exhibir o dinheiro nem a gabar-me, mas fez com que o resto da noite passasse num abrir e fechar de olhos porque sabia que tinha ganho dinheiro suficiente para a renda e não tinha de trabalhar a contrarrelógio para poder pagá-la.

Vim para casa com um sorriso no rosto. Estás a ver? Se soubermos esperar e nunca desistirmos, algo de bom há de acontecer.

Bons sonhos.

Beijos,

Eu

Em cima da minha almofada está um pequeno embrulho cor-de-rosa com um laço marfim e um cartão entalado entre as fitas do laço.

Provavelmente foi por isso que, depois do jantar, o Jack se limitou a perguntar-me se queria ajuda para ir ao quarto buscar os medicamentos antes de sair para o último passeio do Butch.

Sento-me pesadamente na cama e olho para o embrulho. O Jack gosta de me oferecer coisas, presentes, penhores do seu amor. São sempre lindíssimos, e por vezes caros, mas o que eu queria mesmo era tê-lo a ele. Preferia que conversasse comigo, que se abrisse comigo, que confiasse em mim. Preferia que o nosso relacionamento pudesse passar do superficial no que diz respeito à todopoderosa Eve.

Só que é cada vez mais difícil pensar nela de forma negativa. Quanto mais aprendo sobre a Eve, mais me compadeço dela, e à medida que começo a ter pena dela, começo a entender o que leva o Jack a ser ainda tão obcecado por ela.

Preciso desesperadamente que ela seja a má da fita. É necessário que ela tenha exercido qualquer tipo de influência nefasta sobre o Jack para que eu possa olhar para o futuro e ver que, uma vez que o feitiço se quebre, ele poderá entregar-se a mim de corpo e alma. Mas depois de descobrir o que ela teve de fazer por dinheiro, para pagar a renda, para se sentir ligada ao mundo... desfaz-me por dentro. Quase como se a tivesse conhecido. Podia ter sido eu. Podia ter ido para a cama com alguém para conseguir financiamento, podia ter feito como ouvi dizer que algumas das outras mestrandas e doutorandas faziam, e tornar-me *stripper* para poder pagar as contas. Eu segui outro caminho, mas podia ter sido eu. *Foi* a Eve.

Pego no embrulho. Acho-o enganadoramente pesado para um volume tão pequeno. Ao desfazer o laço, e em seguida o embrulho, descubro um coração no interior. Tem cerca de dois centímetros do topo até à base, é de vidro transparente com torvelinhos como ondas de uma névoa branca e pura presa e congelada no tempo no seu centro. Um minúsculo gancho cravado no V da parte de cima segura um cordão de couro preto.

Não é como nada que já me tenha oferecido.

Curiosa, pego no cartão e retiro-o do envelope.

Amo-te. J x

Recolho novamente o coração e levo-o ao peito enquanto me encosto às almofadas.

Vou parar de ler os diários. É intrusivo e agora que sei um pouco mais sobre a Eve, não quero continuar a invadir o espaço dela. E ao lê-los também estou a ser desleal com o Jack. Devia era perguntar-lhe, falar com ele, *convencê-lo* a falar-me dela. Sei que é possível, agora que ele me ofereceu o seu coração. Nunca antes tinha sentido que era meu por completo.

capítulo treze

Estamos nos semáforos ao fundo da Décima Primeira Avenida, na beira-mar, e um carro para ao nosso lado. É um Ferrari vermelho e o tipo lá dentro tem “convencido” estampado na testa. Acelera o motor para chamar a atenção do Jack, esperando que se sinta intimidado no seu “modesto” Z4.

Reviro os olhos e digo de imediato:

– Não lhe lighes, Jack.

Pouso-lhe a mão no antebraço para o acalmar. Aquilo é o tipo de coisa que o enerva a ponto de querer deixar o idiota para trás nos semáforos, só que não seria capaz e isso deixá-lo-ia frustrado e furioso.

– Que imbecil – diz o Jack de dentes cerrados, quase sem mexer os lábios.

– Acho que entre as três pessoas aqui paradas nestes semáforos, todos sabemos disso. Mas tu serias um imbecil ainda maior se lhe desses troco. Tens um ego assim tão frágil? E imagina que alguém decide atravessar a estrada mesmo antes de o semáforo mudar e tu lhe passas por cima? Como te sentirias se magoasses alguém à conta daquele bronco?

O motor do Ferrari volta a rugir e quase consigo ver os pelos na parte de trás do pescoço do Jack a eriçarem-se.

– Sabes, muitas vezes pergunto-me como é que um tipo daqueles consegue andar por aí com aquele falo gigante a sair-lhe da testa – digo eu.

O Jack tira os olhos da estrada e ri-se.

– Foi isso que disseste à Angela sobre mim depois do nosso primeiro encontro? – E volta a olhar para o semáforo.

– Não confirmo nem desminto, Sr. Britcham, pois corro o risco de me incriminar.

– Ohhh, és tão má! – brinca ele.

O sinal passa a amarelo, e assim que o amarelo passa a verde o Ferrari verde dispara a toda a velocidade, enquanto o Jack arranca à velocidade normal. Para minha satisfação, o radar instalado no topo do semáforo tira uma fotografia ao tipo do Ferrari.

– Aposto que agora ainda se sente mais imbecil por não teres tentado passar-lhe à frente – digo eu.

– Não, senhora, não penses que te safas com essa facilidade – replica o Jack. – Que disseste tu à Angela sobre mim depois do nosso primeiro encontro?

– Estamos casados, que diferença é que isso faz agora? – pergunto eu.

– Nenhuma, mas quero saber. Que lhe disseste tu?

– Já te disse, não falei de ti – digo eu. – Nem sequer constavas do meu radar até me apareceres à frente com café e *croissants*. E mesmo nessa altura foram os *croissants* e o café que me chamaram a atenção.

– O Oscar Wilde é que tinha razão: é melhor falarem de nós pelas costas que não falarem de todo.

- Não leves a coisa tão a peito – tranquilizo-o. – Não foi nada pessoal.
- Não acredito que eras tão indiferente à minha pessoa – lamenta-se ele.
- Nem todas as mulheres te acham instantaneamente irresistível, felizmente.
- Felizmente, porquê?
- Bem, não quero hordas de mulheres a fan...

Primeiro ouço o estrondo algures à minha direita, uma fração de segundo antes de sentir o carro a derrapar de lado como se estivesse a ser esborrachado por um gigante enraivecido. O chiar dos pneus enche-me os ouvidos, sinto o estômago a cair-me ao chão quando o carro se empina, e, por fim, vejo o tijolo de burro da parede e o poste cinzento a virem na minha direção...

Abro os olhos e estou no meu quarto, com os braços de um Jack adormecido à minha volta. Estou trémula e coberta de suor. Tenho o coração acelerado, a correr, a fugir do pesadelo que foi realidade. Estou a respirar de forma irregular e entrecortada, o peito dói-me enquanto tenta reter o oxigénio.

Provavelmente estou a chorar, sinto-me como se estivesse. Tenho a sensação de estar lá novamente, presa nos destroços, entalada num poste, com a cara húmida e dorida.

Não conseguia produzir sons ao falar; estava sempre a perder a noção do tempo. Mas continuei a debater-me, continuei a chamar por ele para ver se estava bem. Só precisava de saber que estava vivo e bem.

Acho que estou a asfixiar. O Jack está a asfixiar-me. Estou a tentar respirar mas ele corta-me a respiração com a força do seu abraço. Sem me importar se o acordo, e ignorando a dor que abrasa os meus terminais nervosos, empurro-o de cima de mim, sento-me na cama e a minha respiração melhora instantaneamente. O meu coração desacelera a cada segundo que aumenta a distância entre nós.

- Libby? – pergunta ele, soerguendo-se apoiado num braço. – Que se passa?

Viro o rosto para o outro lado, não quero que ele olhe para mim nem quero olhar para ele. Quero ficar o mais longe possível dele. *Passa-se tudo*, apetece-me dizer.

- Nada – respondo, – foi só um sonho.

– Oh, amor – diz ele, chegando-se a mim. É a minha vez de o repelir. Todas aquelas vezes que ele me fez o mesmo, agora é a minha vez. O meu gesto fã-lo sentar-se na cama, de sobrolho franzido. Tenta tocar-me outra vez, é insuportável. É insuportável vê-lo a comportar-se assim, como se estivesse tudo bem e tudo normal quando na realidade tem andado a mentir-me. Mente-me desde que lhe fiz perguntas sobre o acidente, no hospital. Sabe perfeitamente o que aconteceu logo a seguir ao embate, quando recuperámos a consciência, sabe muito bem o que fez. Afasto-me dele e saio da cama.

- Preciso de um copo de água – digo eu.

Quando o ouço dizer “Está bem” já estou fora do quarto e a correr pelo corredor até à cozinha.

Sento-me no escuro, a fitar o tampo da mesa até que as imperfeições da madeira se transformam em imagens.

Isto é porque eu resolvi deixar de ler os diários, não é?, pergunto eu ao Além. Quando decido dar outra oportunidade ao Jack, deixar o passado para trás e talvez dialogar com ele, recebo a verdadeira resposta à pergunta que ele respondeu com uma mentira quando estava no hospital. Agora já sei o que aconteceu. Já consigo atribuir um nome à emoção que tem alimentado a minha necessidade de conhecer a Eve, a emoção que me corre nas veias, que me rasteja à flor da pele como um milhão de formigas guerreiras, e que me entope a garganta como uma bola de ácido.

O que eu sinto é o espinho da traição a enredar-se como hera em volta de um gigantesco monólito de ciúme.

jack

Acho que a Libby já sabe o que aconteceu depois do acidente e que lhe menti sobre o assunto. A forma como saiu do quarto ontem à noite e não regressou até eu voltar a adormecer, o silêncio e a atitude reservada esta manhã, a forma como se limitou a levar a comida e a água do Butch para o corredor em vez de discutir com ele, como de costume, dizem-me que já sabe.

Até o Butch ficou a olhar para ela, e depois para a comida, desconfiado, e a farejá-la para ver se estava boa.

– Até logo – disse ela depois de servir o pequeno-almoço, sem um olhar na minha direção. – Tem um bom dia.

Nem sequer esperou que respondesse antes de me deixar sozinho na cozinha.

Ela sabe, por isso é só uma questão de tempo até estar tudo acabado.

Não me lembro de sentir ciúmes quando era nova. Não a verdadeira emoção do ciúme, do tipo que nos crava as garras envenenadas no coração e nos devora o centro do pensamento racional enquanto mancha aquilo que somos com a sua imunda e indelével tinta verde. O ciúme é uma droga mais viciante e gratificante que qualquer outra conhecida pela espécie humana. Os seus efeitos são imediatos, percorre-nos à velocidade da luz e provoca em nós esse estado exacerbado num abrir e fechar de olhos.

Assim que o atingimos, apanhados na armadilha, dopados por esta coisa chamada ciúme, tudo é uma desculpa para a próxima dose.

A forma como o Jack leva a chávena aos lábios e inclina a cabeça para sorver um gole de café bem quente... faria o mesmo com a Eve ou saberia ela servir-lho à temperatura perfeita para que ele pudesse bebê-lo em cómodos tragos? A forma como se esquece onde deixou as chaves... será que sempre foi assim ou teria a Eve um sistema mediante o qual ele nunca tinha de as procurar? A forma como sorri... será que sempre sorriu assim, ou sorriria sempre à Eve sabendo que *nunca* amaria ninguém como a ama a ela?

Porque a questão é mesmo essa, não é? É isso que alimenta os meus ciúmes e que lhes concede poder a cada momento de cada dia: poderá ele alguma vez amar alguém como a ama a ela? Poderá ele *amar-me* como a ama a ela?

A resposta tem estado mesmo à minha frente desde que tive sexo com ele no corredor: não. Pode até querer, mas não é capaz. Ou então não quer. Tanto faz: a realidade é que não me ama como a ela.

Na cozinha deserta desta casa perfeita deixo-me tombar no chão com o prato que acabei de lavar e de secar apertado contra o peito como se fosse um ursinho de peluche no qual busco consolo. Toda a minha vida com ele tem sido uma mentira. Tenho andado a enganar-me a mim própria ao pensar que ele é capaz de me amar. Não é, porque ainda ama a Eve. Julgou que podia partilhar o coração com duas pessoas, dividindo-o de forma a que cada uma recebesse o seu justo quinhão. Mas não é assim tão simples. Se estivéssemos a dar fatias de bolo a duas crianças, daríamos a fatia maior à criança mais velha. É maior, viveu mais tempo, por isso merece a maior parcela. Por mais que tente, a mais nova não pode competir com a antiguidade da outra.

Eu fiquei com a fatia mais pequena do bolo que é o coração dele.

Quando fecho os olhos, revivo a visão para a qual acordei momentos após o acidente. Sinto-me transportada para o momento, entre o cheiro a borracha queimada, o metal retorcido, a agonia dos movimentos, o líquido viscoso a escorrer-me pela cara e pelo corpo...

Por qualquer motivo que desconheço já não sinto tantas dores, a agonia retrocede como a maré

vazante, mas tenho frio. Provavelmente não é nada com que tenha de me preocupar, pois estou sempre com frio. Consigo mexer o braço direito, por isso estendo a mão para o Jack. Sinto a solidez dele, a seguir sinto-o mexer-se e uma onda de alívio e gratidão varre-me as entranhas.

– Jack – digo eu. – Estás bem? – Porém, não consigo emitir ruídos com as minhas palavras, estou a falar sem som.

– Eve, estás bem? – pergunta ele, deslocando-se um pouco mais sob a minha mão. – Por favor, amorzinho, diz-me que estás bem.

– Não sou a Eve – tento eu dizer, emudecida.

– Eve – continua ele, porque não me ouviu. – Aperta-me o braço se estiveres a ouvir-me.

Não obedeco porque não sou a mulher que ele quer que eu seja.

– Oh, meu Deus, Eve. Sinto a tua mão no meu braço, diz-me que estás bem, peço-te. Por favor. Amo-te muito, não posso viver sem ti.

– Eu não sou a Eve – tento gritar-lhe, mas o esforço serve apenas para fazer regressar a dor.

Escuridão.

– Libby, Libby? – Ouço o Jack quando recupero os sentidos. – Está tudo bem, está tudo bem. Tivemos um acidente, mas vai correr tudo bem. Acho que devíamos tentar sair antes que o carro rebente.

– Isso só acontece nos filmes – digo eu, mas claro que ele não me ouve porque as minhas palavras são mudas, marcam o ar como letras ociosas escritas na água.

– A ajuda vem a caminho. Vais ficar bem. Vai correr tudo bem.

Escuridão.

– Libby, Libby, acorde.

Abro os olhos e vejo um homem que não conheço sentado onde o Jack estava ainda há pouco. Traz um uniforme de bombeiro. Decido chamar-lhe Sam.

– Consegue ouvir-me? – pergunta ele.

– Sim – digo eu.

– Ótimo, ótimo. Chamo-me Bill, sou bombeiro.

– Gosto de bombeiros.

– Então ainda bem. Pense em mim como o seu bombeiro pessoal.

– Está bem – respondo.

– Estamos a tentar tirá-la daqui, mas é complicado porque o carro está em ângulo e perto de mais do poste para podermos proceder ao desencarceramento.

– Tudo bem, não se incomodem comigo. Vou só dormir um bocadinho.

– Não, Libby, não adormeça. Não pode adormecer.

– Porquê, o Freddy Kruger vem atrás de mim?

– Não, o Freddy Kruger não existe.

– Desmancha-prazeres. Deixe-me lá dormir.

– Não. Fale-me de si, do seu marido.

– Do Jack? Quando penso no Jack...

Escuridão.

Abro os olhos de repente, com medo de ficar presa naquele cenário, com medo de perder os sentidos como naquele dia, quando não há aqui ninguém para me reanimar.

Não é por ele me ter chamado Eve. Estava em choque, confuso e provavelmente aterrorizado. Isso ainda eu podia entender, e até ignorar, não fosse a reação dele quando descobriu que eu era a Libby. Estava preocupado, aflito, mas não houve súplicas, nada de “não posso viver sem ti”. Tanto quanto ele sabia eu até podia estar a morrer, e nem sequer me disse “Amo-te”.

Tento manter a cabeça baixa no caminho para o consultório do médico. Trago um boné folgado que esconde a cicatriz no meu couro cabeludo e se continuar a olhar para o chão poucas pessoas verão o meu rosto. Caminho o mais depressa possível, o que é bastante lento quando se está com tantas dores como as que tenho agora. Não podia ir de táxi. Sofri horrores no que me trouxe a casa do hospital e agora a ideia de voltar a estar dentro de um carro deixa-me fisicamente doente.

Sei que foi um acidente, e que os carros não são perigosos (os condutores é que são), e que devia experimentar entrar num carro porque quanto mais tempo deixar passar, mais difícil será. Conheço todos os argumentos lógicos, já os recitei vezes sem conta, mas é superior às minhas forças. E porque hei de eu fazê-lo quando tenho uma perna perfeitamente boa e outra perfeitamente arruinada para me levarem onde é preciso? Neste caso, ao médico. Disseram-me que tinha havido uma anulação de consulta e que podia ficar com a vaga. O ar parece estranho contra a minha pele: está quente mas mais fresco do que me lembro de ser. Saio para o jardim durante uns minutos todos os dias, por isso ainda não me esqueci completamente do ar puro, mas este é diferente. É mais fresco, mais puro apesar da poluição, apesar do dióxido de carbono expelido pelas pessoas em redor. Já administrei e recebi bastantes tratamentos de oxigénio, mas nunca me pareceram tão purificadores como este ar.

Tenho de abrir todas as janelas, deixar este ar correr pela casa e varrer todo o pó, as teias de aranha, a estagnação e, claro, a *Eve*. Pintámo-la, colocámos alcatifa nova, alterámos a mobília, e até trouxemos algumas coisas do meu apartamento, mas (sinto-o muitas vezes) ela ainda por lá anda, persistindo, agarrando-se à casa, à vida, ao marido.

A dor que senti antes, um círculo de fogo em redor do tórax, volta a dar sinal de si. Comecei a senti-la quando estive sentada no chão da cozinha a pensar no Jack, e senti-me a ponto de desmaiar. Acometera-me outra vez enquanto gatinhava pelo chão, com o Butch sentado à entrada a observar-me, para alcançar o telemóvel que estava na mesa da cozinha. Quando marquei a consulta no médico já me sentia melhor, mas agora voltou.

Paro na rua, aperto o tórax com os braços e respiro fundo algumas vezes. Inspiro, expiro, inspiro, expiro, inspiro, expiro.

– Sente-se bem? – ouço alguém perguntar.

O meu corpo estremece de horror quando me apercebo de que estão a falar comigo. Há mais de uma semana que não falo cara a cara com ninguém tirando o Jack, a Grace e a Angela. Baixo ainda mais a cabeça. O homem traz umas calças de ganga deslavadas e pesadas botas de trabalho. Não sei que mais traz vestido porque não sou capaz de levantar a cabeça com medo de que me veja a cara.

– Sim. Estou só a ir ao médico – digo eu.

– É longe? Precisa de ajuda?

Esquivo-me dele.

– Não, não é preciso, obrigada. Estou ótima.

E a seguir os meus pés seguem caminho, transportando-me na direção de alguém que pode ajudar-me e fazer desaparecer as dores.

– Em que posso ajudá-la? – pergunta a Dra. Last.

– Preciso de mais analgésicos – explico eu.

– OK – diz ela, rodando para o ecrã do computador e introduzindo os meus dados pessoais. – Já está a tomar uma dose bastante forte de Co-codamol – declara depois de ler a informação que o computador lhe devolve.

O computador pode até ter razão, é possível que a dose seja forte, mas não chega: os comprimidos não estão a resultar.

– Não está a resultar. Preciso de uma coisa mais forte – replico. – Tenho muitas dores.

– A dor é constante? – pergunta ela.

– Não.

– Que tipo de dor é?

– Há pouco era à volta do tórax, na zona do peito. Foi tão forte que quase desmaiei. É uma espécie de aperto.

– Que estava a fazer nessa altura?

– Nada, estava só a pensar.

– A dor piorou ou melhorou quando se mexeu?

– Ficou na mesma.

– Então trata-se de uma dor diferente da que resultou dos ferimentos?

– Sim... não. Não sei. Só sei que dói.

– Há quanto tempo sente que os comprimidos não estão a fazer efeito? – quer ela saber.

– Desde hoje mesmo, quando comecei a sentir esta dor. Acho que preciso de outro tipo de analgésicos.

– Preocupa-me que ao fim de duas semanas a tomar um medicamento comece a sentir que já não está a fazer efeito.

– Mas não está. Dantes faziam-me sentir melhor, agora já não.

– Faziam-na sentir-se melhor emocional ou fisicamente?

Sei onde ela quer chegar, e não me vou deixar enganar.

– Fisicamente, claro.

– A função dos analgésicos não é fazê-la sentir-se melhor nem física, nem emocionalmente – declara ela. – É simplesmente reduzir a dor. Se precisa deles para se sentir melhor, é possível que haja outro problema, e há que diagnosticá-lo.

– Só quero que a dor desapareça – digo eu.

– A Libby passou por um evento tremendamente traumático...

– Eu sei! – exclamo. – Eu sei disso. Só quero que a dor desapareça.

Ela olha fixamente para mim e sei o que está a pensar: a Libby Britcham é doida. Sei porque estou a pensar a mesma coisa. Esta histeria e este pânico não têm nada a ver comigo. Geralmente sou equilibrada e não é fácil tirar-me do sério, mas neste momento nem eu própria me reconheço.

– Desculpe – digo eu. – Não devia ter levantado a voz.

– Tem alguma rede de apoio? – pergunta ela com gentileza.

– Sim – respondo-lhe eu. *Não*, penso de mim para comigo. Tenho pessoas que se preocupam comigo, pessoas com quem posso contar, mas que não podem dar-me apoio porque não lhes posso falar dos sonhos que tenho sobre a Eve nem dizer-lhes que tenho os diários dela e que cheguei à conclusão de que cometi o maior erro da minha vida. Não devia ter-me envolvido com o Jack, e muito menos ter-me casado com ele. Ele não estava preparado. Aceitei porque o amava. Quem foi que disse que o amor não é cego, mas sim estúpido? Tinha razão. E eu sou a pessoa mais estúpida à face da Terra.

– Quer que a encaminhe para um psicólogo? – sugere ela.

Abano a cabeça e limpo uma lágrima furtiva.

– Eu arranjo um psicólogo privado – asseguro-lhe. – Não sei o que se passa comigo. Não morreu ninguém.

– De certa forma, morreu – diz ela. – A pessoa que era antes desapareceu. Provavelmente ainda está muito abalada em termos emocionais porque a sua vida sofreu uma grande reviravolta. Não é de admirar que pareça estar a concentrar-se nos sintomas físicos em vez de encarar o impacto emocional.

– OK, obrigada, Doutora – digo eu, embora não saiba porque estou a agradecer-lhe, visto que não fez nada. Não me deu nada para acabar com as dores.

– Volte cá se quiser a credencial para o psicólogo. Se a dor voltar tornamos a analisar o seu receituário.

Respondo-lhe com um gesto de cabeça e abandono o gabinete. É difícil andar com este peso que agora trago às costas.

– Olha, mamã! Aquela senhora não tem cabelo! – exclama uma criança pequena quando me vê a atravessar a sala de espera para sair. Tirei automaticamente o chapéu quando me sentei no consultório, e esqueci-me dele lá dentro.

Sinto caírem sobre mim os olhares de toda a gente na sala de espera. Quem está à minha esquerda, obviamente, vê a cicatriz: uma crosta grossa, negra e de aparência oleosa que me sela a pele. Provavelmente desviam logo os olhos com desinteresse, mas continuo a sentir o olhar coletivo a rastejar pela minha cabeça. Devia voltar atrás para ir buscar o chapéu, mas isso implicaria ficar aqui um segundo mais que o necessário. E seja como for não vou precisar dele, pois a partir do dia de hoje não vou sair de casa até ser forte o suficiente para deixar o Jack.

libby

– *Ainda bem que voltaste* – diz a Eve do seu poiso na caixa dos papéis. – *Senti a tua falta.*

Concentro-me nela por uns instantes e vejo que não está a ser sarcástica. Não é do tipo mesquinho e desdenhoso.

– *Estavas naquela parte em que eu tinha acabado de encontrar o Elliot no supermercado e recebi uma gorjeta de cem libras, lembras-te?*

Respondo-lhe com um aceno de cabeça. Parece que ultimamente não faço mais nada senão lembrar-me.

25 de junho de 1990

Acabei de ter o aniversário mais fantástico de todos os tempos.

Sabia que as coisas iam melhorar, e melhoraram. Como os últimos dois aniversários não passaram de “um dia como os outros” x 2 sem sequer um cartão ou um telefonema da minha mãe, pensei fazer qualquer coisa diferente este ano. Não estava para ficar em casa à espera de um cartão que provavelmente não viria.

Escrevi montes de cartas à minha mãe, talvez uma carta por semana, e não recebi nada em troca. Gostava de parar de lhe escrever, mas é a minha mãe (ou melhor, foi), como posso desistir dela assim sem mais nem menos? Ela pode ter desistido de mim, mas eu não sou capaz de lhe fazer o mesmo. Amo-a. Ainda.

Ontem fiz uma coisa sobre a qual tenho tido vergonha de escrever. Liguei-lhe. Peguei no telefone e liguei-lhe. Para dizer a verdade, tenho-lhe ligado muito, mas desligo depois do primeiro ou do segundo toque porque tenho medo de falar e não saberia o que dizer. Se falasse com ela, provavelmente dizia-lhe que queria voltar para casa, mas aquilo já não é a minha casa. Eu já não sou a sua pequena Evie. E como podia eu regressar com o namorado ainda lá? Mas ontem ganhei coragem para ficar ao telefone depois dos primeiros toques. Tinha o coração na garganta e tremia como varas verdes enquanto esperava que atendessem o telefone.

– Está lá? – disse uma voz de homem.

Comecei a tremer ainda mais, horrorizada por ele ainda lá estar e ainda mais horrorizada por não ter desligado logo o telefone para não ter de falar com ele.

– Está lá? – repetiu o homem.

– Quem é? – disse a minha mãe lá do fundo e tive de conter um soluço. Já não ouvia a voz dela há tanto tempo... Há uma eternidade que não estava assim tão próxima da minha mãe.

– Não sei, mas ainda não desligaram! – respondeu o homem. Depois disse, ao telefone:

– Última oportunidade: está lá?

Ainda agarrada ao aparelho, fechei os olhos e deixei cair as lágrimas, tapando a boca com a mão para não me denunciar.

– Dá-me cá isso – disse a minha mãe, e de repente ouvi a voz dela, clara como um dia de sol, a falar ao telefone. – Bom dia, fala Iris Quennox, em que posso ajudá-lo? – disse ela educadamente, pensando sem dúvida que os modos do namorado ao telefone tinham intimidado a pessoa do outro lado da linha.

– Amo-te – articulei em silêncio. Queria muito ser ouvida, mas tinha um medo terrível das consequências.

– Está lá? – disse ela.

– Penso em ti todos os dias – continuei eu sem produzir um som.

– Eve? – perguntou ela.

– E sinto a tua falta. Sinto tanto a tua falta que até dói.

– A Eve? – disse o homem. – Achas que é a Eve?

– Não – disse a minha mãe, – mas não imagino quem mais possa ligar-me sem falar.

– Adeus – disse eu. – Adeus, mãe.

A seguir desliguei e passei o resto da noite a chorar.

Estou envergonhada porque devia ter falado com ela como deve ser, devia ter dito qualquer coisa. Escrever cartas é fácil, não é? Mas pelo menos agora sei que ela está bem, e que se ele ainda lá está é porque ela é feliz à sua maneira. E talvez um dia, quem sabe, ela me queira de volta.

Enfim, para não ficar a choramingar pelos cantos, decidi ir até à beira-mar. É ou não é de loucos não ir à praia desde pequena? A caminho da estação para apanhar o metro para Victoria voltei a dar de caras com o Elliot. Lembras-te dele? Trabalhava naquela empresa onde há anos eu devia ter ficado com aquele emprego e há algum tempo encontrei-me com ele no supermercado. Estava mais velho e um pouco mais desgastado pela vida, mas parecia mais giro do que antes. Talvez porque naqueles tempos eu só pensava em arranjar outro emprego e não reparava em mais nada. Ou então porque

convivi com o lado negro da natureza humana e quando conheço alguém diferente (das cabras que tentam prejudicar-me na pista de dança ou dos homens que tentam convencer-me a fodê-los de graça porque são *especiais*) parece-me sempre excecional e adorável.

– Caramba, Eve – disse ele, parecendo genuinamente contente por me ver. – Há que tempos que não te via.

– Pois é – respondi eu. – Ainda estás na Hanch & Gliff?

– Sim, para mal dos meus pecados. E tu? – perguntou ele. – Arranjaste emprego?

– Sim. Não é propriamente algo que queira fazer para o resto da vida, mas é um emprego. – Encolhi os ombros. – Dá para pagar as contas, para ter um teto por cima da cabeça.

– Como eu te entendo. Ainda não percebi lá muito bem quando é que decidi que ser contabilista era boa ideia.

Já eu sabia exatamente quando tinha decidido que era boa ideia tornar-me *lap dancer*. Que é o que eu sou, a propósito.

Ao reler estas páginas, dei-me conta de que nunca tive coragem de dar um nome ao que faço, mas a verdade é que sou uma *lap dancer*. Dizer que sou uma *stripper* implica que me limito a tirar a roupa para excitar os homens, ou que tenho orgulho no que faço, quando na realidade o que eu faço é simular um ato sexual o melhor que posso quando um homem me entrega um par de notas. Sim, algumas das raparigas com quem trabalho continuam a dizer que são elas que os controlam a eles, porque conseguem excitá-los e podem recusar-se a dançar para eles se forem repulsivos ou grosseiros. Apetece-me sempre dizer-lhes:

– O verdadeiro poder está em podermos orgulhar-nos do que fazemos e não termos de arranjar desculpas para a forma como os outros nos veem.

E, claro, de que serve pensar que somos nós que os controlamos quando os homens que nos pagam pensam que são eles que nos controlam a nós?

– Ouve, Elliot, desculpa, mas tenho de ir apanhar o metro. Gostei muito de te ver.

– Onde vais? – quis ele saber.

– A Brighton. Apeteceu-me ir passear à beira-mar.

– Posso ir contigo? – perguntou ele. – Hoje faço anos e adorava ter uma desculpa para me baldar ao trabalho.

Pensei um pouco. Parecia ser o destino, já que fazemos anos no mesmo dia e tudo, por isso disse-lhe que sim, e lá fomos os dois. E foi o melhor dia de sempre.

Comemos peixe e batatas fritas, passeámos na praia, gastámos umas moedas nas *slot machines*, comprámos paus de rebuçado, bebemos cerveja lá fora no Pier e no fim do dia despedimo-nos na plataforma do metro com um beijo na cara.

No comboio, adormeci com a cabeça no ombro dele enquanto ele me passava a mão pelo cabelo. Para mim foi a melhor parte do dia. Senti o toque de outro ser humano, meigo, delicado, e sem exigir nada que eu não estivesse disposta a dar.

É assim que nasce o amor, não é?

17 de dezembro de 1990

Já namoro com o Elliot há quase seis meses.

A minha vida mudou imenso nos últimos três meses. Ele veio viver comigo e pediu-me por tudo que deixasse de trabalhar no clube. O salário dele dá para nos sustentar aos dois, por isso eu não teria de trabalhar. Para ser sincera, tudo o que eu mais quero é desistir daquilo, mas não me sentiria bem comigo mesma. Não gosto de sentir que não controlo o meu próprio destino.

No entanto, foi bom saber que alguém me ama a ponto de não querer que faça aquelas coisas, que outros homens cobicem o meu corpo todas as noites. Não me condenou, nem às escolhas que fui obrigada a fazer, mas ficou horrorizado por eu o fazer há tanto tempo.

– Mas tu és tão inteligente, como é que consegues fazer aquilo? – perguntava ele.

E eu tinha de voltar a explicar-lhe que tirar a roupa por dinheiro não queria dizer que se era estúpido ou pouco inteligente. De certa forma era sinal de esperteza porque, por pior que seja uma recessão, o sexo vende sempre. *Sempre*.

A certa altura, ao ver a dor nos olhos dele, a tristeza que a simples ideia do que eu fazia lhe provocava, soube que não podia fazer-lhe aquilo por mais tempo. Cheguei a desejar não lhe ter contado a verdade. Podia ter-lhe dito que servia bebidas atrás do balcão em vez de, estupidamente, dar uma de Eve e armar-me em honesta.

Por isso deixei o clube e fui aceitando uns biscates de trabalho temporário e serviços de limpeza aqui e ali. Agora era um pouco mais fácil porque as lacunas abismais no meu currículo provavam que não tinha aspirações que pudessem afastar-me de um trabalho mal pago. A cada dia que passa mais me convenço de que dançar por dinheiro é exatamente como qualquer outro trabalho inferior, salvo que nesses outros uma pessoa não tem de tirar a roupa. O que faz com que as limpezas, tirar fotocópias, atender telefones e inserir dados sejam ocupações muitíssimo superiores. O que eu mais

detestava era a perda de poder, e refiro-me, naturalmente, à perda de poder económico. A saga do vestido ensinou-me que quando temos dinheiro, temos poder e somos respeitados. Pode não ser o ideal – num mundo perfeito as coisas seriam diferentes –, mas é assim o mundo em que vivemos.

Quando aceitei deixar de dançar pedi ao Elliot, em troca, que deixasse de fumar erva e de consumir coca, mas ele respondeu que só o fazia muito de vez em quando, sobretudo a coca, e que sempre era melhor que sair para se enfrascar todas as noites. Faz sentido, suponho eu. Mas não gosto de drogas. Depois do que fizeram à Dawn, não gosto nem de estar perto delas, e detesto pensar que o Elliot consome. Mas ele parece ter tudo controlado e tenho de acreditar que sabe o que faz.

Enfim, aqui estou eu. Voltei ao ponto de partida, mas desta vez numa situação pior, suponho. Tenho algum dinheiro de parte, mas finjo que não existe. Lembro-me de ouvir a tia Mavis dizer que devia ter sempre um fundo para as eventualidades. Disse-me: “Por muito que ames um homem, tens de ter um pé-de-meia para poderes fugir para bem longe dele numa emergência.”

Como se viu mais tarde, a primeira vez que tive de usar aquele dinheiro foi para fugir da minha mãe e do “namorado”. Ao longo dos anos fui conseguindo juntar o suficiente para repor o que tinha gastado. Foi por isso que não o usei para o meu vestido. Precisava de ter dinheiro suficiente para fugir se fosse necessário.

Porque estou numa situação pior? Porque tenho muito menos dinheiro disponível: quando não tenho trabalho, sou obrigada a pedir dinheiro ao Elliot, coisa que detesto fazer.

No entanto não me posso queixar muito porque tenho alguém que me ama. Aí está uma coisa que não imaginava que pudesse vir a acontecer quando vim para Londres e principalmente quando comecei a dançar.

Gosto de poder escrever isto... Tenho alguém que me ama.

Faz-me sorrir.

Beijos,

Eu

11 de março de 1991

Quando é que eu aprendo? O orgulho vem antes da queda. Sempre. Tinha tanto orgulho na vida que tínhamos e agora, três meses depois, veio o trambolhão.

O que aconteceu? Bem, hoje o Elliot chegou a casa do trabalho e disse-me que tinha sido despedido. E tudo por minha culpa. Não mo disse, obviamente, não até eu lho ter arrancado à força.

Em resumo, quando voltei do meu turno de limpeza no ginásio aqui da zona ele já estava sentado no sofá. A televisão estava desligada, sinal de que algo não estava bem, e ele estava só ali a olhar para o vazio.

– O que foi? – perguntei-lhe, sem me afastar muito da porta, porque algo me dizia que teria vontade de sair a correr assim que ele me contasse o que se tinha passado.

Finalmente os olhos vidrados dele encontraram o meu rosto e parecia devastado, como se o tivessem feito vomitar as entranhas ao pontapé. Ainda estava de fato, mas tinha a gravata desfeita.

– Perdi o emprego – acabou ele por dizer. Tinha passado tanto tempo desde a minha pergunta até à resposta dele que estava para lho perguntar outra vez.

– Oh, meu Deus, como? O que é que aconteceu?

– Inventaram umas tretas, mas mal posso acreditar que me despediram. – Parecia muito distante, como se a sua fé no mundo tivesse sido seriamente abalada. Lembrei-me de como me senti quando me aconteceu o mesmo e ainda nem sequer sabia quase nada da vida.

Atravessei a sala até ao sofá e sentei-me ao lado dele, ciente de que ainda trazia comigo o cheiro do amoníaco, da lixívia e do cloro. Aconcheguei-me a ele e passei-lhe os braços à volta do tronco, poisei a cabeça no peito dele, cheguei-me a ele o mais possível. Estava a tentar livrá-lo da dor, absorvê-la com o meu corpo. O coração batia-lhe tão depressa no peito que tive medo que parasse de repente.

– O que é que se passou? Não te podem despedir assim sem mais nem menos, podem? Não há leis contra esse tipo de coisas?

Ele passou a mão devagar pelo queixo e continuou em silêncio por muito tempo.

– Não podes levá-los a tribunal, ou qualquer coisa do género? Como é que se chama aquilo... tribunal do trabalho? Achas que podem ajudar-te?

Ele abanou a cabeça.

– Não. Ninguém pode ajudar-me.

– Mas porquê? Não acredito que nem sequer vais tentar. Eles não podem fazer uma coisa destas. És um funcionário exemplar. E se não reagires, como é que vais conseguir arranjar outro emprego?

– Talvez possa fazer outra coisa qualquer. Não vale a pena tentar arranjar outro emprego em contabilidade, deram-me cabo da reputação. E seja como for já estava a ficar farto daquilo.

– Não, não estavas! Tu adoras o teu emprego. E como diabo podem eles dar cabo da tua reputação? Não fizeste nada de mal.

– Deixa estar, Eve. Não me apetece falar mais no assunto. Aquilo é uma cambada de imbecis e estou muito melhor assim.

– Mas não estou a entender nada – disse eu. – Por favor, diz-me o que está a acontecer. Não vou conseguir pregar olho a pensar no assunto.

Ele suspirou e o coração caiu-me aos pés. Naquele momento soube que aquilo tinha qualquer coisa a ver comigo.

– O Phil chamou-me ao gabinete dele. Perguntou-me se eu andava a sair contigo. Disse-lhe que sim, que vivíamos juntos, e que estávamos até a pensar casar um dia. – Senti o coração a palpar porque não tínhamos falado em casamento, mas era obviamente algo que ele tinha em mente. – E então ele perguntou-se se eu sabia que tu eras uma *lap dancer*.

O meu coração, tão feliz ainda um momento antes, começou novamente a desabar, caindo-me para o estômago e depois mergulhando em queda livre até aos meus pés.

– Disse-lhe que já tinhas sido, mas que agora já não eras. E ele perguntou-me se sabia que fazias extras nas salas dos fundos. E eu disse-lhe que não era verdade e ele disse que era. Disse-me que uma vez lhe tinhas feito... disse-me que lhe tinhas feito um bico. Eu disse-lhe que não farias uma coisa daquelas. Uma coisa levou à outra, perdi as estribeiras e dei-lhe uns murros bem assentes.

– Oh, meu DEUS, Elliot!

Endireitei-me e olhei para ele, horrorizada. Aquele tal de Phil ter mentido sobre mim não era nada em comparação com o facto de o Elliot ter andado à pancada com ele para defender a minha honra, que em boa verdade já andava pelas ruas da amargura.

– Deixa lá. Já me sinto mal que chegue, mas pelo menos obriguei-o a admitir que não lhe tinhas feito bico nenhum.

– E despediram-te.

– Disseram que tinha sorte em não ser acusado por agressão. Mas vão pagar-me até ao fim do mês, o que já é alguma coisa.

– Oh, céus, Elliot, sinto muito.

– A culpa não é tua.

– Mas sinto-me responsável. É tudo mentira, sabes disso, não sabes? Nunca fiz nada disso. Algumas das outras raparigas podem ter feito, mas eu não.

– Eu sei, Eve, eu sei. Por isso é que fiquei tão furioso com ele. Que filho da mãe. Teve sorte de me terem arrastado para fora do gabinete pouco depois.

– Que trapalhada – disse eu.

– Pois – respondeu ele.

Suspirámos os dois, desolados, e ficámos sentados em silêncio durante cerca de uma hora. Não sei em que pensava ele, tinha medo de perguntar com medo que me respondesse que devia ter pensado melhor antes de se envolver com alguém como eu. Pus-me a matutar sobre o que tinha acontecido e tive vontade de o abraçar por estar a pensar em casamento. Depois comecei a preocupar-me com o dinheiro. Tinha desistido do clube porque ele podia sustentar-nos. Mas sem isso...

Não sei o que vamos fazer, para ser sincera. Depois da nossa hora de silêncio no sofá, nenhum de nós sentia grande apetite, por isso ele deu umas passas (não o deixo nem chegar perto da minha cama com cigarros, e muito menos com erva – tenho notado que anda a fumar muito mais) e eu fumei um ou dois cigarros e fomo-nos deitar.

Ele acabou por adormecer e eu tenho estado aqui sentada, a escrever, na esperança de que a solução para os nossos problemas de dinheiro surja de repente. Até agora não me ocorreu nada. Não sei, sinto-me doente quando penso na nossa situação. Não sei se sou capaz de voltar a trabalhar no clube. Embora tenha saudades da Connie e de algumas das outras, e embora sinta a falta da liberdade que o dinheiro me dava, ao fim e ao cabo era horrível ser cobiçada e apalpada por estranhos noite após noite.

O Elliot não queria nada que eu trabalhasse em bares, mas agora que vai ficar em casa durante o dia por uns tempos, enquanto não arranja emprego, talvez não se importe de não me ver à noite. E mesmo que se importe, não há nada a fazer, ou há? Precisamos do dinheiro.

Que trapalhada.

Eu

14 de outubro de 1991

Até me ria se não fosse tudo tão... sei lá.

Às vezes não consigo encontrar as palavras certas para descrever o que está a acontecer. Muitas vezes tenho a sensação de estar a viver a vida de outra pessoa e de que o meu verdadeiro eu está numa universidade algures, a assistir a comédias, a embebedar-se no bar da associação de estudantes e a envolver-se na política. O eu com o qual convivo, aquele que tem o namorado desempregado há seis meses, descobre ao acordar que a eletricidade foi cortada. Poucos minutos depois aparecem-lhe à porta oficiais de justiça, porque a conta da luz que ela pensava estar paga afinal não estava, e exigem-lhe o pagamento imediato em dinheiro vivo ou verá as suas coisas confiscadas, sendo as tais coisas a mobília do senhorio, o meu decrépito televisor que só funciona quando lhe apetece, a minha aparelhagem, que tem claramente uma disposição idêntica à do televisor, e a minha coleção de roupas que, tirando o meu lindo vestido, só servem para deitar ao lixo. Dei-lhes todo o dinheiro que tinha depois de me explicarem que já devia ter recebido carta após carta após carta sobre o assunto, e chamadas telefónicas também.

Por instinto, levantei o auscultador do telefone e descobri que também tinha sido cortado. Por isso vesti-me para ir até à cabine telefónica ao fim da rua e telefonei aos serviços do gás para saber se também andavam a tentar “entrar em contacto comigo”, e claro que sim. O mesmo se passou com o pessoal do imposto comunitário, a companhia dos telefones e (ah, sim) a companhia das águas. A única pessoa que não andava atrás de mim para me cobrar uma dívida era o senhorio, mas isso é porque eu lhe pago pessoalmente, ao passo que o Elliot “trata” do resto.

Então este eu que não está a gozar a vida de estudante decide levantar quase todas as suas poupanças para pagar àquela gente toda, e dizer ao namorado, quando este regressar a casa Deus sabe de onde, que terá de arranjar um emprego, mesmo que o considere indigno de si (tal como trabalhar ao balcão de um bar), pois estão ambos nas lonas e não se podem dar ao luxo de continuar a patrocinar a sua demanda pela carreira perfeita.

Para cúmulo, vou ao banco quando a máquina me come o cartão e descubro que tenho um saldo negativo de cem libras. Obviamente deve ser engano, porque a última vez que verifiquei o saldo tinha perto de duas mil libras na conta, dinheiro que ganhei a dançar no Habbie's, a fazer limpezas e trabalho de escritório. Como podia ter desaparecido tudo e mais alguma coisa?

– Ter-lhe-ão roubado o cartão? – pergunta a simpática funcionária do banco ao ver a minha aflição.

– Não. Esta conta só tem um cartão, que acabou de ser comido pela máquina.

– É possível que o seu cartão tenha sido usado sem o seu conhecimento? – pergunta ela, quase tão preocupada como eu.

O que me impediu de ver o óbvio antes de falar com a simpática funcionária do banco, não faço ideia. Agradei-lhe o tempo que dispendera comigo, peguei no talão do saldo e saí do banco. Caminhei pelas ruas até chegar a um parque e sentei-me num banco a olhar para o vazio e a perguntar-me como podia a minha vida, que a certa altura parecera tão estável e encantadora, ter ido por água abaixo?

Quando começou a anoitecer e não obtive respostas, fui para casa e dei com ele reclinado no sofá a enfardar batatas fritas, com a televisão ligada, as luzes apagadas, como se nada tivesse acontecido. O pessoal da eletricidade tinha sido surpreendentemente rápido a restabelecer o serviço depois de eu ter pago a dívida lavada em lágrimas. Sentei-me ao lado dele e esperei, esperei, até aparecer um anúncio. Seria falta de educação interromper, não? Isto foi o que aconteceu a seguir:

Ele: Tudo bem contigo?

Eu: Não, nem por isso.

Ele: Porquê?

Eu: Hoje apareceram aí uns oficiais de justiça para levar as nossas coisas porque não tínhamos pago a conta da luz.

Ele (desligando a televisão): O quê? Que filhos da mãe! Amanhã vou ligar-lhes e dizer-lhes das boas. É engano deles, eu paguei a conta.

Eu: Certo. Então amanhã vais ter muito que fazer porque os serviços do gás, do telefone, da água e a Câmara Municipal

cometeram exatamente o mesmo erro. Estranho, não achas?

Ele (endireitando-se): Eve, eu posso explicar.

Eu: Oh, não te preocupes com isso. Eu resolvo tudo. Tenho um dinheiro de parte para as emergências. Amanhã vou ao banco buscá-lo e pago tudo.

E ele ficou ali a olhar para mim. Depois acenou como se fosse boa ideia, como se fosse sequer possível.

Eu: Oh, mas espera, não posso fazer isso, pois não? Porque tu já esvaziaste a conta e ainda lá deixaste um saldo negativo de cem libras.

Ele fitou-me, semicerrando os olhos, que se ensombravam a cada segundo que passava.

– Tinha tanto direito a esse dinheiro como tu – disse ele, enfurecido. Que motivos tinha para estar enfurecido, não sei.

– Ai sim? Diz-me lá como é que chegaste a essa conclusão? – ripostei eu, imperturbável perante a raiva dele.

– Quem é que nos sustentou durante um ano? Enquanto eu ia trabalhar, e tu ficavas alapada em casa todo o dia, quem é que ganhava o dinheiro? E durante todo este tempo tinhas uma reserva secreta numa conta que eu nem sequer sabia que existia.

– Eu não parei de trabalhar desde que me obrigaste a desistir de dançar no clube – declarei eu com firmeza. – E ganhei sempre o suficiente para pagar a renda, ou não tinhas reparado?

– Bem, eu paguei tudo o resto. Tens noção do difícil que é? Fazes alguma ideia da pressão que eu sentia?

– O quê, queres dizer a pressão que eu senti durante os últimos sete meses, ou a pressão que vou sentir porque tenho de arranjar maneira de pagar todas estas contas quando já nem sequer posso recorrer às poupanças?

– Como é que achas que tenho conseguido pagar as contas durante todo este tempo sem emprego?

– Mas se não as pagaste! Há seis meses que estão por pagar. E deves andar a esconder as contas, os avisos de corte, as cartas do tribunal, os meus extratos, tudo. Só me resta perguntar: onde está o meu dinheiro?

– Aquele dinheiro não era só teu.

Ignorei-o porque nunca me passara pela cabeça pedir-lhe acesso às contas dele nem perguntar-lhe quanto tinha no banco, e nunca me ocorreria usá-lo sem pedir.

– Onde está o dinheiro? – voltei a perguntar, estranhamente calma tendo em conta que estávamos à beira da ruína financeira.

– Gastei-o – respondeu ele em tom de desafio, a olhar para mim como se eu o tivesse ofendido, e não o contrário.

– Em quê?

– Em... cenas.

– Elliot! – exclamei eu, a perder a paciência. – Eu não sou tua mãe e tu não és o meu filho adolescente. Somos ambos crescidinhos. Diz-me em que gastaste o meu dinheiro ou arranja outra idiota que te sustente enquanto passas os dias a fumar erva e a arquitetar planos para dominar o mundo a partir do sofá.

A expressão azeda no rosto dele desvaneceu-se e de repente voltou a ser o Elliot.

– Eu... eu devia dinheiro a umas pessoas. Um pessoal da pesada que ameaçou rebentar-me as rótulas caso não lhes pagasse com juros.

– E devias-lhes dinheiro porquê? – quis eu saber.

– Se não tivesse perdido o emprego não estaria metido nesta alhada – disse ele, virando o bico ao prego.

– Não estarias metido nesta alhada se não te tivesses despedido, queres tu dizer – contra-ataquei.

Oh, sim, é verdade. Tinha-se despedido. Num dos meus biscates de limpeza conheci uma rapariga que costumava fazer limpezas na Hanch & Gliff que me perguntou como estava o Elliot a aguentar-se desde que se despedira. Curiosa, quis saber se era aquela a versão oficial dos acontecimentos, por ele se ter envolvido numa disputa com um dos sócios, e ela abriu-me os olhos: o Elliot andava a fazer asneira com as contas de vários clientes, a chegar tarde de manhã e depois do almoço (quando se dava ao trabalho de regressar ao escritório) e tinha sido apanhado na posse de cocaína mais do que uma vez. Por tudo isto tinha recebido a segunda (e última) repreensão escrita. Recusara-se a acatá-la e despedira-se.

Nem sequer me senti muito melindrada por ele ter inventado uma mentira tão elaborada para se proteger, de tão aliviada que fiquei por afinal não ter sido a causa do despedimento. E nem lhe falei no assunto porque não valia a pena discutir. Mas ao menos fiquei a saber que era por isso que não podia candidatar-se a vagas no mesmo ramo. A má reputação tê-lo-ia precedido.

Pestanejou várias vezes, emudecido ao perceber que eu sabia.

– Estás a chamar-me mentiroso? – rosnou-me.

– Não, estou a perguntar-te porque lhes devias tu dinheiro.

– Não sei! – disse ele, exasperado por não ter conseguido ludibriar-me. – Cenas! Devia dinheiro ao Zed por umas cenas que ele me tinha arranjado. E a mais uns fulanos por umas apostas de jogo. Estava a tentar tirar-nos deste buraco. Estava a tentar recuperá-lo.

– E porque é que em vez disso não tentaste ganhá-lo a trabalhar, ou seria uma maçada muito grande?

A bofetada que recebi ardeu um pouco, mas não tanto como seria de esperar: ainda estava entorpecida pelo choque de ver que tudo aquilo por que trabalhara se tinha evaporado.

Retribuí-lhe de imediato a agressão, com o dobro da força.

– Não abuses da sorte – atirei-lhe. – Não penses que me roubas e depois ainda me bates. Eu não sou dessas.

Ele afundou-se no sofá, acabrunhado, sem saber o que fazer a seguir. Provavelmente questionava-se se havia de me bater uma segunda vez, aumentar a violência, ou abandonar a questão.

Levantei-me.

– Vou tentar resolver o assunto das contas amanhã de manhã, mas ou arranjas um emprego ou vais morar para outro lado. São as duas opções que te restam. E para ser sincera, neste momento estou-me nas tintas para qualquer uma das duas.

Esta noite resolveu dormir no sofá, o que foi muito sensato da parte dele. Felizmente, guardei a minha caderneta dos correios junto com os diários. Está bem escondida, e deve lá ter umas duzentas libras, por isso ainda me resta o fundo de emergência, mas nada mais. O que me deixa nervosa. Amanhã vou fazer uns telefonemas e tentar resolver o problema das contas, e hei de ver se consigo arranjar alguns turnos de limpeza ao fim da tarde, é um trabalho mais certo que o de escritório. Até agora não tive muita sorte com os bares porque tenho de me levantar muito cedo para ir fazer as limpezas. Se arranjasse outro trabalho à noite não teria tempo para dormir. Não sei mesmo como vamos sair desta. Sei que devia pô-lo daqui para fora, mas neste momento não sou capaz. Ele não tem mais ninguém e já formámos uma boa equipa, não foi? Por uns tempos parecia realmente ser o Elliot e a Eve contra o mundo. Já o *amei*.

Para ser sincera, acho que ainda o amo. Se ele conseguisse resolver a vida dele, e eu acredito que sim, ficaria tudo bem entre nós, financeira e emocionalmente.

Eu.

15 de janeiro de 1992

As coisas estão a correr um pouco melhor.

Eu sabia que ele era capaz de se organizar, e assim foi. Já está a trabalhar. Um dia depois da visita dos oficiais de justiça saiu para procurar emprego e arranjou uma vaga num estaleiro de obras. Começou como trolha, mas depois de umas conversas com o encarregado deixaram-no ver os livros, e desde então tem a cargo a contabilidade. O salário é uma miséria, mas é melhor que nada.

Ele entrega-me três quartos do que recebe e guarda o resto para gastar como lhe apetecer. O dinheiro que me dá ajuda a pagar as contas que ainda estamos a dever. Não foi fácil, mas depois de algumas chamadas, de muitas lágrimas e promessas, lá consegui que me deixassem pagar em prestações. Estamos tão apertados que às vezes é difícil respirar. Muitas vezes tenho de escolher entre comer ou comprar cigarros, e escolho quase sempre a comida, porque se conseguir comer tudo, não tenho de a partilhar com ele. Mas depois sinto-me mal porque sei que ele se está a esforçar.

Odeio-o por ter feito o que fez, mas ainda amo o homem que ele era. Não é que faça muito sentido, mas quem disse que o amor tem de fazer sentido? Amo o Elliot por ser o homem que gostava de mim a ponto de querer que deixasse de trabalhar no clube; com quem me aconchegava à noite e partilhava os meus sonhos; que me fazia sentir completa depois de tantos anos a ser cobiçada pelos meus seios, pelo meu rabo e pela minha vagina pelos clientes do Habbie's. Posso estar a ser estúpida, mas ainda acredito que o verdadeiro Elliot, o Elliot que eu amo, ainda lá está, algures. Só precisa de ultrapassar este mau bocado para voltar a ser ele próprio.

Eu.

5 de abril de 1992

O senhorio aumentou a renda.

Não posso dizer que tenha sido injusto: ainda não a tinha aumentado desde que me mudei para cá, e é uma zona muito procurada. Já tenho visto no jornal quanto podia estar a receber pelo apartamento, mesmo tratando-se de um T1 miserável. Veio cá a casa dizer-me e foi muito simpático. Nem sequer pediu “favores” para compensar a diferença. Explicou que era uma questão de negócios e que teria muita pena de me perder como inquilina, tanto mais que eu tinha sempre tudo tão bem arranjado, mas precisava de atualizar o valor da renda, e, claro, eu teria prioridade.

É assim a vida. Tenho estado aqui sentada com um monte de faturas à minha frente e uma folha de papel com todos os valores e um cálculo do que espero receber e não consigo equilibrar as contas.

Estamos na miséria. O Elliot não tem remédio, está sempre a ser espancado por não pagar as dívidas, e por causa disso perdeu o emprego. Anda à procura de outro, mas não tenho conseguido compensar a falta do salário dele. Não lhe dou dinheiro nenhum, na maioria dos dias não nos podemos dar ao luxo de comer outra coisa que não seja torradas, e deixei de fumar porque não tenho dinheiro para os cigarros. Vou a pé para onde quer que tenha trabalho, e muitas vezes saio de casa às quatro e meia da madrugada, quando ainda é de noite no inverno, e ainda não amanheceu totalmente no verão. Caminho depressa pelas ruas, sentindo-me deslocada entre os grupos que regressam a casa depois de grandes noites. Quando podia andar de autocarro apanhava logo o primeiro, que vinha carregado de empregadas de limpeza (a maioria das quais nem sequer falava inglês) a caminho de edifícios de escritórios espalhados por toda a cidade. Assim, a pé, sinto-me sozinha, e não ajuda estar numa situação tão desesperada. Quando passo pelas casas, algumas onde já há luz, outras ainda adormecidas, pergunto-me quantas pessoas lá dentro serão tão pobres que nem sequer têm dinheiro para comer, e quantas se sentem presas por um homem que amaram no passado e querem voltar a amar. Mesmo que não estejam tão mal como eu, deve haver muita gente a um salário de ficar na mesma situação.

Dinheiro, é sempre uma questão de dinheiro. Odeio o dinheiro. O dinheiro não é a raiz de todos os males; o amor ao dinheiro não é a raiz de todos os males; a FALTA de dinheiro é que é a raiz de todos os males. Todos precisamos dele, e sem ele não somos ninguém e desaparecemos sem deixar rasto.

Estou sempre a lembrar-me da Dawn, de como se estará a aguentar. Vive num apartamento muito melhor (e muito mais caro) que o meu, consegue sustentar o hábito das drogas, e vai sobrevivendo. Mas o que ela faz para ganhar tanto dinheiro...

Tenho três semanas para arranjar o dinheiro que falta para pagar a renda ou vou (ou melhor, vamos) parar ao olho da rua. Terei de me aguentar lá fora ao frio, quando já mal me aguento com um telhado por cima da cabeça e um emprego. E quando isso acontecer, como é que vou conseguir sair das ruas?

Nem sequer me vou dar ao trabalho de falar no assunto ao Elliot. Mal falamos desde a última sova que ele apanhou. De vez em quando compro-lhe cigarros porque, sem eles, martiriza o recheio da casa até desfazer tudo. Só sabe ficar sentado no sofá a ver televisão todo o dia. Às vezes ouço-o chorar. Vá-se lá saber que motivos tem para chorar quando estamos numa situação destas por culpa dele.

Liguei para o Habbie's e para outros clubes, mas não têm vagas para mais raparigas.

Também liguei a vários agentes imobiliários, que me disseram que tenho de pagar a renda com um mês de antecedência, mais um mês de renda como garantia, e que agora há muita gente a fazer análises de crédito. É claro que o meu crédito foi às urtigas graças ao comportamento do Elliot com as contas, e não tenho o dinheiro necessário para dois meses de renda. Andei a ver apartamentos em zonas mais afastadas, que são mais baratos, mas nesse caso terei de arranjar emprego mais perto de casa porque não poderei vir a pé de tão longe. E a maioria dos senhorios não aceita desempregados. Estou feita. Estou FEITA. FEITA. FEITA.

Talvez o melhor seja apanhar um comboio e regressar a Leeds? Será que a minha mãe me aceita de volta? Já não sou nenhuma adolescente: se o Alan tentasse alguma coisa levava uma joelhada no meio das pernas e um murro na cara. Mas ela não respondeu a nenhuma das minhas cartas. E eu ainda não lhe perdooi por tê-lo escolhido em vez de mim.

Ainda não recuperei do facto de, mesmo depois de pensar que era eu ao telefone, não se ter incomodado a escrever-me ou a ligar-me para descobrir.

Que hei de eu fazer, meu Deus?

Como Sempre

Vim agora de fazer uma visita à Dawn.

Parece muito melhor que das últimas vezes que a vi. Esteve em tratamento numa clínica de reabilitação e deixou o vício “por agora”, diz ela. Já não está tão magra, a pele dela melhorou e não tem o cabelo tão baço, ainda que já não possa dizer o mesmo dos seus olhos. Embora não estejam tão apagados como dantes, continuam a parecer vazios, como se ela já ali não estivesse.

– É assim tão mau? – perguntei-lhe depois da obrigatória troca de banalidades.

Ela suspirou, a olhar para o velho e gasto tapete circular que está agora entre o pequeno sofá e a mesinha da sala, e não disse nada durante um bom bocado.

– Sim – acabou por responder. – É muito mau. Tento convencer-me de que não é nada de mais para ter forças para continuar, mas é.

Nem precisei de explicar a que me referia. Olhou-me de alto a baixo como a Connie quando lhe perguntei sobre o trabalho nas salas VIP do Habbie’s.

– Pensa no pior sexo que já tiveste – acrescentou ela. Veio-me logo à memória uma noite com o Elliot, umas duas semanas depois de me ter roubado o dinheiro, em que estava esgotada de mais com toda aquela situação para o rejeitar.

– Agora multiplica isso por um milhão, e estás lá perto. E agora pensa na melhor queca da tua vida.

Não me lembrei do Elliot, e sim do Peter. Nada poderá superar aquilo que nós tínhamos, provavelmente porque quando dormi com o Elliot pela primeira vez já estava tão desiludida com os homens, com a forma como veem as mulheres, que me retraí. Depois de ultrapassarmos o nervosismo inicial, eu e o Peter adorávamos estar juntos física e emocionalmente. Eu adorava tê-lo perto de mim e dentro de mim. Não houve nada melhor, não há dúvida.

– É assim que tens de fingir que te sentes quando estás na cama com os tipos, se queres que eles voltem. Só assim é que se ganha dinheiro a longo prazo.

– Não é uma coisa que eu queira fazer a longo prazo.

– Pois, eu também não queria. Mas agora acho que já não sei fazer mais nada. – (A caminho de casa ocorreu-me que de tudo que ela tinha dito, aquela tinha sido a coisa mais assustadora.) – Tens mesmo de o fazer, Eve? Mesmo?

– Não vejo outra saída.

– E o Elliot? O que faz ele?

– Fuma, anda por aí aos caídos, cheio de pena de si mesmo. Está sempre a levar porrada por não pagar a droga que lhe fiam. Nem sei como é que ainda há quem lha arranje.

Os olhos da Dawn ensombraram-se e o rosto dela contorceu-se de nojo.

– O Elliot não presta, Eve.

Muitas vezes penso o mesmo, mas depois lembro-me do Elliot que conheci, o Elliot por quem me apaixonei, e não consigo sequer pensar em deixá-lo quando sei que é capaz de voltar a ser o mesmo homem.

– Porque não te mudas para cá até resolveres a tua vida? Sei que o sofá é velho e desconfortável, e pode parecer que estás a andar para trás, mas é melhor que a alternativa, garanto-te.

– Não posso, Dawn. Não seria capaz de voltar a viver às tuas custas. E tenho um monte de dívidas para pagar. Tentei mais uns quantos clubes, mas neste momento ninguém está a contratar por causa das novas restrições. E além disso...

Não queria dizê-lo, mas ambas sabíamos que eu não era capaz de deixar o Elliot. Não podia abandoná-lo agora que ele andava tão em baixo.

– Põe-no a andar, Eve. Se não te pões a pau vai acabar por arrastar-te para baixo com ele. É só uma questão de tempo até as pessoas a quem ele deve dinheiro virarem as atenções para ti.

– Não posso, Dawn, sabes bem que não posso. Que espécie de pessoa seria eu se o abandonasse numa altura destas?

– És boa de mais, sabes? – Abanou a cabeça. – Espero que ele saiba dar valor ao que tem. – Voltou a abanar a cabeça.

– Olha, se tem mesmo de ser, tenta não acabar nas ruas. És bonita, inteligente. Se te vestires bem talvez possas experimentar os hotéis. Tenta os de King’s Cross e Paddington. É onde os homens com dinheiro vão. Diria para tentares as agências de acompanhantes, mas cobram uma percentagem brutal e é a última coisa de que precisamos quando estamos num aperto, como tu agora. O melhor é começares a frequentar os bares dos hotéis – os homens que vão às putas parecem saber sempre quem somos. Eu não posso fazer os hotéis: tenho um ar demasiado óbvio e o pessoal põe-me na rua. Ah, e não fixes os preços. É bom teres uma ideia do que queres cobrar, mas olha para os homens e estabelece os preços de acordo com cada um. Não vale a pena fazeres a coisa por cinquenta com um homem que anda com quinhentas libras no bolso para trocos.

Fiquei-lhe grata pelos conselhos, e por não ter continuado a tentar fazer-me desistir, pois provavelmente não seria preciso muito para ceder e renunciar à ideia.

O que ela disse sobre já não saber fazer mais nada assustou-me, porque me lembrou de como me sinto outra vez tão desligada do mundo. Há séculos que não leio um livro, e eu que gostava tanto de ler. Agora a minha vida é levantar-me, ir a pé para o trabalho, fazer limpezas, voltar a casa, afligir-me com o dinheiro e dormir. Já quase nem olho para o meu lindo vestido. Não tenho nada de novo que me lembre de quem sou; não faço nada para me divertir e para me lembrar que não sou só uma máquina a trabalhar para pagar as dívidas.

E se depois disto que eu decidi fazer ainda se desvanecer mais um pedaço do que eu sou até não restar nada?

A Pessoa Que Vive A Minha Vida

11 de abril de 1992

Disse ao Elliot o que decidi fazer. Ele não disse nada, mas o queixo começou a tremer-lhe, como se fosse começar outra vez a chorar. E eu sabia que não podia passar outra noite a consolá-lo. Para mim chega. Quem me consola a mim enquanto estou a tentar resolver esta trapalhada? Também preciso de alguém que me abrace e me diga que vai correr tudo bem.

Ele não chorou, embora os seus olhos castanhos, olhos que outrora me fascinavam, tenham ficado marejados de lágrimas.

– Sinto muito – disse ele, por fim.

Vai-te foder, pensei eu cá para mim.

– Eu sei – respondi-lhe.

E pronto, acabou-se a conversa. Está resolvido.

Eu

Ouço o telefone de casa a tocar lá em cima. Preferia ignorá-lo, mas pode ser o Caleb. Já lhe tentei ligar uma série de vezes para lhe dizer que tem de vir buscar o Butch, ou então arranjar outra pessoa para tomar conta dele, porque assim que o assunto do cão estiver resolvido, começo a procurar outro sítio para viver.

Agora entendo porque se mostrou o Jack tão pouco interessado em dizer-me o que aconteceu logo a seguir ao acidente: porque é uma prova de que não me ama a sério. Está apenas em piloto automático. A reação dele ao descobrir que era eu quem estava no carro e não a Eve é comparável à diferença entre ter um parente próximo ou um colega de trabalho às portas da morte: no caso de um, daríamos tudo para que ficasse tudo bem outra vez, no caso do outro, só podemos esperar que a coisa se resolva pelo melhor.

Pouso os diários no chão. Ainda falta muito para o Jack regressar a casa: vou falar com o Caleb e já volto.

Alcanço o telefone mesmo a tempo.

– Ei, maninha, como vai isso? – Ouço-o mal porque está longe.

Tenho algumas poupanças, talvez possa arrendar um apartamento algures, ou podia engolir o meu orgulho e voltar para casa dos meus pais. Não é o ideal, mas não pode ser pior que viver na casa da Eve com o marido da Eve.

– Tens de voltar para casa – digo-lhe eu.

– Porquê? Passou-se alguma coisa? Há algum problema com o Butch?

– Não, está tudo bem, mas tens de vir buscá-lo ou arranjar outra pessoa para olhar por ele.

– Como assim? – De repente a interferência desaparece, já ouço a voz dele. De repente, deu-se ao trabalho de conversar comigo como deve ser, provavelmente fazendo algo tão básico como chegar o telemóvel ao ouvido. Ao que parece, as dez mensagens que lhe deixei a pedir para me ligar não lhe disseram que podia haver algo de errado.

– Não podemos continuar a tomar conta do Butch, tens de arranjar soluções alternativas – declaro eu.

– Espera aí, maninha, o que é que se passa?

– Só quero que venhas buscar o Butch ou que me digas o que hei de fazer com ele.

– Se é uma emergência podes levá-lo para minha casa. A pessoa que ficou a tomar conta da casa trata dele, sem estrilho.

– A pessoa que ficou a tomar conta da casa? Queres dizer que durante este tempo todo tinhas outra opção e obrigaste-me a ficar com o cão?

Silêncio.

– OH, MEU DEUS! És doido, ou quê? Por que fizeste tanta chantagem emocional para eu tomar

conta do teu cão quando tinhas outra pessoa para o fazer?

– Porque tu precisas dele. O Butch é reguila e tem bom coração, como o Benji, e tu precisas de alguém para olhar por ti. Sei que te sentes melhor quando o Benji está por perto, e o Butch é o melhor a seguir a ele porque, maninha, sei que não estás nada bem. Soube assim que entrei naquele hospital. E a tua voz ao telefone disse-me que estavas a deixar-te ir abaixo, por isso pensei deixá-lo aí contigo para te ajudar a organizar as ideias.

O meu irmão, o homem mais egoísta à face da terra, fez aquilo por mim? Tapo a boca com a mão para não deixar escapar um soluço.

– Olha, leva o Butch para minha casa se quiseres, mas é bom tê-lo por perto. Mesmo que seja um bocado reguila.

– Está bem – digo eu. – Eu, eh, depois digo-te quando decidir alguma coisa.

– Tudo bem, maninha. Espero que já estejas a sentir-te melhor. Depois telefono-te.

– OK – respondo ao mesmo tempo que ele termina a chamada.

Quando é que terei deixado de tomar conta de mim?, pergunto-me. Quando é que me embrenhei tanto na vida da Eve que a minha própria vida começou a parecer-me secundária e insignificante? Porque não há dúvida de que foi o que aconteceu. Tenho feito tudo para descobrir quem ela era, para tentar perceber o que o Jack tem andado a esconder-me, mas não tenho pensado em mim, na minha recuperação, no que preciso para seguir adiante. Se não estiver bem, como posso eu deixar o Jack? Se a minha vida é tão dependente do que ele sente, de ele não falar comigo, de desvendar a vida da mulher que ele amou antes de mim, onde fico eu no meio disto tudo? O que irá acontecer-me quando souber tudo sobre a vida dela? Que razões me restarão para viver? Não quero voltar ao trabalho porque isso implicaria meses de perucas e toneladas de maquilhagem, e pessoas a olhar para mim a tentar perceber o que se passa comigo.

Neste momento não tenho nada. Preciso de começar a reconstruir a minha vida. E isso não implica saber quem foi a Eve, implica saber quem sou e descobrir o que fazer a seguir.

– Preciso de arranjar um psicólogo – digo eu. Preciso de alguém que me ajude a descobrir quem sou eu agora que a minha vida mudou.

O Butch põe-se a ladrar e deixo de fixar a mesa à minha frente para olhar para ele.

– Com que então achas que eu preciso de um psicólogo? – digo-lhe.

Ele limita-se a olhar para mim.

– Certo, então deixa-me ir guardar os diários e já venho procurar o número de alguém com quem falar.

O Butch solta um latido de satisfação e volta a acomodar-se no seu cesto.

jack

A Libby ainda não tinha começado a fazer o jantar quando eu cheguei, mas estava à minha espera na cozinha, sentada no escuro. Ao contrário do que é costume, o Butch não veio receber-me aos pulos. Deixou-se ficar no cesto até eu chegar junto dele e depois levantou um pouco o focinho e soltou um pequeno latido de solidariedade.

Puxei a cadeira do outro lado da mesa e sentei-me.

Ela estava a olhar fixamente para o tampo da mesa e pareceu não dar por mim durante aqueles que foram os minutos mais longos da minha vida, trazendo-me à memória os minutos antes de a equipa da ambulância ter declarado o óbito da Eve. Eu sabia o que eles iam dizer, mas suspendi a respiração e rezei para que não o dissessem. Agora, estava a fazer o mesmo com a Libby, a suspender a respiração e a rezar para que ela não dissesse o que ia dizer.

– Espero que não te importes que fique aqui mais algum tempo até o Caleb vir buscar o Butch e até encontrar um lugar para viver. – Tremia enquanto falava.

– Para onde vais?

– Não sei, provavelmente para casa dos meus pais – disse ela baixinho. – A Paloma disse-me que o meu lugar está guardado para mim, mas não sei se quero voltar. Não sei, há um mundo muito grande lá fora, hei de arranjar alguma coisa.

– Sim – disse eu.

– Gostaria que pudéssemos continuar a ser amigos – continuou ela.

– Não quero ser teu amigo, quero ser teu marido – respondi.

Ví a agonia que aquelas palavras lhe provocavam.

– Eu sei que queres, mas não podes, pois não? – Levantou-se. – Porque na tua cabeça, e onde conta, ainda estás casado com ela.

Correr foi sempre uma forma eficaz de me livrar da tensão, de refrescar as ideias, mas agora não está a resultar. Como na noite em que a Eve me contou uma coisa que virou o meu mundo de pernas para o ar. Nessa noite corri durante horas a fio, mas não consegui meter aquilo na cabeça.

A Libby deixar-me já é mau que chegue, mas ter de encarar a possibilidade de ela ter razão, de que na minha cabeça e no meu coração ainda estou casado com a Eve, significaria que tenho sido terrivelmente injusto com uma pessoa que tem sido maravilhosa comigo. Foi a Libby, não a Eve, quem me ajudou a tornar-me o homem que sou hoje, e em troca, traí-a.

Hoje a Eve está encolhida em posição fetal em cima dos caixotes, e mal levanta a cabeça para olhar para mim enquanto abro um dos diários.

Sei que não devia estar a fazer isto, mas não consigo deixar de ler sobre ela. Quando interrompi a leitura, da última vez, ela viu-se confrontada com uma decisão terrível sobre o que fazer para resolver os seus problemas.

Sei bem como ela se sente. Acabar com o Jack ontem à noite foi uma das coisas mais difíceis que alguma vez tive de fazer. Mas ficar com ele, viver assim, como alguém que sabe que será sempre a segunda escolha, acabaria por me destruir. Eu conheço-me, e, tal como com a minha carreira na bioquímica, com o meu cabelo, prefiro não ter nada a contentar-me com algo menos mau. Pensei que ele me amava, embora também ainda amasse a Eve, mas enganei-me. E mereço melhor que isto. Toda a gente merece.

A Eve merecia alguém melhor que o Elliot, mas teve sorte: encontrou o Jack. E a julgar pela forma como ele a ama, ela também foi o melhor para ele.

capítulo catorze

13 de abril de 1992

– Posso oferecer-lhe uma bebida?

– Sim, se quiser.

– Uma taça de vinho branco aqui para a senhora, se faz favor. Cerveja para mim.

A seguir, numa voz abafada:

– Está de serviço?

Numa voz igualmente abafada:

– Sim.

Ainda mais baixinho:

– Quanto?

– Oral, setenta e cinco; mão, cinquenta; completo, duzentas.

– À grega?

– Mil.

– Sem?

– Duas mil.

– Cento e cinquenta pelo completo?

– Cento e setenta e cinco.

– Quarto 214. Dez minutos.

– OK.

Não chego a tocar no vinho. No quarto tiro a roupa devagar, de forma provocante, tal como no clube. O ato em si não é desagradável: há contacto físico, mas nada de beijos. A parte do vestir é mais rápida que a do despir. A seguir dou-me conta de que não pedi o dinheiro adiantado.

Dez notas de vinte libras trocam de mãos (vinte e cinco libras de gorjeta) e sirvo-me da casa de banho para compor o cabelo, escovar os dentes e retocar a maquilhagem. Um aceno de despedida e a promessa de um novo encontro para breve.

Assim foi a minha primeira vez. A primeira vez da Honey. A segunda foi pior. Foi praticamente igual à primeira, mas, tal como a segunda noite no clube, a segunda vez diz-nos que aquele é o caminho que traçámos para nós e que vai ser muito difícil conseguir mudar de rumo.

Há pouco estive a chorar no banho. Nenhum deles me tratou mal; nenhum deles era asqueroso; pagaram e ainda me deram uma gorjeta; foram perfeitamente educados no fim; cheguei a casa com seiscentas e cinquenta libras. Mas ainda assim, chorei.

Chorei porque não queria que a Honey fizesse aquelas coisas, tal como não queria que a Eve as fizesse. Chorei porque devia ter ficado em Leeds. Devia ter deixado o Alan violar-me à vontade porque, se o tivesse feito, não estaria metida nesta trapalhada. Não teria de permitir que simpáticos desconhecidos, quase todos de aliança no dedo, me magoassem de formas que desconhecia, e que não consigo descrever.

E

6 de maio de 1992

Todas as noites me sento diante da cómoda com a maquilhagem à minha frente.

Começo com o corretor para esconder as imperfeições (as manchas na pele, as borbulhas vermelhas e inflamadas, e

as olheiras escuras). A seguir aplico a base. Utilizo um pincel, não uma esponja. A Connie ensinou-me que assim se desperdiça menos maquilhagem. Espalho-a na pele, movendo o pincel ao longo dos contornos do meu rosto, e desço até ao pescoço para ter a certeza de que fica da mesma cor que o resto da cara. Depois subo até às orelhas, e aplico também por trás, para ficar com um ar natural, embora use imensa base. Tenho de usar muita para aguentar toda a noite, para mais com tudo o que tenho de fazer. Depois fixo a base com o pó compacto, que aplico com um pincel diferente, grosso e farfalhudo. Passo algum nos lábios para os preparar para o batom. Uso lápis preto para os olhos e uma sombra azul nas pálpebras. Volto a passar o lápis para realçar as linhas à volta dos olhos e termino com rímel para fazer sobressair as pestanas.

Traço o contorno dos lábios com um lápis vermelho-acastanhado, que depois preencho com um batom vermelho discreto que não deixa marcas na cara nem no corpo dos homens. Tiro o excesso com um lenço de papel, e volto a pintar. Finalmente, solto o cabelo acabado de lavar e de secar e deixo-o solto à volta dos ombros.

Ponho o vestido (geralmente preto, curto e justo) estendido sobre a cama, e calço uns sapatos pretos de salto alto. Pego na mala (que traz preservativos, dois pares de cuecas, pó compacto, *eyeliner*, escova do cabelo, batom, escova de dentes, um espelho e as chaves) e regresso ao espelho, onde vejo a Honey a olhar para mim.

– Olá, Honey. – É o que eu digo sempre.

Saio do quarto e atravesso a sala até à porta. O Elliot, o namorado da Eve, está sentado no sofá a fumar e a ver televisão. Agora que a Eve lhe dá dinheiro, já pode. Diz qualquer coisa como “Tem cuidado” e a Honey ignora-o. Fora do trabalho nunca falaria com alguém como ele, e lá porque é namorado da Eve, isso não quer dizer que a Honey tenha de falar com ele. Fecha a porta, atravessa o corredor imundo, desce as escadas até à entrada principal e sai para a noite. A esta hora o ar é geralmente mais fresco e ela respira fundo, deixando que lhe queime e revitalize os pulmões, dando-lhe a energia para ir por aí e fazer o que tem de fazer para ganhar dinheiro.

Todas as noites levo a cabo este ritual para poder olhar para o espelho e ver a Honey antes de sair. Quando trabalhava no clube, a Honey só aparecia no espelho do camarim. Ajudava a separar as duas. Descobri que se for a Honey, que é segura de si, prática e indiferente, a deixar e a regressar ao apartamento, a Eve não passa a noite a chorar, porque fica em casa, a ler um livro na cama ou diante da televisão, embrenhada num episódio de *Eastenders* ou *Corrie*, enquanto a Honey vai trabalhar.

Deixei de chorar, é o que interessa.

18 de janeiro de 1993

Deixei de fazer limpezas de todo, e em vez disso transformo-me na Honey. Por outras palavras, “trabalho” de dia bem como à noite.

A intenção era ir diminuindo o trabalho da Honey até parar, mas desde que paguei todas as dívidas, tornei-me viciada na liberdade do dinheiro – e em poder ser eu própria.

Com isto não contava eu, pois não? Agora que posso ganhar em três ou quatro horas o mesmo que ganhava num ou mais dias de limpezas, já posso fazer coisas como ler livros. Posso ir à biblioteca e até posso *comprar* livros. Já não são um luxo que não posso justificar. Posso passar a tarde a passear por zonas de Londres que ainda não conhecia, e até comecei a poupar dinheiro.

Não sei muito bem como, comecei a dar algum do dinheiro que ganho ao Elliot. Agora está melhor, podia trabalhar, mas qual quê. É quase como se estivesse a pagar-lhe para me dar licença para fazer o que faço, se é que isto faz algum sentido. Para mim não faz muito sentido, mas faço-o.

Em parte tem a ver com a minha recém-descoberta liberdade. Acho que lá no fundo me sinto culpada por não ter de trabalhar todas as horas do dia que o Senhor criou porque vou para a cama com outros homens, e no entanto não consigo fazê-lo com o Elliot. Nem sequer é a questão Eve-Honey. Eu podia fingir ser a Honey quando ele se atira a mim, podia vestir o papel e fazê-lo, mas *não quero*. Simplesmente não quero ir para a cama com o Elliot. Sinto-me culpada por isso, portanto estou como que a compensá-lo. A pagar-lhe para me deixar em paz. Pago a renda, pago as contas, compro a comida. No sentido mais puro da palavra, suponho que ele é o meu chulo, porque vive do que eu ganho. Na realidade, é apenas alguém com quem partilho um apartamento, uma cama, mas não uma vida.

Se ele não regressasse a casa uma destas noites, eu não me importaria. Estou-me nas tintas para ele, mas não serei eu a pô-lo fora de casa. Vivemos vidas separadas e isso convém-me.

Obviamente escondo muito bem o meu dinheiro. Escondo-o separadamente dos diários porque se uma das coisas for descoberta, ao menos ainda terei a outra.

A minha vida não é perfeita, nem sequer boa. É... diferente. Melhor.

Gostava de não ter de fazer o que faço. Gostava de não ter de ir para a cama com desconhecidos para financiar uma vida em que me sinto grata por não ser desesperadamente infeliz. Gostava de ser feliz. Mas para gente como eu, raparigas pobres sem qualificações, isto é uma forma de sobreviver.

Neste momento, não ter de me preocupar com dinheiro é a melhor opção. Melhor que o perigo de ser presa, de ser atacada por um tarado, ou o perigo de vir um dia a descobrir que a Honey tomou conta da minha vida (ou melhor, da vida da Eve).

Eu (Seja Eu Quem For)

14 de fevereiro de 1995

Eram dois.

O primeiro atraiu-me ao quarto do hotel, aceitando o preço sem regatear, enquanto o outro se escondia na casa de banho com a faca.

Só queriam o meu dinheiro, e eu entreguei-lho sem discutir. Normalmente escondia-o por dentro do forro rasgado da mala e disse-lhes onde procurar, sempre sem tirar os olhos da lâmina encostada à minha maçã do rosto direita. O meu coração, assustado de mais para bater, deteve-se, gelado, no meu peito, e a minha respiração era entrecortada.

Obrigaram-me a tirar a roupa para provar que não trazia dinheiro escondido em mais lado nenhum, e depois puseram-me fora do quarto completamente nua. Trinta segundos depois, em altas gargalhadas, atiraram o vestido, o casaco, a roupa interior, os *collants*, os sapatos e a mala pela porta fora. Com as mãos a tremer, e com as gargalhadas deles do outro lado da porta ainda a soar-me nos ouvidos como sirenes de alarme, corri para o fundo do corredor e vesti-me.

Outra mulher podia ir à polícia. Podia esboçar verbalmente os retratos dos dois caucasianos de olhos frios e sorrisos carnívoros que a tinham atacado. Podia descrever o número de curvas e pontas que compunham a lâmina serrilhada da arma e a sensação que provocava contra a pele. Podia explicar o cheiro do medo que lhe enchia as narinas. Podia falar do terror de pensar que estava prestes a ser violada e abandonada num pequeno hotel de Londres com a garganta cortada. Podia descrever o horror de imaginar os detalhes da sua vida e da sua morte sórdida e macabra factualmente resumidos numa pequena coluna de jornal. Podia recordar o misto enjoativo de alívio e humilhação que sentira ao atravessar o corredor e vestir-se o mais depressa possível junto do elevador, e que continuara a sentir depois de chegar a casa.

Mas eu não era outra mulher, não era uma mulher comum. Ou melhor, não era uma “mulher”, e pronto. Era uma puta, uma cadela, uma perdida.

A polícia não liga a estes roubos. Provavelmente prendiam-me por prostituição e interrogavam-me para saber se estava sob o efeito de drogas. No grande esquema das coisas, na hierarquia dos crimes, uma ofensa à minha pessoa deve estar bem perto do nível mais rasteiro. Mesmo que eu fosse assassinada, quem se importaria?

X

17 de fevereiro de 1995

– Não vais trabalhar? – perguntou-me o Elliot há bocado.

Há três dias que não saio para trabalhar. Tenho muito medo. Aqui posso admiti-lo. Tenho tentado convencer-me de que não preciso de trabalhar porque já ganhei o suficiente para este mês, apesar de ter sido roubada na outra noite, mas na verdade tenho muito medo de sair. Saber que ninguém se importaria se algo me acontecesse só aumenta o medo.

Quando cheguei a casa nessa noite o Elliot tinha saído, por isso tomei banho e chorei (pela primeira vez em séculos) antes de me obrigar a adormecer. De manhã sentir-me-ia melhor, pensei. No entanto, durante a noite acordei várias vezes banhada em suor, aterrada e em pânico, e quando o sol nasceu tinha a cabeça pesada e sentia-me sem forças.

Ele não reparou que algo não estava bem, nem mesmo que eu tinha recomeçado a fumar. Mas agora que eu não saía para ganhar o dele, já reparava. Geralmente não trabalhava nos dias da menstruação, mas isso já foi a semana passada.

– Não – respondi eu simplesmente, concentrada na televisão.

– Porquê? – quis ele saber, como se eu tivesse um emprego normal e pudesse perdê-lo por falta de comparência. Como se aquilo que eu faço não devesse importar-lhe.

– Porque há três noites fui atacada e roubada por dois homens de faca em punho – disse eu. Falar objetivamente sobre o que me tinha acontecido provocou-me um frio no peito. *Será que isto me aconteceu mesmo?*, pensei. Do nada, veio-me à

memória a noite em que fui atacada à porta do Habbie's. Nessa altura também tinha ficado uns dias sem ir trabalhar.

- Não lhes deste o dinheiro todo, pois não? – perguntou o Elliot. A preocupação dele com o dinheiro era comovente.
- Sim, estou bem, obrigada por perguntares – respondi eu.
- Que estás bem, vê-se – replicou ele, como se eu fosse estúpida. – Levaram-te o dinheiro todo?
- Não queres saber se me violaram? – perguntei-lhe eu.
- Como se isso fosse possível – comentou ele com um encolher de ombros. – És uma puta. Não se pode violar uma puta.
- Oh, vai p'ró caralho, pisso de merda – foi a minha resposta.
- O quê? Não se pode, ou pode?
- Não é não, independentemente de quem o diz. Quando subi ao quarto daquele homem, tinha concordado em ter sexo com ele por dinheiro. Se mudasse de ideias e me recusasse a aceitar o dinheiro dele, isso não lhe dava o direito de o fazer à mesma.
- Sim, mas...
- Caluda. Se queres continuar a viver aqui e a gastar do meu dinheiro, cala a boca.

Aumentei o volume do som, puxei as pernas até ao peito e cravei os olhos na televisão. Percebi nesse momento que tinha de me afastar dele. Era puro veneno. Se não tivesse roubado todo o meu dinheiro eu não estaria aqui, com nojo do meu próprio corpo, sem saber bem quem sou, desesperada por sair deste círculo vicioso.

Estou outra vez sem saída, claro. Não queria fazer isto a longo-prazo, mas aqui estou eu dois anos e meio depois.

As coisas têm de melhorar em breve, certo?

Certo?

Dama (ah ah) Em Perigo.

capítulo quinze

libby

– Que gostaria a Libby de levar destas sessões? – pergunta a mulher sentada à minha frente.

Estou numa divisão do apartamento situado numa cave onde ela vive e trabalha. As persianas opacas das enormes janelas deixam entrar alguma luz da rua, e o espaço oferece uma delicada mistura de funcionalidade e conforto. Em duas das paredes há estantes carregadas de livros de psicologia, psicoterapia e patologias do foro psicológico. A terceira parede, por trás dela e ao lado da porta, exhibe vários diplomas e certificados emoldurados. Por baixo da janela, atrás de mim, há uma grande secretária de madeira limpa e bem organizada. A mobília inclui ainda dois cadeirões estofados em que nos afundamos, ambos com três coxins. Excessivo mas talvez necessário para criar a ilusão de conforto. Nada do que aqui se vai passar será confortável.

– Não sei – admito.

Quero voltar a ser eu, quero recuperar a parte da minha vida onde ainda tinha a ilusão de que o Jack me amava e de que só precisava de lhe dar tempo para que pudesse mostrar-mo sem peias. Quero parar de ter sonhos estranhos. Quero reaver a minha cara e o meu cabelo. Quero perceber como uma pessoa aparentemente tão boa como a Eve pode ser sugada para aquele mundo. Quero muita coisa que dificilmente resultará de umas simples conversas com esta mulher.

– Acredite ou não, já é um bom começo. Provavelmente estará mais aberta ao processo se não possuir expectativas irrealistas.

Já apliquei a lengalenga das expetativas irrealistas a clientes que vinham ao salão para um tratamento facial na esperança de reverter vinte anos de exposição excessiva ao sol/dormir com maquilhagem/tabaco/consumo de álcool em excesso.

– A sua sorte é que tem uma boa estrutura óssea – dizia-lhes eu. – Uma pele jovem tem tanto a ver com bons genes como com uma vida regrada. Penso que algumas sessões de tratamentos faciais podem ajudar bastante, mas não posso prometer que consigam reverter todos os estragos. – Por outras palavras, as suas expetativas são irrealistas. Só seriam realistas caso eu tivesse acesso a uma máquina do tempo e pudesse voltar ao passado para lhe aplicar protetor solar quando necessário, arrancar-lhe o cigarro das mãos, obrigá-la a tirar a maquilhagem todas as noites e mandá-la para casa ao fim de poucas bebidas.

Certamente esta mulher está a dizer-me a mesma coisa porque tomou conhecimento dos meus problemas através de uma breve conversa ao telefone e julgou que eu era um daqueles casos clássicos que seria fácil aconselhar e colocar no caminho certo. Provavelmente está agora a pensar, em 3D e alta definição, o mesmo que eu penso quando vejo uma maníaca dos bronzeados, amiga dos copos e fumadora inveterada, que pretende alcançar o aspeto das jovens modelos das capas das revistas: expectativas irrealistas.

Não digo nada. Embora continuem à espera de um milagre, quase todas as pessoas a quem faço o

mesmo discurso aceitam que os meus poderes são limitados. Sou realista o suficiente para saber que deste processo não resultarão milagres. Se tiver sorte, posso até sair daqui a sentir-me melhor comigo mesma, mas com todas as outras questões ainda a assolar-me.

– Qual é neste momento o seu problema mais premente? – pergunta Orla Jenkins.

Quero deixar o meu marido. Ando obcecada com uma mulher morta. Ainda não consegui assimilar completamente o horror de me olhar ao espelho e ver uma pessoa completamente diferente da imagem de mim própria que tenho na cabeça. Sair de casa é um inferno das mais requintadas torturas.

– Não sou capaz de entrar num carro.

– Como chegou hoje cá ao consultório?

– Vim a pé.

– E que tal foi?

– Nada fácil, tudo o que seja caminhar mais do que alguns metros me custa imenso.

– Já andou de carro desde o acidente? – pergunta ela.

– Sim, quando regressei a casa do hospital. Não pude apanhar o autocarro, por isso tive de chamar um táxi.

– E foi a única vez?

– Sim.

– Como se sentiu no banco de trás do táxi?

– Nada bem – digo eu. – Provavelmente não teria sido tão mau se fosse eu a conduzir. Não gosto da ideia de ir ali sentada de forma passiva e não ter... – A minha voz deixa de funcionar.

– E não ter...? – indaga a psicóloga.

Encolho os ombros.

– Sei lá – balbucio.

– Ter controlo sobre as situações parece ser muito importante para si. Gosta de ter tudo sob controlo?

E quem é que não gosta? Se até mesmo as pessoas que renunciam ao controlo em favor de outras se sentem constantemente atormentadas pela dúvida de não estarem a fazer o mais acertado...

– Sim, mas não vejo isso como algo de anormal. A maioria das pessoas gosta de sentir que tem controlo sobre a sua própria vida, não?

– Mas a vida está cheia de coisas que fogem do nosso controlo.

Tenho estado a raspar as unhas e finalmente consigo rebentar uma pequena bolha de ar no verniz. Deslizo a unha do polegar por baixo dela e levanto uma lasca de base, verniz e secante de uma só vez. Arranco-a como se fosse a tampa de um iogurte. O ato satisfaz-me o suficiente para eliminar o ferrão das palavras dela, um lembrete de que eu sou a prova viva de que quase tudo na vida é aleatório e está fora do nosso controlo. De que um homem que nem sequer conheço, e que tenta enfiar-se numa pequena aberta no trânsito, mas calcula mal a manobra porque tem o telemóvel entalado entre o queixo e o ombro e vai desatento, pode mudar a minha vida. Já não digo “arruinar a minha vida”, porque não está arruinada. Ainda tenho a minha vida, ainda posso andar e falar, não perdi ninguém no sentido mais puro da palavra (o Jack é um caso excecional), por isso a minha vida não está arruinada, embora provavelmente nunca mais volte a trabalhar como esteticista. Mesmo com

maquilhagem e uma cabeleira até o meu cabelo voltar a crescer, acho que já não seria capaz de voltar a fazer o mesmo. Mas apesar de tudo isto, tenho sorte. Sei disso.

– Talvez – digo eu. – Mas isso não quer dizer que eu tenha de viver num estado de caos e anarquia. Gosto de ter controlo sobre a minha vida.

Orla Jenkins suspira.

– A questão, Libby – diz ela naquele tom de quem se prepara para dizer umas verdades a alguém –, é que parece estar a intelectualizar muito do que lhe aconteceu, e isso preocupa-me. Está a fechar-se às emoções.

Estou a fechar-me às emoções? Mais emotiva é impossível. Ando farta de chorar.

– Chorei mais nas últimas semanas que em toda a minha vida – digo-lhe eu.

– Mas ainda não conseguiu deixar-se levar pela emoção e chorar livremente, pois não? Deve sentir imensa raiva e imensa tristeza (como sentiria qualquer pessoa na sua situação), mas não parece permitir-se dar vazão a essas emoções.

– De que serviria zangar-me, para além de perturbar toda a gente à minha volta? – pergunto-lhe. – E zangar-me com quem?

– A quem acha que deveria dirigir a sua raiva?

– Ao idiota que ia no outro carro – digo eu sem convicção. Por qualquer motivo que desconheço, não consigo ligá-lo ao que aconteceu depois do acidente. Sempre que a polícia me telefona com novidades peço-lhes para falarem com o Jack. Das poucas vezes que ele tentou transmitir-me o que lhe disseram parou de falar ao fim de poucas palavras ao perceber que eu estava a fitá-lo com os olhos desfocados e a tapar as orelhas. Não queria saber, por qualquer motivo.

– Não parece muito convencida – diz Orla Jenkins.

– Já passou uma hora? – pergunto eu.

– Não.

– Ora bolas... Olhe, desculpe, é muito simpática e tem uma pele fabulosa, e tenho a certeza de que já ajudou imensa gente, mas eu não posso estar aqui. Isto não tem nada a ver comigo. Acho... acho que vou ter de ultrapassar esta fase, sabe? Deixar de ser tão patética. Se tentar ser mais positiva, concentrar-me no que tenho, vai correr tudo bem. – Levanto-me, enterro ainda mais o chapéu na cabeça e volto a vestir a gabardina. – Obrigada, a sério. Foi fantástica.

– Lamento não ter correspondido às suas expetativas – diz ela, pondo-se também de pé. – Mas se mudar de ideia, já sabe onde estou.

– Obrigada – digo eu outra vez. – Se precisar, telefono-lhe.

Claro que não telefono. Ambas sabemos que não.

Mas sei exatamente o que vou fazer quando chegar a casa.

Quando chego a casa, encontro a porta do “armário da Eve” escancarada, e o armário vazio. Não estava assim ontem. Fico parada a olhar para ele, invadida por uma sensação de terror. Espero que não o tenha feito por mim. Espero que não se tenha desfeito dos pertences dela por minha causa. Eu não valho o sacrifício, pelo menos para ele.

Se ele se livrar das coisas dela ou as destruir por pensar que isso vai mudar alguma coisa entre nós, vai começar a odiar-me por tê-lo “obrigado” a tal, e vai odiar-se a si próprio por ter sido fraco a ponto de o fazer.

Ele não tem culpa de não me amar, assim como eu não tenho culpa de ainda estar apaixonada por ele.

– *Que trapalhada, não?* – diz a Eve, sentada com as pernas encolhidas contra o peito, a olhar-me com compaixão.

– Bem podes dizê-lo – respondo-lhe. – E, sim, estou ciente de que perdi completamente o juízo. Falar com a defunta esposa do homem que em breve será meu ex-marido é de loucos.

25 de maio de 1995

Agora estou em Brighton.

A última conversa com o Elliot foi a chamada de atenção de que eu precisava para sair daquela vida. Assim que ele saiu de casa, no dia seguinte, enfiei os meus diários, o meu vestido, o rosário da tia Mavis, a fotografia dos meus pais e o dinheiro que tinha escondido na mochila do tio Henry. Peguei em toda a roupa que consegui meter lá dentro no menor espaço de tempo possível e pirei-me.

Depois de falarmos, ao perceber que não significava nada para ele, que ele só pensava no dinheiro que eu ganhava com o que fazia, resolvi que tinha de pensar primeiro em mim. Enfiei-me num táxi para a estação e a cada rua que ficava para trás o nó de ansiedade e medo afrouxava porque estava a conseguir afastar-me dele. De qualquer forma já tinha decidido sair de Londres. Não valia a pena ficar por lá e arriscar dar de caras com o Elliot. Seria doloroso de mais, horrível de mais.

Deixar tudo para trás não foi tão difícil como da primeira vez. Deixar os meus livros, as minhas roupas, a lingerie, a loiça e os talheres, e outras bugigangas foi mais fácil desta vez do que quando fugi de Leeds. Desta vez eu tinha noção do que era realmente importante, o que o dinheiro não podia substituir, e de que nada podia ser tão difícil como deixar a minha mãe.

E aqui estou eu, em Brighton.

Passei as primeiras noites numa pousada, depois encontrei um T2 muito agradável para arrendar num bairro chamado Kemptown. Está-se bem aqui.

Estou sentada na minha sala, que deixei num brinco, a ouvir o piar estridente das gaivotas lá fora, como se chorassem por um amor perdido, e prestes a sair para a terceira entrevista de emprego do dia.

Desde aquele aniversário que passei em Brighton, sempre me imaginei a viver à beira-mar. E agora vivo.

Oxalá consiga este emprego de escritório e a minha nova vida possa começar a sério. Tudo o resto será passado e voltarei a ser digna do meu vestido. Oxalá, oxalá.

Eve (Sim, sou eu outra vez)

21 de setembro de 1995

Seis meses em Brighton.

E eis o que aprendi: os homens que se conhecem através das agências de acompanhantes são muito diferentes dos homens que se conhecem em hotéis.

Muitos deles consideraram o que vão fazer, imagino: prepararam a ocasião, reservaram um quarto de hotel ou certificaram-se de que estariam sozinhos em casa para receber uma rapariga como eu.

Para o fim da temporada que passei em Londres tive de baixar os preços porque os homens já não estavam dispostos a pagar tanto como costumavam pagar. Não sei porquê. A Dawn tinha resmungado qualquer coisa sobre haver mais oferta que nunca, o que permitia aos “clientes” serem mais exigentes. O bom e velho capitalismo a dar um ar da sua graça. Com a agência que me recrutou recebo muito mais dinheiro que dantes, mesmo depois da comissão que eles levam (trinta por cento!). E investigam os homens para ter a certeza de que não têm intenções criminosas. Nada de homens à minha espera de faca na mão.

A Henrietta (não me cheira que seja o verdadeiro nome dela, mas ela chama-me Honey, por isso, aí tens), a chefe que dirigiu a “entrevista”, disse-me para arranjar o cabelo num salão chique, e não me esquecer de arranjar as unhas e fazer tratamentos faciais regulares e de comprar lingerie cara porque os homens a quem ela fornece raparigas esperam classe. E que eu tinha um certo ar de classe... ou pelo menos teria, se me arranjasse um pouco mais. Lembrou-me um pouco a Ophelia: o mesmo rosto em forma de maçã, o mesmo cabelo grisalho preso num carrapito, roupas sofisticadas e sotaque afetado. Mas ao contrário do da Ophelia, o sotaque da Henrietta desaparecia de vez em quando e podia jurar que ouvia vestígios do Yorkshire. Mas podia estar só a imaginar coisas por ter tantas saudades de casa.

– No fim de contas é só cama, querida – disse-me ela –, mas estes homens acham que as meninas que “visitam” devem estar bem cuidadas e bem perfumadas. É uma visão completamente irrealista das mulheres, mas que importa? Estão dispostos a pagar à volta de quinhentas libras por hora pela rapariga certa, e isso basta-me.

Não é só sexo, como acabei por descobrir. Alguns deles querem realmente alguém para os acompanhar a eventos e jantares, espetáculos, e até ao cinema. Alguns querem levar-nos a jantar fora primeiro, conversar e fazer-nos perguntas, antes de irmos para casa deles. Gostam de ser vistos na companhia de mulheres bonitas, ou gostam de fingir que se trata de um encontro amoroso. Seja qual for o trabalho, é-me indiferente: sou paga à hora, e quanto mais eles arrastam a coisa, mais dinheiro levo para casa.

Alguns não querem ir para a cama connosco nas primeiras vezes. Gostam de conversar, de se aconchegar a alguém, querem um abraço. Querem que lhes afaguemos verbalmente os egos enquanto lhes afagamos os corpos. Alguns pedem-nos para tirarmos a roupa e para nos deitarmos diante deles para poderem tocar-nos e tentar dar-nos prazer.

O mais importante é o que se diz: os homens que eu acompanho quase sempre querem conversar. E quase sempre são casados ou têm uma relação, e fazem questão de me dizer que as esposas ou as namoradas já não querem satisfazê-los. Não o dizem por estas palavras: dizem que as esposas perderam o interesse pelo sexo, que só pensam nos filhos, ou sentem que estão muito velhas para isso, ou que o desejo sexual já não é tão forte como o deles, e que já não sabem o que fazer e necessitam desesperadamente desse alívio físico.

Eu faço acenos de compaixão, acolho-os nos meus braços, deixo-os penetrar-me, consolo-os e proporciono-lhes o alívio de que tão desesperadamente necessitam.

Depois vou para casa, volto a ser a Eve e reviro os olhos ao lembrar-me das tretas que tentaram impingir-me. Se não tivesse sido *lap dancer*, nem namorada de um drogado, nem prostituta em Londres, talvez as engolissem; talvez pudesse realmente sentir a empatia e a compreensão que finjo quando estou com eles. Mas fui, e por isso sei: se fossem realmente infelizes separavam-se, não mentiam nem roubavam. É aqui que interrompo a minha linha de pensamento: se continuo a matutar no assunto começo a sentir-me culpada por aceitar o dinheiro deles e não serei capaz de ganhar o meu sustento.

Ainda cumpro o ritual da Honey, só que agora com maquilhagem mais dispendiosa e roupas mais elegantes, porque não quero que a Eve chore. Ganho mais dinheiro, as condições de trabalho são melhores, mas continuo a vender o corpo, a dispensar fatias do que tenho de mais precioso a quem está disposto a pagar o preço certo. Ainda é o suficiente para me fazer chorar.

Ninguém me queria, a propósito. Nos quatro meses que passei a candidatar-me a postos de trabalho administrativo e de escritório, ninguém me queria. Essas vagas iam para licenciados, ou mesmo finalistas do secundário. Todos gostavam de mim e me achavam inteligente e empenhada, mas contratar uma empregada de limpeza apenas com a escolaridade obrigatória em vez de alguém que pelo menos tivesse concluído o secundário e possuísse experiência de trabalho relevante não era uma opção.

– Uma vez fui para a cama com o diretor de vendas de uma multinacional por trezentas libras, não conta como experiência relevante? – Apeteceu-me dizer à última pessoa que me deu as más notícias por telefone. Os que gostavam realmente de mim telefonavam, o que de certa forma ainda era pior. Dizerem-me que era boa mas não o suficiente já era mau por escrito, mas quando tinha de lhes responder, de dizer que entendia, aí era muito mau.

E ali estava eu, mais uma vez, a sentir-me muito pequenina e cheia de medo, e convencida de que não servia para nada. Então voltei a ganhar a vida de uma forma que não me fazia sentir tão pequena e com tanto medo de ser despejada. Continuava a sentir que não servia para nada, mas era melhor que não ter nada para comer e ter os oficiais de justiça à porta.

Estou completamente apaixonada por Kemptown. Daqui é fácil ir a pé até ao centro da cidade e até à beira-mar. Há imensas lojinhas, cafés maravilhosos, boutiques com as últimas tendências da moda e montes de livrarias que vendem livros em segunda mão, o que é ótimo para sustentar o meu vício.

Por falar em vícios, há algum tempo falei com o meu antigo senhorio de Londres. Da estação, antes de entrar no comboio, tinha-lhe enviado um envelope com uma semana de renda e uma carta a dizer que tivera de ir embora de repente e que lamentava não o ter avisado com mais antecedência. Disse-lhe que ficasse com o depósito como pagamento da renda do último mês e agradeci-lhe por ter sido tão simpático comigo ao longo dos anos.

Liguei-lhe para verificar se estava tudo bem. Sendo quem sou, sentia-me culpada por tê-lo deixado em dificuldades, e pensei que talvez precisasse de referências de um antigo senhorio, mas afinal as pessoas de Brighton não ligam tanto a essas coisas se lhes mostrarmos que temos dinheiro.

Ele disse-me que tinha pena de me perder como inquilina, mas que já tinha arranjado outra pessoa para ocupar o apartamento. Isto uma semana depois de me ter ido embora.

– Quem, o Elliot? – perguntei eu.

– Elliot? – perguntou ele, baralhado. – É esse nome de idiota que vive contigo? – (O inglês dele não tinha melhorado.)

– Sim – respondi.

– Não. Eu pôr ele na rua dia que recebi carta. Homem que vive às custas de mulher... não ser homem. Não ia pagar renda. Não vou em disparate de ocupação legal. Não ter vagar para isso. Arranjar uns tipos, vir, apanhá-lo, pô-lo na rua mais drogas fedorentas e roupa estúpida.

– Como sabia que ele vivia às minhas custas? – quis eu saber.

– Evie, meu cordeirinho, eu saber o que tu fazes. Tenho amigos: eles falam, contam-me coisas. Eu saber o que tu fazes para pagar renda. Tenho pena, mas renda ser negócio. E sei que homem que deixa mulher sua fazer isso, e fica com dinheiro dela, não ser homem.

À sua maneira distorcida, estava a mostrar-me que se preocupava comigo. Não o suficiente para não aumentar a renda, ou para não sugerir que fosse com ele para a cama para pagar a renda, mas ao fim e ao cabo ninguém é perfeito.

Foi horrível perceber que não me importava o que tinha acontecido ao Elliot. Amara-o e sustentara-o durante muitos anos, mas com o tempo o relacionamento foi-se desgastando. Desgastando e corroendo até não restar nada senão uma vaga reminiscência.

Recomecei a escrever à minha mãe. Posso falar-lhe de Brighton e de como é viver ao pé do mar, descrever-lhe a arquitetura fabulosa, o ar salgado, o som dos seixos sob os meus pés, os chamamentos únicos das gaivotas a contar umas às outras as suas últimas aventuras em tons agudos.

Continuo sem resposta, mas isso não me impede de continuar a escrever-lhe.

Enfim, cá estou eu. De volta ao ponto de partida, mas agora um pouco mais perdida no caminho que escolhi. Não sou infeliz, suponho que é o principal.

Eu

7 de dezembro de 1995

Esta noite aconteceu algo por que eu não esperava.

Cheguei um pouco mais cedo que o previsto a um Hotel em Brighton para um encontro e vi que estava a decorrer uma festa privada. Estamos quase no Natal e o mundo inteiro parece estar a comemorar, mas no meu ramo de negócio não há festas de Natal, se é que me entendes. O funcionário da receção do hotel nem olhou para mim duas vezes porque vinha vestida a preceito, por isso decidi entrar e dar uma vista de olhos.

O salão de baile era espetacular, com uma pista de dança e mesas com várias cadeiras, e estrelas prateadas, neve artificial, e a maior árvore de Natal que alguma vez vi. Os convidados vestiam trajes de gala, e estavam todos embriagados ou a caminho, a dançar, a conversar e a rir-se – em suma, a passar um bom bocado. Nunca tinha ido a uma festa daquelas para me divertir, mas sempre como acompanhante de alguém: a trabalho, portanto. Fiquei junto da porta, procurando não dar nas vistas para não ser posta na rua antes de poder experimentar um pouco do espírito natalício, ainda que em segunda mão.

– Parece um pouco deslocada – foram as primeiras palavras que ele me dirigiu.

Endireitei-me de imediato, desencostando-me da parede, com receio de estar prestes a ser expulsa do hotel à bruta. Já me tinha acontecido em mais que uma ocasião nos hotéis em Londres. Alguns *concierges* eram mais tolerantes que outros a fazer vista grossa ao meu uso do bar.

– Oh, desculpe. Ouvi a festa e quis vir dar uma olhada. Vou já embora. Não quero causar nenhum incómodo.

Enfie a mala debaixo do braço e fiz menção de sair.

– Não, não, não – disse ele. – Não me fiz entender. Conheço quase toda a gente na festa, menos você.

– Isso é porque eu sou uma fura-festas – disse eu, sussurrando a última palavra de forma teatral.

– Eu também – respondeu ele.

Aquilo deixou-me baralhada: ele estava de *smoking* e parecia encaixar-se perfeitamente no ambiente da festa, mas eu também, no meu vestido de noite preto até aos joelhos e sapatos de verniz de salto alto.

– Ai sim? – inquiri.

– Tecnicamente, não, porque fui convidado e tudo o mais. Mas a verdade é que não encaixo no meio de toda esta gente.

– E sorriu. Sorriu, e o meu peito expandiu-se tanto que parecia que ia explodir.

– Ninguém diria – disse eu, fingindo indiferença.

– Ahhh, mas as aparências iludem – disse ele, e voltou a sorrir. O segundo sorriso fez parar o ritmo errático do meu coração, que executou uma pequena pirueta feliz no meu peito. Logo a seguir, as borboletas no meu estômago fizeram o mesmo.

– Sem dúvida – disse eu. Estiquei o braço e toquei-lhe no rosto, no ponto onde o cabelo contornava a orelha. – Ao que parece, andou a brincar com tinta branca.

Tive de lhe tocar, era bonito de mais para resistir. Aquele breve momento em que senti a pele dele na ponta dos dedos aqueceu-me por dentro. Não me tinha dado conta do frio que sentia dentro de mim durante todos estes anos até tocar numa pessoa normal. Tinha a sensação de não ter encontrado ninguém assim – alguém que não fazia ideia do que eu fazia – desde a empregada do café no dia em que comprei o meu vestido. Aquela normalidade dele invadia-me, aquecendo-me por onde quer que passasse.

– Uma pessoa assim vestida não costuma ter salpicos de tinta na cara. Não posso deixar de concordar que as aparências iludem.

Ele pareceu admirado e levou a mão à cara.

– Ora bolas, deixei escapar algum? – Pôs-se a esfregar a pele. – Já saiu?

– Já saiu – confirmei.

– Ahhh – disse ele, com uma careta. – São as inconveniências de renovar uma casa com as nossas próprias mãos.

– Uma casa? Tem uma casa toda só para si? – admirei-me.

– Sim. É graças ao papel de parede e às camadas de pó que se sustém em pé, mas adoro-a. Será ridículo da minha parte dizer que adoro uma casa?

– Não, de todo. É bom termos coisas que adoramos. Mantêm-nos com os pés bem assentes no chão, fazem-nos perceber o quanto temos a perder.

– Nunca tinha pensado nisso desse ponto de vista.

– É bom amar alguém, mas se não temos ninguém a quem possamos realmente entregar o nosso coração, ter algo que significa tudo para nós pode funcionar como um bom substituto.

– Qual é o seu substituto?

– O que o leva a pensar que eu tenho um substituto?

– Porque essa teoria não veio de alguém que tem a quem entregar o seu coração. – Sorriu mais uma vez. – E mais que adivinhar, tenho esperança de que o facto de não trazer aliança signifique que ainda não entregou o seu coração a ninguém, e que ainda posso ter uma oportunidade.

Noutra vida, numa realidade alternativa, o nó que senti no estômago e as acrobacias do meu coração seriam exatamente o que eu desejava. Mas não podia ser.

– Acho que isso vai continuar a ser um dos grandes mistérios da vida – disse-lhe eu. – É melhor ir-me embora antes que comecem a apontar para mim e a gritar “fura-festas” ou o quer que seja que as pessoas finas dizem.

O sorriso dele murchou um pouco. Fiquei consternada.

– Posso acompanhá-la à saída? – perguntou ele.

– Sim, seria ótimo – respondi.

À porta do restaurante sacou do bolso um cartão.

– Ligue-me, se alguma vez sentir vontade de responder à minha pergunta – disse ele.

Aceitei o cartão e li o nome.

– Jack Britcham – disse eu, pronunciando as palavras com cuidado.

– E o seu nome é?

– Eve. – Estive quase para dizer Honey. Quase, mas depois dei-me conta de que não tinha de mentir àquele homem. Não estava a pagar-me, não estava a ver-me dançar. Estava só a ser simpático.

– Só Eve?

– Só Eve.

– OK.

Por um momento pensei que fosse inclinar-se e dar-me um beijo na cara, mas acabou por mudar de ideias, provavelmente para não invadir o meu espaço pessoal. Tive vontade de voltar a tocar-lhe, de voltar a sentir o calor dele, mas não me atrevi com medo de não ser capaz de me afastar.

Era fácil imaginá-lo a tornar-se a minha droga preferida.

– Adeus, Jack Britcham – disse eu, desolada com a ideia de nunca mais o tornar a ver.

– Boa noite, Eve.

Desci a rua e esperei alguns minutos ao virar da esquina até ter a certeza de que ele se tinha ido embora. Não o vi quando regressei ao hotel e atravessei rapidamente a receção até aos elevadores.

O homem do 301 abriu a porta, foi sentar-se na poltrona ao lado da secretária e esperou que eu entrasse.

– Olá, eu sou a Honey – disse eu com o sorriso e a voz apropriados.

Com um gesto de cabeça indicou o envelope branco com a insígnia do hotel que estava em cima da cama. Peguei-lhe,

verifiquei que tinha o dinheiro e guardei-o na malinha de mão.

Virei-me para ele e voltei a sorrir, embora grande parte do rosto dele estivesse oculto nas sombras do quarto. A única luz provinha do candeeiro da secretária e da porta aberta da casa de banho. Vi que era um homem distinto, de meia-idade, como a maioria dos homens que podem pagar os preços que a agência cobra.

– Despe-te, mas não tires os sapatos, e senta-te na cama com as pernas abertas – disse ele com voz rouca.

– Claro – disse eu, ainda a sorrir.

– Primeiro quero falar contigo.

– Como queira – respondi. Eu (a Eve) já tinha saído de cena e era a Honey que comandava.

Mais tarde, no banho, quando me permiti voltar a ser a Eve, pensei no Jack Britcham. Ou melhor, debati-me com o dilema do Jack Britcham. Queria muito ligar-lhe, mas como podia eu fazê-lo quando além de ser a Eve, a mulher que ele tinha conhecido, era também a Honey, a prostituta. Como podia eu revelar-lho e esperar que ele quisesse sair comigo?

Algumas das raparigas que conhecera nesta vida tinham namorados, e alguns nem sequer eram os chulos delas. Algumas diziam que os namorados não se importavam que elas se prostituíssem. Amavam-nas apesar de irem para a cama com outros homens por dinheiro. Outras diziam que os namorados não sabiam, e que não lhes dizia respeito. Nenhuma dessas opções me agradava. Eu não respeitava propriamente o Elliot por não se importar com o que eu tinha de fazer para manter um teto sobre as nossas cabeças, e como podia eu mentir a alguém por quem estivesse apaixonada, e não lhe revelar o que tinha de fazer para não viver na rua?

Como é difícil pensar no Jack, com aquele seu sorriso, aquele rosto e aquele seu olhar, *sem* morrer de vontade de lhe ligar. Guardei o cartão dele, mas só porque é um pouco como o vestido, o rosário, a mochila e a fotografia que trouxe da casa da minha mãe. É mais uma coisa deste mundo que pertence à Eve, algo para me manter com os pés bem assentes na terra. Mais um lembrete de que, independentemente do que eu faça para ganhar a vida, continuo a ser real.

Eve (em honra do Jack Britcham, que me lembrou disso)

14 de fevereiro de 1996

É uma tolice, eu sei, mas tenho a impressão de ver o Jack em todo o lado.

É lógico que sei que não pode ser ele, e que não pode estar em todo o lado ao mesmo tempo – no autocarro, no banco traseiro de um táxi, à porta de um café, a passear à beira-mar, nas caras dos meus “clientes” –, mas sempre que avisto um lampejo de cabelo cor de mel, ou a curvatura do nariz dele, ou alguém da mesma altura, ou com a mesma constituição física, o meu coração palpita de alegria e faz aquela piruetazinha que fez quando falei com ele pela primeira vez. É uma sensação boa. Talvez a melhor dos últimos tempos. É como ser salpicada com pó das estrelas todos os dias da minha vida. Sorrio sempre que penso nele, e quando vejo um dos seus sócias viro a cabeça para espreitar e deixo-me dissolver num sorriso discreto e sereno enquanto essa sensação toma conta de mim.

Será possível apaixonarmo-nos por alguém com quem só estivemos cinco minutos?

Ele parece ter-se tornado parte da minha vida e fico desapontada se não o vejo. Se chego ao fim do dia sem ter visto alguém que me faça lembrar o Jack, sinto-me como se uma sombra negra tivesse caído sobre mim e o único remédio é olhar para o cartão que ele me deu. Ler o nome e o número de telefone dele, memorizá-los, e pensar se algum dia seria possível chamar-me Eve Britcham.

Sim, eu sei: ganha juízo, não é? É o que hoje em dia se diz a gente patética como eu. Mas não é fácil, porque pensar no Jack Britcham, embrenhar-me nesse jogo em que o vejo, ou um bocadinho dele, todos os dias, é libertador. Ajuda a passar os dias. E lembra-me que tenho vinte e quatro anos.

Adorava beijá-lo. Só beijei dois homens na minha vida: o Peter e o Elliot. E também adorava aconchegar-me no peito dele. Eu e o Peter adorávamos ficar abraçados, a trocar beijos e carícias. Mesmo depois de já termos dormido juntos, às vezes ficávamos só abraçados, muito juntinhos. Com o Elliot era diferente, éramos mais “adultos”. Beijávamo-nos quando nos encontrávamos e quando nos despedíamos, e nos preliminares, mas não nos beijávamos por beijar. Não depois de começarmos a viver juntos.

Adorava aconchegar-me ao peito do Jack Britcham. Adorava sentir o cheiro dele, saboreá-lo e deixar-me embriagar por ele. E, claro, ficar só a olhar para ele. Adorava correr os dedos pelas linhas do corpo dele, tocar-lhe e tentar absorvê-lo através das pontas dos dedos, deixá-lo entrar na minha corrente sanguínea e correr-me nas veias. Adorava sentir o sabor dele, ver se sabe tão bem como parece.

Não sei como é que ele se entranhou tanto em mim, mas agora já não há nada a fazer. E não acho que seja uma coisa má. Dá-me um objetivo, algo por que esperar, suponho.

15 de março de 1996

Hoje saí com um dos meus clientes habituais, um homem chamado Caesar (é mesmo o nome dele, vi o cartão de crédito que usa e diz “Caesar Holdings”, e é o nome que a agência tem).

Nada disto é incomum ou digno de nota, mas o que aconteceu durante o jantar é.

Já há três ou quatro meses que saio com ele e sempre se mostrou muito falador. O máximo que fizemos até agora implicou apenas que eu me despisse até ficar só em roupa interior e ficarmos deitados na cama, abraçados. É um daqueles que está casado com uma mulher que não quer sexo, e acima de tudo sente falta de afeto e contacto humano. Não me importo de ter clientes assim. É bom conversar, e falarem-me como se tivesse interesses e opiniões, e é bom ganhar dinheiro sem ter de tirar a roupa. O problema, claro, é que tenho de ter cuidado para não deixar que as linhas entre a Honey e a Eve fiquem esbatidas. Seria muito fácil baixar a guarda e ser a Eve quando não tenho de ter relações sexuais, mas a questão é que vestida ou não, com sexo ou sem sexo, estou a ser paga para estar num sítio onde de outro modo não estaria. Não deixa de ser uma transação comercial.

Estávamos num restaurante muito agradável em Seaford, numa zona muito calma à noite e muito perto do mar. Já lá tínhamos ido noutras ocasiões e desta vez decidi pedir o pato confitado, embora o Caesar me tivesse dito que era estranho comer aves num restaurante de peixe. Durante o prato principal ele recostou-se para trás e relaxou um pouco. É muito mais velho que eu, e tem cabelo castanho e uma aparência saudável. Não é pálido, mas também não tem um daqueles bronzeados artificiais. Tem rugas à volta dos olhos, na testa e nas covas das maçãs do rosto, mas não são carregadas. Faltaria qualquer coisa ao rosto dele, sem elas. É o que se chama um homem distinto, porque não só tem boa aparência e se veste de forma elegante, como possui modos impecáveis. Senta-se muito direito e parece conhecer bem a etiqueta, tanto no que diz respeito a provar o vinho e usar corretamente os talheres como na gorjeta que deixa mesmo que o serviço não tenha sido especialmente bom.

– Tens ambições, Honey? – perguntou-me ele, observando-me com atenção.

Parei de cortar o pato e fiz-lhe o sorriso da Honey. Gosto que os clientes que não me levam para a cama me chamem Honey: é uma forma de me lembrar que não estou ali para socializar, mas sim a trabalho. Respondi:

– Sim. Estou a poupar para concluir o secundário e ir para a universidade.

– E que gostavas tu de estudar?

– Inglês ou Sociologia. Os mecanismos da sociedade fascinam-me. É o que nos distingue como seres humanos, não concorda?

Ele não respondeu mas continuou a observar-me, e perguntei-me se teria ido longe de mais, se teria dito algo que não devia. Se atravessara a linha que separa a acompanhante que sabe conversar da que irrita o cliente por ser inteligente de mais.

– Eu teria gostado de estudar Inglês – comentou ele. – Mas o meu pai decidiu que o Direito era o que mais me convinha, e com o tempo acabei por lhe dar razão.

Sorri e acenei com cortesia. Não queria voltar a abrir a boca até ter uma ideia mais clara do que ele esperava do jantar desta noite. Muitas vezes bastava-lhe uma boa conversa, e nessa área eu estava à vontade: explorávamos ideias em conjunto e desafiávamo-nos mutuamente. Outras vezes só queria alguém que o ouvisse sem o interromper e não contribuísse demasiado para a conversa, por muito que soubesse sobre o assunto em questão. Hoje pensava que íamos ter uma conversa interessante, mas obviamente estava enganada.

– Gostaria de te propor um negócio – disse ele passado um bocado.

Sorri, perguntando-me o que teria ele para me propor.

– Estou disposto a pagar-te trinta mil libras (o suficiente para pagares os estudos) se concordares em trabalhar exclusivamente para mim durante seis meses.

Lembrei-me daquele filme com a Julia Roberts – *Pretty Woman*. Tinha-o visto há muitos anos, muito antes de começar a andar nesta vida, e na altura parecera-me uma história de amor maravilhosa. Agora que estava do outro lado, o caso mudava de figura. Mesmo quando trabalhava nas ruas ela parecia honesta de mais para aquilo. E ele, claro, não passava de um porco nojento que frequentava prostitutas: haverá algo menos romântico que isto?

Porém, ali estava eu, a receber uma proposta em tudo semelhante.

– É muito generoso da sua parte – disse-lhe eu, – mas não posso aceitar.

– Nem sequer pensaste no assunto – protestou ele, parecendo surpreendido e um pouco perturbado. Quem podia censurá-lo? Não fazem as prostitutas tudo por dinheiro?

– Pensei, e não é para mim.

– Nem quiseste saber o que implica a proposta. – Agora estava melindrado. A última coisa que eu queria era irritá-lo. Era um cliente lucrativo e ainda não fora obrigada a ter relações sexuais com ele. Clientes assim eram raros.

– Oh, claro, desculpe. O que implica a proposta?

– Apenas seres minha acompanhante, e não saíres com mais ninguém.

– Durante seis meses?

– Durante seis meses.

– Obrigada. É uma proposta fantástica e muito generosa, e lisonjeia-me que tenha pensado em mim, mas realmente não posso aceitar.

– Porque não? – indagou ele, um pouco carrancudo. – Seria a oportunidade perfeita para realizares as tuas ambições.

– Sim, é uma proposta maravilhosa, mas não é para mim.

– Dá-me uma boa justificação e não falarei mais no assunto – replicou ele. Percebi que estava contrariado, embora tentasse escondê-lo, e vi-lhe nos olhos a dor da rejeição, mas não podia explicar-lhe o que me impedia de o fazer.

Não podia fazê-lo porque, por muito dinheiro que me oferecessem, não podia ser a Honey vinte e quatro horas por dia durante seis meses. Não queria perder a Eve, e não queria ter de prescindir de ser quem era para encarnar este papel sempre que lhe apetecesse aparecer. Teria de estar sempre impecavelmente bem arranjada, fosse qual fosse a altura do dia. Teria de fazer algumas das coisas nojentas de que a Dawn me falara para poder trabalhar durante o período. Em suma, estaria a vender partes de mim que não estavam (e nunca tinham estado) à venda. Não queria dizer-lho porque isso seria admitir que quando estava com ele estava a representar um papel, e ele acabaria por perceber que, quando não sou a Honey, não sinto nem empatia nem compaixão pelos homens que acompanho. Aliás, faço os possíveis por não sentir nada.

– Não basta concordarmos que não é para mim? – respondi, suspeitando que teria de lhe devolver o envelope com o dinheiro, e provavelmente nunca mais o veria.

– Honey, vou ser sincero contigo: a tua resistência à minha proposta foi uma das razões que me levou a fazê-la. Não és como as outras: não o fazes só pelo dinheiro.

Ai isso é que faço, pensei eu.

– Pareces gostar mesmo daquilo que fazes.

Não, não gosto, pensei eu.

– Tens qualquer coisa de especial.

Engana-se. Sou apenas uma boa atriz, aparentemente, pensei eu.

– Vou ser ainda mais sincero – continuou ele. – Não gosto da ideia de veres outros homens. Não me agrada saber que há outros homens que te abordam e participam em atividades íntimas contigo.

– Sinto-me muito lisonjeada – interrompi eu para impedir que continuasse a envergonhar-se. Nunca me tinha acontecido tal coisa – não pensei que fosse possível, sequer –, mas aparentemente o que ele estava a dizer era que estava interessado em mim, que talvez estivesse a apaixonar-se por mim, quando o sentimento nunca seria recíproco: a Honey era incapaz de amar, só percebia de sexo; a Eve estava apaixonada por um homem com quem conversara durante cinco minutos, meses atrás. O amor não fazia parte dos meus planos.

– Sinto-me muito honrada. À luz do que me disse, não posso mesmo aceitar a sua proposta. Não seria justo afastar as suas inseguranças durante alguns meses, só para regressarem caso eu decidisse retomar o trabalho normal ao fim desse tempo. Não me ocorre razão melhor. Não seria justo para si.

A atitude dele mudou e pareceu encolher-se um pouco. Deixou de ser o cavalheiro distinto que eu acompanhava e tornou-se vulnerável e desapontado, magoado, até. Esticou o braço por cima da mesa e poisou uma mão sobre a minha, um gesto diferente do costume. Normalmente procurava carinho, que tentava obter de mim para reabastecer as suas diminuídas reservas. Desta vez estava a dar afeto, estabelecer uma ligação e mostrar o que sentia.

Não era desagradável, mas a questão não era essa.

– Por favor, Honey, pensa no assunto. Se pensares bem e chegares à conclusão de que não é mesmo para ti, aceitarei a derrota e não voltarei a falar nisso. Fazes isso por mim? Por favor?

– Sim, prometo pensar no assunto – disse-lhe eu por fim para acabar com aquilo.

E aqui estou eu, a pensar no assunto. Um pouco ressentida, diga-se de passagem. Foi muito astuto da parte dele convencer-me a concordar em pensar na proposta, não? Porque agora eu, a Eve, estou a fazer algo por ele de graça. Pode parecer insensível, mas a verdade é que ele só me paga pelo meu tempo quando estou com ele. Longe do trabalho, deixo tudo aquilo para trás.

Dito isto, trinta mil libras são trinta mil libras. Em que universo paralelo se recusa uma proposta destas? Ele é casado e tem uma carreira exigente, provavelmente não teria de o ver todas as noites. Além disso, a julgar pela forma como falou, provavelmente posso assumir o controlo da situação e impor algumas condições, tais como só nos vermos à noite e ter de

me avisar com antecedência para poder preparar-me para o papel de Honey.

Não levaria muito tempo a esvaziar o apartamento de tudo o que dissesse respeito à Eve, mas provavelmente teria de lhe revelar o meu verdadeiro nome.

E depois temos a questão da agência: não ficariam muito contentes quando soubessem que estava a aceitar trabalho nas costas deles. Provavelmente teria de sair. Mas também, com trinta mil no banco, podia voltar às limpezas enquanto estudasse.

Não sei o que fazer, para ser sincera. Mas não me sai da cabeça a expressão “se uma coisa parece boa de mais para ser verdade, provavelmente é”. O melhor é desistir da ideia, não achas?

Perplexa em Brighton

3 de abril de 1996

Já vai em quarenta e cinco mil libras por apenas três meses, isto porque ele resolveu voltar a falar no assunto, apesar de ter prometido não o fazer. Aliás, a minha recusa pareceu deixá-lo ainda mais determinado.

Como posso dizer que não a quarenta e cinco mil libras quando é por menos tempo ainda? É uma quantia absurda. Terá ele tanto dinheiro assim? Quando lho perguntei, disse-me que o depositaria numa conta preparada especialmente para mim, e que podia verificar todos os dias, se quisesse, mas que só poderia movimentar a partir da meia-noite do último dia. Entretanto, dar-me-ia dinheiro suficiente para cobrir a renda, as contas, a alimentação e outras despesas, que no final deduziria aos quarenta e cinco mil.

Quando lhe disse que tinha uma vida para além do trabalho, disse-me que podia estabelecer as condições, se quisesse, por isso não estive com meias medidas e exigi:

Nada de visitas ou encontros durante o dia, por mais desesperado que estivesse.

Nada de visitas sem avisar com pelo menos duas horas de antecedência.

Nada de passar a noite no meu apartamento – tinha de sair sempre antes das três da madrugada.

Nada de interrogatórios ou cenas de ciúmes sobre o que eu faço ou deixo de fazer quando não estou com ele.

Nada de falar de amor ou emoções desse tipo.

Nada de sexo (se a relação se tornasse sexual) durante o meu período.

Contraceção *sempre*.

Nada de discutir se eu precisasse de dinheiro extra para vestidos e tudo o mais que estivesse relacionado com ele.

Concordou com tudo sem hesitar, o que me deixou sem argumentos. Como podia eu dizer-lhe que não? Tal como acontece agora, seria avisada de quando teria de deixar de ser a Eve, e só teria relações sexuais com um homem. Suponho que podia correr o risco de me afeiçoar a ele, mas isso é o tipo de armadilha em que caem as raparigas que não são prostitutas. As prostitutas sabem que apaixonar-se por um cliente é mais perigoso que trabalhar nas ruas sem proteção. Não se pode entregar o coração a um cliente, por mais bem-intencionado, meigo, generoso, vulnerável, afetuoso e carente que ele possa parecer. Usará sempre o que fizemos no passado contra nós. *Sempre*.

Não vou revelar-lhe o meu verdadeiro nome, mais por mim própria que por outro motivo qualquer. Não posso esquecer-me de que para ele, como para qualquer homem que me pague em troca de sexo, eu sou a Honey. Irei com ele ao banco para obter uma cópia do extrato bancário. Posso verificar o estado da conta sempre que quiser.

Acho que não me esqueci de nada. E no final dos três meses vou poder deixar de me preocupar com o dinheiro. Serei uma empregada de limpeza, mas com uma conta bem recheada, e poderei dizer adeus à Honey para sempre. Terei a minha vida de volta. Talvez até tire umas férias e vá visitar a minha mãe. Continua sem responder às minhas cartas mas será difícil ignorar-me quando lhe aparecer à porta.

Parece que já me decidi, não?

Na verdade não será muito diferente do que faço agora. Mas então porque tenho a sensação (só um pressentimentozinho irritante) de que me vou arrepender amargamente? É só uma sensação de nada, e tenho a certeza de que não tardará a desaparecer assim que começarmos.

Eu

7 de junho de 1996

Não tenho escrito porque não há nada para dizer. Já passaram dois meses, e sabes que mais? Ainda nem sequer tive de ir para a cama com ele.

Ficamos deitados na minha cama, e às vezes pede-me para ficar só de cuecas e sutiã, mas não parece interessado em observar-me enquanto me dispo. Simplesmente gosta de me tocar, e nem sequer é de uma forma abertamente sexual. Parece ter necessidade de tocar em pele, e aconchega-se a mim, e sussurra-me as suas inquietações ao ouvido, como certas pessoas fazem com os bonecos das preocupações. Relaxa quando o abraço e lhe faço festas no cabelo, mas nada disto leva ao sexo.

Não sei se é porque não é capaz, porque tem medo que acabe depressa de mais ou porque simplesmente não quer, mas tem ereções – sinto-o através da roupa.

Começou a levar-me a encontros de negócios porque diz que dá boa impressão ser visto com alguém como eu pelo braço. A maioria dos seus parceiros de negócios também tem as suas “companheiras” (todas sabemos bem quem são as outras), e outros levam as mulheres.

Se alguém (e não apenas as mulheres) perguntar, a minha história é que estou a pensar licenciar-me em Direito e tive a sorte de poder acompanhar o Caesar em todos os aspetos do seu trabalho. Mas ninguém pergunta. Ninguém se interessa. De vez em quando um deles pergunta-me o que penso do vinho ou da comida, mas quase sempre estão mais interessados em si próprios, nas suas conversas e nos seus negócios.

Ontem à noite fomos a um jantar no hotel em que conheci o Jack Britcham e estive sempre com o coração na garganta, cheia de emoções contraditórias. Por um lado queria vê-lo (não que fosse razoável esperar que ele lá estivesse, mas os meus sentimentos por ele não têm nada de razoável), mas por outro não queria, porque não queria que me visse com outro homem. Gostaria de poder dizer-lhe “Sou livre!”, quando obviamente não sou.

No hotel (não na nossa mesa) havia pelo menos três homens de quem já tinha sido acompanhante. Olharam para mim como se eu fosse transparente, claro, e tanto melhor para mim. Mas se fosse a Eve ter-me-ia perguntado como podiam ser tão indiferentes. Tinham tido relações sexuais comigo, provavelmente tinham-me contado a mesma treta sobre as esposas (nenhuma das quais parecia frígida ou velha de mais para o sexo, já agora) e tinham precisado de mim para se sentirem melhor, mas agora ignoravam-me. Pior: podiam esquecer-me.

Já fui para a cama com muitos homens, e lembro-me de todos eles. Lembro-me das caras, dos nomes e do tipo de sexo que tivemos. Tem de ser, por questões de segurança, porque não quero arriscar-me uma segunda vez se o homem me deixou de pé atrás da primeira, e por questões práticas, de negócio. Os homens envaidecem-se se nos lembramos de pormenores sobre eles, e mostram-no com as carteiras. Como eu digo, é o tipo de coisa em que a Eve nunca pensaria. Por isso é que é bom que seja a Honey a fazer o trabalho.

É agradável, no entanto, não ter relações sexuais. É balsâmico. Ele usa o meu corpo para obter o consolo e o carinho de que precisa, mas limita-se a tocar-me. Posso viver com isso durante mais algumas semanas.

Eu

27 de junho de 1996

Faltam três dias, e tudo mudou.

O Caesar veio cá a casa ontem à noite e parecia atormentado e mais calado que o habitual.

– Sente-se bem? – perguntei-lhe.

– Sim – disse ele com um gesto abatido.

– Deixe-me ajudá-lo a relaxar – disse eu, e afrouxei-lhe a gravata dourada e desabotoei-lhe o botão do colarinho.

– Gostava de me deitar na cama, se não te importas – disse ele.

– Claro – respondi. Senti-me um pouco tristonha porque o mau humor dele começava a contagiar-me.

– Sei bem em que dia estamos – disse ele. Estávamos muito juntos e senti a ereção dele por baixo da roupa, a enterrar-se na minha perna. Enfiou a mão por baixo do meu vestido de verão com botões à frente e começou a acariciar-me a coxa. – Tenho andado a enganar-me ao pensar que este dia não ia chegar. Vou sentir a tua falta, Honey.

– Eu também – disse eu de forma automática, mas era verdade: ia sentir a falta dele. Tinha sido muito agradável, tranquilizador, não ter de estar sempre a arranjar-me para sair sem saber quem iria conhecer e o que queriam de mim. Era bom estar num pseudo-relacionamento sem as complicações emocionais.

Levei uns instantes a perceber que ele me estava a despir, atrapalhado com os botões do vestido. Fiquei surpreendida, mas não horrorizada. Afinal de contas era para aquilo que me estava a pagar. Encontrou o fecho do sutiã (à frente) e abriu-o, e antes que pudesse preparar-me a boca dele explorava os meus seios de forma bastante amadora. A seguir virou-me

de barriga para baixo e começou a tirar-me as cuecas. Enquanto levantava as ancas para lhe facilitar a tarefa, dei-me conta de que queria ser ele a fazê-lo. Queria ser ele próprio a desembulhar-me.

Não demorou muito a libertar a sua ereção, que não vi porque estava a tentar chegar aos preservativos que estavam na mesinha de cabeceira. Antes de conseguir abrir bem a gaveta, ele estava dentro de mim. Tinha os olhos bem fechados e a cara contraía-se e relaxava ao ritmo das suas investidas num estranho misto de agonia e êxtase. Em poucos minutos estremecia ao atingir o orgasmo, enquanto eu mal me mexera. Como em quase todas as relações sexuais que experimentei como prostituta, a minha presença ali fora praticamente desnecessária.

– Peço desculpa por isso dos preservativos – disse ele ao rebolar para o lado. – Tinha de te sentir completamente.

Não respondi porque não o desculpava. Felizmente estava a tomar a pílula, mas não sabia por onde ele tinha andado, nem com quem. No entanto, depois de quase três meses a ser paga por ele sem termos tido relações sexuais, aquilo pareceu-me uma contrariedade insignificante. Teria de me certificar de que não voltaria a acontecer e teria de ir fazer um despiste de VIH mais cedo do que o costume.

– Foi... foi bom? – perguntou ele. Parecia nervoso. Mas se era verdade que não tinha sexo com a mulher há anos, como me tinha dito, era natural que estivesse nervoso.

Pensei um pouco no ato em si. Como tinha sido? Mais atabalhado do que eu esperava. Ele parecia não saber o que estava a fazer, e parecia não ter muita experiência, o que surpreendeu num homem como ele. Dava a impressão de ser um homem vivido que já levava muitas mulheres para a cama (algumas delas prostitutas) e que possuía uma vasta experiência nesse campo. Talvez, pensei eu, sentindo uma pontada de culpa, ele estivesse a dizer a verdade. Talvez a mulher fosse mesmo o amor da vida dele e o facto de não poder ter relações sexuais com ela, e o facto de ela não querer abraçá-lo e ter intimidades com ele, porque ambos sabiam que isso levaria a uma tentativa falhada de sedução, fosse uma grande fonte de sofrimento para ele. Talvez ele estivesse mesmo carente e só tivesse passado dos limites comigo porque o fim do nosso acordo seria mais uma perda para ele.

– Foi maravilhoso – disse-lhe eu.

E, para minha grande consternação, ele começou a chorar.

Acabou de sair. Depois de chorar, ficámos abraçados na cama. A seguir levantou-se, vestiu-se e saiu.

Para que foi aquilo?

Tenho receio de que não respeite a parte dele do acordo que termina daqui a três dias. Tenho medo que me diga que está apaixonado por mim ou qualquer coisa parecida. Seria o meu fim, pois não posso obrigá-lo a dar-me o dinheiro e, para ser sincera, não quero o amor dele. Carente ou não, é um marido infiel, e eu não posso envolver-me com um homem assim, mesmo que fosse capaz de o amar. E não sou do tipo de viver amancebada.

Ganhar o meu sustento, depender só de mim própria, é a única coisa que me resta.

Ugh! Porque fez ele aquilo? Posso estar enganada, mas aquilo muda tudo, e não para o melhor. Terei de esperar para ver o que acontece nos próximos dias.

Eu (a estúpida).

29 de junho de 1996

Ofereceu-me outras quarenta e cinco mil libras para prolongar o acordo por mais três meses. Por esta não esperava eu.

Parte de mim quer aceitar porque os últimos três meses não têm sido nada maus. Mas outra parte de mim não quer dar-lhe esperanças nem magoá-lo. E foi o que lhe disse quando me fez a proposta.

– Não vais magoar-me, Honey – disse ele, convicto. – Na outra noite eu fiquei um pouco... perturbado por causa da minha mulher. Disseste-me exatamente o mesmo que ela me disse quando fomos para a cama pela primeira vez. Era uma estreia para ambos e as tuas palavras trouxeram de volta as memórias agridoces daqueles tempos. Aprecio a tua companhia, Honey, e nem consigo descrever o que tens feito por mim. Trouxeste-me de volta à vida, mas agora reconheço que o que penso sentir por ti é o que sinto pela minha mulher. Entristece-me que no nosso relacionamento já não haja intimidade física. Acho que é por isso que quero prolongar este nosso acordo: é como recuperar um pouco do relacionamento inicial com a minha mulher. Entendes?

Fiz que sim com a cabeça, e senti-me um pouco melhor. Mas ainda assim...

Não sei porque estou a escrever como se ainda houvesse uma decisão por tomar. Conversámos muito e acabei por

concordar. Amanhã vai mostrar-me a conta com o dinheiro, e depois continuamos como até aqui.

Posso estar louca, mas se for como nos últimos três meses, não vai ser sacrifício nenhum.

13 de julho de 1996

Provavelmente o epitáfio da minha sepultura será: Eve Quennox, a Mulher Mais Estúpida à Face da Terra. Ou então qualquer coisa mais curta, mais mordaz, e mais fácil de esculpir na pedra.

Isto é o que se chama humor negro.

Mas a noite de ontem não teve nada de humorístico. Só tenho de pôr as coisas em contexto para não ir à cozinha, pegar numa faca e enterrá-la no peito. Ou começar a arrancar a pele com as unhas até que o meu corpo imundo nunca mais volte a ser o mesmo.

Ontem à noite o Caesar veio cá a casa com um amigo que eu conhecera num dos seus jantares de negócios. Mal tínhamos falado e parecia ser um homem simpático. Um basbaque um tanto desastrado, mas não desagradável. Fiquei um pouco surpreendida porque ele não tinha mencionado ao telefone que viria alguém com ele, mas levei-os até à sala e sentaram-se ambos no sofá enquanto eu fazia de anfitriã perfeita. Preparei as bebidas, perguntei-lhes se desejavam jantar, sentei-me na poltrona e esperei pelas instruções de Caesar sobre o que fazer a seguir.

Como é costume nas reuniões a que tenho ido, praticamente ignoraram a minha presença enquanto conversavam, fumavam charutos e bebiam do *whisky* que tenho em casa para o Caesar. Às tantas o Arnold levantou-se, perguntou onde ficava a casa de banho e deixou-nos sozinhos na sala. O Caesar deixou-se ficar sentado na sua poltrona, de charuto numa mão e copo de *whisky* na outra, a ignorar-me. Aquele não era o homem que eu aprendera a conhecer ao longo dos últimos meses. Era inquietante.

– Sê uma linda menina e vem sentar-te aqui no sofá – disse ele de repente, sem olhar para mim, junto da mesinha no centro da sala.

Obedeci, cada vez mais alarmada. Parecera terrivelmente frio e distante ao dizê-lo, e eu não percebia porquê. Não percebia o que tinha feito de mal. Não fora acolhedora que chegue? Tê-lo-ia ofendido?

Quando o Arnold regressou da casa de banho, sentou-se tão perto de mim no sofá que as nossas coxas se apertavam uma contra a outra. Olhei de imediato para o Caesar, para ver a reação dele, se tinha reparado. Ele estava imóvel a observar-me, a observar-nos. Continuou sem se mexer quando o Arnold apoiou casualmente uma mão no meu joelho como se fosse uma peça de mobiliário, e não o joelho de outra pessoa.

Olhei para a mão dele, anafada e sapuda, com as pontas dos dedos manchadas de amarelo. Senti-lhe a palma da mão transpirada contra a minha pele. Voltei a olhar para o Caesar, à espera de algum tipo de reação da parte dele. Nada. Limitou-se a recostar-se para trás na poltrona, a levar o copo aos lábios e a olhar-me de cima para baixo.

A mão do Arnold deixava um rasto húmido ao deslizar por baixo do meu vestido, até que ele a enfiou à força entre as minhas pernas. De repente lembrei-me de como o namorado da minha mãe tentava tocar-me, de como naquela altura o contacto da mão dele na minha pele era indesejado e repugnante. A mão do Arnold não era menos indesejada, embora já tivesse sido tocada daquela maneira por tantos homens nos últimos anos.

O Arnold movia desajeitadamente o polegar para cima e para baixo na patética tentativa de fazer uma carícia. Inclinou-se para mim.

– Tenho desejado estar contigo desde que entraste no restaurante naquela noite – disse ele com a voz arrastada e o hálito a tresandar a álcool, ao *whisky* e ao charuto que tinha fumado. Olhei o Caesar nos olhos, duros e inflexíveis, frios e inexpressivos. Com aquela ausência de reação estava a dizer-me o que esperava de mim.

Quando estabelecera as regras do acordo eu não tinha dito que aquilo estava fora de questão, pois não? Não lhe tinha dito que não podia convidar quem quisesse, quando bem lhe apetecesse, e deixá-los experimentar a mercadoria.

– Tu também querias, não querias? – continuou o Arnold, apertando-me ainda mais a coxa. O polegar dele esfregava com força suficiente para deixar marcas de abrasão.

Engolindo o azedume que sentia na boca e o asco que me invadia, concentrei-me no homem que tinha à minha frente. Obriguei-me a desapertar-lhe o segundo botão da camisa, forcei um sorriso, procurei desconstrair-me o suficiente para levar a farsa adiante e calei o desespero do meu coração.

– Estás mortinha para que eu te salte para cima, não estás? – disse ele num tom que pretendia sedutor, mas que era apenas patético. Tal como ele. Como eu, por participar naquilo.

Para de pensar, disse eu de mim para mim, *para de sentir, volta a ser ela. Volta a ser a Honey, a mulher que é capaz de fazer isto.*

– Acho que ficaremos mais à vontade no quarto – disse eu com a voz da Honey. Tinha a maquilhagem dela, a roupa dela,

só me tinha esquecido de entrar no papel. Senti o sorriso a aumentar no meu rosto. Levantei-me bem devagar, esticando o corpo para ele ver. Peguei na mão do Arnold e ignorei o homem que também se levantou para nos seguir pelo corredor até à porta do quarto. Ainda de *whisky* e charuto na mão, o Caesar ficou à porta a assistir a tudo como se estivesse a ver um programa na televisão.

– Despe-te e deita-te na cama – disse eu com a voz rouca e sensual da Honey. – Volto já.

Bêbedo e entusiástico, o Arnold começou logo a arrancar a roupa. Conhecia bem a laia dele: gabava-se muito das juvenzinhas que lhe suplicavam para as foder, mas era óbvio que nunca estivera com mais ninguém além da esposa. Ou isso, ou era dos que se tinham safado a assediar umas quantas secretárias no seu tempo e pensava que isso fazia dele um Dom Juan.

Virei-lhe as costas por um segundo, agarrei na maçaneta e olhei diretamente para o homem que estava à porta. Não tinha nada de estar ali.

Fechei a porta com um gesto determinado e tranquei-a à chave.

A seguir voltei-me novamente para o Arnold, deitado na cama, nu, barrigudo e de aspeto flácido e tez pastosa, mas estranhamente sólido e imóvel. O rosto dele era o retrato vivo da impaciência e tinha o pénis ereto e pronto para a ação.

Ainda tinha as meias pretas calçadas e, pela forma como lhe chegavam acima das canelas, tinha-as esticado mesmo antes de se deitar na cama.

Este teria sido tão fácil para a Honey.

Mas era a Eve quem ali estava. Estava a servir-se da voz da Honey e do sorriso dela, mas foi a Eve quem se aproximou da cama e começou a despir-se para o trabalho.

14 de julho de 1996

Ontem tive de parar de escrever porque comecei a reviver aquilo tudo e tive medo de fazer algum disparate.

O Caesar foi-se embora há duas horas, e veio dizer-me que teria de fazer a mesma coisa com quem ele quisesse, sempre que ele quisesse, ou não haveria dinheiro, e não pagaria a renda do mês que vem, e iria atrás de mim para onde quer que eu fosse e daria cabo de mim.

– Ao fim dos seis meses – (e sim, já passaram seis meses) – reapreciarei a situação e decidirei se quero libertar-te do contrato ou não.

Qualquer coisa nos olhos dele me disse que aquilo não eram ameaças vãs; qualquer coisa na sua linguagem corporal descontrada e lânguida me disse que não pensaria duas vezes em cumprir a sua promessa. E não lhe faltava dinheiro nem poder para o fazer, para me matar.

Olhei para o homem sentado no meu sofá e vi a sombra da morte prematura a que todas as prostitutas sabem que se sujeitam, e não disse nada. Que podia eu dizer? Ele não me dera as quarenta e cinco mil libras do primeiro trimestre (ficara de pagar tudo no fim) e eu não tinha para onde fugir. Duvido que a polícia me levasse a sério, e as minhas poupanças estavam quase a zero dos meses que passara à procura de um emprego a sério antes de recomeçar a trabalhar como acompanhante.

– Entendido? – disse-me ele.

Encarei-o. Por “entendido” ele queria, claro, dizer: vais aceitar estes termos.

– Não gosto de ser ignorado – disse ele.

– Sim – respondi eu.

– Para teu bem, ainda bem que aceitaste.

E a seguir... a seguir mostrou-me quem era na realidade. Aquele homem desajeitado e inexperiente que ansiava pelo relacionamento perdido com a mulher, que chorara depois daquela primeira e única vez, não passa de uma mentira. Não existe.

O Caesar não tem nada a ver com ele. O verdadeiro Caesar deixou tantas nódoas negras no meu corpo que mal me consigo mexer. Rebaixou-me tanto, que mal consigo raciocinar. O verdadeiro Caesar é a encarnação do diabo. E eu acabei de fazer um pacto com ele.

Agora tenho de ver se durmo. Espero sentir-me melhor amanhã. O meu corpo pode até recuperar, mas que será da minha cabeça?

Eu

30 de julho de 1996

Não são todos como o Arnold, embora tenha tido de o “ver” outra vez.

São quase todos muito piores que o Arnold. Há um ou outro tão patético como ele. Mas o resto...

Sabes, o pior de tudo é que a Honey desapareceu. Evaporou-se. Já não consigo aceder a ela, a máscara não fica no lugar. Sou sempre eu a fazer estas coisas. Eu, a Eve.

Passo eternidades fechada na casa de banho, no chuveiro, a chorar, a mudar de roupa e a mudar os lençóis à cama, embora estejam limpos. Também deixei de dormir no quarto principal. Durmo no quarto mais pequeno para não acordar rodeada das memórias, das imagens quase sólidas, daquilo que senti.

A Dawn disse-me para evitar chulos como se fossem a peste negra.

– Sugam-te até ao tutano, tiram-te tudo o que tens, e depois arranjam outra. Todos.

E olhem para mim: não só tenho um chulo, como é provavelmente o chulo mais endinheirado e distinto da cidade. Está a sugar-me até ao tutano, mas provavelmente não tenciona arranjar outra.

capítulo dezasseis

libby

– Presta bem atenção, Butch, eu e tu sabemos que o Jack te levou a passear hoje de manhã, por isso, se achas que te vou levar lá fora agora, estás muito enganado.

Do seu poiso ao lado da porta, de trela na boca, o Butch solta um latido desconsolado e faz-me uns olhinhos tristes.

– Estás a tentar fazer chantagem emocional comigo? – pergunto-lhe.

Outro latido, este mais arrastado, mais plangente e mais patético do que o primeiro. Inclina ainda mais a cabeça para o lado e parece fitar-me com uns olhos ainda maiores.

– És uma desgraça – ralho-lhe eu. – Não enganas ninguém com essa fita.

Ele volta a latir em resposta. Claro que engana. Eu caio sempre na mesma esparrela. Quando faz algum disparate e se esconde debaixo da mesa da cozinha, põe-se a latir e a choramingar até eu lhe perdoar.

– É que, vê bem, já não saio de casa desde que voltei da sessão com a psicóloga. Não tenho tido motivos para sair e não gosto de estar lá fora. Sinto-me mais segura em casa e aqui as pessoas não ficam embasbacadas a olhar para mim.

Ele deita-se e apoia a cabeça nas patas, deixando cair a trela azul e prateada, que faz um grande estrondo ao bater no soalho.

Não acredito nisto. Estou a ser levada a sentir-me culpada por um cão. Um cão que nem sequer é meu!

O Butch suspira de forma surpreendentemente dramática para um cão tão pequeno, na minha opinião, mas consegue o efeito desejado.

– Vá lá, então – digo-lhe eu. – Saímos pela porta das traseiras para eu poder preparar-me para ir outra vez lá para fora.

Ele levanta-se devagar, como se não soubesse bem se eu estava a falar a sério, mas desconfio que, enquanto vou ao quarto para vestir umas calças de ganga e encontrar um chapéu, provavelmente está a fazer uma pequena dança vitoriosa no corredor.

Cheguei à entrada lateral sem problemas, mas aqui, no limiar entre a casa e o passeio, deparo-me com dificuldades em atravessar os limites da casa para o exterior.

O Butch, como é óbvio, não tem as mesmas limitações, e senta-se no passeio, de cabeça inclinada para um lado, a olhar para mim. Apoio-me na superfície rugosa da parede da casa e endireito-me. O ar que tento respirar entra e sai do meu corpo depressa de mais.

Eu sou capaz, digo de mim para mim. – Eu sou capaz.

Porém, o meu corpo recusa-se a mexer. Não há forma de conseguir que o meu pé direito se

despegue do chão e se desloque para a frente. Tenho a respiração ainda mais acelerada que há momentos.

Eu sou capaz. Eu sou capaz.

Forço o meu olhar a descer até às sapatilhas para ver se ficaram coladas ao pavimento. Parece que não.

Eu sou capaz. Já fiz isto duas vezes, posso fazê-lo agora.

Um BANG! súbito provoca-me um estremeção, sinto-o em cada célula do meu corpo enquanto sou violentamente sacudida. Olho para a estrada, tentando localizar a origem do estrondo, e ouço outra vez o BANG! Ouço pneus a chiar, sinto o meu corpo a ser atirado para o lado, vejo a parede e o poste de iluminação a aproximar-se...

Recuo aos tropeções, à espera da colisão que não vai acontecer, que aconteceu há quase um mês, que é coisa do passado. Porém, tenho a nítida sensação de que está a acontecer agora e começo a hiperventilar.

O Butch continua sentado no passeio a olhar para mim.

– *Vá lá, Butch* – digo eu a custo, mas não estou a produzir sons. Tal como a seguir ao acidente, falo, mas não se ouve nada do que digo. – *Butch!* – chamo eu. Nada. Nada. Disseram-me que era afonia. Levo a mão à garganta e viro as costas à porta, esperando que esse gesto diga ao Butch para me seguir.

A dor que tem estado adormecida prende-me o tórax. Aperto os braços à volta do tronco e obrigo-me a regressar à segurança da casa. De repente vejo o Butch a meu lado, a caminhar a par comigo e a olhar constantemente para cima, com o que num rosto humano seria uma expressão de preocupação.

– *Eu já fico melhor* – digo-lhe eu com a minha voz silenciosa. – *Quando entrarmos, já fico melhor.*

Quando fecho a porta da cozinha atrás de mim o meu corpo relaxa.

– Estás bem, Butch? – pergunto-lhe. Nunca imaginei que os meus ouvidos poderiam sentir a falta da minha voz.

O Butch ladra em resposta.

– Ótimo, ótimo.

Vou até ao lava-loiça e abro a torneira da água fria. Molho a cara, saboreando o frio agradável na pele e a facilidade com que o oxigénio enche agora os meus pulmões.

– Vou deitar-me – digo-lhe eu. – E tomar uns analgésicos.

Apesar de ter pedido à médica para me receitar mais, esta última semana quase nem precisei deles. Mas agora preciso. Preciso deles para acabar com esta dor e poder dormir.

O Butch segue-me até ao quarto em silêncio. Espera que tome os dois comprimidos e me deite na cama. Assim que me acomodo salta para cima da cama e enrosca-se ao pé de mim. Tem feito o mesmo quase todas as noites desde que o Jack recomeçou a dormir lá em cima. Provavelmente devia dizer-lhe para sair da cama, para que não se habitue a dormir com as pessoas, mas à medida que os comprimidos começam a fazer efeito estendo o braço e começo a fazer-lhe festas no pelo. A verdade é que parece que estou encurralada nesta casa, e é bom tê-lo por perto.

libby

Hoje a Eve está deitada de costas, de olhos muito abertos, sem se mexer. É como se lhe tivessem sugado a vida. Como se já não tivesse mais nada para dar. Sussurro-lhe:

– Lamento que tenhas passado por tudo isto.

E ela vira-se para mim e sorri.

– *A culpa não é tua – diz-me. – Também lamento o que te aconteceu.*

A seguir volta a fixar os olhos no teto, volta a estar quase morta.

14 de agosto de 1996

Hoje saí para fazer uma das minhas coisas favoritas: ler sentada num dos paredões que separa o mar do passeio marítimo. É maravilhoso poder passar o tempo que quero ao ar livre durante o dia, e muitas vezes deito-me nas pedras, pousei o livro que estou a ler no peito e deixo-me ficar a ouvir o mundo.

É um bálsamo para a alma, purifica a mente e revitaliza o corpo. Afasto-me sempre um pouco mais para os lados de Hove porque lá há menos gente que em Brighton.

Estava deitada de costas a devorar as páginas do livro que tinha nas mãos quando alguém me disse:

– Não costumo ver gente a ler Noel Coward.

Jack Britcham. Sabia que, quando olhasse para cima, ia ver o Jack Britcham. E ou ia-me abaixo ou rebentava a chorar, ou saltava para cima dele como se fosse um amigo que não via há anos.

Respirei fundo, fechei os olhos e voltei a abri-los mesmo antes de baixar o livro e olhar para o lado.

Ouvi um exército de anjos a cantar quando o vi, e não fiz nada daquilo que pensava que ia fazer. Em vez disso, fiquei embasbacada a olhar para ele. Voltei a respirar fundo e olhei para a capa do livro, como se não soubesse que tinha nas mãos a minha peça favorita de Noel Coward.

– Só Eve – disse o Jack quando voltei a olhar para ele.

– Olá – respondi, admirada ao constatar que a minha boca ainda funcionava quando estava (tal como o resto do meu corpo) assoberbada. Era a palavra certa: assoberbada.

Voltei a inspirar e reparei que o peito do macacão de trabalho salpicado de manchas de tinta se movia com a mesma ansiedade que o meu ao respirar. Tinha as mãos limpas, mas trazia o rosto e o cabelo salpicados de tinta branca.

– *Uma Mulher do Outro Mundo* é um dos melhores trabalhos dele – declarei. – É um pouco estrambólico, mas também cativante e mordaz.

Sentei-me, e reparei em como os olhos dele observavam o cabelo a cair-me em redor dos ombros. Muitas vezes observava os homens enquanto estes me observavam, e não vi nele aquele olhar que me repelia nos outros. Não estava a olhar para o meu cabelo e a imaginar-se a puxá-lo, ou a enlaçar os dedos nele enquanto eu lhe dava prazer. O Jack Britcham olhava para o meu cabelo como alguém olha para uma cascata: com fascínio e admiração, quase com reverência.

– Acho que não li esse – disse ele. – Aliás, sei que não o li. Não sei porque é que disse isto.

– Para ter algo que dizer? – sugeri.

– Provavelmente tens razão.

Entreolhámo-nos por uns instantes e depois começámos a falar ao mesmo tempo. Parámos. Começámos outra vez. Voltámos a parar. Nunca tinha estado tão sincronizada com ninguém. Ficámos ambos à espera que o outro falasse, até que eu levantei a mão e aponte, como que a dizer: “Fala tu.”

Ele sorriu e fez com que as borboletas no meu estômago fizessem aquela pirueta especial antes de agitarem as asas.

– Ia dizer que desde que nos conhecemos ando a ver sósias tuas por todo o lado. É uma tolice, mas estou sempre a ver-te e depois percebo que não és tu. Agora quando te vi pensei mesmo que ia ter de me explicar a uma mulher que não me conhecia de lado nenhum.

– Comigo é o mesmo – confessei. – Só que nunca abordei ninguém.

– A sério? – disse ele, e os seus olhos iluminaram-se, mas depois ensombraram-se de dúvida. – Então porque é que não me ligaste?

Porque sou puta, pensei de mim para mim. *Porque quase todas as noites sou penetrada ou humilhada por homens que não conheço e de quem não gosto, pela simples razão de que vendi a alma ao diabo sem saber que estava a fazê-lo. Porque nunca amarias uma mulher como eu. Porque provavelmente eu não amaria o homem que és, só o homem que eu gostaria que fosses.*

– Porque não – respondi.

O Jack Britcham sorriu e morri mil vezes por dentro por ele parecer tão inocente e eu ser tudo menos isso. Por outro lado, aquilo podia ser só fachada. Se calhar o Jack Britcham não era nada daquilo que parecia. Com o Elliot, tolerei o problema das drogas, com o Caesar, tolerei o precedente de visitar prostitutas, e perguntei-me o que teria de “tolerar” em

Jack Britcham, que pequenas pistas para o lado negro da alma dele escolheria ignorar.

Naquele momento não importava, porque o tinha ali à minha frente, a sorrir. E durante aqueles longos meses não houvera nada que eu mais desejasse.

Sorri-lhe também, como se fosse a coisa mais natural do mundo. A seguir começámos outra vez a falar ao mesmo tempo, calámo-nos, recomeçámos, e voltámos a parar. Levantei o dedo e voltei a apontar para ele, que me matou outra vez com aquele seu sorriso.

– Queres vir passear comigo? – perguntou ele – Só aqui pela beira-mar? Saí de casa para espairecer as ideias. – Apontou para a roupa. – Ainda estou a trabalhar na minha casa (tenho ali uma obra que nunca mais acaba) e gosto de caminhar até Brighton e voltar. Vens comigo?

– Sim – disse eu.

– Vens? – perguntou ele, surpreendido.

– Estava mesmo para dizer que ia para casa porque tenho um compromisso mais logo e perguntar-te se querias caminhar um bocado, caso não tivesses de voltar já para o trabalho.

– A sério?

– Sim.

Outro sorriso que me provocou arrepios na espinha.

– Uau. Posso contar pelos dedos o número de vezes que isto me aconteceu – comentou ele.

– Ai sim?

– Sim.

Deixei-me escorregar do paredão para o passeio. Por momentos parecia que queria ajudar-me a descer, mas depois hesitou, sem saber como eu receberia a sua assistência. Gostei do gesto. Agradou-me que ele tivesse respeitado o meu espaço pessoal.

Caminhámos devagar, serpenteando ao longo da beira-mar, tão perto um do outro que podíamos dar as mãos, e tive a sensação de que devíamos estar de mãos dadas, como se nos conhecêssemos a ponto de querermos trilhar juntos o nosso caminho pelo mundo.

– Não sei de que havemos de falar – confessou ele. – Imaginei voltar a encontrar-te tantas vezes, e tinha uma série de conversas preparadas dentro da cabeça para parecer culto e espirituoso, mas por mais que tente não me lembro de nenhuma.

– Nem eu – respondi.

– Da última vez só conversámos cinco minutos.

– Eu sei.

– Mas não consegui deixar de pensar em ti.

– Eu também não.

Parou e virou-se para mim, e eu fiz o mesmo.

– Tenho a sensação de que devíamos estar a beijar-nos – disse ele.

– Eu também. – Começava a tornar-se assustadora a forma como ele verbalizava constantemente aquilo em que eu estava a pensar.

Ele engoliu em seco e parecia que ia dar um passo em frente e fazê-lo, quando a realidade desabou sobre a minha cabeça. Eu era uma prostituta numa situação sem saída da qual não sabia como me livrar. Não era uma mulher livre e despreocupada de vinte e cinco anos, disponível para um relacionamento com qualquer homem que conhecesse.

Dei um passo em frente, e ele fez o mesmo.

As pessoas desviavam-se de nós sem protestar ou olhar duas vezes, como fariam em Londres. Ali, no amplo passeio marítimo, valia tudo. Os nossos corpos tocaram-se e não houve faísca, ignição, nem uma súbita explosão de paixão. Foi muito mais belo que isso. Tocar-lhe assim foi como se ele tivesse mergulhado no meu ser e abraçado a minha alma. Naquele momento soube, sem margem para dúvidas, que tinha encontrado a minha alma gémea.

O beijo, embora maravilhoso, foi insignificante ao pé disso.

Eve

15 de agosto de 1996

Céus, a minha última entrada foi supermelosa não foi?

E não é para menos. Só quis registar uma coisa boa que me aconteceu. E beijar o Jack Britcham à beira-mar foi

definitivamente uma das coisas mais agradáveis que já me aconteceu.

O beijo, que foi maravilhoso, só durou um minuto ou dois antes de nos afastarmos e ficarmos ambos de cabeça baixa, a sorrir por dentro, timidamente. Foi uma patética embaraçosa para ambos.

– Que diabo é que nos terá dado? – disse ele, a sorrir para os sapatos.

– Loucura de verão? – sugeri eu.

– Gostarias de vir jantar comigo? – perguntou ele. – Fazer tudo como deve ser?

Já tinha ido a quase todos os melhores restaurantes de Brighton, Hove, Worthing, Shoreham, provavelmente grande parte do Sussex e de Londres com alguns dos homens mais desprezíveis do planeta. Nos últimos dois meses, sempre que me sentava para jantar, havia pelo menos dois homens à mesa que se tinham divertido a magoar-me enquanto me fodiam, e tinha de fingir que os considerava companhias encantadoras. A última coisa que eu queria era ir jantar fora com alguém de quem gostava.

– Não, obrigada – respondi.

– Oh – disse ele, desanimado. – OK. Desculpa.

– Não és tu. Não gosto de jantar fora.

– Certo. Que tal uma bebida, então?

– E que tal mostrares-me a tal casa que estás a renovar?

– Asério que gostavas de a ver?

– Asério.

– Fantástico. – Estava mesmo contente. – Que tal amanhã à noite, já que hoje tens um compromisso?

– Fica para amanhã à tarde, e não se fala mais nisso – respondi.

Ele ergueu os olhos para o céu, pensativo.

– Acho que consigo trocar a hora a umas reuniões, que tal às três e meia?

– Perfeito.

– Posso ficar com o teu número, para o caso de não poder mudar a reunião?

– Não – respondi eu. – Se não conseguires mudar a reunião, é porque o destino está a tentar dizer-nos alguma coisa.

Dá-me o teu endereço e, se tudo correr bem, vemo-nos amanhã às três e meia.

Já não falta muito.

Estou em pulgas. Não me sentia assim desde o primeiro encontro com o Peter.

Agora que penso nisso, acho que não dei ao beijo a importância devida, pois não? Tendo em conta que não beijava ninguém há anos (sim, há *anos*, ouviste bem) não acredito que nem pensei mais no assunto. Foi maravilhoso, e um pouco diferente dos beijos de que me lembrava, talvez porque, após algum tempo, quando comecei a conhecer realmente o Elliot, não gostava assim tanto de o beijar. Com o Jack foi muito diferente. Foi belo e puro, e muito carinhoso.

Tinha-me esquecido de como gosto de beijar até o Jack me ter beijado. Foi melhor do que imaginei. Espero que haja mais beijos esta tarde.

Só beijos. Não quero mais nada.

Eve

15 de agosto de 1996

O Caesar está a tocar à campainha da porta e eu estou sentada no chão do quartinho onde durmo a escrever isto porque aqui tenho luz suficiente da lâmpada alaranjada da rua para não ter de ligar as luzes. Sentei-me no chão para o caso de se poder ver a minha silhueta da rua se me sentasse na cama. Não me parece, mas não quero arriscar.

Amanhã vou pagá-las bem caras, porque quando cheguei a casa tinha uma mensagem dele no atendedor de chamadas a dizer que vinha cá. Podia ser só ele, mas não podia ter a certeza. Seja como for, depois da tarde que tive, não estou para os aturar. Como posso eu fazê-lo quando tenho na pele o cheiro do homem que amo, e não quero que desapareça?

Amanhã o Caesar pode fazer o que lhe apetecer, e eu não me vou importar. Esta noite só quero ficar sozinha com as memórias do Jack Britcham. Estou sempre a tocar nos lábios, que estão um pouco inchados e doridos dos beijos, daqueles beijos deliciosos. Não há palavras suficientes em nenhuma das línguas do mundo para descrever aqueles beijos. Gostava de poder descrevê-los aqui, capturar as sensações nesta página para poder revivê-las vezes sem conta.

A campainha parou de tocar. Não sei se o Caesar desistiu ou se está a tentar arranjar maneira de entrar no edifício. Seja como for, não quero saber. Se quiser entrar terá de deitar a porta abaixo.

A casa do Jack Britcham era incrível vista de fora, um edifício enorme, isolado, numa daquelas ruas ultrachiques que

descem até à beira-mar. A fachada estava um pouco desgastada pelo ar salgado e pelo sol, mas ainda se notava a maravilhosa cor creme das paredes. As janelas tinham lindos caixilhos antigos de madeira gretada e pintura lascada, e os degraus de pedra que conduziam à porta da entrada estavam gastos pelos pés de toda a gente que por ali passara ao longo dos anos.

Perguntei-me, ao subir os degraus até à porta, que era obviamente nova, quantas dessas pessoas, como eu, teriam subido aqueles degraus ao encontro de alguém que pensavam amar. Quantas vezes teria o amor passado por ali, e ficado?

Ele atendeu em poucos segundos, e quando olhámos um para o outro sorrimos como quando nos tínhamos encontrado no passeio marítimo. Foi mais forte que eu, e penso que para ele foi igual. O Jack Britcham faz-me sorrir.

– Vieste – disse ele.

– E tu estavas cá – respondi.

Estava vestido para o trabalho (calculei que trabalhasse num escritório) e a julgar pela pasta de documentos ao pé da porta e pelo casaco pendurado no corrimão, tinha acabado de chegar.

– Chegaste mesmo agora a casa? – perguntei-lhe.

– Sim – disse ele, olhando de relance para a pasta preta de cabedal. – Não consegui mudar a reunião, por isso tive de fingir uma emergência para conseguir safar-me.

– Achas que acreditaram em ti?

– Logo saberei quando chegar ao escritório, amanhã. Das duas uma: ou terei uma chávena de chá ou uma carta de despedimento à minha espera em cima da secretária. Seja qual das duas for, terei de viver com isso.

Levou-me a conhecer a casa, e cada divisão era um pequeno mundo e tinha a sua pequena história. Algumas divisões estavam vazias: soalhos expostos, paredes nuas de reboco antigo ou estuque ocre acabado de aplicar, tetos recém-reparados, pontos de luz com os seus casquilhos pendurados ao acaso, à espera das novas rosetas intrincadas e respetivos candeeiros de teto. Outras encontravam-se ainda mais devastadas, com enormes buracos nas paredes onde os cabos elétricos tinham sido arrancados e substituídos, e partes do soalho levantadas onde era preciso passar canos, e onde ainda se via restos de papel de parede por raspar, rodapés arrancados, radiadores à espera de serem instalados, lareiras que não passavam de buracos negros que ameaçavam sugar-nos. Porém, noutros quartos já só faltava pintar as paredes: estavam renovados na perfeição, com os seus novos rodapés, os radiadores no lugar, os florões dos tetos de onde pendiam ornamentados candeeiros de época, os soalhos limpos, preparados para receber os tapetes depois das pinturas, as paredes lisas com o estuque já seco, as lareiras com os seus apetrechos, aguardando o inverno para poderem albergar um fogo acolhedor.

Algumas divisões – o quarto dele, a casa de banho principal e a enorme cozinha – já estavam terminadas, certamente para que ele pudesse lá viver enquanto o resto das obras decorria. Explorei todos os quartos em que pude entrar, correndo as mãos pelas paredes, deliciada por poder tocar em pedaços de história viva de forma tão íntima. O apartamento em que eu vivia era uma velha residência vitoriana que tinha sido retalhada em apartamentos, mas o coração da casa tinha-lhe sido arrancado e, com ele, os vestígios da história que continha. Era anódina, branca e bege.

Aquela casa, restaurada com tanto cuidado pelo Jack Britcham, ainda estava repleta de história, fervilhava com as vidas que tinham feito parte dela, as muitas, muitas histórias que lá se desenrolaram. Sob os meus dedos, o coração da casa parecia bater e apeteceu-me encostar a cabeça às paredes e ouvi-lo a palpitar, ouvir os ecos do passado, absorver tudo aquilo, para os que lá viveram no passado não fossem esquecidos, e sim recordados.

É um disparate, eu sei, mas o Jack Britcham não olhou para mim como se eu fosse doida. Limitou-se a levar-me de quarto em quarto, deixando-me tocar nas paredes e ficar parada uns momentos até formar parte da casa.

– É linda – disse-lhe eu quando finalmente regressámos à cozinha, onde ele pôs a chaleira ao lume.

– Obrigado – respondeu ele.

– Embora a palavra “linda” não pareça descrevê-la como deve ser. Não parece apropriada.

– É isso que eu penso quando penso em ti. Quando tento descrever-te mentalmente sei que és bonita, mas a palavra não parece bastar.

Fitei-o, pasmada. Nunca ninguém me dissera uma coisa daquelas. Ia tão além de um elogio normal e eu estava tão perplexa que nem tive tempo para me sentir lisonjeada ou embaraçada.

– És assim sempre tão sincero? – perguntei-lhe, por fim, quando ele se limitou a devolver-me o olhar, como se estivesse à espera de que o contrariasse.

– Quase nunca – respondeu ele. – Não fui educado para isso. Venho de uma família em que as coisas se varrem para debaixo do tapete e nunca se discutem. Mas contigo não consigo evitá-lo.

Continuei a olhar para ele, novamente espantada, mas desta vez com a minha reação. Não fiquei embaraçada como pensei que ficaria, não me senti lisonjeada, senti... que era a coisa mais natural do mundo, porque da boca dele saía quase

tudo o que eu sentia. De outra pessoa com quem não sentisse afinidade iria parecer meloso, carente e embaraçoso, mas vindo dele era como ter um espelho apontado à alma.

– Não sei nada sobre ti – disse-lhe eu. – Não é estranho? E no entanto, não hesitei em vir a tua casa, quando, tanto quanto eu sabia, até podias ser um assassino do machado.

– Bebes café bem forte com três torrões de açúcar – declarou ele.

– Quatro.

– Costumavas fumar um maço de cigarros leves por dia, mas deixaste de fumar, mas não por motivos de saúde.

– Certo.

– Vives sozinha num T2 porque moraste durante tanto tempo num T1 que precisas de mais espaço agora que sentes que podes pagá-lo.

– Certo.

– És do Yorkshire.

– Tens andado a seguir-me? – perguntei eu.

– Não – disse ele, e abanou a cabeça. – Adivinhei tudo, menos a parte do Yorkshire porque ainda tens um vestígio do sotaque. Limitei-me a dizer o que me veio à cabeça. Aliás, vieram-me muitas outras coisas à cabeça, se queres saber. Tipo, que tens um casamento infeliz com um presidente deposto de um pequeno país; que és herdeira de um império e que em breve vais receber uma pipa de massa; que és uma agente dupla em fuga com inimigos espalhados pelo mundo inteiro; que mal posso crer que estás em minha casa há mais de vinte minutos e ainda nem sequer tentei beijar-te.

– Acertaste em tudo – disse eu com uma gargalhada. – Palavra por palavra. E tu... Acho que escolheste a tua profissão por influência do teu pai. Deste um passo muito arriscado ao comprar esta casa e ainda não tens a certeza se fizeste bem. Preferes o futebol ao rãguebi embora tenhas jogado rãguebi no liceu e na universidade. E, provavelmente, és a pessoa mais jovem a alcançar a tua posição atual na empresa onde trabalhas.

– Tens andado a seguir-me? – replicou ele.

– Sim.

E ele riu-se tanto que comecei também a rir-me. De repente estava à minha frente, a puxar-me para os braços dele e a beijar-me. E eu correspondi, lembrando-me de como gostara de o beijar, como me fizera sentir incrível e inocente.

Não sei quanto tempo estivemos assim ali na cozinha porque o tempo pareceu parar. A seguir, por acordo mútuo, subimos as escadas de mãos dadas. Eu sei que tinha decidido não o fazer, mas parecia tão natural com ele... No quarto, ficámos ao pé da cama a beijar-nos.

Quando estendi a mão para a gravata dele pensei, por uns momentos, em todos os nós de gravata que desfizera na minha vida, em todos os homens que ajudara a despir, em todos os homens com quem fora para a cama, desligando-me do que estava a acontecer assim que começava a parte do sexo. Depois pensei nos beijos, em como mudavam tudo. Eu não estava a desfazer o nó da gravata de um cliente, estava a desfazer o nó da gravata do Jack Britcham, o homem por quem estava apaixonada há meses. Isto era diferente. Tinha a ver comigo e com ele, e não dizia respeito a mais ninguém. Não deixaria entrar ali aqueles outros homens, só o Jack Britcham e eu, e os nossos beijos divinais. Quando comecei a relaxar, ele prendeu-me as mãos e afastou-se.

– Nunca fiz isto antes – balbuciou.

– Como assim? – perguntei eu.

Acariciou as minhas mãos entre as suas. Parecia atrapalhado e receoso.

– Nunca – fez uma careta de desconforto, depois uma expressão de dor –, nunca dormi com ninguém.

– Nunca?

– Tenho estado à espera da mulher certa. Sei que parece patético, mas... queria que a primeira vez fosse especial.

O virgem e a prostituta. Quem diria. Devia ter-lhe confessado tudo naquele preciso momento, mas não fui capaz. Eu não era aquela pessoa quando estava com ele.

– Preferes esperar, então? Não temos de fazer nada. Podemos apenas conversar.

Beijou-me as mãos.

– Não, eu quero muito, se tu ainda quiseses. Podes não gostar lá muito porque eu não sei o que estou a fazer... Céus, nunca pensei ter uma conversa destas com uma pessoa de quem nem sequer sei o sobrenome.

– Mas tu sabes o meu sobrenome, é Eve.

– Eve? – perguntou ele, baralhado.

– Sim. Eu disse-te, o meu nome é Só Eve.

Ele sorriu-me e senti a minha alma a iluminar-se. Queria estar com ele mais que tudo. Por razões egoístas. Para poder exprimir o que sentia por ele, para deitar por terra a barreira que erguia à minha volta quando tinha relações sexuais. Para estar com ele e saber que era possível, depois de tantos anos sem sentir nada, sentir algo pela pessoa com quem estava

na cama.

– É simples – disse-lhe eu. – Se tu quiseres, eu também quero.

Quando tornámos a beijar-nos, fechei mentalmente a porta aos homens do meu passado. Fechei os olhos e relaxei nos braços do homem que beijava.

Foi arriscado, eu sei, mas deixei-me levar. Deitei-me com ele, fiz amor com ele, deixei-o fazer amor comigo, sem criar resistências, sem erguer a barreira mental à minha volta, permitindo-me apenas viver a experiência de estar com o Jack Britcham.

Depois ficámos abraçados durante muito tempo, em silêncio, só a desfrutar a presença um do outro, ocasionalmente trocando carícias, mas sobretudo existindo, apenas. Eu era capaz de estar com o Jack Britcham. Com ele podia ser tudo e nada ao mesmo tempo. Podia simplesmente existir.

Saí quando ele adormeceu. Vesti-me no corredor para não o perturbar e fiquei parada à porta do quarto, a observá-lo, por alguns momentos, a dormir com a cabeça recostada no travesseiro, o lençol até à cintura, aquelas longas pestanas, o cabelo revoltado e sensual, os contornos do rosto tão bem delineado e proporcionado. Seria preciso muito para superar aquela perfeição. Soprei-lhe um beijo, imaginando-o a pousar-lhe nos lábios, antes de me virar para ir embora.

À porta, despedi-me também da casa. Era tão incrivelmente bela, uma parte tão importante do Jack Britcham, que de repente me senti triste por provavelmente não poder voltar a ver nenhum dos dois. Tinha sido muito egoísta. Não devia ter dormido com ele quando sabia como o sexo era importante para ele. Também era importante para mim, mas não da mesma forma. No meu caso, era o meu sustento e permitia-me não ser sem-abrigo e um pária na sociedade. Para ele, era algo que tinha esperado para fazer na altura certa; era mais do que um ato físico.

Procurei no bolso um pedaço de papel para lhe deixar um bilhete, mas só achei o cartão que ele me dera, um talismã que trouxera comigo esta tarde para me dar boa sorte. Já não iria precisar mais dele porque não voltaria a vê-lo, por isso servi-me da caneta da mesinha do telefone para escrever:

Comprar esta casa foi a melhor coisa que já fizeste. Queria ter-to dito antes. X

A seguir fui-me embora, e apanhei um táxi para casa porque começava a fazer-se tarde e sabia que o Caesar passaria por lá.

Não tomei logo banho porque gostava do cheiro dele em mim. Foi a única pessoa que não quis eliminar da minha pele assim que pude. Adorara senti-lo, as marcas que o corpo dele deixara no meu. Agarrei-me às lembranças dele, do que tínhamos feito e da nossa afinidade. E os meus lábios, maravilhosamente macerados, são uma prova em que posso tocar sempre que quiser para me lembrar.

Era inconcebível estar com outro homem esta noite, por isso escondi-me e não atendi a porta. Aconteça o que acontecer amanhã, tive um momento de felicidade perfeita e, por causa disso, serei capaz de suportar tudo.

Eve

fevereiro de 1997 (só uma atualização)

Já estava grávida quando dormi com o Jack.

Tinha um rapazinho ou uma menininha a crescer dentro de mim quando, pela primeira vez desde os meus quinze anos, percebi o que as pessoas queriam dizer quando chamavam ao sexo “fazer amor”.

Não sabia, claro, caso contrário não o teria feito.

A gravidez foi também a razão que me levou a deixar o Caesar. Quando descobri que os enjoos e o cansaço não se deviam apenas a odiar cada segundo da minha vida, percebi que não podia continuar assim. Não podia continuar a deixar que outros homens abusassem de mim para gozo do Caesar.

Foi a troca de pílulas, sabes? O médico tinha-me receitado uma diferente por causa das dores de cabeça, e avisou-me para usar preservativo durante uns tempos, mas nem todos os homens concordavam. Sexo sem proteção, como todas as outras coisas horrendas e doentias a que me sujeitei nos hotéis e na agência, era algo que às vezes tinha de fazer. Arrisquei-me, e fui apanhada.

Fiz o exame numa segunda-feira. Na quarta-feira seguinte disse ao Caesar. Durante dois dias guardei o meu pequeno segredo, algo que mais ninguém no mundo sabia, e senti-me tão bem... Senti que tinha recebido um presente muito especial. Pela primeira vez na vida, tinha algo que era só meu. Não queria saber quem era o pai, só a mãe importava, e essa era eu. Tinha de contar ao Caesar antes de sexta-feira porque as sextas-feiras eram os piores dias. Iam a um dos clubes que costumavam frequentar, fumavam charutos e emborrachavam-se com vinho, Porto e licores e vinham ao

apartamento à espera do serviço. Às vezes, dois ao mesmo tempo. Às vezes os outros ficavam a ver. Era uma boa noite quando só havia um. Não podia fazer nada daquilo com um bebé dentro de mim.

– Livra-te dele – foi tudo o que o Caesar disse a princípio. Nem sequer digeriu primeiro a notícia. A seguir, tirou a carteira do bolso do casaco, sacou de lá um pequeno cartão branco e um maço de notas, e colocou-os na mesa à minha frente.

Eu estava sentada no chão junto aos pés dele, como ele gostava, e podia ler com facilidade o que dizia o cartão.

– São rápidos e discretos, não quero alaridos. Só precisas disto. Trata do assunto até ao final da semana.

Sexta-feira. Queria que “tratasse do assunto” no prazo de dois dias. Não sei onde tinha a cabeça, se lá no fundo esperava que ele me deixasse ficar com o meu bebé.

Porém, a reação dele não deixava margem para dúvidas. Não me tocou durante toda a noite, não desapertou o botão das calças, o que geralmente queria dizer que devia pôr-me de joelhos, abrir-lhe o fecho das calças e fazer-lhe um bico. Ficou a conversar como se nada fosse, como se nada tivesse mudado, como se à minha frente, na mesa, não estivessem os meios e a informação necessários para matar o bebé que crescia dentro de mim.

Às duas horas, quando tive a certeza de que ele estava em casa com a mulher e não voltaria naquela noite, enfiei o meu vestido, os meus diários, as contas do rosário da tia Mavis e a minha fotografia na mochila do tio Henry e saí de casa apenas com a roupa que tinha no corpo. Provavelmente foi uma estupidez, mas não levei o dinheiro, as mil libras, que ele me deixara.

Depois da noite em que não atendi a porta, tinha-me obrigado a arranjar-lhe uma cópia da chave para poder ir e vir a seu bel-prazer. Queria que ele entrasse e visse o dinheiro e o cartão para que soubesse que não tinha feito como ele me mandara.

Assim, em setembro, deixei Brighton com pouco mais do que tinha quando fugira de Londres. Apanhei um táxi até Worthing e depois arranjei coragem para ligar de uma cabina telefónica para o número de um abrigo de mulheres que tinha memorizado.

Eles ajudaram-me. Arranjaram-me um sítio seguro onde ficar, bem longe, na zona rural de Kent, e foram amáveis comigo mesmo quando lhes disse que era uma prostituta grávida a fugir de um chulo. Cuidaram de mim durante uma semana, marcaram as consultas no médico, deixavam-me ficar dentro de casa o mais possível para não ser vista, e foram incríveis. Só que... não estava destinado. É o que digo a mim mesma. Foi o que disse a mim mesma na altura e é o que digo a mim mesma agora. Não estava destinado.

Passei por muitos horrores na vida, mas aquele foi provavelmente o pior. Não consigo descrevê-lo, revivê-lo. Só consigo suportá-lo dizendo a mim mesma que não estava destinado a acontecer.

Depois dessa perda, deixei de querer saber se ele me encontrava ou não. Se me arrastava de volta ao apartamento e me fazia coisas indescritíveis. Regressei a Brighton, candidatei-me a um subsídio do estado enquanto me candidatava a todas as vagas em que não fosse necessário explicar as lacunas no meu currículo, e antes de começar a receber o subsídio já tinha arranjado um emprego a limpar escritórios bem cedo de manhã e ao fim da tarde, e outro a servir às mesas da parte da tarde. Quando não estava a trabalhar, lia livros que trazia da biblioteca, e dizia a mim mesma que não estava destinado. Recebia uma miséria, por isso só tinha dinheiro para pagar a renda, as contas, e para comprar comida, mas era melhor que a alternativa. Quando fazia limpezas à noite e ouvia as outras empregadas a queixarem-se dos porcos que deixavam aquela imundície para limparmos, sorria, pois sabia que nessa noite não seria penetrada por um homem que desprezava. Sabia que limpar uma casa de banho era melhor que ser usada como tal. Sabia que um dia talvez tivesse a sorte de voltar a experimentar o que vivera com o Jack Britcham.

Manter-me ocupada, obrigar-me a preencher as horas em que não estava a dormir com trabalho, as minhas leituras, e pouco mais, era um bálsamo para a alma. Lentamente, ajudou-me a voltar a ser quem era. Em pouco tempo ganhei forças suficientes para pensar no futuro, em candidatar-me a um curso de acesso à universidade para poder um dia licenciarme e deixar para trás a mulher que fui. Cada passo em frente era uma forma de dismantelar a Eve camaleónica, que foi assistente de escritório, depois *lap dancer*, depois prostituta e por fim escrava sexual.

Eve.

libby

Hoje a Eve está deitada de lado, a fitar o vazio. Parece destroçada, o que não me surpreende. Passou por tanta coisa, e ainda assim era alguém que o Jack amava e que a Grace estimava. Era uma mulher extraordinária.

16 de janeiro de 1999

Suponho que tinha de acontecer um dia. Brighton não é propriamente o maior lugar do mundo. Vivo num apartamento por cima de uma garrafeira mesmo no centro da cidade. É minúsculo, provavelmente mais pequeno do que aquele em que vivia em Londres, mas é central e permite-me ir a pé a todo o lado.

A renda não é muito alta porque prometi à senhoria decorá-lo enquanto cá estivesse. O melhor de tudo é que fica a dois minutos do café, posso ir e vir num instante. E não fica muito longe dos vários escritórios espalhados pela cidade onde faço limpezas. Agora tenho uma vida muito ordenada e agrada-me que assim seja. Então o que terá acontecido hoje que tinha de acontecer um dia?

Dei de caras com o Jack, claro.

Deixei de lhe chamar Jack Britcham porque era o que lhe chamava quando andava perdida de amores por ele, quando ele era o homem de sonho que me entregara o seu nome completo num cartão. Agora que sou mais velha e mais sábia, é apenas Jack. É curioso como uma mudança de circunstâncias pode alterar a forma como vemos alguém. Não tenho quaisquer dúvidas de que naquela época estava apaixonada por ele. A força daqueles sentimentos não se finge nem se imagina, mas acho que não era sustentável.

Tinha ido até à mesa dele com o pedido (café bem forte sem açúcar) que a Clara recebera antes de se escapulir para ir fumar um cigarro, sem sequer olhar para o homem que estava à mesa. Deixara de olhar para os clientes quando começara repetidamente a ver homens parecidos com os clientes da agência. Alguns, provavelmente, eram-no, Mas outros, inocentes, eram tão parecidos que me davam arrepios.

Além disso, às vezes tinha a sensação de que as cicatrizes que carregava por dentro eram visíveis do exterior, e por isso escondia-me para que não olhassem para mim, para que não se questionassem, para deixar de me sentir como uma aberração da Natureza.

Porém, ninguém queria saber das minhas cicatrizes, nem se importariam mesmo que elas fossem visíveis, porque as pessoas estão demasiado absorvidas nas suas próprias vidas, nos seus amores e nos seus traumas. Os outros, sobretudo se forem estranhos, são insignificantes de mais para repararmos neles. Sei-o perfeitamente, mas continuo de cabeça baixa, a evitar os olhares dos outros, por mais breves que sejam, com medo de que exponham ao mundo as minhas cicatrizes e as minhas imperfeições.

– Só Eve, nem posso crer no que estou a ver – disse ele quando pousei o café na mesa.

Levantei a cabeça e os nossos olhares colidiram.

– Acabei de fazer uma rima – disse ele. – Reparaste?

Não pude deixar de sorrir, e ele sorriu também.

– Jack – disse eu, e ouvi na minha voz que ainda gostava dele, e que já não era a mesma coisa. Já não sou a mesma, suponho. Assim como, ao chegar à idade adulta, me desinteressara dos romances de cordel, tinha deixado de ser uma idiota apaixonada.

– Disseste o meu nome – admirou-se ele. A voz dele também estava diferente, também deixara de ser um idiota apaixonado. – Nunca o disseste depois daquela vez em que nos conhecemos.

– Isso é porque sempre pensei em ti como Jack Britcham, e não apenas Jack, por qualquer razão, e nunca me passou pela cabeça que pudesses entender porque o fazia.

– Porquê? – perguntou ele, e eu soube de imediato a que se referia. Encolhi os ombros e abanei a cabeça.

– Porque sim.

– Não gostaste? – perguntou ele baixinho, quase a medo.

– Foi fantástico, Jack, a sério. Não podia ter sido melhor, mas... as coisas são o que são. – *Foram as horas mais incríveis da minha vida.*

– Devo depreender que, embora o destino pareça claramente querer unir-nos, uma bebida esteja fora de questão? – indagou ele.

– Não, não está.

– Então aceitas sair comigo? Tipo, um encontro?

– Sim.

- Porquê? – perguntou ele, aturdido.
- Porque sim.
- Posso ficar com o teu número, então?
- Sim – respondi eu, apanhando-o outra vez de surpresa.

Ele podia ficar com o meu número e eu iria beber um copo com ele porque tenho andado a pensar muito sobre momentos de felicidade. O Jack fez parte de um dos meus maiores momentos de felicidade. Vivi muito poucos, e quero ter mais. Se houver uma possibilidade, por mais remota que seja, de que ele volte a fazer parte de um desses momentos, ou apenas de passarmos um bom bocado, tenciono aproveitá-la. Não tenho nada a perder e tudo a ganhar. Resolvi deixar de me martirizar.

Enfim, o que começou por ser um dia como todos os outros acabou por tornar-se um dia bom. Tive de regressar ao trabalho e ele ficou a beber o seu café, e não tirámos os olhos um do outro até ele sair. Deixou a gorjeta (uma nota de cinco libras) debaixo de um cartão branco. Soube o que era antes mesmo de lhe pegar: o cartão dele, claro. Virei-o e li a mensagem que lhe deixara tantos anos e tantas vidas atrás.

Enfiei-o por dentro do sutiã, deliciando-me com a sensação de o ter ali enquanto servia os outros clientes (tive de dar as cinco libras à Clara, obviamente).

O telefone está a tocar e sei que é ele.

Eve.

maio de 1999 (outra atualização)

Tinha-me esquecido de como é maravilhoso beijar o Jack. A sério que tinha. E é uma coisa do outro mundo. Acho que é o que passamos mais tempo a fazer, embora também façamos a outra coisa, que também é incrível, mas levámos um bom par de meses a chegar lá. Sim, escrevi bem – meses.

Ambos tínhamos os nossos motivos para esperar. Imagino que os dele tivessem a ver com o eu tê-lo abandonado depois da primeira vez e ele não o ter feito com mais ninguém desde então, o que me surpreendeu, mas Jack parece ter um autodomínio admirável. Embora aprecie o ato em si, não sente a necessidade de o fazer sempre que a ocasião se proporciona. E tenho a certeza de que se proporciona muitas vezes, porque tem mulheres a cair-lhe aos pés com muita frequência. É estranho não ter reparado nisso antes, mas muitas mulheres param a olhar para ele quando saímos juntos. O meu acanhamento relativo às cicatrizes internas que podem ser óbvias e visíveis para os outros torna-me hipervigilante, mas o Jack é uma camuflagem perfeita, porque quando estou com ele torno-me completamente invisível.

As mulheres sorriem-lhe a toda a hora. Umas dizem-lhe olá, outras metem conversa, e outras chegam a oferecer-lhe o número delas, mesmo quando estamos de mãos dadas ou quando ele tem um braço por cima dos meus ombros. Para elas é indiferente porque são quase todas raparigas ricas, da alta sociedade, que sabem que eu não sou uma delas e que ele pertence ao seu mundo, e veem-me apenas como um brinquedo dele.

Adoro a forma como ele me inclui sempre na conversa. Mais do que uma vez se virou para mim e disse:

– Não sei, será que queremos o número da (inserir nome de socialite)?

Isto deixa-as vexadas, pois suponho que ele não foi educado para ser tão grosseiro com um dos seus. Se fosse grosseiro com uma plebeia como eu, tenho a certeza de que não se incomodariam nem um pouco. Mas o que eu estou a tentar dizer é que o Jack podia ter tido as mulheres que quisesse no tempo que decorreu entre os nossos encontros, mas não. Percebi pela forma como se comportava quando estava comigo que se agarrara à esperança de que nos voltaríamos a ver. Às vezes pergunto-me quanto tempo teria esperado.

Quanto a mim, é óbvia a razão por que não estava terrivelmente interessada em fazê-lo.

A culpa não era do Jack, mas depois da perda que sofri levei muito tempo a entrar em contacto novamente com o meu corpo. Nos primeiros dias perguntava-me constantemente se seria por essa razão que tinha corrido mal. Se não estar completamente em contacto com o meu corpo, que separara da minha mente e do meu coração durante tanto tempo, estaria na origem do que tinha acontecido. Sabia que logicamente não era o caso, que o mais certo era haver um problema qualquer com o bebé (foi-me dito que devia chamar-lhe embrião), razão pela qual não se desenvolvera. Aparentemente, a Natureza sabe o que faz. E talvez, tendo em conta a forma como fora concebido, tenha sido melhor assim. Tudo muito lógico. Mas a verdade é que eu pensava nele como o meu bebé e desejava-o, queria muito ter alguém para amar e de quem cuidar, e perdera-o sem saber porquê. Mais um peso que tinha de carregar, outra cicatriz que não queria que ninguém visse. E culpei o meu corpo. Que mais podia eu fazer? Num caso destes, “porque sim” não é razão que chegue.

Por isso, não tinha pressa de voltar a ter relações sexuais, um ato que me deixara tantas cicatrizes. Estou-me nas tintas

para o que se diz sobre voltar a montar o cavalo logo que possível a seguir a uma queda. A última coisa que queremos é voltar a arriscar-nos, mesmo que isso signifique nunca mais participar nessa atividade em particular.

Se eu caísse de um cavalo e me sentisse como se sinto em relação às coisas que fiz, nunca mais iria querer aproximar-me de cavalo nenhum, pelo menos até alguém poder garantir-me que o próximo cavalo (anos depois, quando pudesse analisar o medo que sentira com algum distanciamento) era cem por cento seguro.

O Jack era seguro.

Porém, levei um par de meses a perceber isso. Seja como for, beijá-lo era a melhor parte. Ele disse-me que beijara muitas mulheres, porque era o que fazia em vez da outra coisa, mas que não tinha percebido como era bom até me ter beijado. O que parece uma lamechice assim escrito, mas na altura eu soube o que ele quis dizer.

Senti-me tentada a dizer-lhe (mas não disse) que nunca mais teria de beijar ninguém a não ser eu, porque eu esperava nunca mais ter de dormir com alguém a não ser ele. Tenho a certeza de que, se isto com ele não resultar, nunca mais o farei. Pelo menos a parte do sexo. Por muito que queira um filho, acho que não seria capaz de me deixar penetrar por outro homem.

Provavelmente não vou escrever muito durante uns tempos porque eu e o Jack passamos quase todo o nosso tempo livre juntos. Cada momento livre que temos é só para nós. Só estou a escrever agora porque é domingo e ele foi comprar comida. Não há nada nos armários nem no frigorífico porque não saímos de casa, ou melhor, do quarto, desde sexta-feira à noite.

– Vou dar uma de caçador-recolector – disse ele, batendo no peito, e tive de o beijar várias vezes antes de me sentir segura o suficiente para o deixar ir.

É uma tontice, mas sempre que nos separamos digo-lhe que o amo e selo as palavras com um beijo porque tenho medo de que, se nunca mais nos virmos, ele não o saiba. Não conto desaparecer nem morrer, mas às vezes sinto um medo irracional de que o Elliot ou o Caesar andem atrás de mim e possam encontrar-me e matar-me.

Isso não me assusta tanto como pensar que posso morrer sem que o Jack saiba que nesta vida só amei um homem. Amei o Peter, mas ele era um rapaz. Nesta vida só amei um homem, e esse homem é o Jack.

E é isto, a minha atualização.

Acho que não ficou bem claro como estou feliz. A felicidade é um conceito alienígena para alguém como eu, mas sou feliz. Ele faz-me rir, faz-me pensar, conversamos, beijamo-nos, e às vezes até decoramos juntos a casa dele. Não o deixo ir ao apartamento porque acho que é importante não deixar outro homem, por mais confiável que seja, por mais que o ame, entrar no meu espaço. Preciso de um porto de abrigo, e é por isso que não deixei o apartamento apesar de praticamente viver aqui.

Sou feliz. Tenho os meus empregos, o meu curso de acesso à universidade, e tenho o meu Jack. Por isso sou feliz. Bem vistas as coisas, é só o que interessa: ser feliz.

Beijos,
Eve

22 de novembro de 1999

Olá, velho amigo, cá estou eu outra vez.

Gosto que estejas sempre aqui, sem nunca me julgares, sempre presente. Por mais tempo que passe sem vir ter contigo, sei sempre onde estás quando preciso de ti. E como preciso de ti.

O que terá acontecido agora no dramático mundo da Eve? Tornei a vê-lo, foi o que foi. O Caesar. Tornei a vê-lo.

Ontem à noite, depois de muita persuasão, porque eu não gosto da coisa dos “encontros”, o Jack levou-me a uma ópera em Londres.

Foi a minha oportunidade de usar o meu vestido. Não o vestia desde o dia em que o comprei, e voltar a fazê-lo foi como ser abraçada por um velho amigo. Senti-me tão deslumbrante como naquele dia na loja e fiquei agradecida ao Jack por me ter convencido a ir com ele à ópera, por me dar uma oportunidade de usar o meu vestido.

A ópera, *Madame Butterfly*, foi linda. Deixei-me levar pela música, experimentar as emoções da história que já conhecia porque a li há muitos anos. Tive pena da Butterfly, disposta a tudo (incluindo virar as costas à sua fé) para ficar com o homem que amava, quando afinal de contas ele só a queria levar para a cama.

Durante o intervalo fui juntar-me à fila das senhoras à porta da casa de banho enquanto o Jack nos foi buscar umas bebidas.

No espelho da casa de banho, reparei como estava diferente, não apenas por causa do vestido, mas também nos olhos.

Estava diferente porque estava feliz. Não trazia maquilhagem (a maquilhagem lembra-me a Honey, e agora nunca a uso), mas ainda assim tinha um ar feliz.

Ao regressar para junto do Jack vi-o a falar com um homem. Não era surpresa nenhuma, porque o Jack conhecia sempre alguém onde quer que fôssemos. Porém, quando me aproximei, percebi com quem é que ele estava a falar. Com que *animal* é que ele estava a falar.

Estaquei ao deparar-me com aquela visão horrenda: o Caesar.

O Jack conhecia o Caesar. Ali parada, a olhar para eles, senti os joelhos a fraquejar. A linguagem corporal deles era formal, reservada, por isso não deviam conhecer-se muito bem. Mas depois, ao compará-los, reparei que tinham a mesma altura, uma constituição semelhante, os mesmos traços... Não, não, abanei a cabeça para afugentar a ideia. Não, não podia ser.

Ao mesmo tempo recuei e fugi para longe dali por onde viera, regressando ao toilette. No interior luxuoso das casas de banho sondei freneticamente os rostos das mulheres à procura dela, tentando localizá-la entre os vestidos chiques, os penteados caros e os perfumes inebriantes. E lá estava ela: uma loira alta e impassível de cabelo apanhado com um vestido preto coleante, pérolas à volta do pescoço, sapatos caros e maquilhagem irrepreensível. A acompanhante do Caesar. Outras mulheres não teriam reparado nela, pensariam que era como elas, que estava ali pela música, pelo ambiente e pela experiência. Poucas saberiam que estava a trabalhar. Muitos dos homens saberiam, porque muitos dos homens ali presentes podiam pagar os serviços dela.

Olhou para mim ao ver que estava a ser observada e lançou-me um meio-sorriso gélido, e eu soube que podia vê-lo em mim. Sabia o que eu tinha sido. Entreolhámo-nos e percebi que ainda estava longe de descer tão baixo como eu tinha descido, para o fim. Provavelmente, ainda tentava convencer-se de que o dinheiro valia a pena, de que estava a ajudar aqueles homens, de que se sentia emancipada e senhora de si com o que fazia. Provavelmente sentia pena de mim por não ter tido força suficiente e me ter deixado derrotar. Passou por mim, apressada, e regressou ao salão e eu segui-a, esticando a cabeça por trás da porta para ver se tinha razão.

E tinha mesmo. Assim que viu que ele estava a conversar com outra pessoa manteve a distância, rondando ali por perto à procura de qualquer coisa dentro da mala, a brincar com o telemóvel, permanecendo invisível até ele ficar livre.

A sineta que indicava o fim do intervalo fez-me saltar de susto. Voltei a enfiar-me na casa de banho antes que o Jack olhasse em volta à minha procura. Meti-me num dos cubículos e deixei-me lá ficar até não ouvir nenhum som lá fora, e até ouvir o segundo toque da sineta a dizer às pessoas que o resto do espetáculo estava prestes a começar.

Esperei mais alguns minutos antes de sair, e fui encontrar o Jack sozinho, com as nossas bebidas na mão e os *librettos* debaixo do braço.

– Estás bem? – perguntou ele. – Estiveste tanto tempo desaparecida que estava prestes a enviar uma equipa de resgate.

– Desculpa – disse eu baixinho. – É que... não me sinto lá muito bem.

– Realmente estás um pouco pálida – reparou ele. – E estás, estás a tremer.

Olhou em redor à procura da superfície plana mais próxima. Depois de se desfazer das bebidas veio pegar-me na mão.

– Estás gelada – disse ele, preocupado. – Anda, vamos levar-te a casa.

– Tens a certeza de que não te importas? – perguntei-lhe. – Aqueles bilhetes devem ter custado uma fortuna.

– Não importa. O que importa é que fiques bem.

– Obrigada.

– Não tens de me agradecer – disse ele. – Amo-te. Temos de cuidar das pessoas que amamos.

Lá fora, ao ar fresco, senti-me um pouco melhor, provavelmente porque estava mais longe *dele*. Inspirei a atmosfera de Londres, lembrando-me do tempo em que era apaixonada pela cidade, como me tinha parecido perfeita quando chegara. E como me parecera assustadora e cheia de perigos ocultos quando partira.

– Acabaste de perder o meu pai – disse o Jack. – Também veio à ópera. Já devia ter imaginado, faz questão de assistir a todas as novas produções de *Madame Butterfly*.

Mal ouvi o resto do que ele disse, porque as primeiras palavras forçaram-me a virar-me para a parede mais próxima sem poder conter o vômito.

O pobre do Jack ficou horrorizado. Quando esvaziei o estômago acolheu-me nos braços até parar de tremer, e em seguida apoiei-me no braço dele enquanto nos dirigíamos para o carro. Mais tarde, carregou-me pelas escadas até à cama e ficou acordado até eu adormecer nos braços dele.

Que faço agora?

Tenho de terminar tudo com o Jack, claro. Tem dado a entender que quer que conheça a família dele, mas eu não me tenho mostrado muito interessada. Não posso retribuir o gesto, por isso não queria fazê-lo. Gostava do nosso mundo a dois, fazia parecer aquilo que temos ainda mais especial. Não queria deixar entrar mais ninguém. E agora ainda tenho mais razões para isso.

Agora que penso nisso, é estranho nunca termos conversado muito sobre as nossas famílias. Eu sabia que ele tinha pais e um irmão, e ele sabia que o meu pai tinha falecido quando eu era pequena e que a minha mãe vivia em Leeds, mas nada mais para além disto. Nada de muito profundo, portanto. Não parecera necessário.

Devia terminar tudo com o Jack, mas como posso eu fazê-lo? Não sou feliz assim há anos, como posso eu abrir mão dele assim sem mais nem menos?

Não é justo, sabes? Já não paguei pelos meus pecados? Não foi castigo suficiente ter perdido o meu bebé? Porque tenho eu de perder também o Jack? Porque tinha o Caesar de ser o pai dele?

libby

Atiro o livro para o chão, desesperada por me livrar dele. Olho para as mãos à procura da imundície que deve ter passado do Hector para mim.

Ele não pode ser o Caesar, não pode.

Fico perfeitamente imóvel, em pânico. Olho à minha volta à procura dela, que já aqui não está. Claro. Não podia ficar e enfrentar uma coisa destas.

Levanto-me a custo e começo a andar de um lado para o outro, a retorcer as mãos e a controlar-me para não desatar aos gritos. Como conseguiu ela viver com um segredo destes? Terá contado ao Jack? Deve ter-lhe contado. Mas como conseguiu ele viver, sabendo isto? Tentar obrigar um filho a dormir com uma prostituta é uma coisa, mas...

Como vou eu encarar o Jack depois disto? Como vou eu conseguir falar normalmente com ele, agora que sei? Pensar que o Hector escravizou uma mulher, e logo a mulher com quem o filho veio a casar.

Ouçõ ao longe um carro a chegar, e o Butch a correr para a entrada e a ladrar enquanto a porta do carro se fecha. É o Jack.

À pressa, embrulho os diários e devolvo-os ao seu esconderijo, e deixo a cave o mais depressa possível. Chego ao quarto segundos antes de ele abrir a porta e entrar em casa. O Butch para de ladrar por uns instantes e a seguir ouçõ as unhas dele a raspar pelo chão enquanto volta a correr para o seu cesto.

– Libby? – chama o Jack.

– Sim? – respondo eu do meu lugar atrás da porta.

– Encontrei um par de vadios esfomeados na rua a precisar de comida – diz ele.

A Angela e a Grace. Graças a Deus. Espero que fiquem ao serão para não ter de falar com ele e deixar escapar o que acabei de descobrir. Dá-me tempo para tentar perceber como lidar com o assunto.

Abro a porta, sorridente, e estico a cabeça para fora do quarto.

– Olá, Liberty – diz a Harriet.

– Espero que não se importe de lhe aparecermos assim em casa – diz o Hector.

– Estávamos aqui perto e o Jack achou que não fazia mal – acrescenta a Harriet.

– Não faz, pois não? – pergunta o Jack.

Respirar, respirar, respirar. Só tenho de me concentrar na respiração. Senta-te, não fales, respira só.

– Tudo bem – digo eu. – Não há problema.

capítulo dezassete

O Hector está sentado na nossa sala de estar a tomar um aperitivo.

O Caesar da Eve está na nossa sala à espera do jantar.

Tenho tentado ocupar-me na cozinha desde que eles chegaram, embora a Harriet tenha feito de tudo para me convencer a abrandar e a fazer-lhes companhia na sala. O Hector dá-me arrepios, é como se estivesse coberta por uma película viscosa e repugnante. Quando olho para ele só vejo o homem que cometeu aquelas atrocidades contra a Eve. A quantas outras teria feito o mesmo? A quantas mulheres terá pago por sexo? Pago. Por. Sexo. A ideia em si já é má que chegue, mas saber que, uma vez que o dinheiro trocava de mãos, ele só via um pedaço de carne que podia tratar como bem quisesse...

– Que tens? – pergunta-me o Jack, e o susto quase me faz largar o prato que tenho nas mãos. Tenho estado tão concentrada na preparação do jantar, em tentar abstrair-me do que sei para poder jantar à mesma mesa com o homem que tenho na minha sala, que nem o ouvi aproximar-se.

Será que o Jack sabe? Será que sabe o que a pobreza e o desespero levaram a esposa a fazer para ganhar a vida? Será que sabe o que houve entre o pai e a Eve?

Volto-me para ele e forço um sorriso.

– Nada, porquê?

Estica a mão para a poisar no meu braço e eu retraio-me. Não chega a tocar-me, mas noto que fica magoado.

– Pareces muito nervosa – diz ele sem conseguir disfarçar o desapontamento. – Podemos falar-lhes já do divórcio, se quiseres, para não teres de fazer o frete de manter as aparências, se é isso que te preocupa.

Divórcio?, penso eu por momentos. *Quem é que se vai divorciar?* E então lembro-me. Nós vamos divorciar-nos. Eu vou divorciar-me.

– Não, não é isso – digo eu. – Só quero que corra tudo bem com o jantar.

– Tens a certeza de que não queres que te ajude? – pergunta ele.

– Sim.

– Sabes, Libby... – começa ele a dizer, mas depois cala-se.

Agindo por instinto, dou um passo e abraço-o. É incrível voltar a tocar-lhe. Fecho os olhos e encosto-me ao peito dele. Ouço-lhe o bater do coração. Devagar, a medo, ele abraça-me também, coloca a mão em concha atrás da minha cabeça e estreita-me com meiguice.

Amo-te, penso eu, na esperança de que ele possa receber a mensagem através do meu toque, da minha pele. *Amo-te muito*.

– Eu não os deixo ficar até muito tarde – diz-me ele. – Achas que podemos conversar?

Não o temos feito, pois não? Tem sido doloroso de mais, um fim demasiado inevitável, para que possa revelar-me a verdade sobre o que sente pela Eve e por mim. Mas como posso eu deixá-lo

quando ainda nem sequer falámos no assunto como deve ser? Nem cheguei a perguntar-lhe o que realmente sente por mim. Simplesmente assumi que já sabia.

– Sim, seria ótimo.

A minha resposta dá-lhe coragem para se atrever a romper a barreira entre nós com um abraço mais apertado, e sinto o coração dele a disparar, acompanhando o ritmo acelerado do meu coração.

– Libby, o jantar estava fantástico – diz a Harriet, colocando os talheres lado a lado no prato. Olho para os pratos à volta da mesa. Todos vazios, exceto o meu. Só quando me sentei diante do Hector é que me apercebi de que não seria capaz de jantar na presença dele. Falar também não tem sido fácil e, ah sim, respirar.

– *Coq au vin* é provavelmente um dos meus pratos favoritos – diz o Hector, bem disposto. – Agora não sei qual prefiro: se o seu, se o da minha mulher. – Coloca a mão enrugada, de veias salientes, sobre a da Harriet. – Sem ofensa, minha querida – diz-lhe com doçura.

Ela sorri, acolhendo o gesto do marido com gratidão.

– Ora essa.

Horrorizada, levanto-me e faço menção de retirar os pratos da mesa.

– Nem pense que ainda vai tratar da loiça depois do trabalho que teve a preparar o jantar – ralha a Harriet, e quando dou por mim já está de pé a juntar os pratos e os talheres, e o Jack levanta-se para a ajudar. Já estou a ver o que vai acontecer a seguir: vão levar tudo para a cozinha e carregar a máquina de lavar loiça, ou lavá-la à mão, e vão deixar-me aqui sozinha com o Hector. E terei de conversar com ele.

– Não, não, eu ajudo – digo eu, nervosa.

– Nada disso – replica a Harriet.

– Não admito discussões – acrescenta o Jack. – Senta-te e relaxa.

Quando ficamos sozinhos, o Hector recosta-se para trás na cadeira e sorri-me. Cravo os olhos no tampo da mesa. Tenho as linhas do rosto dele gravadas na memória, e não o encarar não me traz qualquer alívio. Nem imagino como terá sido para a Eve depois de tudo o que se passara entre ambos.

– Parece muito melhor – diz o Hector.

– Obrigada – balbucio.

– Deve estar ansiosa por regressar ao trabalho.

Respondo com um encolher de ombros enquanto escuto os ruídos que vêm da cozinha, e rezo para que o Jack e a Harriet não demorem a regressar à sala para me salvarem desta tortura.

O Hector cala-se, desiste de tentar entabular conversa comigo e instala-se entre nós um silêncio incómodo.

– Disse algo que não devia? – pergunta ele, por fim.

Fico paralisada. Que hei de eu dizer-lhe? A mim não me fez mal nenhum, mas fez ao Jack e à Eve. Às vezes, tenho a sensação de ter passado pelo mesmo que a Eve passou, mas a verdade é que não

passsei.

Abano a cabeça.

– Não mereço sequer a atenção de um olhar e uma resposta verbal à minha pergunta? – diz ele.

A confusão na minha cabeça é tanta que dou por mim a ceder. Levanto a cabeça, respiro fundo e digo:

– Não.

Os olhos dele, que lembram os do Jack, prendem os meus e não consigo desviá-los. Mergulho bem fundo naqueles olhos para tentar perceber a natureza do monstro que se esconde na mente dele, que vive na sua alma. E depois quero desviar os olhos e não voltar a olhar para ele nunca mais.

– Que disse eu? – pergunta ele, calmo e razoável (e tanto mais ameaçador por isso).

O Hector que conheço há anos já não se encontra nesta divisão. Sentado à minha frente vejo agora o homem que abusou da Eve. Não fazia ideia de que pudessem trocar de lugares com tanta facilidade, que estivessem tão emaranhados um no outro. É inútil mentir-lhe.

– Sei o que se passou entre você e a Eve – declaro. – Ou deverei chamar-lhe antes Honey? – Estou menos confiante do que pareço.

– O que pensa você que sabe? – retruca ele. A única coisa que mudou na sua fisionomia foi a expressão da boca, tensa e apertada.

– Encontrei os diários dela – digo-lhe, e logo a seguir desejo poder apanhar as palavras no ar e voltar a enfiá-las na boca. Foi ele. Foi ele quem a matou. Claro que foi. Matou-a para deitar a mão aos diários, às provas que ela tinha do que ele lhe fizera.

E agora que lhe confessei que os tenho, é como se lhe tivesse dito: mate-me também.

jack

Muitas vezes me pergunto se a minha mãe não fará mesmo ideia de quem o meu pai realmente é. Ou se sabe e resolveu ignorar a realidade.

Quando regressámos daquela fatídica viagem a Londres, no aniversário dos meus quinze anos, entrei na cozinha e encontrei a minha mãe à minha espera com um bolo de aniversário com quinze velas. Disse-me:

– Sei que é uma tolice, querido, e que já és velho de mais para estas lamechices, mas adorava que pudesses continuar a ser o meu bebé por mais um ano.

Estava quase mudo de choque com o que acontecera em Londres, e tudo o que eu mais queria naquele momento era continuar a ser o bebé dela. O meu pai tinha-se fechado no escritório, como sempre fazia quando estava irritado.

Fui ter com a minha mãe e abracei-a. Sempre fugira da necessidade que ela sentia de me mimar constantemente, de me tratar como um bebé, mas naquele momento precisava do conforto de uma mãe. Apanhada de surpresa, devolveu-me o abraço.

– Que tens? – perguntou-me, perplexa e apreensiva em partes iguais. – Discutiste com o teu pai?

– Não – neguei eu, procurando esconder os soluços na voz. – Não.

– Vá lá, podes contar-me – instou ela. – Alguma coisa aconteceu.

Olhei para o relógio de pulso que ele me tinha comprado para encobrir o verdadeiro “presente”. Quase mo atirara à cabeça.

– Eu, eh, não gostei do relógio que o pai me ofereceu – menti, recuperando a compostura e eliminando a nota juvenil na minha voz. – Ele ficou aborrecido comigo.

A minha mãe hesitou, sem saber se devia acreditar em mim ou não.

– Obrigado pelo bolo – disse-lhe eu, afastando-me. Tinha de começar a comportar-me como um homenzinho, não podia sobrecarregá-la com aquele fardo. E como havia eu de lhe explicar que o tinha visto ir com outra para um quarto, quando a tinha em casa a ela? Escolhera uma mulher tão nova para... – E de chocolate, o meu preferido. Podemos acender as velas?

A minha mãe não se mexeu por uns instantes, mas depois fez o sorriso que eu adorava e foi buscar os fósforos à gaveta do armário da cozinha.

– Pensa num desejo – disse ela, enquanto as chamas das quinze velas dançavam à minha frente.

Nunca vir a ser como o meu pai, pensei eu, e soprei com força. Felizmente consegui apagá-las todas de um fôlego. *Obrigado*, pensei eu, dirigindo-me à entidade divina que velava por mim. *Obrigado, pois não quero ser como ele.*

– Como se sente a Libby? – pergunta-me a minha mãe.

Sempre tive uma certa inveja da familiaridade com que a Libby trata os pais, da forma como diz “a minha velha” ou “o meu velho”. Nunca pude fazer o mesmo, nunca tive essa liberdade. Eu e os meus pais temos uma relação formal. Formal e distante. A Eve nunca falava da família, até à noite em que me contou tudo sobre o passado dela, e o assunto perdeu-se no meio de tudo o resto. Não tive ocasião de lhe perguntar sobre a família, outra daquelas coisas que ficaram por fazer por eu achar que tinha todo o tempo do mundo.

– Está melhor. Ainda sente dificuldade em sair de casa, mas já não parece estar tão... traumatizada.

Penso no momento que partilhámos há bocado. Talvez ainda tenha uma hipótese. Talvez ela me dê outra oportunidade.

– É mesmo um amor – elogia a minha mãe.

– Eu sei – respondo eu.

Durante algum tempo arrumamos a cozinha em silêncio. A certa altura ela poisa um prato na pilha dos pratos que acabou de enxugar com um gesto decidido e vira-se para mim.

– Gostava que tu e o teu pai se dessem melhor. As coisas entre vocês nunca mais foram as mesmas depois daquela vossa viagem a Londres, no teu aniversário. Afinal, o que é que se passou?

– De que viagem é que estás a falar? – pergunto-lhe eu, pensando se será boa altura para lhe contar. Observo-a: o cabelo, que começa a encanecer, tem um corte que lhe realça as linhas suaves do rosto; os olhos, sempre tão meigos e compreensivos, estão rodeados de rugas que mostram que houve riso na vida dela. É uma mulher muito afável, razão que sempre me levou a questionar porque faz o meu pai o que faz. Que pode ele querer das outras que não tenha da mulher.

– A viagem dos teus quinze anos a Londres – diz ela, muito calma, sem se deixar distrair pelas minhas tentativas de mudar o rumo à conversa.

– Quando nos zangámos por causa de um relógio? – pergunto-lhe.

– Jack – diz ela, afagando-me o rosto – meu pequeno, não tens de me proteger. Conta-me o que realmente se passou.

Mas se eu não a proteger, quem o fará?

– Mãe – experimento a palavra, que parece embrulhar-se-me na língua, mas repito-a para ver se me habituo a ela, – mãe, isso foi há imenso tempo. Já nem me lembro de quase nada do que aconteceu nesse dia. E o Hector com certeza também não.

Ela assente e sorri com olhos tristes.

– Foi o que eu pensei. Mas, Jack, não te fies nisso. O teu pai nunca se esquece de nada.

E aqui estou eu, num duelo de vontades com o homem que provavelmente matou a Eve. E sei que é ele quem vai vencer, porque a calma determinação daquele olhar e a expressão imperturbável dele depois do que lhe revelei confirmaram aquilo de que me apercebi microssegundos depois de lhe dizer que tinha os diários: é de uma frieza capaz de matar.

Sem vergonha de ceder primeiro, desvio os olhos do seu fito hipnótico e concentro-me nas minhas mãos. A Grace não teve oportunidade de voltar a pintar-me as unhas e tenho-me esquecido de pôr o creme das mãos. Assim vão envelhecer prematuramente. Que ironia. Vou envelhecer naturalmente, mas as marcas que me distinguem, as cicatrizes do acidente, serão sempre pelo menos trinta e seis anos mais novas que o resto do meu corpo. Quando, daqui a sete anos, o meu corpo se tiver renovado completamente, as cicatrizes serão velhas, mas o resto será ainda mais velho.

– A Eve era uma jovem muito perturbada, dada a fantasias e a rasgos de imaginação completamente descontrolados – declara o Hector, plácido. Não me surpreende que o medo a impedisse de fugir até que algo mais importante do que a sua própria segurança lhe tenha dado coragem. Eu, que tenho uma mesa a separar-nos e duas pessoas na divisão ao lado para me protegerem, dou por mim constrangida, apreensiva, à beira do pânico.

– Se puder mostrar-me os diários talvez eu possa explicar-lhe o que ela pode ter querido dizer com as coisas que escreveu.

No dia em que conheci o Jack lembro-me de ter sorrido ao vendedor do stand de automóveis com os lábios enrolados para dentro da boca e com o olhar noutro ponto qualquer porque o achava irritante, condescendente e muito desagradável. Lanço ao Hector outra versão daquele sorriso para não ter de falar. Por hoje já arranjei corda suficiente para me enforcar. Se não lhe der mais trela talvez possa mantê-lo afastado de mim até os outros voltarem da cozinha.

– Não gosto de ser ignorado – diz-me ele, e sinto um arrepio gelado a descer-me pela espinha.

Continuo de cabeça baixa e não respondo. Não é boa ideia enfurecê-lo, mas também não quero continuar a falar com ele. Como se lida com o homem mais perigoso que já se conheceu?

– Chá ou café? – pergunta a Harriet, entrando na sala precisamente quando eu estava prestes a ter de decidir a minha próxima jogada. Levanto-me de um salto.

– Harriet, sente-se um pouco, insisto. O Jack e eu fazemos o café, seja como for tenho de lhe dar uma palavrinha.

Quando a Harriet abre a boca para protestar já estou ao pé da porta. Ela olha para mim e para o Hector, mas se suspeita de algo não o dá a entender.

– Para mim, café – diz o Hector regressando à normalidade, ao seu papel de marido e pai.

– Para mim também – acrescenta a Harriet.

– Café para todos, então – e esgueiro-me até à cozinha. – Toda a gente quer café – digo eu ao Jack,

que está junto da chaleira, a fitar a superfície metálica à espera que a água ferva.

– Normalmente já não bebes café a esta hora – comenta ele.

– Pois não, tens razão. Acho que vou já para a cama. Importas-te de conversarmos amanhã, ou assim? Estou um pouco cansada.

Ele parece desapontado, mas não espero pelos remorsos, não vá querer ficar e ter de passar o resto da noite a aturar o Hector.

Enquanto me dispo, lembro-me dos diários da Eve. Tenho de acabar de os ler o mais depressa possível para descobrir o que lhe aconteceu. Para saber se realmente acabei de jantar com um assassino.

E se serei a próxima.

capítulo dezoito

libby

Tenho estado todo o dia a receber chamadas de um idiota qualquer que desliga quando eu atendo.

E não posso ignorar o telefone, porque pode ser importante, e como passo o dia inteiro na cave, onde a receção ainda é pior que no resto da casa, tenho de ir lá acima atender.

Quando pego no auscultador, a pessoa do outro lado deixa-se ficar uns segundos em linha e depois desliga.

Espero que se cansem depressa e decidam arranjar outra pessoa para incomodar porque não estou para passar o dia a subir e a descer as escadas.

– Vens comigo, Butch? – pergunto-lhe. Hoje está mais quieto do que é costume. Só quando cheguei à cama é que percebi que tinha entrado no quarto comigo. Saltou para cima da cama e aninhou-se ao pé de mim. Fiz-lhe festas no pelo e senti-me muito mais calma, mais *segura*, com ele ali. Estou a precisar dessa influência positiva.

Ele ladra, feliz, salta do seu cesto e dispara escadas abaixo atrás de mim.

eve

5 de janeiro de 2000

Não terminei tudo com o Jack. E não lhe disse que conheço o pai dele. Como podia eu fazê-lo?

Eu sei, eu sei: já são segredos de mais. Não é bom ter segredos. Não são saudáveis numa relação. Sobretudo agora que ele tem andado a fazer insinuações sobre o tema do casamento. Pode ser só imaginação minha, mas tem falado muito sobre o futuro, sobre nós, pergunta-me o que penso da decoração daquela casa magnífica. Já me pediu mais do que uma vez para ir viver com ele, para deixar o apartamento e mudar-me lá para casa, e mais do que uma vez fui obrigada a recusar dizendo que era cedo de mais.

Não é por ser cedo de mais, é porque tenho medo. Se lhe digo que sim, sem lhe contar o meu passado, estarei a ser uma péssima pessoa. Se puder ter um pé fora da relação, ainda posso tentar convencer-me de que não lhe menti de mais. Ainda não me entreguei completamente a este relacionamento, o que significa que não tenho de lhe contar tudo.

O Jack fica magoado, mas ficaria ainda mais magoado se soubesse que tipo de mulher eu sou. Mas sinto que há algo prestes a acontecer e que vai mudar tudo. Basta encontrarmos o Caesar na rua um dia destes.

Nessa altura seria tudo uma questão de esperar para ver se ele viria atrás de mim, ou se me destruiria destruindo o Jack, contando-lhe que a mulher com quem ele dorme foi prostituta. Não sei.

Tudo seria mais fácil, claro, se eu não amasse tanto o Jack. Sei que acalmei muito desde os primeiros dias, e que a minha perda me deixou muito mais cautelosa, mas não posso negar o que sinto por ele. Não posso negar que ele é o homem com quem quero passar o resto da vida. Estou a ser muito egoísta, não estou? Se soubesse de tudo, queria ele passar o resto da vida comigo? Duvido. Duvido muito.

Isto está a dar cabo de mim.

Eve

25 de janeiro de 2000

Esteve aqui ainda agora.

O Hector, o Caesar, o pai do Jack – seja ele que raio for. Esteve aqui ainda agora e pôs-me no meu lugar.

Suponho que o antagonizei. Vesti-me de vermelho para enfrentar o touro, que esperava eu? Tudo começou no fim de semana, quando o Jack finalmente insistiu que conhecesse os pais dele. Tenho tentado evitá-lo a todo o custo, como já disse. Inventei desculpas, fingi estar doente, até pedi que me chamassem de urgência para trabalhar. Mas, esta semana, o Jack recusou-se a aceitar um não como resposta e deu para perceber que era muito importante para ele. As minhas constantes evasivas estavam a causar-lhe dor, a fazê-lo questionar-se se eu teria vergonha dele, quando na realidade era exatamente o oposto.

Vesti-me da forma mais simples possível: um vestido florido de cor creme, cabelo solto e sapatos rasos. No caminho para casa dos pais fui alternando entre mini-ataques de pânico, em que mal conseguia respirar, e a vontade de vomitar.

– Sei que estás nervosa – disse-me o Jack a certa altura –, mas não é caso para tanto. Tenho a certeza de que eles te vão adorar.

– Jack, sobre... – comecei eu a dizer várias vezes, mas as palavras ficavam-me entaladas na garganta e recusavam-se a sair. Como dizer-lhe que o pai dele já tinha sido o meu chulo? Que dormi com o pai dele antes de dormir com ele?

– Não te preocupes – disse o Jack depois da quinta ou da sexta tentativa –, quando os meus pais te conhecerem vão ver como és linda, meiga e generosa.

– Duvido – disse eu, tentando ser jovial e ignorar o torvelinho de ansiedade dentro de mim. – Só tu é que achas isso, mais ninguém.

– Toda a gente te adora – contestou ele.

Observei as mãos dele, lembrando-me de como eram carinhosas sempre que me tocavam. Mesmo no calor do momento, quando éramos consumidos pela paixão, as mãos dele, o corpo dele, tudo nele era carinhoso comigo.

Carinhoso e apaixonado. Apesar de tudo aquilo que tinha visto e vivido, sabia que os verdadeiros homens eram assim. A maioria dos homens é assim. Preocupam-se e são bons e não querem prejudicar ninguém. São amáveis porque está na sua natureza e não exigem contrapartidas; são apaixonados sem serem cruéis; são amáveis sem serem manipuladores. O Jack lembrava-mo todos os dias.

Era tão diferente do pai.

Quando saiu do carro para me abrir a porta tive vontade de deslizar para o lugar do condutor para fazer uma ligação direta e fugir com o carro. O único problema era, claro, que não sabia fazer uma ligação direta, ou melhor, nem sequer sabia conduzir.

Apertámos todos as mãos no corredor da entrada. Não consegui olhar o Hector diretamente nos olhos. Olhava ligeiramente para o lado para não ter de ver para dentro da alma de um homem que tinha controlado a minha vida durante tanto tempo. Seria assim que os escravos se sentiam quando recuperavam a sua liberdade, quando os seus antigos proprietários deixavam de ter poder sobre eles? Sentir-se-iam independentes por dentro e com ganas de os desafiar, mas incapazes de o demonstrar por terem os espancamentos, as correntes, os abusos ainda tão vivos na memória?

Queria ser desafiadora, forte, altiva, erguer bem a cabeça e dizer-lhe, com a minha atitude: “Olha para mim agora, vê onde cheguei apesar do que me fizeste”, mas não fui capaz. Tenho a certeza de que a maioria das pessoas não seria capaz. Sou boa atriz, mas não tanto.

Ele apertou-me calorosamente a mão, tal como a Harriet, a esposa dele. Tomámos chá na sala, eu e o Jack lado a lado no sofá, a fazer conversa de circunstância. A mãe do Jack, a mulher do Caesar, foi bastante simpática, mas também um pouco fria. Reservada. Imagino que assim fosse com qualquer mulher que namorasse com algum dos seus preciosos filhos.

O Jack segurou-me na mão e sorriu muito e contou piadas de que todos nos rimos, mas a atmosfera continuava lá e eu não conseguia encarar o Caesar, ou antes, o Hector (tenho de me lembrar de lhe chamar Hector) durante muito tempo. Sentia-me agoniada de cada vez que tentava. Tinha vontade de vomitar quando me lembrava das mãos dele no meu corpo, do corpo dele colado ao meu, da opressão e de como me “emprestava” aos amigalhaços.

Tento não me sentir como uma vítima, mas sentada ali naquela sala, sabendo que era para onde ele vinha depois de ter estado no apartamento comigo, onde se servia de uma bebida, onde passava alguns serões com a mulher a ler o jornal, onde talvez até fizesse amor com ela diante da lareira, senti-me nauseada.

Finalmente a tortura chegou ao fim, e fomos embora. Fora inspecionada, submetida a um interrogatório subtil, e merecera aprovação preliminar. Soube-o porque à porta a Harriet disse:

– Têm de vir cá jantar em breve, para nos conhecermos melhor.

Talvez tenha visto como eu amo o Jack e por isso estivesse a convidar-me para uma segunda visita. Eu não iria, mas o convite era importante para o Jack. Sentia-o a sorrir ao meu lado. Quando me preparava para sorrir também vi pelo canto do olho o Caesar a eriçar-se, um aviso para que não me atrevesse sequer a pensar no assunto, e foi por isso que o fiz. Uma pequena provocação ao homem que achava que podia controlar toda a gente. Sorri à Harriet, peguei-lhe nas mãos e disse-lhe:

– Obrigada, agradeço muito o convite. Gostaríamos imenso de voltar. Se os seus cozinhados forem tão deliciosos como aqueles scones, será um grande prazer.

A Harriet sorriu e o Jack ficou radiante. *E tu, Caesar, vai-te foder*, pensei eu.

Como é evidente, o meu gesto não ficaria sem resposta. Ninguém o afrontava e saía impune. Costumava falar-me dos novatos que trabalhavam na firma da qual ele era sócio, e que pensavam que lhe podiam passar a perna, que podiam subir na carreira às custas dele. Ele esmagava-os sem dó. *Sempre*. Fazia *sempre* com que não estivessem lá mais de seis meses e sabotava-lhes as reputações para que nenhuma das melhores empresas os contratasse. Lembro-me de um sócio dele que uma vez me deixou o rosto marcado, só porque se excitava quando me batia. Quando disse ao Caesar quem tinha sido, vi-o explodir numa fúria controlada. Vi-lho nos olhos e na postura rígida. Sim, fora ele a preparar o encontro, mas não tinha sancionado aquilo, e não ficou nada contente. Umas semanas mais tarde disse-me que a mulher do tal sócio lhe pedira o divórcio por ter provas de que ele tinha dormido com a secretária, e que o homem estava a ser investigado por fuga aos impostos, e que tinha perdido o emprego. Disse-o casualmente, como um aparte na conversa, a sua forma de me dizer que quem o deixasse atravessado seria convenientemente castigado. E também de me lembrar de que não hesitaria em esmagar-me se eu pensasse sequer em deixá-lo.

Por tudo isto não devia ter ficado surpreendida quando, hoje de manhã, ao abrir a porta de casa, dei com ele à entrada. Enorme, maciço e ameaçador no seu fato escuro, sobretudo preto e luvas pretas.

Antes que eu pudesse reagir apertou-me a garganta com uma mão enluvada, asfixiando-me, empurrou-me pelo alpendre até ao vestíbulo, fechando a porta atrás de si com um pontapé, e atirou-me contra a parede.

– Não queiras testar a minha paciência – rosnou-me ele. – Não me custa nada partir-te em duas, minha *putéfia* insignificante.

Respirar, não consigo respirar, gritava eu mentalmente, a arranhar-lhe a mão para tentar libertar a garganta. *Não consigo respirar, não consigo respirar*.

– Sai da vida do meu filho, e não voltes, – continuou ele a rosnar. – Inventas a história que quiseres, ou não lhe digas nada, tanto me importa, mas desaparece. Hoje. E não voltes. Não volto a mandar.

Soltou-me e tombei no chão, a tossir e a arquejar, agarrada à garganta, trémula.

– Não – disse eu. Embora ainda estivesse ofegante, com os olhos cheios de lágrimas e o rosto a arder, arranjei forças para o desafiar. – Não o vou deixar.

– O QUE É QUE TU DISSESTE? – berrou ele.

– Disse “Não. Não o vou deixar.” E não há nada que possas fazer em relação a isso.

Olhei para ele, do chão, aparentemente subserviente, mas sentindo-me tudo menos isso.

A mão dele fechou-se num punho e eu soube que me ia bater. Podia fazer muitos estragos com um único murro, mas isso não era razão para eu fazer o que ele queria ou dizer o que ele queria ouvir. Tinha percebido uma coisa assim que ele atravessara o limiar da porta, algo que nunca fora uma possibilidade tão real como agora que ele tinha revelado o seu jogo. Se tinha tanto poder, se podia sair incólume de uma coisa daquelas porque ninguém se atreveria a deixá-lo ou a censurá-lo, porque não contara ao Jack ou à mulher? Se era tão poderoso como gostava de me fazer acreditar, para quê incomodar-se com ameaças? Afinal de contas não passo de uma *putéfia* insignificante, não sou ninguém de monta.

– Tens mais a perder que eu – declarei. – Se me fizeres mal, conto tudo ao Jack, e perderás os teus filhos, a tua mulher, e sei que as pessoas com quem trabalhas fazem vista grossa às coisas que tu fazes, mas o caso muda de figura se vier tudo a público. E podes matar-me. Tenho tudo escrito: datas, nomes, locais. Nunca encontrarás os meus diários antes do Jack. Por isso, força, dá o teu pior, quem vai sofrer és tu. Uma *puta* sabe bem o que é sofrer: eu aguento.

– Se dizes uma palavra... – disse ele, parecendo ainda mais corpulento naquele momento.

– Se tu não disseres, eu também não digo, *amorzinho* – disse eu. Era o tipo de coisa que a Honey diria. Não eu. Mas eu já não era a Honey. Ou era? Ter-me-ia andado a enganar durante todos estes anos ao pensar que ela não passava de uma personagem que eu adotara? Ou era eu este tempo todo?

– Cuidadinho, minha menina – voltou ele a rosnar, mostrando os dentes perfeitos. Depois foi-se embora, batendo violentamente com a porta.

Fiquei muito tempo ali no chão, a massajar a parte da garganta que ele tinha apertado e a perguntar-me como iria explicar as nódoas negras ao Jack. Talvez não se notasse muito, mesmo que houvesse alguma vermelhidão. Usaria um cachecol ou uma gola alta durante uns dias e não haveria problema.

Sei que ele voltará. Talvez não fisicamente, mas vai acabar por arranjar uma forma de me atingir, de se livrar de mim. É só uma questão de tempo. Pode até ter muito a perder, mas não vai deixar a coisa ficar por aqui. Não faz o género dele. Depois de fugir, sempre me questioneei se ele viria atrás de mim, se achava que ia voltar, ou se usara os contactos de que costumava gabar-se para tentar encontrar-me. Duvido. Podia ter sido propriedade dele, e ele pode até ter feito uma busca superficial, mas o que não faltava era *putéfi*as para ocupar o meu lugar. E se realmente contratara alguém para me encontrar, não tinham feito um trabalho lá muito bom, porque não deram comigo. Não que eu tenha ido para muito longe. Na verdade, estava escondida à vista de todos, se é que estava escondida.

Talvez me tivesse deixado em paz se eu não me tivesse envolvido com o filho, se não tivesse voltado a entrar na vida dele. E se não o tivesse ameaçado. Mas o que está feito, está feito.

Sei que é uma estupidez, mas o que mais me assusta é ter descoberto que posso ser mais parecida com a Honey do que pensava. Se isso for verdade, então... todas aquelas coisas que fiz no passado, fi-las porque eu, a EVE, era capaz de as fazer. Não me tinha transformado noutra pessoa para isso, não tinha forjado uma máscara para me proteger de todos aqueles horrores.

Eu, Eve, fui prostituta.

Senti-me imunda e repugnante.

Senti-me desesperada, encurralada, e cheia de medo.

Aquelas coisas não faziam parte do passado, faziam parte do presente. A Honey era coisa do passado, mas era a Eve quem eu via quando me olhava ao espelho. E se foi a Eve que fez tudo aquilo, então é porque não desapareceu. Está aqui, agora.

A Eve sou eu. E eu sou uma prostituta.

Eu

14 de fevereiro de 2000

Isto foi o que aconteceu esta manhã.

O Jack deixou-se ficar deitado ao meu lado na cama, a ver-me dormir, até que o seu olhar insistente conseguiu arrancar-me de um sono profundo e agradável.

– Bom dia – disse ele, apoiando-se num cotovelo.

Café. Cheirava-me a café. Geralmente era eu quem se levantava da cama e descia até à cozinha para pôr a sofisticada máquina a trabalhar, e trazia duas canecas de café para o quarto.

– Hummm – respondi, suspeitando logo que era muito cedo para cortesias e muito cedo para café. Ele estava numa daquelas suas disposições mentais em que queria fazer qualquer coisa saudável para o corpo e para o espírito, enquanto eu só queria dormir e não pensar em nada até ao meio-dia.

– Fiz café – disse ele.

– Humm-humm? – repliquei, que era a minha forma de perguntar: *E queres o quê, que bata palmas ou qualquer coisa parecida?*

– E tenho um presente para ti – continuou ele.

– Hummm – protestei, a pensar: *E será que isso não pode esperar, pelo menos até ser dia claro?*

Ele colocou o “presente” no travesseiro à minha frente.

– Aqui tens, princesa.

Entreabri um olho, e ali no travesseiro branco estava um anel de ouro e diamantes. Abri muito os olhos e fiquei estarecida a olhar para ele, ligeiramente alarmada.

Olhei para o Jack, que tinha um sorriso de orelha a orelha. Estava bem acordado e tinha um brilho a dançar-lhe no olhar. Ergueu as sobrancelhas.

– E então? – perguntou ele.

Encontrei o meu sorriso, voltei a olhar para o magnífico ramalhete de diamantes, e depois para ele.

Mordi o lábio e fiz que sim com a cabeça.

– Vem cá – disse ele, apertando-me nos braços e enterrando o anel algures entre os lençóis.

– Não, vem cá tu – respondi, submetendo-me ao abraço dele, mas prendendo-lhe o rosto entre as mãos e puxando-o para perto, para nos perdermos toda a manhã entre beijos e abraços.

Eve

março de 2000 (só uma atualização rápida)

O telefone não para de tocar mas desligam assim que eu atendo.

Só acontece quando o Jack não está em casa, e o silêncio do outro lado da linha deixa-me os nervos em franja. Preferia que ele me dissesse o que quer de mim, o que pretende fazer-me, que me vai matar. Preferia isso ao silêncio, que parece ficar a pairar pela casa quando desligo e faz com que este sítio, o meu lar, já não pareça seguro. Fico muito quieta e olho em volta em busca de sombras deslocadas, de sons que denunciem um intruso, à espera de que algo apareça do nada para me fazer mal.

É o Hector, claro. Começou com isto quando anunciámos o noivado. Quer escorraçar-me, quer que desapareça de vez. Não quer que me case com o filho. E a tática está a funcionar: ando cada vez mais assustada. Agora não gosto de estar sozinha em casa. Provavelmente, não seria tão grave se a casa não fosse tão grande e não tivesse tantos recantos íntimos e assustadores.

Esta noite ligou para cá dez vezes, até que acabei por desligar a ficha, mas terei de voltar a ligá-la quando o Jack chegar a casa. Tirar o auscultador do gancho seria dar-lhe a vitória, dizer-lhe que conseguiu atingir-me, assustar-me e perturbar-me a ponto de ter de tomar medidas para o silenciar. Se atendesse, estaria a mostrar que não me sinto intimidada. Contudo, se desligo o telefone na ficha, continua a tocar do lado de lá e ele não tem forma de saber se estou demasiado ocupada para atender.

Às vezes, gostaria que ele viesse e acabasse comigo de uma vez por todas em vez de me torturar. Mas ele gosta de torturar, não gosta?

Quem me dera que houvesse uma forma de contar ao Jack sem que isso fosse o fim de tudo.

libby

Ouço o telefone lá em cima a tocar.

Não para de tocar. Tem sido assim quase todo o dia e a pessoa nunca fala quando atendo.

Só pode ser coincidência, certo? O Hector utilizava a estratégia das chamadas silenciosas para intimidar a Eve, e agora que também tem motivos para querer intimidar-me, tenho recebido chamadas silenciosas, mas só pode ser coincidência.

Procuro abstrair-me do som do telefone e concentro-me nos diários.

É só coincidência, é só coincidência, é só coincidência.

eve

12 de maio de 2000

Finalmente, ao fim de todos estes anos, chegou o dia mais temido e esperado de todos.

Recebi uma carta de Leeds, mas ainda não me atrevi a abri-la. Escrevi à minha mãe em fevereiro a contar-lhe que estava noiva de um homem maravilhoso que esperava que ela pudesse vir a conhecer um dia, mas, como já seria de esperar, não obtive resposta.

Mas agora, aparentemente, aqui está ela. O meu nome e endereço vêm datilografados, mas o carimbo é dos correios de Leeds, e como fui perdendo o contacto com todas as outras pessoas a quem costumava escrever, não pode ser de mais ninguém.

Deve ter sido por causa do noivado. Talvez pense que agora vou aceitar o relacionamento dela com o Alan por ter, finalmente, compreendido o amor entre os crescidos. No entanto, tenho receio de abrir a carta, não vá ela estar a amaldiçoar-me, a dizer que espera que eu nunca venha a ter uma filha que me faça o que eu lhe fiz.

Não acredito que ainda não a abri. Era de supor que já tivesse rasgado o envelope na ânsia de saber o que diz, mas agora tenho medo de mais para o fazer.

Abro-a mais tarde. Quando o Jack já estiver em casa e na cama. Preciso da presença dele, mas não quero ter de lhe contar se for desagradável. Mais tarde, fica para mais tarde.

Eve

12 de maio de 2000

Certifiquei-me de que o Jack estava a dormir antes de me esgueirar para fora do quarto até ao escritório dele para abrir a carta. Tinha as mãos a tremer, claro. Era o primeiro contacto que tinha com ela desde há muitos anos.

Era uma folha de papel onde, numa letra bem legível, estava tudo o que precisava de saber.

Desculpa, não consigo escrever mais. Pensei que conseguia, mas não consigo.

19 de maio de 2000

– Estás a ter um caso? – perguntou-me o Jack quando cheguei hoje a casa.

Tinha tentado entrar de mansinho para não o acordar, mas não valia a pena ter-me incomodado, porque ele estava sentado no terceiro degrau das escadas à minha espera. Parecia estar ali há bastante tempo.

– Não – respondi eu, um pouco triste por ele me achar capaz de uma coisa daquelas.

– Não acredito em ti.

– Quanto a isso não posso fazer nada, mas o que fiz eu para te levar a pensar que te ando a enganar?

– Bem, as chamadas secretas, arranjares-te toda para ires a locais secretos, e voltares horas depois da hora a que disseste que voltavas sugerem-me um caso. Além do mais vi a tua amiga do curso de Inglês. Perguntei-lhe porque não tinha ido na viagem de estudo à região das irmãs Brontë e ela não fazia ideia do que eu estava a falar. Quando percebeu que me tinhas mentido tentou encobrir-te dizendo que estava de baixa por doença e que não pudera ir na viagem.

– E por que diabo estaria ela a encobrir-me? Realmente tem estado de baixa – disse eu, pouco convincente, perguntando-me porque estaria a tentar manter a charada.

Ele fez um gesto de cabeça.

– De que amiga é que eu estou a falar? – perguntou-me.

Olhei-o em silêncio.

– Então deixa-me perguntar-te outra vez: estás a ter um caso?

Continuei a fitá-lo, desejando que fosse assim tão simples, que fosse tão fácil de resolver como uma infidelidade. Abanei

a cabeça em resposta.

– Mas afinal o que é que se passa? – insistiu ele. – O teu silêncio começa a assustar-me.

Não consegui reprimir uma careta de tristeza e a tensão dos últimos dias abateu-se sobre mim, fazendo-me estremecer. Senti-me fraca e insignificante. Ignoro o que me mantinha de pé, porque naquele momento o meu corpo não parecia ter o ânimo necessário para desafiar a força da gravidade.

– Se... se eu te disser, terei de te contar tudo. Não vejo como evitá-lo. E se te contar tudo, vais desejar que não te tivesse contado nada. Vais desejar que fosse tão simples como andar a enganar-te.

– Podes dizer-me tudo, Eve, pensei que sabias isso.

Consegui evitar rir-me dele. Rir-me do meu pobre e inocente Jack. Ele não fazia a mais pequena ideia. Era-lhe impossível conceber a minha vida até este momento. Era uma coisa que me agradava nele, que amava. E que ao mesmo tempo me repugnava um pouco. Como podia alguém tão próximo não fazer a mínima ideia do que eu tinha feito? Seria eu assim tão boa atriz? Teria eu enterrado o passado tão fundo? Será que o mundo me via mesmo como Eve Quennox, ex-empregada de mesa, estudante em *part-time*, noiva dedicada, e nada mais?

– Diz-me, Eve. Onde estiveste hoje?

– Estive... – Tinha uma faca apontada à garganta do conceito da atual versão da Eve Quennox. E as próximas palavras iriam retalhar-lhe o rosto e degolá-la, assassinando-a aos olhos do homem que eu amava. – Estive em Leeds.

A faca enterrou-se a esmo na carne da Eve.

– No funeral da minha mãe. Não falava com ela há dezassete anos.

O rosto da Eve estava quase irreconhecível devido aos golpes.

– Não desde que lhe disse que o namorado dela andava a tentar violar-me desde os meus catorze anos e ela não acreditou em mim.

Os golpes eram quase reconfortantes, a dor, bem-vinda.

– Morreu a semana passada durante o sono.

– Porque não me disseste? Podia ter ido contigo. Podia ter-te dado apoio.

Fiquei perplexa com a preocupação dele, tão deslocada do contexto.

– Porque, Jack, eu... eu... – Sacudi a cabeça, procurando ordenar as ideias, fazê-lo entender. – Fiz coisas terríveis porque tive de sair de casa muito cedo. Adorava-a, mas como ela o preferiu a mim, abandonei a escola sem concluir o secundário e fugi para Londres. Tentei manter o contacto muitas vezes ao longo dos anos, mas ela ignorou-me sempre.

– Nada disso é culpa tua. Admira-me que depois de tudo a tenhas perdoado a ponto de ir ao funeral.

– É minha mãe. Claro que fui. Adoro-a. Foi a pessoa mais importante da minha vida.

– Continuo sem perceber porque não me contaste. Não tens culpa de nada.

Depois de retalhar o rosto desta nova e melhorada Eve, a faca regressou à garganta dela para o golpe de misericórdia.

– Mas tudo o que aconteceu depois é.

– Não percebo.

– Quando vim para Londres arranjei um emprego, mas a firma foi reestruturada e perdi-o, por isso... eh... acabei por arranjar outro trabalho – calei-me, reunindo toda a minha coragem, – num clube de *strip*, para ganhar dinheiro.

A faca perfurou a pele da garganta da Eve até fazer sangue.

– No bar? Não há nada de errado com isso.

– Eu tinha dezassete anos, Jack. Se queres trabalhar ao balcão eles verificam a tua idade para terem a certeza de que não és menor, caso contrário podem perder a licença. Se queres dançar e lhes dizes que tens mais de dezoito anos, geralmente a tua palavra basta.

Vi o horror da compreensão surgir-lhe no rosto. Esbugalhou os olhos com o choque.

– Mas... mas precisavas de dinheiro. Se não tinhas currículo académico nem experiência de trabalho, é lógico que precisavas de dinheiro.

– Pois, precisava de dinheiro. E foi por essa mesma razão que, anos mais tarde, quando o drogado do meu namorado quase nos levou à falência, comecei a vender o corpo para ganhar a vida.

Com um golpe hábil a faca abre a garganta da Eve: sem rebuliço, sem confusão. Um fim rápido e limpo.

O Jack semicerrou os olhos, desconfiado, perguntando-se se eu não estaria a inventar tudo aquilo.

– O quê? – perguntou ele. – Que estás tu a dizer-me?

– Estou a dizer-te que até ao fim de 1996 fui prostituta.

Não sei como esperava que ele reagisse, o que pensei que iria fazer, mas não deixei de me surpreender quando ficou imóvel a olhar para mim. Porém, a cada segundo que passava, via-o ficar cada vez mais pálido. O brilho saudável que ele tinha esvaiu-se até o rosto, os lábios, as mãos se tornarem cinzentos.

Tinha o olhar perdido enquanto vasculhava as memórias, tentando perceber se não teria havido indícios, algo que lho

desse a entender.

– Mas... não pode ser – disse ele, como que num torpor. – Não eras nada. No verão desse ano eu e tu... Não me pediste dinheiro. Não te paguei. Não eras nada.

– Era, sim. Quando nós... era.

– Então a minha primeira vez foi... com uma *prostituta*?

O corpo dele começou a agitar-se em convulsões, como se ele estivesse a tentar reprimir o reflexo do vômito.

– Tens estado a divertir-te às minhas custas durante este tempo todo? Será que aquilo não passou de um jogo doentio, do género, desflorar um virgem incauto? E, depois, servires-te do dinheiro que eu trazia na carteira quando me apanhasses a dormir?

– Não, Jack. Céus, não foi nada disso! Não te tirei dinheiro nenhum. Lembras-te de como te sentiste na altura? Eu senti exatamente o mesmo. Se soubesses o que aquele dia significou para mim... Fui para a cama com muitos homens, mas tu és o único com quem fiz amor. Se não acreditas em mais nada, acredita nisto, pelo menos.

Voltou a reprimir o vômito. A seguir, pôs-se de pé de repente e, sem mais uma palavra, deu meia-volta e subiu as escadas como se tivesse chumbo nos sapatos; movendo-se como se tivesse chumbo nos ossos.

Não me mexi. Não sabia o que fazer. Ainda tinha as chaves do estúdio, podia voltar para lá, mas tudo o que eu tinha estava ali. Não sabia o que ele queria que eu fizesse. Podia dormir num dos muitos quartos da casa, mas queria ele que eu fosse embora de vez? Poucos minutos depois apareceu ao cimo das escadas de calções de atletismo, *t-shirt*, meias de desporto e sapatilhas. Passou por mim como se eu ali não estivesse. Voltei-me para trás e vi-o abrir a porta da entrada, sair, e fechá-la atrás de si.

Isto foi há duas horas, e ele ainda não voltou.

Não sei o que fazer.

Desde então tenho estado sentada na cama, ainda com a roupa que levei ao funeral. Não sei o que fazer. Nem como saber se ele está bem.

Dei cabo de tudo, mais uma vez. Disse a verdade a outra pessoa que amo, e dei cabo de tudo.

Eu

26 de maio de 2000

Têm sido uns dias estranhos e inquietantes e acho que nenhum de nós faz ideia do que se está a passar.

Naquela noite em que contei quase tudo ao Jack, ele saiu para ir dar uma corrida e só regressou horas depois. Era quase meia-noite quando saiu de casa, e só voltou lá pelas quatro da madrugada, ou coisa assim.

Devo ter acabado por adormecer, embora pensasse que não iria conseguir dormir. Não parava de matutar em tudo o que me tinham dito no funeral: que a minha mãe tinha muito orgulho em mim por ter ido sozinha para Londres e conseguido trabalho numa firma de contabilidade, e depois ter-me mudado para Brighton para trabalhar como administrativa num gabinete de advogados. A minha mãe inventara para mim uma vida de fantasia baseada nas cartas que lia e guardava, mas a que nunca respondia.

E então, quando lhe contei do noivado, ficou animadíssima com o casamento à beira-mar que íamos ter, e para o qual teria de viajar.

Mais tarde a Bea, a melhor amiga da minha mãe, do bingo, quis falar comigo a sós, porque sabia a verdade sobre os motivos que me tinham levado a viajar para Londres. Contou-me que a minha mãe tinha posto o Alan fora de casa depois de receber o meu primeiro postal de Londres. Aparentemente, ter fugido de casa para tão longe fê-la perceber que eu estava a dizer a verdade. Segundo a Bea, ela sabia que eu nunca teria saído de casa se estivesse enganada ou se estivesse a inventar histórias, como o Alan lhe fizera crer.

– Mas uma vez telefonei-lhe e foi ele que atendeu – disse eu.

– Então sempre eras tu. Ela tinha tanta certeza, mas nós tentámos dizer-lhe que não ficasse com muitas esperanças. Não, amor, não era ele: era o Matthew, o meu marido.

– Como assim, “que não ficasse com muitas esperanças”? Ela não respondeu a nenhuma das minhas cartas, que sentido faz isso? – perguntei eu.

– Sabes como é: uma carta é uma coisa; falar com alguém é outra. A vergonha é uma coisa terrível. A tua mãe ficou tão envergonhada por não ter acreditado em ti, por não ver o que estava mesmo à frente dela, que nunca se perdoou a si própria. Muitas foram as noites em que a abracei enquanto ela chorava por te ter desiludido. Dizia muitas vezes que o teu pai teria vergonha dela por não te ter protegido. Tentei convencê-la a entrar em contacto contigo, para tentar resolver as

coisas, mas ela não me ouvia. Sabes como era a tua mãe, sempre tão dura com ela própria. Mas não seria capaz de se manter afastada e de continuar a castigar-se se falasse contigo ao telefone ou se lhe aparecesses à porta.

Oh, meu Deus, oh, meu Deus, pensei eu. Se tivesse falado com ela...

– Eu teria voltado se soubesse que ele já lá não estava.

– Tentei dizer-lhe – explicou a Bea. – “Ao menos manda-lhe um cartão de Natal ou de aniversário”, disse-lhe eu, mas a tua mãe julgava que tu eras feliz. Nas tuas cartas parecias sempre muito feliz, parecia que não precisavas dela.

Deixei-me cair no chão no sítio onde estava.

– Isso não é verdade – respondi. – Não é verdade. Eu precisava dela. Precisava tanto dela. Houve tantos momentos na minha vida em que só queria a minha mãe.

Então comecei a soluçar, não consegui evitá-lo. Até àquele momento ainda não me tinha verdadeiramente capacitado de que nunca mais poderia falar com ela. E também não tinha tanta importância porque julgava que ela ainda me considerava uma mentirosa. Porém, se tivesse sido sincera com ela, se pelo menos uma vez lhe tivesse dito como a minha vida era horrível e como queria que ela me ajudasse...

A Bea abraçou-me e tentou consolar-me. Por isso é que tinha chegado tão tarde a casa. Não conseguia mexer-me dali nem parar de chorar, e perdi o comboio. Tudo começou a correr mal quando fugi de Leeds, e agora nem sequer podia tentar corrigi-lo porque tinha feito muitas coisas terríveis e já não tinha a minha mãe para me reconfortar, para me fazer sentir melhor.

– Nunca a vi tão feliz como quando soube que estavas noiva – repetia a Bea enquanto me abraçava. – Estava felicíssima agora que tinhas alguém para olhar por ti.

No seguimento do que tinha contado ao Jack pus-me a dissecar todos estes acontecimentos, e desejei, como fizera no comboio, na viagem de regresso de Leeds, que a minha mãe me tivesse telefonado, falado comigo. A certa altura devo ter adormecido.

Quando voltei a acordar, o Jack estava à porta do quarto a olhar para mim. Vinha transpirado, com a roupa colada ao corpo. A despeito da sua constituição normalmente imponente parecia esvaziado, diminuído. Tinha o cabelo quase negro devido ao suor e o rosto pálido. Ignorava há quanto tempo ali estaria a olhar para mim, mas a presença dele, a sua atitude, não indicavam agressão, tendo em conta o turbilhão de emoções que devia estar a sentir.

– Jack? – chamei eu.

Sem uma palavra, deu meia-volta e atravessou o corredor até à casa de banho principal. Poucos segundos depois ouvi o chuveiro a funcionar. Fiquei sentada na cama, à espera, sem saber bem o que fazer.

Finalmente regressou, com uma toalha enrolada à cintura, e foi direito ao armário, tirou de lá um conjunto de roupas e enfiou-se na casa de banho da suíte para se vestir. Puxei as pernas para o peito e apertei-as com força. Ainda estava vestida de negro, ainda trazia as roupas que usara no funeral da minha mãe, o que era ironicamente apropriado, visto que estava prestes a enterrar outro relacionamento assassinado pelas minhas verdades.

Quando voltou a entrar no quarto, o Jack não parecia tão apagado como alguns minutos antes. Parecia tão normal como alguma vez seria, imaginei eu. Normal, limpo, purificado.

Sentou-se na beira da poltrona de couro ao lado da cómoda e ligou a luz, embora a luz do dia comesse já a entrar pelas persianas abertas e a manhã de sábado estivesse prestes a começar.

– Diz-me – disse ele. – Tenho de saber tudo. Diz-me, por favor. Quero saber. Vou tentar ouvir-te sem fazer juízos de valor, mas acho que será mais fácil se souber tudo.

– Tens a certeza, Jack?

– Sim. Não sei como poderemos superar isto se não me contares tudo, de outro modo vou imaginar que é pior do que realmente é.

– Então achas que podemos superar isto?

Ele olhou para mim e acenou lentamente.

– Sim. Espero que sim. É tudo o que eu quero. Conta-me.

E eu contei-lhe. Fiz das tripas coração e falei-lhe do *lap dancing*, do Elliot, de ter fugido de Londres, de ter tentado arranjar emprego em Brighton e da agência de acompanhantes. Falei-lhe do Caesar, mas não usei esse nome. Disse-lhe que tinha conhecido um homem que parecia simpático, mas que tinha acabado por se tornar meu chulo, porém nunca me tinha pago e obrigava-me a ir com montes de homens diferentes até eu ter decidido fugir. Também não lhe contei sobre o bebé que perdi.

– A única vez que o enfrentei foi naquela tarde que passei contigo. Não conseguia sequer suportar a ideia de deixar que outro homem chegasse perto de mim depois de ter passado algumas das melhores horas da minha vida contigo. Espero que ao menos acredites nisso. E pronto, é tudo.

O Jack não interrompera, soubera ouvir, retraíra-se e reprimira o reflexo do vômito tanto quanto pudera. Não tinha sido

fácil para ele, mas aguentara. Seria isso o amor? Superar algo assim por gostar tanto de alguém?

– Nem imagino como deve ter sido para ti – disse ele baixinho. – Não sabes como lamento que tenhas passado por tudo isso. Não sei como sobreviveste.

– Desculpa não te ter contado antes.

– Não é um assunto fácil. – Levantou-se. – Vou ser sincero: não vai ser fácil para mim, mas não quero perder-te. Preciso de tempo. Vou dormir no quarto de hóspedes, mas só hoje. Amanhã, se quiseses, podemos voltar ao normal, está bem?

Fiz que sim com a cabeça.

– E não tornamos a falar no assunto.

– Se achas que és capaz.

– Gostava mesmo que tentássemos, e tu?

– Sim, gostaria muito.

– Boa noite, Eve.

– Boa noite.

Isto foi há uma semana. E ele cumpriu a sua palavra. No dia seguinte, voltámos ao normal, mas não é como dantes. Alguma vez voltará a ser?

13 de junho de 2000

Ontem, nas aulas, ouvi uma mulher chamada Michelle a falar sobre o relacionamento com o ex-marido.

Não consigo sequer lembrar-me de como a conversa começou, mas ela é muito extrovertida e faladora, e está sempre a falar sobre assuntos muito pessoais que a maioria das pessoas nem sequer partilha com os melhores amigos. Eu nem estava a prestar muita atenção, mas a certa altura ela comentou algo sobre a relação ter acabado muito antes da separação oficial, o que despertou o meu interesse.

– Não discutíamos nem nada do género, só que já não havia nada entre nós muito antes de eu ter arranjado coragem para me separar dele.

– Porquê, o que é que aconteceu? – perguntou alguém. Eu também queria perguntar, mas não queria que ela pensasse que estava interessada no assunto, porque se há uma coisa de que a Michelle gosta mais do que falar dela própria, é levar outras pessoas a falar delas próprias. Massacra-nos com perguntas pessoais até cedermos e lhe contarmos o que ela quer para nos deixar em paz. Tento ser discreta, por isso fiquei supercontente quando outra pessoa lhe fez a pergunta.

– Não sei bem – disse a Michelle –, mas acho que foi depois de ter sido sexualmente assediada por um antigo colega de trabalho. A coisa acabou por se resolver, no trabalho, quero dizer, e o tipo foi despedido porque eu não era a única que tinha queixas contra ele, mas depois disso, não sei, ele distanciou-se de mim. Na altura, apoiou-me e dizia as coisas certas, mas depois disso foi como se se fechasse num casulo de película aderente e nunca mais voltámos ao que éramos. Abraçava-me, beijava-me, dava-me palmadinhas no traseiro, víamos televisão aconchegados um no outro, tínhamos relações sexuais, mas era como se ele só lá estivesse de corpo presente, sabem? Oficialmente continuava a ser o mesmo homem amoroso e atencioso com quem eu me tinha casado, mas na realidade era como se não estivesse comigo de corpo, alma e coração. É difícil explicar a quem não esteve na mesma situação, mas é como uma morte lenta. Como é aquele provérbio sobre o que não mata mas mói? Foi tal e qual.

Ao ouvi-la, identifiquei-me com a situação. Alguém perguntou:

– E o que terá levado a isso?

– A questão do assédio, acho eu – disse ela. – Ele estava do meu lado, mas se calhar ficou com a pulga atrás da orelha. Não tinha forma de saber se eu não teria encorajado o tal tipo, namoriscado com ele ou qualquer coisa parecida. Se não teria feito por merecer. Imagino que na cabeça dele fosse quase como uma traição. Pensou que se calhar o tinha traído, mas não completamente, e por isso podia ficar comigo, mas não conseguia tirar da cabeça a imagem de nós dois juntos. Isso criou um grande fosso entre nós. Durante muito, muito tempo pensei que estava a dar em doida. Pensei que a culpa era minha até lhe perguntar o que é que tinha mudado. Ele encolheu os ombros e disse que não sabia, mas algo tinha mudado. Sugeriu que fôssemos a um conselheiro matrimonial, mas ele não quis. A maior parte dos homens não quer. Acho que não queria admitir a si próprio nem a mim, e muito menos a um estranho que me culpava. Por isso, separámo-nos.

Ao ouvi-la dei-me conta de que não estava a dar em doida. O Jack tem sido maravilhoso desde aquela noite. Pergunta-

me como estou, se quero falar sobre a minha mãe, faz-me chá, mima-me, beija-me e diz-me que me ama, mas é tudo um pouco artificial. Como se estivesse apenas a agir de acordo com a memória do que é fazer essas coisas em vez de as fazer por vontade própria. Tem estado a representar com a maior atriz de todas. Pensei que estava a imaginar coisas, que estava a ser desconfiada de mais ao sentir um distanciamento que não existia. Mas não era imaginação minha. Ele estava distante.

E como podia eu censurá-lo? Se eu própria tenho dificuldade em lidar com o meu passado, como podia esperar outra coisa dele? O sexo era tão importante para ele. Ele tinha estado à espera da mulher perfeita, e a mulher com quem finalmente decidira ter relações sexuais vendia o corpo por dinheiro. Era uma *puta*. Odeio essa palavra, é cruel, imunda, degradante. Sinto-me sub-humana sempre que a ouço, mesmo que quem a esteja a usar, esteja a falar de outra pessoa, mesmo que eu a esteja a usar para me referir a mim própria.

Faz-me sentir uma cidadã de quinta categoria. Sempre que um homem me sussurrava ao ouvido, quando me dizia que eu era a sua putazinha e que gostava do que ele me estava a fazer, sentia-me morrer por dentro. Lembrava-me de que, por mais vezes que tomasse banho, por mais dinheiro que ganhasse, apesar de ter conseguido deixar aquela vida, seria sempre um ser imundo e sub-humano. Nunca me respeitariam por ter sido prostituta. Era alguém que se rebaixava a si própria e que rebaixava o sexo. E aqui estava eu com um homem que atribuía tanta importância ao sexo, que tinha esperado e escolhido cuidadosamente com quem dar esse passo.

Saber o que eu tinha feito deve estar a dar cabo dele. Tem agido com tanta naturalidade, quando provavelmente se sente repugnado pelo que eu sou e pelo que fiz.

Por isso me pergunto: é isso que se faz por quem se ama? Pôr os sentimentos de lado e fazer o que é melhor para eles?

Espero que sim, porque gosto mesmo do Jack. E foi por isso que tomei esta decisão. Hoje saí mais cedo das aulas e fiz as malas. Tencionava deixar-lhe um bilhete, mas em vez disso pus-me a escrever aqui, numa tentativa de organizar as ideias. Não sei o que lhe dizer. Ao contrário do Elliot e do Caesar, o Jack não merece que eu desapareça sem uma palavra. Porém, escreva eu o que escrever, vai parecer que estou a culpá-lo, e a culpa não é dele. É minha por não ter conduzido melhor a minha vida, por me ter prostituído.

Depois de deixar o Caesar não pensei que o que fiz no passado pudesse continuar a prejudicar-me, mas agora está a privar-me da oportunidade de ter uma vida normal.

Já não tenho muito tempo. Talvez o melhor seja ir já embora e enviar uma mensagem ao Jack mais tarde. Provavelmente ficará aliviado com o fim da farsa, e por poder sair e arranjar uma rapariga decente.

Porque eu sou tudo menos decente.

Eu

16 de junho de 2000

Deixar o Jack não correu como eu esperava. Desta vez levei mais roupa, bem como o que normalmente levava comigo quando partia, mas quando cheguei ao fundo das escadas encontrei-o à minha espera.

Ele tinha pressentido que eu ia deixá-lo. PRESENTIU! Dá para acreditar? Obviamente, conhece-me melhor do que eu me conheço a mim própria, porque eu só tinha decidido o que fazer nessa manhã.

– Não vás, por favor – disse ele, baixinho, a fixar a mochila do tio Henry, com os olhos semicerrados, como se estivesse com dores e mal conseguisse ver, quando na verdade estava a tentar conter as lágrimas.

– Estou a esforçar-me ao máximo por não pensar nisso. E sei que foi antes de nós... mas ainda foi durante a primeira vez. E o meu pai tentou que a minha primeira vez fosse com uma prostituta... Eu... – O esforço para não chorar era tanto que o fazia tremer. – Eu não fui capaz. Eu não fui capaz e depois apareceste tu. Não te conhecia, mas não tive dúvidas e atirei-me de cabeça... E agora... não consigo deixar de te imaginar com outros homens. Sei que não é justo para ti, o problema está em mim, mas por favor não vás embora. Dá-me algum tempo. Só preciso de algum tempo. Vou-me esforçar ainda mais, prometo.

– Não posso deixar-te fazer isso – disse-lhe eu. – Jack, quando se ama alguém como eu te amo a ti, ver essa pessoa a sofrer é pior que qualquer dor que se possa sentir. Aquilo que eu te fiz... Desculpa, desculpa. Não sei...

Em três passadas eliminou a distância entre nós e, sem hesitar, abraçou-me e beijou-me. Levei algum tempo a reagir, a largar as minhas coisas e a beijá-lo também. Provavelmente não o devia ter feito. Provavelmente devia ter seguido com o plano de me ir embora, mas soube-me tão bem.

Soube ainda melhor fazer amor ali mesmo, no corredor. Desligar-me de todas as dúvidas, do resto do mundo, e calar as

palavras que nunca seriam suficientes para exprimir o que sentia por ele.

Depois disso, tudo se alterou, as coisas entre nós melhoraram um pouco, ficámos um pouco mais próximos. Soube que não iria deixá-lo, e esperei contra toda a esperança que, como não estava a tomar a pílula, tivéssemos concebido um filho.

Eve

Fins de agosto de 2000 (outra atualização)

As chamadas estão a deixar-me doida.

Param por algum tempo e quando começo a relaxar, a esquecer-me delas, recomeçam. Ele sabe como e quando me atingir. Mas eu também sei como o atingir.

No início do mês recebi uma chamada diferente. Era uma voz – não a dele, mas a voz de um homem – a dizer-me que se me fosse embora receberia noventa mil libras. Basicamente o pagamento daqueles meses em 96. Nem sequer pensei no assunto, desliguei logo.

Foi a primeira e a última dessas chamadas em que alguém me falou.

Contudo, duas semanas depois, o pai do Jack enviou-nos um cheque precisamente com a mesma quantia. Senti-me enojada quando o Jack mo mostrou, sabendo o que aquele dinheiro representava. O Hector estava a tentar envenenar o nosso relacionamento com o que tinha acontecido no passado. O Jack ficou dividido: por um lado não queria aceitar dinheiro do pai, que o usava para o controlar, mas por outro sabia que dar-lhes dinheiro, a ele e ao irmão, era uma das formas que a mãe arranjava de manter vivo o relacionamento entre todos.

SEI QUE LHE VÃO DAR BOM USO, escrevera o pai.

Então disse ao Jack que devíamos doar o dinheiro a um abrigo de mulheres (aquele a que pedi ajuda) e a uma instituição de ajuda aos sem-abrigo. O Jack concordou com entusiasmo. Adorava ter visto a cara do Hector quando ficou a saber.

As chamadas recomeçaram no dia seguinte. Provavelmente a culpa era minha por tê-lo antagonizado, mas odeio sentir-me fraca e indefesa.

Nada de bebé, e voltei a tomar a pílula.

Isto faz-me suspirar. Às vezes quero tanto um filho que até dói. Quero uma menina e quero dar-lhe o nome da minha mãe, Iris. Isso ajudaria. Ajudaria a diminuir a infelicidade que vive dentro de mim sempre que penso na minha mãe e no tempo que perdemos.

Acho que em parte também é por isso que quero um filho. Quero ter mais alguém para amar. Mas não quero apressar o Jack. As coisas ainda agora voltaram ao normal, não quero agitar as águas.

Eu

21 de outubro de 2001

Uma das minhas pessoas favoritas dos últimos tempos é a Grace Clementis.

Juntamente com o marido, o Rupert, é uma das amigas mais antigas e mais próximas do Jack, e tem sido uma simpatia. É uma daquelas meninas ricas que só usa roupa de marca e parece ter tudo de mão beijada, mas é incrivelmente simpática e calorosa. Quando a conheci num jantar que o Jack organizou para nós os quatro, pensei que ia ter problemas com ela. Pareceu-me sarcástica e condescendente, mas desdobrou-se em beijos e abraços quando chegámos à mesa e começou a falar comigo como se me conhecesse há anos. Quando insistiu em saber, em tom de brincadeira, como eu e o Jack nos tínhamos conhecido, e o que eu pensava da casa, e porque tínhamos ficado tanto tempo sem nos vermos, fiquei com a impressão de que não estaria a fazê-lo se não nos quisesse ver juntos. Agindo como se fôssemos velhas amigas e pudéssemos falar de tudo, estava a dar-me a entender que eu fazia parte do seu círculo privado. Evitariam piadas pessoais entre eles porque agora eu também pertencia ao grupo.

– Fazes ideia da quantidade de chamadas do Jack que tive de ignorar a perguntar-me porque é que eu achava que tu tinhas desaparecido – dissera ela.

– Grace... – avisara o Jack.

– Que foi? – replicara ela, a fazer olhinhos de inocente. – É verdade, não é? A minha versão preferida foi que estavas numa missão secreta e não te devias ter envolvido com ele.

Eu sorri e ela acrescentara:

– Não estou a inventar.

No fim do jantar abraçou-me como a uma velha amiga e disse-me, como se já me conhecesse de antes:

– Ainda bem que voltaste. Espero que tenhas vindo para ficar.

Hoje, salvou-me a vida, porque o Jack estava mal humorado como nunca o tinha visto. Estava ótimo enquanto nos preparávamos para ir ter com eles, muito elegante no seu fato azul-marinho com colete e gravata vermelha. Eu escolhi um vestido vermelho muito simples a condizer. Não foi intencional, aconteceu por acaso enquanto estávamos a vestir-nos.

Como sempre, conversámos e rimos a caminho do restaurante, e correu tudo bem até ao prato principal. Quando fomos servidos a atitude dele mudou, e a sua expressão, normalmente tão aberta e descontraída, fechou-se e ficou a olhar para o prato e a ranger os dentes. Borrego assado era um dos seus pratos favoritos e não parecia cru nem demasiado bem passado, e tanto as batatas como os vegetais tinham um aspeto delicioso. O vinho estava bom, mas ele não bebeu porque ia conduzir. Não percebi a mudança de atitude. Pousei-lhe uma mão na perna para lhe perguntar se ele estava bem, mas ele repeliu-me sem qualquer subtilidade. A mensagem era clara: não me toques.

Não percebi que mal tinha feito ou qual era o problema. Um pouco assustada, retirei a mão, que deixei cair no colo, e fitei o prato à minha frente, sem saber bem se seria capaz de comer, à espera de que as lágrimas comesçassem a escorrer para o molho de tomate que acompanhava o meu esparguete. Levantei a cabeça, olhei para a Grace e depois desviei o olhar, envergonhada. Era óbvio que ela tinha visto o que acontecera.

– O que é que se passa, rapaz? – perguntou a Grace do outro lado da mesa.

O Jack levantou a cabeça e fuzilou-a com o olhar.

– Ohhh, se o olhar matasse – disse ela.

– Cala-te, Grace – rosnou-lhe ele.

– E bom apetite para ti também – respondeu ela.

O ambiente à mesa começava a azedar e eu sabia que a culpa era minha, embora não soubesse porquê.

– Bem – disse a Grace com determinação. – Proponho que se o Jack não se anima depressinha lhe roubemos a carteira e o deixemos cá a lavar a louça para pagar a despesa.

– O Jack não se importa, é bom a lavar a louça, não és, campeão? – disse o Rupert.

– Que percebes tu de lavar a louça? – disse o Jack de repente, entrando na brincadeira. – Nunca trabalhaste um só dia na tua vida.

– Não te iludas – respondeu o Rupert –, um supervisor farta-se de trabalhar.

Arrastei a cadeira para trás e dirigi-me às casas de banho com toda a dignidade que consegui reunir enquanto o Rupert e o Jack continuaram a trocar galhardetes. Pus-me a andar de cá para lá na divisão deserta, ignorando o meu reflexo no espelho enquanto tentava controlar a respiração, acalmar-me, e sobretudo não começar a chorar.

Alguns segundos depois a Grace apareceu, veio direita a mim e abraçou-me.

– Não te preocupes, aquilo passa-lhe – disse-me quando me abandonei nos braços dela. Era tão bom ter quem me abraçasse, tão maravilhoso para a minha alma. Não queria começar a chorar porque não queria passar o jantar de coração pesado e olhos vermelhos.

– O Jack às vezes consegue ser um parvalhão – disse a Grace, apertando-me com força e afagando-me as costas. – Mas adora-te.

Assenti.

– Vamos voltar lá para dentro e apanhar uma bebedeira de caixão à cova, para ele aprender.

– Está bem – respondi, e segui-a até à sala, onde o meu namorado me esperava com cara de poucos amigos.

Mais tarde, claro, descobri qual era o problema. Mal entrámos em casa confrontou-me:

– Haverá algum homem em Brighton com quem não tenhas ido para a cama?

Recuei um passo, aturdida com o que ele dissera e o tom venenoso e cheio de maldade com que o tinha dito.

– O quê? – perguntei eu. – De onde tiraste essa ideia?

– Hoje havia um homem no restaurante que já foi teu cliente, não havia?

Sim, estava lá um deles. Mas não fazia ideia de como ele podia sabê-lo, por isso não disse nada.

– Sabes como sei? – perguntou ele perante o meu silêncio. – Quando os vês a tua expressão muda. Não admira que não gostes de restaurantes: é sempre onde acontece. Num minuto estás ótima, no minuto seguinte ficas com um olhar vidrado, a fixar o vazio, como se estivesse a tentar lembrar-te dos detalhes.

– Não é nada disso – repliquei. Nunca me tinha dado conta de que era tão óbvia, de que alguém para além do antigo cliente em questão e eu pudesse perceber que se passara qualquer coisa.

– Então o que é? – cuspiu ele com uma careta de desprezo.

– Estou a tentar fingir que nunca aconteceu. A tentar apagar a cara dele e tudo o que sei sobre ele da memória para não entrar em choque sempre que o vejo.

– Quantos foram? – perguntou ele.

– Pensei que não íamos voltar a falar disto – retorqui.

– E não íamos, mas às vezes é de mais para mim. Carregamos este segredo monumental, e a maior parte das vezes nem é assim tão mau, mas ao mesmo tempo tenho medo de sair contigo não vá um deles aparecer e tu ficares com aquela cara. Assim que vejo que é um deles, começo a fazer o filme. – Apontou para a cabeça. – Imagino-te com ele e... – Calou-se e o horror surgiu-lhe nos olhos e percorreu-lhe o rosto até o deixar boquiaberto, a reviver mais um pesadelo que o atormentava.

– Também “acompanhaste” o meu pai? – perguntou ele numa voz tensa. – Também dormiste com ele?

Fiquei estarelecida a olhar para ele. O meu lindo Jack iria odiar-me para sempre quando eu respondesse àquela pergunta.

Não me obrigues a responder a isso, Jack, pensei eu. *Não me obrigues a fazer-nos isto.*

– Dormiste? – insistiu.

Fechei os olhos porque não podia assistir à devastação que estava prestes a provocar.

– Sim.

Disse-o numa voz sumida, tão baixo quanto possível, pois talvez assim não ouvisse e não ficasse magoado. Mas ouviu, claro. Em resposta, ouvi a pancada seca de um murro na parede e o som de ossos a estalar, e temi que ele tivesse partido todos os ossos da mão.

Imóvel no corredor, de olhos fechados, desejei poder estar noutro sítio qualquer. *Ser outra pessoa.* Quando comecei a vender o corpo não imaginava como isso afetaria as pessoas que eu viesse a amar. Como podia eu saber? Não pensava no futuro, vivia um dia de cada vez, procurando não acabar nas ruas, pior do que já estava. Como podia eu saber que no futuro seria feliz, teria deixado para trás o meu namorado toxicodependente, e finalmente saberia o que é estar apaixonada?

– Desculpa – disse eu baixinho, tanto para ele como para mim. Estava a pedir desculpa por ter cometido os erros que nos tinham trazido até ali.

Choveram partículas de estuque quando ele libertou um punho da parede. A seguir ouvi-o a tombar no chão, e lentamente o ar à nossa volta encheu-se com o choro dele.

Eu tinha-o destruído.

Não era capaz de imaginar como ele se sentia porque ninguém me magoara tanto como eu acabara de o magoar. Nem mesmo a minha mãe por não acreditar em mim quando acusei o Alan, pois agora percebi que mudou de opinião, o que aliviou um pouco a dor de a ter deixado. Para a dor do Jack não há alívio. O pai dele fodeu-me. Não lhe vou chamar sexo nem “dormir com” porque o que era para ser uma transação comercial transformou-se em abuso. Ele tornou-a pessoal, um autêntico pesadelo.

– Desculpa – repeti eu, mais alto desta vez.

Não sabia que mais dizer. Não fora um caso, não o fiz por prazer nem foi algo que queira repetir. E se o Hector me deixasse em paz, podia até esquecê-lo.

O Jack acabou por se levantar a custo, apoiando-se na parede com a mão boa. A outra mão era uma massa sangrenta. Perguntei-me como conseguiria ele conduzir e trabalhar com a mão partida.

– Devias ter mentido – disse-me ele com o rosto inchado e marcado pelas lágrimas, tentado parecer forte.

– Sim, eu sei – disse-lhe eu. *E tu não devias ter perguntado,* pensei eu. *Se não querias uma resposta sincera, ou pelo menos uma resposta com que pudesses viver, não devias ter perguntado.*

– Vou chamar um táxi para te levar ao hospital – disse-lhe eu.

Ele abanou a cabeça.

– Só quero estar sozinho – declarou, e saiu porta fora.

Fiquei a vê-lo dirigir-se para o carro, entrar e debruçar-se sobre o volante. Ainda lá está. Não sei se faz tenção de voltar para casa ou se quer passar a noite lá fora.

Como uma idiota, deixei o apartamento e agora não tenho para onde ir. Seja como for, imagino que não queira que saia já de casa. Não é desses. Tenho a certeza de que vai deixar-me ficar num dos quartos desocupados até eu me orientar. Costumava dizer-me que não precisava de trabalhar, que ganhava o suficiente para nos sustentar aos dois, mas eu não estava disposta a cometer o mesmo erro. Recuso-me a depender financeiramente de quem quer que seja, por isso consegui poupar algum, o suficiente para arranjar um sítio para viver. Não sei se quero ficar na cidade. Não quando existe a possibilidade de dar de caras com o Jack e a mulher com quem ele ficar.

Uma parte de mim quer ligar à Grace, contar-lhe o que se está a passar e pedir-lhe que venha cá a casa tomar conta do Jack. Mas não podia contar-lhe toda a verdade. Já me chega o desprezo do Jack, não suportaria ter mais alguém a ver-me como uma putélia suja em vez da pessoa que realmente sou.

Tenho defeitos, sou imperfeita, mas já não sou prostituta.

Quantas vezes já disse o mesmo na minha vida: não sei o que fazer. Será assim a vida para as pessoas como eu? Será

a vida apenas uma série de eventos que conduzem a várias encruzilhadas onde temos de fazer uma escolha? Será a vida uma sequência de momentos que nos levam a situações impossíveis em que nos perguntamos o que fazer? É o que parece.

Eu

18 de dezembro de 2001

Passaram oito semanas, o Jack tirou o gesso e casamo-nos amanhã.

Combinámos não falar no assunto, ou seja, quando ele regressou do hospital no dia seguinte à última grande revelação, disse-me que há muito que sabe que o pai recorre a prostitutas e que o odeia por isso, mas que não corta relações com ele por causa da mãe. Não sabe o que ela faria se descobrisse a extensão das traições dele.

Quis muito perguntar-lhe se era verdade que a esposa negava sexo e afeição ao Hector, pois quando a conhecera não ficara com essa impressão, mas a verdade é que nunca sabemos o que se passa entre quatro paredes, se o retrato da “família feliz” que vemos não passa de uma fachada para o mundo.

O Jack contou-me que perdeu o respeito pelo pai há muito tempo e que se odeia por ser capaz de ignorar o que ele fez. Ou melhor, faz.

– Mas tu adoras a tua mãe – fiz eu notar. – Lembro-me de pensar mais do que uma vez que talvez devesse ter ficado e deixado o namorado da minha mãe fazer o que queria, por gostar tanto dela. Somos capazes de fazer quase tudo por quem amamos.

– O meu pai reconheceu-te? – acabou ele por perguntar. – Alguma vez te falou no assunto?

Olhei para a mão dele e soube que não podia contar-lhe a verdade.

– Acho que não. Mas por regra os homens que visitam prostitutas só nos veem como vaginas ambulantes, por isso não é de admirar.

– Por favor não digas “nós” – disse ele baixinho. – Tu já não fazes aquilo.

– Não, não faço – respondi. – Podes ter a certeza.

Ele assentiu. Entreolhámo-nos, vendo quem éramos quando nos conhecemos e quem somos agora.

– Vamos casar-nos o quanto antes – disse ele. Era a sua forma de me dizer que não iríamos mais falar no assunto.

– Está bem.

– A Grace e o Rupert podem servir de testemunhas – acrescentou ele.

Concordei com um aceno de cabeça.

Não tinha ninguém a quem convidar, exceto talvez a Dawn, e como já não sabia nada dela há bem mais de um ano, decidira não investigar a possibilidade de fazer parte do vasto número de prostitutas assassinadas todos os anos de que ninguém ouve falar. Procurei convencer-me de que estava muito ocupada e não tinha tempo para mim.

– Importas-te se não convidarmos mais ninguém? – perguntei-lhe. Percebi que queria dizer-me qualquer coisa, mas não o fez com receio de que o entendesse mal. Ou antes, de que o entendesse bem e o levasse a mal. O Jack não queria correr o risco de ter no casamento alguém de quem eu pudesse ter sido acompanhante.

Cravou os olhos na mesa, triste.

– Tens a certeza de que é o que queres?

– Enquanto aqui estiveres, e enquanto eu aqui estiver, não precisamos realmente de mais ninguém, pois não?

– Não.

Estiquei o braço por cima da mesa e cobri-lhe a mão engessada com a minha.

– Isto é mesmo o que tu queres, não é, Jack? Não temos de nos casar se não tiveres a certeza.

De repente, fez-me um sorriso luminoso que me acelerou o coração e o fez saltitar de alegria no meu peito.

– Eve, acho que nunca quis tanto uma coisa na vida como quero casar contigo. Tudo o resto é ruído de fundo para o júbilo que sinto no coração.

Foi uma das coisas mais bonitas que alguma vez ouvi e nesse momento soube que desta vez era a sério e que nunca mais voltaríamos a falar no assunto.

A Grace deve estar a chegar porque o Jack foi passar a noite a casa deles. Desliguei o telefone na ficha e só volto a ligá-lo quando ela chegar. As chamadas estão a tornar-se mais frequentes (acho que ele está a tentar avisar-me para não aparecer na ceia de Natal). Não iremos este ano porque estaremos em lua-de-mel, em Hove. (Em casa, na cama.)

A Grace está mortinha por ver o meu vestido de noiva, mas disse-lhe que só lho mostraria na noite antes do casamento. Vai ficar de queixo caído.

Mal posso esperar pelo dia de amanhã. É aquilo por que tenho esperado desde que o conheci. É o meu sonho tornado realidade.

19 de dezembro de 2001

Sou a Sra. Eve Britcham.
Posso repetir?
SOU A SRA. EVE BRITCHAM.

O Jack chorou ao ver-me atravessar a nave até ao altar e ficámos de mãos dadas durante toda a cerimónia. A Grace chorou e até o Rupert se comoveu.

Ao trocarmos os votos senti um aperto na garganta, percebendo nessa altura a grandiosidade do que estávamos a fazer, mas ao mesmo tempo felicíssima por poder fazê-lo.

O sol apareceu, a Grace atirou *confetti* e o Rupert encarregou-se das fotografias.

O Jack carregou-me ao colo ao entrarmos em casa e passámos o resto da noite na cama a beber champanhe e a planear o nosso fabuloso futuro juntos numa risota pegada.

Nem acredito na minha felicidade.

Para sempre apaixonada,

Sra. Eve Britcham

17 de março de 2002

Hoje falámos sobre filhos. Temos abordado o assunto de forma vaga (ambos queremos ter filhos), mas só hoje conversámos pela primeira vez sobre o quando.

Por mim era já, claro. Eu estou preparada, acho que ele também está, de que é que estamos à espera? Posso fazer uma pausa ou adiar o curso durante um ano enquanto estiver em licença de maternidade, e com os empregos que tenho nunca terei direito a subsídio de maternidade, por isso terei de contar com o Jack durante esse período. Além disso, estou morta por ter um pequeno Jack, seja rapaz ou rapariga. Quero muito ter uma nova parte dele para amar.

Ele também quer um filho, mas prefere esperar. Disse que talvez daqui a um ano, ou assim, porque ainda não tivemos muito tempo só para nós, para fazermos coisas como ir de férias e conhecermo-nos melhor enquanto casal.

Ele tem razão, claro, percebo-o perfeitamente, mas continuo a querer, sabes? Adorava voltar a engravidar, e desta vez sem ser por acidente, e não... E não como foi da outra vez. Adorava ser mãe. Não é fácil, eu sei, mas a ideia de ter um filho do Jack enche-me de alegria.

Mas também só tenho de esperar doze meses ou coisa parecida até começarmos a tentar. Provavelmente vou dar graças por este tempo porque quando o bebé chegar nunca mais teremos uma noite de sono como deve ser!

Neste momento as coisas entre nós correm sobre rodas. Seria preciso um cataclismo para nos abalar. Parece que voltámos àquela fase do nosso relacionamento em que aproveitávamos todos os momentos livres para estarmos juntos. Para conversar e rir, e abraçarmo-nos no nosso pequeno oásis, enquanto a vida lá fora continua. Se não tivéssemos de sair para trabalhar e estudar regularmente, de bom grado nos tornaríamos eremitas, vivendo numa harmonia que não existe quando o mundo real nos invade.

Finalmente a casa está terminada. Todas as divisões estão decoradas e mobiladas. Foi uma tarefa hercúlea, quase inteiramente levada a cabo pelo Jack, mas valeu a pena.

Muitas vezes caminho pela casa e deslizo as mãos pelas paredes, sinto a alcatifa sob os pés e inspiro os aromas de cada divisão, deleitando-me com o resultado do nosso trabalho. Agora, já me sinto em casa. Tive uma sorte incrível em poder dedicar-lhe algum amor e atenção juntamente com o Jack. Pintámos as paredes com um branco com sugestões de verde, que faz com que tudo pareça muito menos austero que dantes. Encorajei o Jack a dar alguma cor a cada divisão para as tornar mais acolhedoras, e sobretudo a colocar fotografias por toda a casa. Senti-lhes a falta todos estes anos, por isso há fotografias de um Jack mais jovem e de nós dois em todas as divisões. Também há algumas em que apareço sozinha, bastante constrangedoras, mas no geral está tudo bem.

Temos a fotografia do nosso casamento na sala. É uma em que aparecemos a sair do cartório de mãos dadas sob uma chuva de *confetti*, a sorrir para a máquina, com um olhar cúmplice entre nós. É uma versão da fotografia em que apareço

com os meus pais, a única que trouxe comigo de Leeds.

Não vamos ter filhos para já, mas a casa está preparada, nós estamos preparados, por isso, a menos que aconteça uma catástrofe no próximo ano não falta muito para nos tornarmos pais. Posso esperar. Como o Jack disse: “Qual é a pressa? Não vamos a lado nenhum.”

Beijos,
Eve

19 de fevereiro de 2003

Esta vai ser a última entrada neste diário.

É muito perigoso continuar a escrever neles, tenho de os esconder de vez. Podia queimá-los, mas não quero destruí-los porque isso seria como destruir a minha vida, por mais imperfeita e estranha que seja.

Ontem fui assaltada. Em plena luz do dia alguém me agarrou por trás enquanto virava da Kingsway para a nossa rua, e arrastou-me para a entrada de um edifício de apartamentos ao fundo da rua. Era mais alto e mais encorpado do que eu, mas só o percebi porque a sombra dele me envolveu completamente quando me agarrou. Trazia luvas e o fedor do couro suado quase me fez vomitar quando ele me tapou a boca e o nariz com a mão. Também detetei nele aquela mistura pungente, quase enjoativa de suor e erva, tão característica do Elliot nos dias em que não se dava ao trabalho de tomar banho.

Por momentos pensei que fosse ele, que me tinha encontrado e que queria matar-me. Comecei a debater-me, aos pontapés, a tentar gritar a despeito da mordada, tudo para me libertar.

– O Sr. Caesar manda cumprimentos – disse-me o homem ao ouvido. Era a voz que ouvira ao telefone. – E para a próxima será bem pior, se não lhe entregares os diários.

Com um gesto brusco, a mão que me manietava abriu-me o casaco, arrancando os botões, que voaram em todas as direções. Vi-os espalharem-se pelo chão e fui invadida por um terror que desconhecia. Para além do Caesar, já fora agredida duas vezes, mas isto era diferente, era mais pessoal e tanto mais mortífero por isso. A pessoa que estava a ameaçar-me não hesitaria em cumprir as ordens que recebesse. A pessoa que enviara a mensagem não hesitaria em acabar com a minha vida. Vira-lho nos olhos quando me dissera, em 96, que daria cabo de mim se o deixasse.

O agressor às ordens dele empurrou-me para a frente com força suficiente para me atirar ao chão, e ao mesmo tempo arrancou-me a mala do ombro. Trémula de medo, vi-o abri-la e esvaziá-la por cima da minha cabeça.

Afastou-se a rir à gargalhada. Só consegui mexer-me quando deixei de ouvir os passos e o riso dele. E enquanto esperava que se afastasse, não parava de pensar que podia ter pegado numa faca para me esventrar ou para me abrir a garganta. A tremer e a esforçar-me para não chorar, enfiei algumas coisas na mala, juntei o resto nos braços e corri para casa tão depressa quanto as minhas pernas vacilantes me permitiram.

Quase morri a poucos metros de casa.

Ainda tremia quando o Jack chegou e disse-lhe que tinha sido assaltada, mas que a pessoa tinha fugido sem levar nada. O Jack chamou imediatamente a polícia. Foram muito simpáticos, e registaram a ocorrência. Não pude dizer-lhes grande coisa porque não lhe vira o rosto. Só pude descrever o cheiro das luvas de couro e de *cannabis*, e nada mais. Não podia dizer-lhes que tinha sido um aviso, que o homem que outrora me oferecia aos amigos, que me agredia intencionalmente sempre que tinha relações sexuais comigo, andava atrás de mim para me matar. Não podia dizer-lhe que receava ter os dias contados.

Quando a polícia foi embora, estive para contar ao Jack enquanto ele me embalava nos braços e me lembrava que o mundo não era mau. São as pessoas que, às vezes, fazem coisas más. Quase falei sem pensar, mas depois lembrei-me da sua mão partida, das lágrimas dele ao descobrir que eu tinha estado com o pai. Teria eu coragem de lhe fazer uma coisa daquelas? Teria eu coragem de lhe contar tudo para acabar o domínio que o pai tinha sobre mim?

Se fosse outra pessoa, não teria hesitado. Porém, como era o Jack, alguém que tanto amava, não podia magoá-lo com outra revelação devastadora. Tinha tido a minha oportunidade e deixara-a escapar. Se o fizesse agora magoá-lo-ia, destruiria a família dele e ele nunca mais olharia para mim da mesma forma.

Podia ceder os diários, mas isso seria assinar a minha sentença de morte. O Caesar só está a ameaçar-me porque não conseguiu deitar-lhes a mão. Talvez o melhor seja retaliar. Talvez eu deva dizer-lhe que se continuar a ameaçar-me mostro os diários ao Jack, mas se me deixar em paz, não tem com que se preocupar. Porque tenho sido eu tão passiva? Porque o deixei fazer isto? Está a agir por medo. Eu posso agir porque não tenho nada a perder.

Está decidido. Vou escondê-los bem escondidos e mostrar-lhe que não estou para brincadeiras.

Mas agora tenho de dizer adeus. Foste o amigo mais fiel e mais constante que já tive, sempre atento, sempre tolerante. Vou sentir a tua falta. Talvez daqui a muitos anos, quando for velha, possa tirar-te do teu esconderijo e rir-me com o que escrevi. Talvez a idade me permita olhar para trás com distanciamento e generosidade, e possa contar ao Jack todos os meus segredos sem medo de o perder.

Obrigada por tudo o que me deste com a tua presença, por me impedires de enlouquecer ao desabafar contigo. Vou sentir a tua falta.

Beijos, sempre tua
Eve x

– Céus, Eve, o que foste tu fazer? – digo eu ao livro à minha frente, porque a visão desapareceu de vez. – Enfrentá-lo quando sabes do que ele é capaz. Perdeste o juízo?

Sei que ela sentiu que não tinha outra escolha, mas devia estar louca para lhe telefonar a ameaçá-lo. Não há dúvida de que foi ele. E permitiu que o filho fosse parar à prisão em vez de confessar. O próprio filho. O homem é um psicopata. É isso que mais me perturba em tudo isto: parece tão lúcido e normal. Ninguém diria que por dentro é um psicopata certificado.

E as chamadas silenciosas quando o Jack não está em casa não param, continuam a envenenar os meus dias. Agora anda atrás de mim.

Tlim-tlim, toca a campainha.

O meu coração para e vem-me à memória a frase: “não perguntes por quem dobram os sinos, eles dobram por ti.”

O Butch já subiu as escadas e está à porta a ladrar.

Tlim-tlim.

A campainha volta a soar e embrulho os diários à pressa, enfio-os no saco de plástico e recoloco-os dentro da lareira. Por fim, fecho a tampa.

Tlim-tlim.

Quem quer que seja, não pretende desistir. Subo as escadas tão depressa quanto posso e paro para trancar a porta. Enfio a chave no bolso.

Tlim-tlim.

– Já vou, já vou – exclamo eu ao dirigir-me para a porta.

Tlim-tlim.

Abro a porta e só nesse momento me ocorre que pode ser o Hector. Não pensei ainda há dois minutos que era ele o autor das chamadas, que quer acabar comigo? E agora aqui estou eu despreocupadamente a abrir a porta sem antes procurar saber quem está do outro lado.

– Harriet – digo, aliviada por não ser o Hector.

A sua expressão normalmente calorosa vem carregada, a boca tensa, e os olhos fixos e determinados. Não vejo um único vestígio da habitual simpatia que dela irradia. Chega a assustar-me. O medo, como o que senti no momento da colisão, toma conta de mim. Vou morrer. Soube-o naquela altura e sei-o agora. A Harriet veio para me matar.

Mascara a expressão assassina com o sorriso que lhe conheço.

– Liberty – diz ela. – Temos de conversar sobre o Hector.

– Eu... eh... Estava mesmo para sair – gaguejo. Ao ouvir o tremor na minha voz, Butch enfia-se no cesto. Só lhe falta tapar os olhos com as patas.

– Não antes de falarmos – diz ela com firmeza, e dá um passo em frente, forçando-me a recuar. –

Não te preocupes, eu faço o chá – acrescenta ela, avançando pela casa. – Afinal de contas fazer chá e ser mãe são a minha especialidade.

Tenho o telemóvel no bolso e o dedo na tecla das chamadas.

Enquanto a Harriet tomou conta da cozinha, como se estivesse em casa, enquanto preparava o chá, marquei o número das emergências e enfiei o telemóvel no bolso.

Creio que consigo defender-me de uma mulher da idade dela, mas não posso ter a certeza porque já não tenho a força que tinha antes do acidente. Mas fazer a chamada se ela realmente me atacar dará à polícia tempo para me localizar, espero eu. Estou a contar com isso. Lembro-me de ouvir a Angela dizer que as pessoas hoje em dia dependem demasiado dos telemóveis. Comportam-se como se fossem armas capazes de as livrar de situações de perigo mortal. “Sou mulher, mas sinto-me segura porque tenho um telemóvel” brincava ela. Concordei que era ridículo, que pessoas com telemóvel eram assaltadas, violadas e assassinadas todos os dias. E agora estava a ser obrigada a confiar num telemóvel.

Não sei porque não pedi à Harriet que saísse. Aparentemente sou incapaz de ser mal-educada com ela ainda que suspeite que seja capaz de atos hediondos e de pretender fazer-me mal.

Acomodámo-nos nos sofás da sala. Sentei-me tão longe dela quanto possível. Tirei o telemóvel do bolso e coloquei-o ao meu lado no sofá, longe da vista, espero. Não posso ficar sentada no sofá com a mão no bolso.

– Café em vez de chá – disse ela, estendendo-me uma chávena. Tremo ao pegar na chávena e no pires, que se entrechocam ruidosamente. Os olhos da Harriet, verdes como os do Jack, tomam nota do tilintar da loiça e depois fixam-se no meu rosto.

– Sente-se bem? – pergunta ela.

– Estou ótima, estou ótima – digo eu. Volto a deslizar para o outro extremo do sofá deixando-a na ponta do outro. – Porque não estaria?

Depois de preparar cuidadosamente o seu chá, adicionando-lhe leite, mas não açúcar, sorve dois delicados golinhos. Observo-lhe as mãos, a boca, perguntando-me se teria sido necessária muita força para empurrar a Eve pelas escadas abaixo, ou se aquela boca estava torcida de raiva e gritava enquanto o fazia.

– Assim, sim – diz ela com um suspiro. – Conduzir dá-me cá uma sede. – Pousa a chávena na mesa com cuidado e volta a sua atenção para mim. Estou a tentar não parecer intimidada ou assustada, embora esteja.

– Liberty (Libby) vou fazer-lhe uma pergunta e espero uma resposta sincera.

– Está bem – digo eu com um aceno de cabeça.

– Anda a dormir com o Hector?

Detenho-me e fecho os olhos para voltar a ouvir o que ela me disse sem distrações. Quando volto a abri-los tenho uma expressão de nojo e incredulidade.

– Não – respondo eu. – Mil vezes NÃO! Que pergunta é essa? – arrepio-me, tentando afugentar a

ideia e impedir que me contamine.

– Não seria a primeira das esposas do Jack a fazê-lo, pois não?

O silêncio rodeia-nos enquanto eu a olho nos olhos e ela, impávida, me devolve o olhar.

– Sabia disso? – pergunto.

– Claro, e é por isso que você acha que eu matei a Eve, não é?

– Eu... Eu...

– Não faz mal – diz a Harriet. – Se estivesse na sua posição, digamos que me teria ocorrido o mesmo.

– Como soube?

Ela faz um sorriso amargo.

– Não somos estúpidas nem cegas, sabe, as esposas de homens como o Hector. Não ignoramos as fraquezas e as indiscrições dos nossos maridos, temos simplesmente de as pesar contra o que temos a perder.

Calei-me porque não me estava a ver a ficar com um homem que andasse a trair-me. Já me custava a aceitar saber que o Jack ainda estava apaixonado por uma mulher que já morreu. Se soubesse que ele tinha ido para a cama com uma mulher no presente... Não iria suportá-lo.

– Vejo que não me compreende. Deixe-me contar-lhe um pouco da minha vida – diz a Harriet. – Aqui há alguns anos eu acompanhava o meu marido a muitos mais eventos sociais do que agora e também íamos jantar fora sozinhos ou com amigos. Quando se tem dois filhos crescidos e independentes é mais fácil fazermos coisas juntos. No entanto, comecei a reparar com alguma frequência que nesses eventos havia mulheres que ficavam petrificadas ao vê-lo. Olhavam primeiro para ele, depois para mim, com medo e perplexidade. Outras olhavam para ele com compaixão e para mim com desdém e repulsa. Comecei a cansar-me daqueles olhares e a perguntar-me o que estariam a segredar às amigas quando já não podia ouvi-las, até que tive a oportunidade de falar com uma dessas raparigas (uma empregada de mesa) no corredor de um restaurante. Trouxe-a à parte e perguntei-lhe de onde conhecia o meu marido. Ela tentou negá-lo, mas ameacei fazer com que a despedissem se não me contasse.

Que cabra!, pensei eu. *Cabra privilegiada e cheia de dinheiro! Ameaçar uma pessoa que precisa do emprego só para conseguir o que quer é... é duma arrogância!*

A Harriet lê a expressão no meu rosto e replica:

– Não tenho orgulho do que fiz, mas tem de perceber que os rumores sobre o Hector e sobre mim me incomodavam, e tinha de perceber porquê. De certa forma quase preferia ter suportado os olhares e os sussurros quando ela me disse que o tinha conhecido num bordel onde trabalhara.

Olho para a Harriet, perguntando-me se devo dar-me ao trabalho de fingir surpresa, e decido que não vale a pena.

– Vejo que isto não é novidade nenhuma para si – diz ela com tristeza. – A rapariga disse-me que ao princípio ele era muito simpático e se queixava de que a esposa, ou seja, *eu*, o rejeitara, que votara as suas relações íntimas a um fim prematuro, e dizia-lhe que acima de tudo precisava de afeto. Disse que das primeiras vezes se limitaram a conversar, e que às vezes o abraçara. Depois contou-me que certa noite ele começou a chorar por causa da relação falhada com a mulher e, enquanto ela

procurava consolá-lo, ele manietou-a e tomou-a à força... – O tom pragmático da Harriet vacila, mas depois recupera a voz e continua. – ... sem qualquer proteção.

Os olhos dela enchem-se de lágrimas enquanto fita a chávena na mesa à sua frente.

Como pude imaginar que ela era uma assassina? Devia estar louca.

– Nessa época ainda tínhamos relações íntimas, podia ter-me passado alguma doença, mas isso não parecia importar-lhe. Também me disse que ele visitava regularmente o bordel, sempre com um nome diferente, para poder voltar a vê-la. A cada visita, tornava-se pior, mais violento, mais depravado. E embora a gorjeta fosse aumentando, à quinta visita ela já estava aterrorizada. A direção do bordel fazia vista grossa aos abusos porque ele lhes pagava acima da tabela para que lhe permitissem vê-la. Depois da décima vez, viu-se obrigada a deixar o bordel porque o *stress* de não saber se e quando ele voltaria tornara-se insuportável.

Com os olhos ainda a pairar no limbo entre o ontem e o agora, o sítio aonde vamos para pensar nas coisas, a Harriet limpa uma lágrima que lhe escorre pelo rosto com um gesto brusco.

– Eu soube que ela não estava a mentir, e fiquei a saber que o meu marido era um monstro.

– Então porque não o deixou? – pergunto eu.

– Deixá-lo para quê? – replica ela. – Mas você pensa que o Hector é o tipo de homem que deixa alguém abandoná-lo? Fui mãe e dona de casa durante quase toda a minha vida adulta. Há anos que não trabalho fora de casa. É o Hector que decide quando as coisas terminam. Nunca me deixaria partir incólume, e faria todos os possíveis para me criar engulhos legais e para me distanciar dos meus filhos. Fiz tudo o que pude: abandonei a cama dele e comecei a fazer planos. Há muito tempo que ando a poupar dinheiro. Em breve terei o suficiente para o deixar e resistir a qualquer batalha legal sem sofrer muito.

– Mas podia deixá-lo amanhã e vir viver cá para casa. Espaço não falta.

A Harriet abana a cabeça com determinação.

– Não. Tenho dois filhos, lembre-se, e embora receie que o Jack possa saber mais sobre o Hector do que eu gostaria, ignoro o que o Jeffrey sabe e não posso correr o risco de o alienar até me tornar completamente independente e poder conversar com ele.

Não consigo entender o que a leva a ficar com um homem que tão claramente a deixa revoltada, que a humilhou durante anos, e que não respeita. Para manter as aparências? Acho que não seria capaz de o fazer, nem mesmo por um filho, pois o medo de lhe prejudicar a sua formação, de involuntariamente lhe mostrar através do meu exemplo que tal comportamento é aceitável, superaria tudo o resto.

– O que a levou a pensar que eu andava a dormir com o Hector? – pergunto eu.

A Harriet continua a beber o chá em pequenos goles, e vejo na expressão absorta dos seus olhos cor de esmeralda que está a escolher cuidadosamente as suas palavras.

– Quando percebi o que levava aquelas jovens (e eram quase todas muito jovens) a olhar para mim daquela forma, vi-me obrigada a reduzir a frequência com que saía com o meu marido. Os olhares eram intoleráveis. Em vez disso, comecei a passar mais tempo com as esposas dos amigos dele e via-as olhar umas para as outras com expressões conhecedoras, enquanto, cada uma à sua maneira, nos debatíamos com as infidelidades dos nossos maridos. Descobri que não estava sozinha, longe

disso. Havia muitas outras mulheres na minha situação. Isso deu-me mais confiança na minha decisão de esperar para ver. Um dia, o Jack, o meu querido filho, trouxe a nossa casa a mulher com quem pretendia casar-se. Fiquei felicíssima por finalmente ter decidido assentar, mas imagine o meu horror ao ver aquela mesma expressão de medo nos olhos dela, e saber que também tinha sido vítima dos abusos do Hector. Durante o almoço, cheguei à conclusão de que teria sido ainda pior para ela, devia ter acontecido algo ainda mais intenso e pessoal com ela. Apercebi-me de que o Jack não fazia ideia, por isso tive de me manter calada, mas era horrível ter de viver com um segredo daqueles. Foi uma das coisas mais difíceis que alguma vez tive de fazer, mas resolvi evitar ver o meu filho para que ela não tivesse de passar pelo mesmo. Chorei durante dois dias quando as minhas suspeitas foram confirmadas ao descobrir que tinham casado em segredo. Não pude estar presente no casamento do meu filho por conta do que o Hector tinha feito.

E no entanto, exhibe a fotografia do casamento deles na sua sala, penso eu.

– Ainda não percebi o que é que tudo isto tem a ver com a sua pergunta.

– A Libby tem o mesmo olhar. Não o tinha quando a conheci nem durante todos estes anos, mas das últimas duas vezes que estivemos consigo vi-lhe aquele medo e aquele desprezo nos olhos... Tive medo que ele se tivesse aproveitado de si depois do acidente. Que tivesse utilizado a sua vulnerabilidade contra si.

Espreito o telemóvel no sofá ao meu lado. No ecrã desligado está o número de emergência, a minha oportunidade para pedir ajuda. Que é do que eu preciso agora. Que devo contar-lhe daquilo que sei? Por um lado, se souber talvez o Hector já não possa fazer-me mal. Por outro, como sei se posso confiar nela? Como pôde ela não se afastar imediatamente de um homem como o Hector assim que descobriu a verdade? Quem me garante que ela não sofre do Síndrome de Estocolmo? Pode bem ter sido ela a matar a Eve a mando dele. Pode ter vindo tentar caçar informações para o Hector.

– Descobri que ele recorria a prostitutas e perdi todo o respeito que lhe tinha – digo eu. – Desculpe, mas mete-me nojo pensar no que ele fez.

– E quanto à Eve? – pergunta ela. – Como soube dela?

– Fui juntando as peças. Quando fiquei a saber um pouco sobre o passado da Eve e a pobreza em que vivia, juntamente com a forma como o Jack se comporta com o pai às vezes, não foi difícil somar dois mais dois.

– O Jack sabe da Eve e do pai?

– Acho que sim – digo eu. – Nunca lho perguntei diretamente.

Dor, pungente e assustadora, rasga-lhe o olhar e permeia-lhe o rosto. Apetece-me abraçá-la, dizer-lhe que pode chorar no meu ombro, que a compreendo. Porém, isso seria uma intolerável perda de dignidade a acrescentar a tudo o resto.

– Vou deixá-la em paz – disse-me. – Já tomei muito do seu tempo e da sua boa vontade.

Não posso deixá-la ir-se embora assim. Nunca me perdoaria se algo lhe acontecesse no caminho para casa.

– Não, Harriet, fique, por favor – peço-lhe. – Fique aqui esta noite.

Ela parece baralhada, um pouco mais ainda do que eu, que não pretendia pedir-lhe para ficar quando abri a boca.

Sorri-lhe e encolhi os ombros.

– Fique. Amanhã tem tempo para voltar. Uma noite longe do Hector, vai fazer-lhe bem, e faz-me falta a companhia.

Ela continua sem dizer uma palavra.

– Não voltaremos a falar deste assunto, vamos apenas desfrutar da companhia uma da outra, ver televisão, ler, beber uns copos. – *Como nunca teve oportunidade de fazer com a Eve.*

– Gostaria muito, Liberty – diz ela, e a despeito da agonia consegue esboçar um sorriso. Não consigo imaginar a solidão em que viveu todos estes anos.

Sorrio-lhe e levanto-me para voltar a pôr a chaleira ao lume. Repara no telemóvel ao meu lado no sofá e a seguir olha para mim. Ambas sabemos o que ele faz ali, mas agora já não tem importância. Porque sei do fundo do coração que a Harriet é incapaz de cometer homicídio.

– Deixe-me ajudá-la – diz ela, ao pegar no tabuleiro, e pela primeira vez sinto que poderei realmente vir a conhecer esta mulher de quem sempre gostei.

capítulo dezanove

Estou a descansar na cama e, claro, a pensar na Eve, quando o telefone começa a tocar. São três da tarde, a hora a que o Jack costuma ligar-me para me dizer a que horas conta chegar a casa e perguntar-me o que quero para o jantar.

As chamadas anónimas pararam no dia em que a Harriet veio fazer-me uma visita. Levantou o auscultador sem pensar e atendeu, e do outro lado desligaram ainda mais depressa do que era costume.

Procurei convencer-me de que tudo não passava de uma coincidência e de que não tinha motivos para me preocupar.

O Jack tem andado a tentar começar uma conversa entre nós desde a noite em que os pais dele vieram jantar cá a casa, e eu tenho andado a evitá-lo. Não quero que saiba que eu sei, e sempre que estamos juntos tenho medo de deixar escapar alguma coisa.

Mexendo-me a custo, porque há dias em que me sinto com se tivesse acabado de sofrer o acidente, desloco-me para o outro lado da cama e levanto o auscultador.

– Está lá?

Silêncio.

– Está lá? – repito.

Silêncio.

– Boa tarde – digo eu a medo. Há alguém do outro lado da linha, eu sei que há. Está lá, mas não diz nada.

– Última oportunidade – digo eu alegremente, pois não quero que saiba que conseguiu enervar-me.
– Está lá?

Silêncio.

– OK, como queira. Adeus.

Poiso o auscultador com uma mão tão trémula que demoro alguns segundos a conseguir encaixá-lo no lugar.

Levo os joelhos ao peito e fico a olhar para o telefone à espera de que volte a tocar. À espera de que a pessoa volte a ligar para me provar que afinal tenho motivos para me preocupar, e que não se trata apenas da minha imaginação a descontrolar-se por causa dos diários da Eve.

O telefone parece devolver-me o olhar, beligerante, determinado a não se deixar convencer a fazer algo contra a sua vontade. Engano, uma ligação de longa distância que falhou, alguém que percebeu tarde de mais que tinha marcado o número errado, tudo explicações plausíveis para aquela chamada. Não tinha nada a ver com a Eve nem com o Hector. Era tudo imaginação minha.

Ring ring, responde o telefone.

Fito o aparelho.

Ring ring, repete ele.

Sinto o coração aos saltos no peito e começo a sentir uma dor na zona da fratura de costela a pulsar ao ritmo dos toques do telefone.

Ring ring, insiste ele.

Agarro no auscultador e atendo num tom firme e decidido.

– Está lá?

Silêncio.

– Está lá?

Silêncio.

– Está lá?

Silêncio.

Desligo com um gesto brusco e aperto ainda mais as pernas contra o peito, com o coração ainda a galopar à rédea solta. Cravo os olhos no televisor para não ter de olhar para o telefone e procuro controlar a respiração e ignorar os meus medos. Cada respiração entrecortada desfecha uma dor lancinante na costela afetada. Pressiono a zona com uma mão, tentando não me deixar ir abaixo quer física, quer emocionalmente.

Sei que o mais razoável seria chamar a polícia e contar tudo ao Jack, mas que hei de eu dizer-lhes? Que encontrei os diários da falecida primeira mulher do Jack e que acho que foi o pai dele que a matou porque costumava pagar-lhe para ir para a cama com ele e forçava-a a deixar-se usar por outros homens? Que cometi o estúpido erro de lhe dizer que tinha os diários e que agora ele anda a intimidar-me também a mim? Já estou a imaginá-los a dizer: “Sim, Libby, bem vemos que o trauma que sofreu recentemente em nada distorceu a sua perceção da realidade e acreditamos piamente em tudo o que está escrito nesses diários. De modo nenhum pensamos tratar-se dos desvarios alucinadas de uma prostituta adolescente seriamente perturbada. Vamos prender o advogado e pilar da comunidade Hector Britcham agora mesmo.”

Que barulho foi aquele?

Os meus olhos voam para a porta. Tenho a certeza de ter ouvido qualquer coisa a ranger e uma pancada surda algures fora do quarto. A casa é antiga e está sempre a ranger, mas desta vez pareceu-me mais propositado, menos aleatório que de costume. O meu coração dispara.

Se calhar devia ligar ao Jack e pedir-lhe que viesse para casa. Vou contar-lhe tudo. Vou explicar-lhe a história dos diários e dizer-lhe que sei da Eve e do Hector; que o Hector anda a ver se me apanha como apanhou a Eve. E ele vai dizer... vai dizer...

Não consigo sequer imaginar o que ele vai dizer.

Que pode ele dizer? Que será dele quando descobrir a extensão do mal que o Hector fez à Eve? Se já encara com tanta dificuldade o facto de ela ter sido prostituta, que fará quando souber dos abusos que a mulher sofreu às mãos do próprio pai? Ele amava-a muito. Ainda a ama.

Ring ring!, recomeça o telefone.

Encaro-o. Não quero atender, mas sempre que o faço e ouço apenas silêncio, comprovo que não estou a ficar maluca por rezear o Hector. E também serve para me lembrar de que ele pode matar-me como certamente matou a Eve e ficar impune se eu não o denunciar antes.

Ring ring!, continua o telefone, insistente.

Continuo a encará-lo.

Ring ring!

Ring ring!

Saco do auscultador.

– Está lá?

Silêncio.

– Está lá.

Silêncio.

Desligo com violência, movida pelas lágrimas.

Imediatamente a seguir: Ring ring.

Ring ring.

Volto a pegar no auscultador.

– Se volta a ligar-me, chamo a polícia – ameaço.

– Libby? – pergunta o Jack, preocupado. – Que foi?

Ouvir a voz dele traz-me um alívio indescritível. Vou-me abaixo, sacudida por soluços que não consigo controlar.

– Oh, céus, Jack – digo a custo, entre soluços. – Acho que anda alguém a tentar matar-me.

jack

A Libby não é do tipo histérico, portanto, quando me disse ao telefone, a chorar, que anda alguém a tentar matá-la, levei-a muito a sério. Deixei imediatamente o escritório e vim para casa. Subo os degraus de pedra dois a dois, enfio a chave na fechadura e quase derrubo a Libby. Está atrás da porta, descalça e agarrada ao telemóvel. Tal como a Eve costumava fazer.

Sinto o coração às voltas no peito ao vê-la tão aterrorizada e tão aliviada por me ver como a Eve ficava quando eu chegava a casa ao fim do dia. Estaria alguém a tentar matar a Eve, naquela época? Ela nunca me deu a entender, nem mesmo depois do assalto. Estava sempre a perguntar-lhe porque estava tão agitada, mas ela respondia que tinha estado a ver filmes de terror ou a trocar histórias de fantasmas com as colegas do trabalho ou da universidade. Mas para a Libby estar a comportar-se da mesma forma depois de me ter dito o que disse ao telefone... Talvez a Eve tenha mesmo sido assassinada.

Pois sim. A Eve, assassinada. Porque haveria alguém de querer matar a Eve? Ela deixara o passado para trás, o meu pai não a reconhecia como uma das mulheres com quem tinha estado, portanto ninguém tinha motivos para querer fazer-lhe mal. Além disso, um assassinio é algo que acontece a outras pessoas, a outro tipo de famílias. A mim acontecem-me acidentes.

A Libby corre para os meus braços, apertando-me com força, agarrando-se a mim como a uma tábua de salvação, coisa que nunca fez antes. Ainda não me tinha dado conta de que a Libby nunca mostrou necessidade de se agarrar a mim, de que fosse forte por ela. Até agora. O meu coração estremece.

– Está tudo bem, acalma-te – digo-lhe eu, acariciando-lhe os contornos suaves da cabeça. Treme como varas verdes, e tem o coração tão acelerado que o sinto a bater contra o meu peito.

– Que tens? – pergunto-lhe.

– Tenho de sair daqui – diz ela, em pânico, morta de medo. – Já. Leva-me daqui para fora, por favor.

– Estás descalça – lembro-lhe. – Deixa-me ir buscar-te...

– Não! – insiste ela, com a histeria a avolumar-se como a maré-alta, no limiar de se tornar incontrolável. – Tenho de sair já daqui.

– Está bem – respondo. Olho para o Butch, que nos observa do seu cesto, obviamente consciente de que a Libby está a ter um colapso nervoso. Abro a porta da frente e ela encolhe-se, fugindo da luz intensa que jorra do exterior. Como já desconfiava, não tem saído de casa, nem sequer para ir ao jardim.

Ela inspira fundo, encara o mundo lá fora e olha por cima do ombro para a proteção do ninho. Dá um passo em frente, a medo, encolhendo-se ao sentir o frio da pedra sob os pés descalços.

– Precisas de...? – pergunto eu, estendendo-lhe os braços.

– Não – responde ela, afastando-se, determinada. – Eu sou capaz. – Olha em frente. – Eu sou capaz – repete, agora baixinho, sem convicção.

A tremer, agarrada ao corrimão com ambas as mãos, vence os degraus. Observo-a como um pai observa um filho a caminhar pela primeira vez: terrivelmente dividido entre querer interceder para lhe poupar o sofrimento da queda iminente, e a consciência de que tem de o deixar desenvencilhar-se sozinho. Não sei que terror se esconde na casa, e que a levou a querer enfrentar o exterior, mas estou grato.

Para ao fundo das escadas, ainda agarrada ao corrimão, familiarizando-se a pouco e pouco com o que a rodeia, com o odor pungente da maresia, a vastidão do céu, os detalhes do mundo em que habitamos. Inspirando fundo mais uma vez, deixa o corrimão para trás e dirige-se para o carro.

– Leva-me a qualquer lado – diz ela sem tirar os olhos do manípulo da porta do carro, a tremer de medo.

– Tens a certeza? – pergunto-lhe.

Ela confirma com um gesto, mas vejo que se debate contra a parte de si que lhe lembra que ela não quer voltar a entrar num carro.

– Leva-me para bem longe daqui.

A mão dela estende-se para o manípulo, mas detém-se no ar, incapaz de ultrapassar a barreira mental. Espero para ver se consegue saltar o último obstáculo do medo, mas é em vão. A mão dela permanece imóvel no ar, um monumento à intenção, um testemunho do fracasso. Um exemplo perfeito do poder da mente sobre o corpo.

Começa a engolir em seco e avança um passo quando abro a porta. Quero detê-la, dizer-lhe que não tem de o fazer, mas isso é a última coisa que ela precisa de ouvir. Se decidir que não é capaz, então seja, mas não posso ser a desculpa dela para não tentar. A tremer, com a respiração acelerada, tenta novamente arrastar um pé na direção do carro, mas acaba por recuar e abana a cabeça.

Recua até alcançar os degraus e senta-se, trémula, sem tirar os olhos do carro.

– Não sou capaz, não sou capaz de entrar no carro.

Sento-me ao lado dela.

– Que vai ser de mim, Jack? – lamenta-se ela, desfazendo-se em lágrimas, as primeiras que lhe vejo desde o hospital.

– Não consigo fazer nada. Não posso sair de casa; não posso ficar em casa; não consigo entrar num carro; não consigo enfrentar o mundo com esta cara. Não posso trabalhar. Não me resta nada. Bastou um imbecil a conduzir e a falar ao telemóvel para me arruinar a vida. Não é justo. Que mal lhe fiz eu? Sei que não sou perfeita, sei que tomei decisões estúpidas na vida, mas que se importa ele com o que me fez? Não tem de pagar pelo erro que cometeu. Pode olhar-se todos os dias ao espelho sem ter de ver isto. E que ganhei eu com tudo isto? Não me resta nada só porque um belo dia decidi entrar num carro com o meu marido.

– Desculpa – digo eu.

– Quem me dera ser mais forte, quem me dera poder ver-me ao espelho e aceitar tudo isto. Quem me dera poder ver o lado positivo, mas não sou capaz. Não sou capaz. Não sou capaz. Não sou capaz.

Os soluços dela dilaceram-me como uma motosserra a rasgar seda. Também chorei assim quando a Eve morreu. Chorei assim por tê-la perdido, por perceber que nada do que fizesse podia alterar o que acontecera e que seguir em frente não fazia sentido. Não quando éramos tão mortais e tão finitos e tudo não passava de uma piada cruel. Sim, cheguei a acreditar que a vida estava a ser cruel connosco. Encontramos alguém e apaixonamo-nos, e depois arrancam essa pessoa da nossa vida. Porque temos de nos apaixonar se é para acabar assim? Para que temos corações e sentimentos, se acabam sempre destroçados?

A Libby perdeu-se de si própria. Está de luto pela vida que tinha e pela mulher que era e pela pessoa em quem iria tornar-se. Sei como se sente, como o terror de ter de forjar um novo eu das ruínas do antigo pode parecer intransponível. Mas ela é capaz, eu sei que é.

Ela deixa-me tomá-la nos braços, envolvê-la com o meu corpo, no amor que sinto por ela. Não precisa que lhe diga o que descobri, o que a sua decisão de terminar o nosso relacionamento me obrigou a examinar e a perceber. Só precisa que fique aqui com ela e que a abraçe e a ouça como um melhor amigo faria.

capítulo vinte

libby

– Estou contente por ter decidido voltar – diz-me Orla Jenkins quando nos sentamos no seu gabinete.

– Eu não – replico eu baixinho.

– Porque não? – pergunta ela.

– Porque ao fim e ao cabo é o mesmo que admitir a derrota, não é? – digo eu. – É como admitir a mim própria e ao mundo que não sou forte, que sou fraca e que preciso de ajuda. Não gosto de me sentir assim. Detesto sentir-me impotente.

Consigo rever-me em tanto daquilo por que a Eve passou. A preocupação constante com o dinheiro, o sentir-se encurralada, sem saber o que fazer quando o que quero parece tão fora do meu alcance.

Como esta situação com o Jack: o que eu quero é ficar com ele. Sobretudo depois destes últimos dois dias em que não foi trabalhar para estar comigo. Para me abraçar, para me ouvir e para me deixar chorar. Não é justo para ele, já que fui eu que terminei o relacionamento, mas não tenho conseguido fazer mais nada. Tenho precisado dele. E ainda o quero. Sei que provavelmente é incapaz de me amar, mas isso não me impede de sentir a falta dele. De desejar que ainda estivéssemos juntos. Não paro de pensar que devia pedir-lhe se podemos tentar outra vez. Se podemos começar de novo agora que sei porque não consegue falar da Eve. Mas como posso eu fazê-lo sem lhe falar sobre o Hector? Como posso eu fazê-lo quando nem sequer sei se alguma vez chegou a amar-me completamente? Não sei o que fazer. Tal como a Eve, sinto que estou numa situação em que, faça eu o que fizer, sairei sempre a perder.

Claro que as chamadas pararam, Já que o Jack tem estado sempre em casa, mas agora parecem-me secundárias em comparação com o ter descoberto que não estou a conseguir ultrapassar o acidente.

Em muitos aspetos já sabia que não estava. Tentei “seguir em frente” de várias formas, mas era mais fácil concentrar-me na obsessão do Jack pela Eve, depois nos diários dela, e finalmente no Hector, que admitir que precisava de ajuda. Que precisava de olhar para mim própria por dentro e por fora e de começar a reconstruir a minha vida.

– A certa altura nas nossas vidas todos precisamos de ajuda – declara Orla Jenkins num tom calmo e compassivo.

– Não duvido.

A psicóloga suspira.

– A Libby vai ser um osso duro de roer, não vai? – diz ela.

– Provavelmente – replico eu.

– Isso é bom. É sinal de que a velha Libby ainda aí está algures, não?

Ouçõ o telefone a tocar quando abro a porta de casa. Não corro para atender porque já sei quem é. Falei com o Jack quando deixei o gabinete da psicóloga e a Grace e a Angela vêm ver-me depois do trabalho. São as únicas pessoas que telefonam primeiro para o fixo. Elas e o Hector.

– Butch? – chamo eu enquanto fecho a porta atrás de mim. Nada, nem sequer um latido.

– Oh, céus, que fizeste tu agora? – ralho, dirigindo-me para a cozinha, o seu lugar favorito quando rói qualquer coisa ou deixa um presentinho superespecial num sapato. Fica deitado debaixo da mesa a fazer-nos olhinhos de carneiro mal morto até descobrirmos a asneira na esperança de que por essa altura os olhinhos suplicantes e o ar triste nos tenham conquistado, como geralmente acontece.

– Se voltaste a fazer cocó nas sapatilhas do Jack acho que ele não vai...

O Hector está sentado à mesa da cozinha a prender o Butch com ambas as mãos. Ao contrário do que acontece com os abraços do Benji, o cão não parece muito satisfeito com aquela proximidade. Está amedrontado e parece estar a sufocar. Exatamente como eu me sinto neste preciso momento.

– Olá, Libby – diz o Hector. – Como não atendeu as minhas chamadas, pensei usar a chave sobresselente que guardamos para as emergências e vir ver se estava tudo bem consigo.

Quero afastar-me, fugir por onde vim e escapar desta casa e deste homem, mas a forma como o Hector aperta o pescocinho felpudo do Butch entre as enormes mãos enluvadas provoca-me náuseas e medo. Um movimento repentino e...

“Ou talvez já tivesse o pescoço partido e tivesse sido atirada pelas escadas abaixo para disfarçar o crime”, ouço o Jack dizer na minha cabeça.

– Sente-se – ordena o Hector.

– Não – replico eu.

– Não queira abusar da minha paciência – diz ele, apertando ainda mais o pescoço do Butch.

Puxo uma cadeira e sento-me sem tirar os olhos do pobre animal.

– Eu quero aqueles diários – diz-me ele.

– Está bem – respondo eu.

Ele pestaneja, surpreendido por ter sido tão fácil. Está habituado a que lhe obedecam sem questionar, mas é óbvio que esperava mais resistência da minha parte.

– Mas primeiro tem de me responder a umas perguntas.

– Não tenho de fazer coisíssima nenhuma – declara ele.

– Foi você que matou a Eve? – pergunto eu, ignorando-o.

Ele observa-me durante alguns instantes e depois abana a cabeça.

– Não. Vim cá procurar os diários, mas ela chegou a casa e apanhou-me. Eu devia estar muito perto porque, em vez de me dizer que nunca os encontraria, deu meia-volta e fugiu. Foi então que tropeçou nas escadas e partiu o pescoço ao cair.

– E não lhe ocorreu chamar uma ambulância, sei lá, para poupar ao Jack o horror de a encontrar naquele estado?

– Já estava morta, de que serviria ser interrogado pela polícia? A culpa foi dela. Se me tivesse dado aqueles diários...

– Ter-se-ia livrado dela ainda mais cedo – interrompi. – E eu? Também tenciona livrar-se de mim? Ele fixa-me com aqueles olhos, como fez ao jantar, há umas semanas.

– Claro que não – diz a boca dele.

Claro que sim, dizem os olhos dele.

Um longo arrepio gelado percorre-me a espinha e encosto-me para trás na cadeira para aumentar a distância entre nós. Como pode este homem ter gerado um filho como o Jack? Embora tenha os seus defeitos, o Jack é meigo e intrinsecamente honesto. Este homem é puro veneno.

– Liberty – diz ele, medindo as palavras –, vamos evitar cenas desagradáveis. Entregue-me os diários e não falaremos mais no assunto.

O meu telemóvel começa a tocar dentro do bolso e tiro-o sem pensar.

– Não faça nenhuma tolice – diz-me o Hector com um sorriso gélido.

– É o toque do Jack – digo eu. – Se não atender, virá a correr para casa ver se estou bem, isto se entretanto não se lembrar de ligar para os serviços de emergência. Desde o acidente que fica aflito se não atendo o telemóvel.

O Hector não tira os olhos de mim, e o telemóvel continua a tocar.

– Não diga nenhuma imbecilidade. Lembre-se do seu precioso Butch e do que lhe pode acontecer – diz ele, cedendo.

Atendo o telemóvel com o coração a bater em *staccato*, e digo:

– Olá – ao microfone do aparelho. Pareço calma, normal. Retribuo o olhar ao Hector para não ter de assistir ao sofrimento do pobre do Butch.

– Esqueci-me de te perguntar o que querias hoje para o jantar – diz-me o Jack.

– Oh, não sei, tanto faz. Decide tu.

– Tudo bem – diz ele, e ri-se. – Mas depois não te queixes se não for o que tu queres.

– Prometo. Já agora, o teu pai está aqui. Queres falar com ele?

O Hector fulmina-me com o olhar e preparo-me mentalmente para o caso de a minha jogada não ter resultado e ele torcer o pescoço ao Butch. Foi a única forma que me ocorreu de nos salvar a ambos.

– Que faz o meu pai aí? – pergunta o Jack?

– Veio ver se eu e o Butch estávamos bem, imagino. Vá, fala tu com ele.

Estendo o telemóvel ao Hector, que me lança um olhar furibundo. Ouço a voz do Jack.

– Está lá? Está lá?

Com relutância, o Hector estica uma mão para pegar no telemóvel e o Butch aproveita imediatamente para se libertar, e salta para cima da mesa e para os meus braços.

– Olá, filho – diz o Hector ao telemóvel, de olhos esbugalhados e lívido de raiva. Até transpira de tão furioso que está. – Sim, sim, está tudo bem. Vim ter com um cliente aqui na zona e pensei vir ver como estavam a Liberty e o cão. Sim, sim, está ótima. Está tudo bem. Sim, não te preocupes. Assim farei.

– Ah, Jack – chamo eu muito alto quando o Hector se prepara para desligar. – Desculpe, Hector, esqueci-me de perguntar uma coisa ao Jack, importa-se de me passar o telemóvel?

Cada vez mais agastado, o Hector começa a respirar com dificuldade, mas acaba por me entregar o aparelho.

– Jack, esqueci-me de te contar uma coisa que a Orla Jenkins disse – começo eu a dizer com o coração apertado de medo e o estômago às voltas. – Desculpe, Hector, digo eu num aparte, simulando descontração, – importa-se que o leve à porta? Isto pode demorar algum tempo, e é um assunto pessoal. Não queria mais nada, pois não?

Ele levanta-se, assumindo a estatura de um Golias diante dos meus olhos. Levanto-me também e sigo cinco passos atrás dele até à porta.

Lança-me um olhar assassino ao abrir a porta, e sei que o assunto não vai ficar por aqui. Só me vai deixar em paz quando estiver morta.

Assim que fecho a porta nas costas dele, deslizo o ferrolho e corro até à porta das traseiras para verificar se também está trancada. Só depois me deixo cair no chão e abraço o Butch com força.

– Estás bem? – pergunta-me o Jack.

– Estou ótima – digo eu. – Estou ótima. Só queria livrar-me do teu pai. Parecia estar a preparar-se para ficar na conversa e agora não estou com pachorra.

– Ah, está bem.

– Olha, quando chegares a casa gostava de ter aquela conversa contigo.

– Ai sim?

– Sim. Quero conversar sobre nós e... há uma série de coisas que gostava de te explicar. Até logo.

– Boa ideia – diz ele. – Vou tentar sair o mais cedo possível.

Despedimo-nos e desligamos.

Abraço o Butch e penso no Jack e em como sofreu com a morte da Eve (e com a vida dela) durante todos estes anos, sem ter em quem se apoiar. Nunca poderia contar a história toda a ninguém, por isso não é de admirar que se fechasse em copas sempre que eu tentava arrancar-lhe alguma coisa.

Deve ter-se sentido tão sozinho, tão arrasado. Talvez saber a verdade possa aliviar a culpa que sente por ela ter morrido sozinha. E talvez saber que mais alguém conhece a história dela possa ajudá-lo a falar sobre o assunto e a ultrapassá-lo. É possível que me odeie por ser a pessoa que finalmente destrói a imagem que tem do pai e que lhe diz tudo o que há a dizer sobre a Eve, mas pelo menos ficará livre. Livre do pai e livre para deixar partir a Eve.

E para minha própria segurança tenho de lhe mostrar os diários da Eve. Não quero magoá-lo nem ser a razão que o leva a reexaminar cada segundo de cada dia da sua vida com a Eve, mas também não quero ser assassinada. O Hector não vai desistir até conseguir o que quer. E o que ele quer é cometer o crime perfeito.

Duas horas mais tarde o Jack volta a ligar-me. Ouço-o debater-se com o medo e a ansiedade até conseguir dizer-me, com voz trémula e sumida, que não pode vir diretamente para casa depois do

trabalho.

– É o meu pai – diz ele. – Teve um ataque cardíaco e os médicos acham que não dura até amanhã.

jack

Quando tinha quinze anos, o meu pai levou-me a um bordel e tentou obrigar-me a escolher uma mulher para perder a virgindade. Como me recusei a fazê-lo, passou a tratar-me como um dos seus fracassos. Aos vinte e nove anos descobri que a minha mulher tinha ido para a cama com o meu pai quando era prostituta. Quando tinha trinta e três anos perguntei-me, pelo mais breve dos momentos, se não teria sido o meu pai a matar a minha mulher. Era ridículo, um pensamento que vinha do nada e que não levava a lado nenhum, mas sempre o considerara capaz de cometer homicídio, sobretudo se a vítima fosse alguém que ele visse como um ser humano de segunda categoria (como uma ex-prostituta, por exemplo). Mas não passou de um pensamento fugaz, sem qualquer fundamento e sem pernas para andar. Porque pensar que alguém talvez fosse capaz de cometer um homicídio não significa que *realmente* o pudesse ter feito.

Agora estou à porta do quarto do hospital onde ele está internado, perguntando-me se em breve não darei por mim a pensar que, quando tinha trinta e oito anos e o meu pai faleceu, senti a perda mais pela minha mãe do que por mim próprio. Vi, dia após dia, como a morte da mãe deixou a Eve devastada. Acho que não vou sentir o mesmo. A minha mãe está lá dentro com os médicos e eu estou aqui à espera do Jeff, o meu irmão, que chega da Escócia.

Sento-me numa das cadeiras e encosto a cabeça para trás contra a parede. Tenho a sensação de que ainda há poucos minutos me encontrava na mesma situação, à espera de notícias sobre a Libby. Parece que foi ainda há minutos que tive tanto medo de rezar, não fosse Deus responder-me como da última vez. Agora, porém, nem sequer me ocorreu rezar pelo meu pai.

– Como te estás a aguentar? – pergunta-me a Libby.

Abro os olhos e levanto-me de um salto. É mesmo ela?

– Libby? Que fazes tu aqui?

– Parecias tão aflito ao telefone, tive de vir ver se estavas bem.

– Como vieste? – pergunto-lhe.

– De táxi.

– Conseguieste entrar num carro?

– Sim. Vim o caminho todo agarrada ao manípulo, de olhos fechados, a rezar e a hiperventilar, e tive de abafar um ou outro grito, mas cá estou eu.

– Fizeste isso por mim?

Ela assente com um gesto.

– Há notícias? – pergunta-me, numa tentativa de diminuir a enormidade do que acabou de fazer. Lembro-me de ouvir a Eve dizer uma vez que, quando se ama alguém, a dor de os vermos a sofrer é pior que qualquer dor que possamos sentir. A Libby meteu-se num carro por mim quando ainda há dois dias só pensar em fazê-lo lhe causou um colapso nervoso.

– Ainda nada – respondo eu.

Sentamo-nos lado a lado a fitar a porta à nossa frente.

– Nunca a vi como uma amiga – digo-lhe, e ela vira o seu belo rosto e a sua cabeça rapada em que o cabelo começa já a despontar para me ouvir. – Nunca vi a Eve como uma amiga. Amava-a, era louco por ela, não posso negá-lo. Mas também não posso negar que sou louco por ti. E que além disso te amo racionalmente, completamente, como amiga, como alguém em quem posso confiar a cem por cento.

Ela pega-me na mão e desliza os dedos por entre os meus.

– E depois do acidente, quando dei por mim a suplicar-lhe que não morresse porque pensava que tu eras ela, fi-lo porque com ela não tinha tido essa oportunidade. Quando recuperei a lucidez e percebi que eras tu, e não ela, quem estava ali comigo, senti-me outra vez tão culpado por não me lembrar se lhe tinha dito que a amava no dia em que ela morreu que também não fui capaz de to dizer a ti. Desculpa. E desculpa por não te ter dito a verdade. Fui um egoísta. Não queria perder-te. Estava a tentar ser justo quando a justiça não era para ali chamada. Ajudaste-me a crescer, a tornar-me um ser humano melhor, e eu não fui completamente sincero nem aberto contigo. Há muita coisa sobre a Eve de que me é difícil falar. Ela tinha muitos segredos que eu passei muitos anos a tentar esquecer, mas quero partilhá-los contigo. Acho que ela não se vai importar, e quero que fiques a saber de tudo para podermos deixar o passado para trás e seguir em frente.

– Não imaginas há quanto tempo sonho ouvir-te dizer isso – responde a Libby. – Mas não. Não preciso de saber nada. Se quiseres falar sobre ela, estou aqui para te ouvir, mas se não quiseres, não temos de voltar a tocar no assunto.

– Tens a certeza?

Ela faz que sim com a cabeça.

– Guardei as coisas da Eve porque ainda não estou preparado para me livrar delas, mas tirei-as de lá porque quero que a casa seja nossa por inteiro.

O sorriso dela aumenta e, sem dizer uma palavra, repousa a cabeça no meu braço – a sua maneira de me dizer que vamos tentar outra vez.

A Internet é uma coisa maravilhosa, onde mulheres como eu podem encontrar o que precisam e comprar o que querem sem receio de serem vistas, e onde podem descobrir o que fazer para alcançar determinados objetivos.

Acho que é muito bem feito que um homem que ao longo dos anos mostrou não ter coração, preocupando-se apenas com o rosto que apresentava ao mundo, esteja mais uma vez a ser atacado pelo órgão que mais negligenciou na vida, e pareça agora tão fraco aos olhos do mundo. Pode até sobreviver, mas ficará muito limitado, pois o coração dele sofreu danos irreversíveis. Vai precisar de cuidados constantes, uma tarefa que, é claro, recai sobre mim. Que mais poderia uma dedicada e amantíssima esposa fazer?

– Como te sentes? – pergunto-lhe. Está reclinado no seu ninho de almofadas, pálido e visivelmente abalado. É uma sombra do que foi. Este homem que teve tanto poder vê-se agora despido da sua dignidade e da sua força, e resta-lhe apenas ficar deitado numa cama de hospital a tentar perceber o que lhe aconteceu.

– Melhor – diz-me ele.

– Ótimo, ótimo. Ainda bem.

Ele estica o braço e eu seguro-lhe na mão. É enrugada, mais que as minhas. Desgastada, envelhecida. É um velho. Há anos que devia ter abrandado o ritmo das suas atividades.

– Amo-te, Harriet – diz ele. Sei que sim, à sua maneira. Da única forma que um homem como ele sabe amar: egoisticamente. Agora sente necessidade de mo dizer porque está fraco e vulnerável. Tem de garantir que não o vou abandonar, agora que precisa de mim para lhe dar mais do que respeitabilidade à sua fachada exterior.

Não tenho intenções de o abandonar. Não o amo, mas não o vou deixar à sua sorte. Sair de casa era o meu plano original, mas quanto mais pensava no assunto, mais me questionava porque tinha de ser eu a sair. Aquela era a minha casa, o meu lar, a minha vida. Porque havia eu de abrir mão de tudo quando não tinha feito nada de mal?

Quando descobri, ao ouvir uma conversa entre o Jack e a Grace, que ele tinha levado o Jack, e o Jeffrey antes dele, a um bordel, numa tentativa de os converter em reencarnações de si mesmo e de instilar neles os seus vícios doentios, soube que não podia sair de casa. Não quando, em vez disso, podia fazer o que fiz.

O Hector sempre confiou em mim para organizar a vida dele, e isso incluía aviar as receitas e colocar os comprimidos num doseador diário. A Internet é uma coisa maravilhosa. Pode-se comprar de tudo, como, digamos, a medicação certa em doses substancialmente mais reduzidas. Leva tempo, mas resulta. E a prova está aqui à minha frente.

– Não quero perder-te – diz-me ele. O Hector precisa de mim. E eu preciso que ele pague pelo que

fez aos meus filhos e pelas humilhações que me fez passar.

– Não te preocupes, Hector – tranquilizo-o, apertando-lhe a mão. – Eu não vou a lado nenhum. Tão cedo não te livras de mim.

Ele sorri-me com gratidão e alívio, e eu devolvo-lhe o sorriso, satisfeita por ter tido tanta paciência ao longo de todos estes anos e pela invenção maravilhosa que é a Internet.

capítulo vinte e um

Os diários ardem rapidamente. As centelhas lambem avidamente o papel até este desaparecer entre chamas azuis que dançam e rodopiam, convertendo-se numa miríade de tons laranja. Vejo-os arder com o coração aos saltos no peito. Sei que estou a fazer o mais acertado. Era o que ela queria.

A Eve morreu para que o Jack nunca viesse a descobrir que espécie de monstro é o pai, e agora que sei que não corro perigo, sinto que não me cabe a mim contar-lho. Não me cabe a mim agitar as águas do relacionamento deles, levá-lo a reavaliar o amor que partilharam. O horror que o Caesar da Eve representava terminou. Está tão doente que já não poderá fazer mal a mais ninguém. Sei que era o que a Eve mais desejava, e agora já pode repousar em paz.

Quando as chamas morrem, sento-me e espero que as brasas arrefeçam. Está um dia límpido e luminoso, e o sol brilha como se não houvesse preocupações no mundo. As cinzas arrefecem rapidamente, o que me permite recolhê-las e espalhá-las pelo jardim. Agora que sei como a Eve amava esta casa, parece-me oportuno que o que resta dela possa tornar-se parte da sua história. O jardim é pequeno para uma casa tão grande, por isso consigo espalhar um pouco de cinza, um pouco da essência da Eve, por quase todo o terreno.

Enquanto lavo as mãos, olho para o jardim e lá está ela, no meio do relvado, quase transparente sob o brilho intenso do sol. Traz o vestido que tanto adorava e tem sapatilhas nos pés, tal como quando o comprou. A sua expressão ilumina-se com um sorriso que a faz semicerrar os belos olhos de cor índigo e lhe suaviza as linhas do rosto. Ergue uma mão e acena-me.

Sem pensar, devolvo-lhe o gesto.

Ela diz qualquer coisa, e embora esteja lá fora e eu aqui dentro, e eu saiba que na realidade isto não pode estar a acontecer, oiço a voz dela dentro da minha cabeça. É diferente das vozes que imaginei para ela no passado. É meiga, comum, vulgar – a voz de qualquer mulher na rua.

– Obrigada – diz-me ela.

– Eu é que te agradeço – respondo-lhe eu.

Atrás de mim oiço a porta a bater.

– Libby, estás pronta? Se não formos já, o Butch vai desencontrar-se da namorada.

– Estou a ir – exclamo eu, ainda de olhos fixos na Eve. – Dizes isso como se ele não se limitasse a babar-se quando a vê.

A Eve enxota-me com um gesto, dizendo-me que me apresse e que abrace a vida. O sorriso dela alarga-se e, quando volto a acenar-lhe, vejo-a desvanecer-se até sentir em cada fibra do meu ser que finalmente foi para um lugar melhor.